

*1909*

# Grammatica Portugueza

*Eline* 2.<sup>o</sup> ANNO  
PARA USO DO  
CURSO médio e do Curso superior

POR

## JULIO PIRES FERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes.

Lente de Portuguez e de Literatura (por concurso)  
da Escola Normal de Pernambuco.

*Obra premiada pelo Governo do Estado e adoptada  
em todos os cursos officiaes ou equiparados, e nos  
estabelecimentos de ensino deste e de  
varios Estados.*

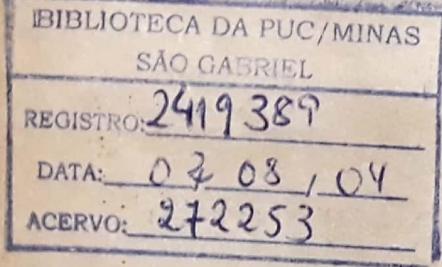
7.<sup>a</sup> EDIÇÃO

COMPLETAMENTE REFORMADA



EDITORES  
RAMIRO M. COSTA & FILHOS—RECIFE

1929



Exemplar N.<sup>o</sup> 2174

TYPOGRAPHIA CASA RAMIRO  
RAMIRO M. COSTA & FILHOS  
RUA 1.<sup>o</sup> DE MARÇO, 14 E 24  
..... RECIFE .....

Poética—sons isolados.  
Prosodia—sons reunidos.  
Orthografia—sons escritos.

**Fonologia**  
(sons)

**LEXEOLIGIA**  
(Palavras)

Grammatica

Taxinomia—classificação.  
Quimpenomia—flexão.  
Etimologia—origem.

**Morfologia**  
(formas)

**Lexica**  
(palavras na oração)

**SINTAXE**  
(Orações)

**Logica**  
(orações no período)

# NOÇÕES GERAES

---

## GRAMMATICA PORTUGUEZA

### Suas divisões

**Grammatica**, em geral, é a exposição metodica dos factos da linguagem.

**Grammatica portugueza** é o conjunto das regras pelas quaes é falada, ou escrita correctamente a Lingua portugueza.

A grammatica se divide em duas partes geraes: *Lexiologia* e *Sintaxe*.

**Lexiologia** é a parte da grammatica em que se estudam os sons e as fórmas das palavras.

Subdivide-se em *Fonologia* e *Morfologia*.

Na **Fonologia** se estudam os sons das palavras de tres modos:

Os sons isoladamente: *Fonetica*.

Os sons constituindo palavras: *Prosodia*.

Os sons graficamente: *Ortografia*.

Na **Morfologia** se estudam as fórmas das palavras de tres modos:

A classificação das palavras: *Taxinomia*.

As flexões das palavras: *Campenomia*.

A origem das palavras: *Etimologia*.

Na **Sintaxe** se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração, e se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

Subdivide-se em *sintaxe lexica* e *sintaxe logica*.

—X—

A sintaxe de uma lingua é tão importante que hoje se julga constituir ella uma parte distinta da grammatica. E' a parte da grammatica mais sujeita a influencias individuaes.

Foram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudaram o grego de um modo critico, analisando a Lingua, distribuindo-a em categorias, distinguindo as diferentes partes do discurso. Inventaram os termos proprios para as diversas funções das palavras, levados a isto pela necessidade de criticar e interpretar os antigos poetas da Grecia.

Appareceu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega practica, e a quem se seguiram Varro Flacco, Quintiliano, Apollonio Discolo e outros.

Em Portuguez a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira (1536) — *Grammatica da Lingua Portugueza*.

Depois delle se enumeram: João de Barros (1540) — *Grammatica da Lingua Portugueza*; Duarte Nunes Leão (1606) — *Origem da Lingua Portugueza*.

Indicam-se mais: Amaro de Reboredo em 1619 com o *Methodo Grammatical para todas as linguas*; Alvaro Ferreira da Véra em 1631 com a *Orthographia e modo para escrever certo a lingua portugueza*.

—X—

**Linguagem**, propriamente dita, é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

**Palavra** é a representação de uma idéia.

**Idéia** é a representação de qualquer cousa no espirito.

**Oração** é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

A linguagem pode ser *gesticulada* ou *mimica*, *falada* ou *glotica*, e *escrita* ou *grafica*.

**Gesticulada** é a formada por meio de acenos ou gestos e movimentos do corpo.

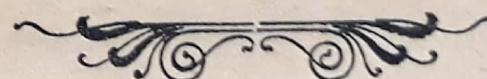
**Falada** é a formada por meio de sons articulados, de palavras pronunciadas.

**Escrita** é a formada por meio de caractéres alfabeticos, de palavras escritas.

—X—

A linguagem é privilegio exclusivo do homem.

Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões, possam emitir sons, não pôdem elles combina-los. Este poder só pertence ao homem.



# **FONOLOGIA**

---

**Fonetica:** estudo dos sons isolados

**Prosodia:** estudo dos sons reunidos formando palavras

**Ortografia:** estudo dos sons graficos.

# I

## Letras: vogaes e consoantes; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido, é um som.

**Som** é a sensação produzida por uma vibração rápida e periódica do ar.

**Ruido** é a sensação produzida por vibrações irregulares.

Os sons e os ruidos são representados por letras e por símbolos.

**Letras** são signaes que representam os sons das palavras ou os ruidos, na escrita.

**Alfabeto** é o conjunto das letras empregadas na escrita.

As letras são 26: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

As letras se dividem em vogaes e consoantes.

Os vocabulos — *vogal* e *consoante* — podem ser tomados em duplo sentido: como letras, signaes que representam os sons ou ruidos, ou como esses mesmos sons ou ruidos. Neste segundo sentido têm a designação especial de — *vozes e articulações* ou *consonâncias* e podem ficar abrangidos sob a denominação geral de *fonemas*.

**Vogues** são sons que se pronunciam por si sós. São simples modificações da voz resultantes da fórmula que toma a boca.

As vogues são: *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y*.

Os sons das vogues pôdem ser *simples, livres, puros, ou eras*, como: *a, e, i, o, u*, e pôdem ser *nasaes, ou compostos* como: *an, en, in, on, un*.

**Som simples**, oral, livre, ou puro, é o que sai simplesmente pela boca.

**Som nasal**, ou composto, é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Não há necessidade de que o ar saia realmente pelo nariz, pois todo som oral se pôde tornar nasal desde que o véu do palato, abaxiando-se, permitta vibrar em as narinas o ar expirado.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a língua em repouso, o som saído da garganta é *a*. E' um som primario, o mais simples e claro.

Si a boca forma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se aproximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e, o*, são intermedios: o 1.<sup>o</sup> entre *a, i*; e o 2.<sup>o</sup> entre *a, u*.

O apparelho sonico consta de: pulmões, bronquios, traquéa-arteria, laringe, faringe, cavidade bucal e fossas nasaes.

Funciona da seguinte maneira: o ar expirado pelos pulmões entra em vibrações nos estreitamentos da laringe onde se formam os fonemas sonoros (vogues), e atravessa a boca onde se formam os fonemas insonoros (consoantes).

Os musculos do laringe modificam os primeiros; os musculos do palato, das faces, dos labios e da língua modificam os segundos.

**Símbolo** é um signal proprio que indica um som, ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algébricos, etc.

Os sons das letras pôdem ser modificados pelos acentos, ou notações.

**Acentos, ou notações** são signaes que indicam a variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronuncia das palavras.

São os seguintes:

*Acento agudo* que indica o som aberto: *café*.

*Acento circunflexo* que indica o som fechado: *dôr*.

*Til* que indica o som nasal das vogues *a, o*: *mão, paixões*.

*Cedilha* que indica o som brando do *c* antes de *a, o, u*: *caça, moço, açucar*.

A cedilha era antigamente um pequeno —*C*— que se escrevia entre a consoante e a vogal, sempre que se empregava o —*C*— maiusculo. Depois tomou a fórmula simplificada de uma virgula que, como se sabe, é collocada embaixo da consoante —*c*—.

E' de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogues abertas, que não são acentuadas em palavras que têm um acento secundario: *mólhinho, pézinho, sómente*.

Assim a palavra *prégar* (fazer predicas) distinguir-se-ia de *pregar* (meter pregos).

Há quem use do trema (...) que se coloca sobre uma das vogues para a separar da antecedente, evitando, assim, o ditongo: *saúde ruína*.

Os sons das vogues são os seguintes:

1.<sup>o</sup> — *Som aberto* que é o mais forte. E' representado geralmente pelo acento agudo: *pé, avô*.

2.<sup>o</sup> — *Som fechado* que é o menos forte. E' representado geralmente pelo acento circunflexo: *avô*.

3.<sup>o</sup> — *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.<sup>o</sup> — *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. E' representado pelo til e pelas letras *m* ou *n*: *irmã, tempo, tinta*,

As vogaes têm varios sons:

A

- Som aberto, ou agudo: *gato, jucá.*  
— fechado, ou circunflexo: *sejâmos, lama.*  
— mudo, ou grave: *cera, lona.*  
— nasal: *santo, irmã.*

E

- Som aberto, ou agudo: *até, féra.*  
— fechado, ou circunflexo: *carêta, sêllo.*  
— mudo, ou grave: *ponte, carne.*  
— nasal: *engenho, virgem.*

I

- Som aberto, ou agudo: *missa, javali.*  
— mudo, ou grave: *quasi, util.*  
— nasal: *lindo, sim.*

O

- Som aberto, ou agudo: *nota, pó.*  
— fechado, ou circunflexo: *pôça, avô.*  
— mudo, ou grave: *santo, lenço.*  
— nasal: *ponta, som.*

U

- Som aberto, ou agudo: *tatú, luva.*  
— mudo, ou grave: *tumulto, tribu.*  
— nasal: *junto, anum.*

Y

Esta vogal que tem o som da vogal — i —, é empregada nos vocabulos derivados de palavras estrangeiras e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje desapparecendo da escrita.

**Consoantes** são ruidos que modificam as vozes.

As consoantes são: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w*, ( no alemão ), *x, z.*

Os sons das consoantes ou as consonancias se dividem em *explosivos* e *fricativos*.

**Explosivos** que tambem se denominam *explodidos, momentaneos* ou *mudos*, são aquelles que, depois de produzidos, cessam repentinamente.

A corrente expiratoria sai numa especie de explosão.

São representados pelas consoantes: *q, g* ( antes de *a, o, u* ), *c* ( antes de *a, o, u* ); *t, d; p, b.*

**Fricativos** que tambem se denominam *constritos, aspirantes, ou continuos*, são aquelles que se produzem simplesmente por uma contracção no tubo vocal.

A corrente expiratoria sai apertada ou constrangida.

São representados pelas consoantes: *g* ( antes de *e, i* ), *x, j; l, r, rr; c* ( antes de *e, i* ), *ç, s, n, z; f, v, m.*

As consoantes *l, r* são tambem chamadas *liquidas* ou *flutuantes*, porque se pôdem ligar a outras consoantes formando um grupo: *br, bl, cr, cl, gr, gl, pr, pl*, etc.

As consoantes *s, z*, são denominadas tambem *sibilantes*; *x, j*, são chamadas *chiantes*.

Alguns grammaticos, attendendo á influencia que possa ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em: *guturaes, palataes, linguaes, dentaes e labiaes.*

SONS CONSONANTAES	Explosivos ou Explodidos ou Momentaneos ou Mudos ou Instantaneos	Fricativos ou Constritos ou Aspirantes ou Continuos ou Prolongaveis
Guturaes.....	kê, guê	—
Palataes.....	nhê	gê, xê
Linguaes.....	lhê	lê, rê, rrê
Dentaes.....	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes.....	pê, bê	fê, vê, mê

Os sons das consoantes são, pela ortografia commun, representados da seguinte maneira:

Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê;

Pelas consoantes respectivas: *bordo*; *dedo*; *leme*; *camisa*; *navio*; *pires*.

### Cê

Por *c* antes de *e*, *i*: *cento*, *cinto*.

*ç*: antes de *a*, *o*, *u*: *roça*, *moço*, *açude*.

*s*: *santo*, *sapo*.

*x*: *auxilio*, *sintaxe*.

*z*: *nariz*, *matriz*.

*sc*: *sciencia*, *scena*.

*ss* (entre vogaes): *cassa*, *massa*.

### Fê

Por *f*: *ferias*, *faca*.  
*ph* nos derivados gregos: *phisica*.

### Gê

Por *g* antes de *e*, *i*: *geito*, *região*.  
*j*: *Julio*, *jantar*.

### Ghê

Por *g* antes de *a*, *o*, *u*: *gato*, *gorro*, *gume*.  
*gu* antes de *e*, *i*: *guelra*, *guia*.

### Kê

Por *k*: *kermesse*, *kágado*.  
*c* antes de *a*, *o*, *u*: *casa*, *coco*, *cujo*.  
*ch* nos derivados gregos: *parochia*, *chimica*.  
*qu*: *quedo*, *quinze*, *quatorze*.

### Rê ( fraco )

Por *r* ( entre vogaes ): *cara*, *muro*.

### Rrê ( forte )

Por *r* no principio das palavras: *raio*.  
*r* no meio de vogaes das palavras compostas: *de-rogar*, *proromper*, *prerogativa*.  
*r* depois de fonema nasal: *honra*, *tenro*.  
*rr*: *terra*, *carro*.  
*rh*, *rrh* nos derivados gregos: *rhetorica*, *arrhas*.

Tê

Por *t*: *rato*, *sítio*.

*th*: nos derivados gregos: *thema*, *methodo*.

Vê

Por *v*: *voto*, *livro*.

*w* nos derivados alemães: *Wurtemberg*.

Xê

Por *x*: *caixa*, *peixe*.

*ch*: *cheiro*, *cacho*.

Zê

Por *z*: *zincos*, *azul*.

*s* (entre vogais): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sóa *cê*: *proseguir*, *resaltar*, *presuppôr*, *sobresalto*, *deseclar*, *resoar*. Em algumas palavras compostas conserva o som de *zê*: *presumir*, *resumir*.

*s*: em algumas palavras formadas com o prefixo—*ob*, *per*, *sub*: *obsequio*, *persistir*, *subsistir*, excepto: *observar*, *persignar*, *subsídio*, etc.

*x*: *exacto*, *exemplo*.

Candido de Figueiredo aconselha que se escrevam com dois *ss* as palavras em que esta consoante, embora figure entre vogais, tem o som de *cê*: *prossegui*, *ressoar*.

Assim, diz elle, desaparece o erro possivel da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras *presente* e *presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra *H* é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia*, *sahia*.

Muitos escritores a substituem, com razão, pelo acento agudo: *saia*, ou pelo trema: *saïa*.

Antigamente se escrevia: *atahude*, *alahude*, e hoje: *ataúde*, *alaúde*.

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do filologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Clásica*.

« Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, pedia a supressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe corresponda. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desaparecendo as graphias: *author*, *theor*, *contheudo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grosseiros: *systhema*, *cathegoria*, *authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse anhemia e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada já desterrou o *h* de *ontem*, *ombro*, *postumo*, *exuberante*, em vez de erros tradicionaes *hontem*, *hombro*, *posthumo* (com *h* por erro no mesmo latim), *exhuberante*; nomes proprios melhor estudados já não o contem: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francez), *Teodulfo* e não *Theodolpho*, etc. »

Hoje excellentemente aconselha Gonçalvez Viana a supressão do *h* em varios casos — quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n* para designar-lhes o valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por qualificada etimologia.

Graça  
Taty Leubrano  
da Glória  
Conselho 5-1-934

II

## Grupos vocaes e grupos consonantae

Ditongo é a união de duas vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *pai, máu*.

Tritongo é a união de tres vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *aio, iguaes, quão*.

Hiato é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar, saúde*.

E' bom notar que em algumas palavras como *rio, frio, tio*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronuncia-las.

Assim, para os habitantes do Sul do Brasil há nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *friu, tiu*; para os habitantes do Norte há nellas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.<sup>o</sup> caso a palavra tem uma só sillaba, no 2.<sup>o</sup> tem duas.

Os ditongos se dividem em oraes e nasaes.

Oral é o ditongo que contém sómente vozes oraes: *aula, boi*.

Nasal é o ditongo cuja primeira voz é nasal: *mão, lições*.

Os ditongos oraes são os seguintes:

*ai, ae*: naipe, pai, animaes  
*au, ao*: nauta, mão ou máu.  
*ei*: lei, papéis, foreis.

*eu, eo*: Europa, céo ou céu  
*iu*: sentiu.  
*oi, oe*: noite, heróe ou herói.  
*ui*: ruivo.

São considerados semi-ditongos ou ditongos imperfeitos:

*ea*: nivea  
*eo*: aureo.  
*ia*: gloria.  
*ie*: serie, hierarquia.  
*io*: vário.

*oa*: páscua.  
*ua*: agua, quadro.  
*ue*: guela, equestre.  
*ui*: equidade.  
*uo*: arduo, aquoso.

Os ditongos nasaes são:

*ãi, ãe*: māi ou māe.  
*ão*: pão.  
*õe*: lições.

*uan*: quando.  
*uen*: eloquente.  
*uin*: quinquevirato.

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *prepositiva*; a segunda chama-se *pospositiva*, ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muito* há para os Portuguezes um ditongo oral. E' assim que Camões rimou *muito* com *fruito*. Para os Brasileiros há nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si fossem escritas *muin, muinto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo, devem-se escrever as pospositivas *i, u*, em lugar de *e, o*.

Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.

Devemos notar, porém, a irregularidade que há na representação de alguns grupos de vogais, divergindo entre si quer os gramáticos quer os escritores mais notáveis.

A divergência surge quando a subjuntiva do ditongo é *i*, *u*, *e*, *o*.

Parece-nos ser de melhor ortografia o emprego de *i*, *u*, e assim escrever: *pai* e não *pae*; *páu* e não *páo*; *céu* e não *céo*; *partiu* e não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som é fôr aberto não há razão para mudar a grafia escrevendo *eu* e *eo*; basta, conservando a forma *eu*, acentuar a primeira vogal: *céu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *réis* e *reis*; *herói*, *combório* e *boi*, *foi*.

Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessário que alguma causa se firme neste sentido. E' incoerência escrever *mais*, *amais* e *vogaes*. Si a grande divergência se nota nas sílabas finais das palavras, parece-nos que o critério do ditongo ou hiato pôde resolver as duvidas, isto é, escrever *i*, *u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e*, *o* quando formarem hiato.

Contudo é uso geral empregar *aes*, *ues*, no plural dos nomes terminados em *al*, *ul*.

**Grupo consonantal, ou consoante composta** é a reunião de duas consoantes diferentes: *globo*.

**Consoante dobrada, ou geminada** é a reunião de duas consoantes iguais, consecutivas: *somma*, *forro*.

A escritura, na acepção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma forma permanente.

A escritura é *ideográfica*, quando exprime as próprias idéias; *fonetica* quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira forma da escrita pertencem os *hieróglifos* dos Egípcios.

Na ordem immediata a esta forma de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sílabas em sons simples, foi inventado o *alfabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* e *beta*.

Introduzido na Grécia pelo seu inventor o fenicio Cadmo — as letras eram chamadas *cadmias* —, em breve foi levado à Itália e dai espalhado por todo o mundo.

O alfabeto fenicio não possuía vogais; foram os gregos que as criaram transformando nelas algumas consoantes aspiradas de que não usavam. Por isso as vogais em nosso alfabeto são collocadas sem ordem.

Os romanos ao receberem dos gregos o alfabeto, não aceitaram quatro consoantes aspiradas de que o alfabeto latino não precisava: *theta* (th), *phi* (ph), *psi* (ps), *chi* (ch forte).

Tinha a princípio sómente 16 letras.

As letras *i*, *u*, até ao século XVII, representavam o duplo papel de vogais e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j*, *v*.

O *z* e o *y* foram usados no tempo de Cicero sómente em vocábulos de origem grega. Depois se tornaram de uso vulgar.

O imperador C. Cesar inventou três letras que representavam a vogal *y* com o som de *i*, a vogal *u*, e as articulações *v* e *ps*. Este acréscimo só durou o tempo de seu reinado.

« Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até á época dos Gracchos se escrevia indiferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante. »

O nosso alfabeto é ainda hoje sumamente defeituoso, não só porque possue diversas letras para o mesmo som: *c*, *ç*, *s*, *x*, *ss* para o som *cê*; como também porque possue a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som de *xê*, *zê* *cê*, *csê*, etc.

### Algumas regras ortográficas

Além das regras que se podem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

a) Antes de *b*, *m*, *p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos*, *commum*, *campo*.

Há quem exceptue as palavras compostas: *circumstancia*, *circumflexo*, etc.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por consoante dobrada.

c) Não se dobram as vogais. Dado o caso em que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogais, é costume representar por uma só com um acento agudo, ou circunflexo: *mala*, *maa*, *má*; *dolor*, *door*, *dôr*.

a) As palavras portuguezas não terminam em *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *h*, *j*, *k*, *p*, *q*, *t*, *v*, *x*, *x*. Exceptuam-se: *sob*, *calix* e poucas mais.

e) Com excepção de *j*, *k*, *q*, *v*, *x*, *z*, todas as mais consoantes pôdem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogais.

f) É tendência geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronuncia da palavra, como *rr*, *ss*, etc.

g) Deve-se colocar o acento agudo sobre a vogal —*e*— do ditongo —*éu*—, ficando assim differenciado do ditongo —*eu*—: *chapéu*, *céu*; *judeu*, *seu*.

k) Represente-se por *am* e *an*, o som brando nas terminações átonas: *amaram*, *iman*; por *ão* e *ã* o som longo, forte: *amarão*, *irmã*.

i) Empregue-se de preferencia *u*, *i* em lugar de *o*, *e*, quando essas letras fizerem parte de ditongo: *pau*, *pai*.

j) Ao se partirem os vocabulos em fim de linha, devem-se observar de preferencia as sillabas foneticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Assim: Concorrendo duas consoantes similhantes, ficam separadas em sillabas distintas: *pas-sar*, *car-ro*.

Concorrendo uma consoante seguida de uma liquida —*l*, *r*, — pertencem ambas á vogal seguinte: *am-plo*, *co-bre*, *qua-dro*, *in-flu-ir*.

Os demais grupos de consoantes se devem dividir pela ultima das consoantes, ficando as mais pertencendo á sillaba anterior: *di-rec-tor*, *a-dop-ção*, *abs-tra-ir*, *trans-cre-ver*.

Não se devem separar os vocabulos compôstos pelos seus elementos de composição, visto, em muitos casos, não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulos fórmâa differente e esquisita.

Exemplo de divisão tendo por base a derivação: *con-star*, *con-spi-rar*, *arc-an-jo*, *de-scre-ver*, *e-pi-sco-pal*, *in-spi-rar*, *a-lu-mno*, *me-smo*, *re-spei-to*, *bi-spo*.

Assim, é preferivel separar: *subs-cre-ver*, *bi-sa-vó*, *de-su-nir*, *res-pec-ti-vo*, *a-lum-no*, *mes-mo*, *es-pe-lho*, *trans-pi-rar*, etc.

Como diz Gonçalvez Viana: « A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exagerada) é pouco natural porque parte silabas foneticas, cujos elementos são inseparaveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada. »



III

### Sistemas ortograficos

Tres são os sistemas ortograficos: *etimologico ou de derivação, fonetico, misto ou usual.*

O sistema *etimologico* baseia-se na origem, derivação, ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio, phthisica.*

Escrevem-se as palavras com as mesmas letras com que são representadas na lingua donde provieram.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só pôde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa diferença entre a palavra escrita segundo a etimologia, e a palavra pronunciada; 4.º a divergência de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de grafá-las.

O sistema *fonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as refórmas apresentadas para o completo dominio deste sistema: tudo, porém, tem sido em vão.

A grande dificuldade está na diversidade entre os varios modos de se pronuciarem os vocabulos nos diferentes lugares em que é a Lingua falada.

Como diz José de Castilho:

« O acento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brasil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Trás os Montes, do do Algarve. »

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brasil.

Em quanto no sul os brasileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte as fecham e dizem, por exemplo: *canua* (*canôa*), *pupa* (*pôpa*), *cucus* (*côcos*).

O sistema *misto ou usual* é o geralmente preferido, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; baseia-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso de que sejam completamente diversas a origem e a pronuncia, querem uns que se observe de preferencia esta, outros, aquella.

Por isso há a duplicitade de grafia nas palavras; seguintes: *edade* e *idade*; *logar* e *lugar*; *escripta* e *escrita*; *sанто* e *santo*; *commigo* e *comigo*; *charidade* e *caridade*; *se* e *si*, etc.

A tendência moderna é para despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desaparecer. Convém, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminação do *h*, quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto, matha, manhã, homem.*

Redução das consoantes dobradas a uma só, com excepção de *mm, nn, rr, ss: emmalar, ennastrar, carro, cassa.*

III

## Sistemas ortograficos

Tres são os sistemas ortograficos: *etimologico* ou de *derivação*, *fonetico*, *misto* ou *usual*.

O sistema *etimologico* baseia-se na origem, derivação, ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio*, *phthisica*.

Escrevem-se as palavras com as mesmas letras com que são representadas na lingua donde provieram.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só pôde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa diferença entre a palavra escrita segundo a etimologia, e a palavra pronunciada; 4.º a divergência de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de grafá-las.

O sistema *fonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema: tudo, porém, tem sido em vão.

A grande dificuldade está na diversidade entre os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos diferentes lugares em que é a Lingua falada.

Como diz José de Castilho:

« O acento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brasil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Trás os Montes, do do Algarve. »

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brasil.

Em quanto no sul os brasileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte as fecham e dizem, por exemplo: *canua* (*canâa*), *pupa* (*pôpa*), *cucus* (*côcos*).

O sistema *misto* ou *usual* é o geralmente preferido, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; baseia-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso de que sejam completamente diversas a origem e a pronuncia, querem uns que se observe de preferencia esta, outros, aquella.

Por isso há a duplicitade de grafia nas palavras; seguintes: *edade* e *idade*; *logar* e *lugar*; *escripta* e *escrita*; *sancto* e *santo*; *commigo* e *comigo*; *charidade* e *caridade*; *se* e *si*, etc.

A tendencia moderna é para despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desapparecer. Convém, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminação do *h*, quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto*, *maña*, *manhã*, *homem*.

Redução das consoantes dobradas a uma só, com excepção de *mm*, *nn*, *rr*, *ss*: *emmalar*, *ennastrar*, *carro*, *cassa*.

Suppressão das consoantes que não soam na pronúncia: *escrito, dito, sete*, a não ser que influam na vogal antecedente, tornando-a bem aberta: *direcção, secção, contracção* *aceptar*.

A Academia Brasileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação ortográfica portugueza que foi aprovado pelos seus pares.

Em sessão de 1.º de Julho de 1911 a mesma Academia, depois de larga discussão, votou algumas modificações.

A 24 de Novembro de 1919 a Academia revogou todas as deliberações concorrentes á reforma ortográfica, ficando mantido o *statu quo* anterior, até que fosse melhor estudado e definitivamente resolvido o problema da simplificação ortográfica no Brasil, o que se realizou em sessão de 22 de Abril de 1926, ficando aceito o *Formulario Orthographic*, organizado pelo Dr. Laudelino Freire, na *Revista de Língua Portuguesa*, de que era director.

São as seguintes as regras do *Formulario*, com as restrições apresentadas pelos Srs. Carlos de Laet e João Ribeiro:

I — Proscrever o apostrofo nas contracções da preposição *de* com os pronomes pessoais da 3.ª pessoa; com os pronomes demonstrativos; com os adjetivos articulares; com os adjetivos demonstrativos; com os advérbios *ahi, aqui, ali, antes, onde*, e com a preposição *entre*; nas combinações da preposição *em* com os pronomes pessoais da 3.ª pessoa; com os pronomes demonstrativos; com os adjetivos demonstrativos; com as fórmulas em que o pronome pessoal acusativo da 3.ª pessoa toma a fórmula *no, na, nos, nas* junto aos verbos acabados em desinência nasal; nas fórmulas compostas dos adjetivos demonstrativos; nas expressões vocabulares *destarte, dessarte, daquellarte, outrora*; nos dativos dos pronomes pessoais obliquos *me, te, lhe*, com os acusativos *o, a, os, as*.

II — Graphar com *am* as fórmulas verbais, exceptuadas as do futuro e as monossyllabicas, e com *ão* os demais vocabulos, acentuando-se, porém, a syllaba tonica dos anoxytonos.

III — Graphar com *ã* as palavras oxytonas, as femininas dos nomes em *ão* e os monosyllabos.

IV — Escrever o ditongo *ae* e não *ai* nas syllabas finaes, excepto *mais, jamais, demais* e outras que não possam mais ser alteradas,

V — Escrever com *u* os ditongos *ao, eo, io*, mas escrever *veio* na 3.ª pessoa do preterito do verbo *vir*, e, em obediencia ao uso, manter *eo* nas palavras em que o *e* for aberto.

VI — Escrever com *es* o plural dos nomes em *al, ol, ul*.

VII — Escrever com *z* os finaes agudos em *az, ez, iz, oz, uz*, exceptuam-se *nós, vós*; a 2.ª pessoa do singular do futuro do indicativo; a 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos monossyllabicos e seus compostos; as palavras seguintes — *aliás, através, invés, través, revés, tres, apés, empés*, — e os latinismos *bis, jus, plus, sus*; o plural das palavras terminadas em vogal longa.

VIII — Os nomes proprios portuguezes ou aportuguezados, quer pessoas quer locaes serão escritos com *z* final, quando terminarem em syllaba longa; excepto *Jesus e Paris*.

IX — Escrever com *z* e não com *s* as palavras derivadas do latim, nas quaes haja *ci* ou *ti*; as flexões *zinho* e *zito* dos diminutivos *izar* nos verbos e palavras delles derivadas exceptuados aquelles em que o radical portuguez termina em *s*; *ez* e não *esa* nas palavras que em portuguez se derivam de adjetivos.

X — Escrever *esa, eso* nas palavras que em portuguez são primitivas; os verbos oriundos do latim em *sar*; os substantivos, os adjetivos e participios de origem latina, terminados em *aso, asa, iso, isa, oso, osa, uso, usa*; o feminino dos substantivos que tiverem a desinencia *esa* ou *isa*; *oso* e todos os adjetivos derivados com este suffixo.

XI — Manter *h* inicial e o *h* medio, este para indicar o hiat, mas nos verbos *cair, sair, traer* admittir o acento agudo para este fim.

XII — Respeitar a eliminação do *h* no grupo *ch*, com o som de *k*, no grupo *rh* e no grupo *th*.

XIII — Manter a substituição do *ph* grego por *f*, nos casos já pelo uso admittidos.

XIV — Nos casos de intercalação pronominal no condicional manter a terminação destes sem o *h* e ligada por hifen; nas fórmulas do futuro, manter o *h* sem hifen.

XV — Eliminar o *c* insonoro quando figure entre *n* e *t*: *distinto*.

XVI — Suprimir o *p* inicial do grupo *ps* nas palavras gregas e latinas onde a pronuncia o não exigir: *salmo*.

XVII — Não começar palavra pela consoante impura — *s* —, substituindo-a por — *es*: *estirpe*.

XVIII — Eliminar o — *n* — final da syllaba atona: *regime*.

XIX — Não terminar a escrita de nenhuma palavra por *in*, mas — *im*.

XX — Manter a letra geminada sempre que a consoante do prefixo se transforme por assimilação.

XXI — Manter a geminação para evitar homografia: *penna, pena*.

XXII — Nunca dobrar a consoante — *b* —.

XXIII — Escrever com *iar* e não *ear* os verbos derivados de nomes em cuja terminação houver a vogal *i*.

XXIV — Graphar *ea* quando o *e* fôr aberto: *idéa*.

XXV — Dividir as palavras pelas sillabas foneticas: *subs-cre-ver*.

XXVI — Conservar na sillaba que a precede, a consoante insulada, seja ou não pronunciada: *fac-tor, protec-tor*.

— X —

Em Portugal as modificações ortograficas que ainda hoje estão em vigor, deram-se da seguinte maneira:

Em 5 de Maio de 1900, a *Academia Real das Sciencias de Lisbôa*, convidou o Sr. A. R. Gonçalvez Viana a lêr um seu questionario ortografico, há annos elaborado, o que feito foi no dia 10.

Depois de todos os pontos discutidos, foi publicado o trabalho desse douto filologo: *Vocabulario alfabetico e remissivo da Lingua portuguesa*, organizado segundo a ortografia oficial.

O primeiro trabalho de Gonçalvez Viana tinha o titulo de *Ortografia Nacional* e o segundo, *Vocabulario ortografico e ortoepico da lingua portuguesa*.

Pelo *Vocabulario alfabetico e remissivo* são as seguintes as regras da reforma ortografica portugueza:

1.<sup>a</sup> — São proscritas as letras — *k, w, y*, substituidas por — *qu* ou — *c* —; por — *u* — *ou* — *v* —; por — *i*.

2.<sup>a</sup> — É' eliminada a letra — *h* — a não ser em — *ch, lh, nh*, ou como inicial por etimologia.

3.<sup>a</sup> — Nenhuma consoante se duplica a não ser *rr, ss, mm, nn*, quando exigidas pela pronuncia.

4.<sup>a</sup> — São suprimidas as consoantes mudas quando não influem na vogal precedente.

5.<sup>a</sup> — O emprego de — *ce, ci — e — se, si; ç — e — ss; ch — e — z*, depende da origem dos vocabulos.

6.<sup>a</sup> — A grafia dos ditongos oraes é — *ai, éi, ei, ói, oi, ui, au, eu, eu, iu, ou*; a dos nasaes é: *ãe, em, õe, ão*.

São essas as regras mais interessantes; outras há dependentes da pronuncia dos portuguezes, um pouco diversa da dos brasileiros, em certos vocabulos.



## IV

### Sillabas — Acentuação

**Sillaba** é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas sillabas formam uma idéia, temos a *palavra*.

Uma sillaba pôde ter de uma até cinco letras: *a, de, par, gras, trans*.

Conforme o numero de sillabas as palavras pôdem ser:

**Monossillabo**, aquella palavra que tem uma unica sillaba: *âor, pai*.

**Dissillabo**, aquella que tem duas sillabas: *livro, branco*.

**Trisssillabo**, aquella que tem tres sillabas: *tinteiro, caneta*.

**Polissillabo**, aquella que tem mais de tres sillabas: *grammatica, inconstitucionalidade*.

**Acento** é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que pôde ter a sillaba duma palavra.

O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o mediador entre o pensamento e a fórmula. (*Apud Pacheco e Lameira. — Gr. Portugueza.*)

E' o centro de gravidade da palavra, affirma F. Diez.

A palavra—acento—vem do Latim *accentus* que correspondia a *tonos* do Grego, *tom, terro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A aneedota conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Graccho com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (*Guardia e Wierzeyski.*)

**Quantidade** da sillaba é o tempo empregado em pronunciá-la.

Conforme a quantidade, os sons das palavras pôdem ser *longos* ou *breves*.

**Longo** é o som que tem mais duração.

**Breve** é o som que tem menos duração.

A quantidade das sillabas não tem na Lingua Portugueza a importancia que teve no Grego e no Latim.

Conforme a intensidade, a voz é *tonica* ou *atona*.

**Tonica** ou **predominante** é a voz acentuada.

**Atona** é a voz não acentuada.

Conforme a sillaba tonica, ou predominante, a palavra é:

**Oxitona** ou **aguda**, aquella cuja sillaba predominante é a ultima: *missal, amor*.

**Paroxitona** ou **grave**, aquella cuja sillaba predominante é a penultima: *tinteiro, caneta*.

**Proparoxitona, esdruxula** ou **datalica**, aquella cuja sillaba predominante é a ante-penultima: *húmida, cámara, péssego*.

As duas ultimas denominações se pôdem reunir sob o nome de **baritonas**.

E' bom notar que em algumas palavras apparece mais de um acento; há como que um ritmo que se não pôde transgredir: *modestamente, civilidade*.

Há certas palavras tambem que não têm acentuação propria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam; taes são: *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*.

Neste caso pôde a acentuação cair na sillaba anterior á ante-penultima: *annuncia-se-lhes, commovera-se-lhe, louvamo-vos-lo*.

Muitas palavras não têm conservado a acentuação primitiva; *patena, miope, figado, oceano, enciclopedia, nível, nôvel*, que se deviam pronunciar: *pátena, miópe, figádo, océano, enciclopedia, nível, novél*.

São communs as pronuncias viciosas: *pudico, ciclópe, erudito, décano, simulacro, invólucro, pégada, escápula, amalgáma, acrobáta, areopágo, catélo*.

E' bom não confundir acento ortografico com acento prosodico.

Aquelle é um signal que modifica as vozes: *acento agudo, circunflexo, etc.* Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E', assim, que a voz pôde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e, entretanto, não levar nenhum signal ortografico: na palavra *caridade* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



**Apócope** é a diminuição de sons no fim do vocabulo: *carcer* por *carcere*; *assi* por *assim*; *gran* por *grande*; *produz* por *produce*.

V

## Alteração de sons : figuras de dição

As palavras soffrem diversas modificações nos sons por addição, subtracção, transposição e absorpção.

Estas modificações têm o nome de *figuras de dição* ou *metaplasmos*.

São figuras de addição:

**Protese** é o aumento de sons no começo do vocabulo: *alevantar* por *levantar*; *acostumado* por *costumado*.

**Epentese** é o aumento de sons no meio do vocabulo: *despois* por *depois*.

**Paragoge** é o aumento de sons no fim do vocabulo: *martire* por *martir*.

São figuras de subtracção:

**Aférese** é a diminuição de sons no começo do vocabulo: *postema* por *apostema*; *té* por *até*; *maginação* por *imaginação*.

**Sincope** é a diminuição de sons no meio do vocabulo: *mór* por *maior*; *malina* por *maligna*; *imigo* por *inimigo*.

São figuras de transposição:

**Metatese** é a mudança indeterminada do lugar dos sons do vocabulo: *frol* por *flôr*; *vigairo* por *vigario*.

**Tmese** é a mudança das palavras enclíticas para o meio das fórmas de certas palavras: *dir-te-ei* por *direi-te*; *amar-te-ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorpção :

**Sinalefa** é a absorpção da vogal final de um vocabulo, quando o vocabulo seguinte começa por vogal: *d'est'arte* por *de esta arte*; *do* por *de o*.

**Ectipse** é a absorpção da consoante nasal *m* no fim de um vocabulo: *co'os* por *com os*.

E' figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificação.

**Crase** é a absorpção de um som quando se encontra com outro igual; reune dois sons iguaes num só: *á* por *a a*; *áquelle* por *a aquelle* e antigamente *ó* por *a o*.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o* — *do* — *de o*, é a contracção *no*, *numa* e em geral as contracções com a palavra *em*, que commumente se escrevem *n'uma*, — *em uma*; *n'aquelle* — *em aquelle*, etc. Este modo de grafar é errado. Sómente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve *do* em lugar de *d'o*, usado em gallego; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não há letra a suprimir entre a palavra *em* e *uma*?

Podia-se collocar o apostrofo, signal de suppressão da letra, no começo da palavra '*numa*' como se faz em '*té por até*'. Mas mesmo assim havia uma incorrecção pois que a letra *n* que aparece, não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações sofridas por esta palavra:

« Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc., dizia-se nas épocas antigas *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra fórmula do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto íntimo com uma consoante, dá, às vezes, a esta o carácter de nasal, e assim de *em ló*, *em la*, fez-se *em no*, *em na*.

Os exemplos destas fórmulas são numerosíssimos até o século XV, aparecendo ainda alguns no século XVI.

Depois as nassaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no*, *em na* se tornaram respectivamente *en-o*, *en-a*; *eno*, *ena*.

E como *e* inicial em português está sujeito em certas circunstâncias à apherese ou quēda, facilmente *o e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi suprimido na pronúncia e disto resultou a fórmula moderna *no* com suas flexões *na*, *nos*, *nas*.

Resumindo-se, vê-se que a evolução histórica de *no* foi a seguinte: *em lo* — *em no* — *e no* — *eno* — *no*.

Por analogia o mesmo fenômeno foi transportado para as outras contracções em que entrava o elemento *em*, e escreve-se: *neste naquelle*, *numa*, etc., e não *n'este*, *n'aquelle*, *n'uma*.



## MORFOLOGIA

---

**Taxinomia:** estudo da classificação das palavras.

**Campenomia:** estudo da flexão das palavras.

**Etimologia:** estudo da origem das palavras.

# MORFOLOGIA

---

**Morfologia** é a parte da grammatica em que se estudam as fórmas das palavras.

A morfologia se divide em tres partes: *Taxinomia*, *Campenomia* e *Etimologia*.

## I

### Taxinomia

**Taxinomia** é a parte da morfologia em que se estuda a classificação das palavras.

Conforme as alterações que as palavras soffrem, estas se dividem em *variaveis* e *invariaveis*.

**Variaveis** são aquellas que soffrem modificações para exprimir genero, numero, gráu, modo, tempo, etc.

**Invariaveis** são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras incluidas no grupo das *invariaveis* soffrem algumas variações: *certamente* varia em *certissimamente*, *bem* varia em *melhor*; tambem outras incluidas no grupo das *variaveis* não mudam de forma: *quem*, *que*, *cada*, *outrem* etc.

Consideradas historicamente as palavras se pôdem dividir em *primitivas* e *derivadas*.

**Primitivas** são as que não se originam de outras, dentro da Lingua: *arvore, mar*.

**Derivadas** são as que se originam das primitivas: *arvoredo, marujo*.

Comparados uns com os outros, os vocabulos são: *sinonimos, antonimos, homonimos e paronimos*.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da familia ideologica; as duas ultimas, da familia sonica.

As primeiras representam idéas similhantes ou completamente oppostas. As segundas confundem os sons.

**Sinonimos** são os vocabulos que têm significação similhante: *amor, amizade, estima; vêr, enxergar, olhar; faminto, esfaimado, esfomeado, famulento*.

Não pôde haver sinonimos perfeitos sinão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinonimia perfeita não pôde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarrega de uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (*Darmesteter*).

São diversas as causas da variedade dos sinonimos.

Entre as principaes contamos:

1.<sup>a</sup> — Fórmas divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela ongem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.<sup>a</sup> — Tecnologia scientifica: *odontalgia, dôr de dentes; bexigas, varicola*.

3.<sup>a</sup> — Diferenças locaes: *doce, bolos; pacova, banana*.

Na infancia das Linguis era extraordinario o numero dos sinonimos que tinha uma palavra.

**Antonimos** são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio, calor; noite, dia*.

**Homonimos** são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo similhante, têm diverso significado: *fato, roupa e facto, acontecimento; cirio, grande vela, sirio, estrella, Syrio, natural da Syria; manga, fruto, manga, grupo, ajuntamento, manga, tromba d'agua, manga, redoma, manga, parte do vestuario*.

Os homonimos se dividem em *homofonos* e *homografos*.

**Homofonos** são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo diferente: *sexta, a sexta parte e cesta, vaso feito de varas; nós, pessoa e noz, amendoa; acento, signal ortografico e assento, lugar de descanso*.

**Homografos** são os vocabulos que têm a mesma escrita e, portanto, o mesmo som: *bóta, calçado e bóta, variação da palavra botar ( collocar ); livre, solto e livre, solte, tire da prisão, ( do vocabulo — livrar )*.

A homonimia dá nascimento aos trocadilhos a que os franceses chamam *calembours*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam*. Preferirei uma maçã ( face ) desagradavel.

*Nisi non nisi nisi in aliis*. Os gaviões não se estribam sinão nas azas.

*Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas*. Que farás quando chegares ante as faces de Venus? Não pares, porém segue, sinão morrerás por elas.

Entre as causas da homonimia se pôdem enumerar:

Contracção de palavras:

*grão* ( contraido de *grande* ) significando tamanho, e *grão* significando cároco;

*cem* ( contraido de *centum* ) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

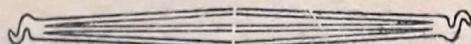
Corrupção fonética; a não pronuncia de todas as letras: *fato* • *facto*; *retrato* e *retracto* ( do verbo *retractar* ).

**Paronimos** são os vocabulos que têm quasi identica pronuncia. Têm significado diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmos: *descrição* e *discrição*; *suar* e *soar*; *detrair* e *distrair*; *despensa* e *dispensa*.

Attendendo-se á significação dos vocabulos, elles se dividem em: *substantivo*, *adjectivo*, *pronomes*, *verbo*, *adverbio*, *preposição* e *conjunção* ou, mais resumidamente, em: *nome*, *verbo*, *particulas*.

Alguns grammaticos juntam a estas classes a *interjeição*, que é antes um grito para exprimir paixões, que propriamente uma palavra.

O adverbio, a preposição e a conjunção são palavras invariaveis; as outras são variaveis.



## II

### **Substantivo**

**Substantivo** é a palavra que designa o nome de animal, cousa, actos ou qualidades em abstracto: *Pedro*, *gato*, *livro*, *viagem*, *candura*.

Divide-se em *proprio* e *appellativo*.

**Proprio** é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João*, *Pernambuco*.

**Appellativo** é o que indica a idéa de diversos animaes, cousas, actos ou qualidades, pertencentes a uma classe commun: *pedra*, *menino*, *gato*, *belleza*.

O appellativo é tambem chamado *commum*.

Os substantivos proprios se tornam appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe: *Os Andrades*.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* ou *appellido*, chamado *nome de familia*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *prenome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronímicos*: *Alvares*, filho de *Alevaro*; *Fernandes*, filho de *Fernando*; *Henriques*, filho de *Henrique*; *Bernardes*, filho de *Bernardo*.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em ua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job*, que gene; *Archimedes*, eminente maquinista ou pensador; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E', pois, opinião corrente que todos os nomes proprios de homem eram antigos epitetos.

Os substantivos appellativos se dividem em *abstractos*, *concretos*, *collectivos* e *verbaes*.

**Abstracto** é o substantivo que indica actos, qualidades que só existem em nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *viagem*, *virtude*, *bondade*.

**Concreto** é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem*, *banco*.

**Collectivo** é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reunião de seres da mesma especie: *povo*, *exercito*, *rebanho*.

E' principal caracteristico destes substantivos o exprimirem pluralidade estando no singular.

Estes substantivos pôdem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma collecção (singular) se pôde imaginar a existencia de mais de uma collecção (plural), *um rebanho*, *dois rebanhos*.

O collectivo pôde ser *geral* e *partitivo*.

**Geral** é o que indica a totalidade da collecção: *tropa*, *exercito*, *povo*, *assembléa*.

**Partitivo** é o que indica uma parte da collecção: *batalhão*, *maioria*.

O partitivo pôde ser *determinado* e *indeterminado*.

Determinado é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*, *centena*.

Indeterminado é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*, *rebanho*.

Há certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se pôdem chamar *especiaes*, porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

Entre outros, enumeramos:

<i>Alcatéia</i> de lobos	<i>Fato</i> de cabras.
<i>Armento</i> de bois	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de assassinos
<i>Bando</i> de { aves ciganos salteadores	<i>Junta</i> de medicos
<i>Cáfila</i> de camellos	<i>Malta</i> de capoeiras
<i>Cambada</i> de caranguejos	<i>Manada</i> de bois
<i>Caravana</i> de viajantes	<i>Matilha</i> de cães
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Chusma</i> de criados	<i>Ninhada</i> de pintos
<i>Concilio</i> de bispos	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Congregação</i> de professores	<i>Ponta</i> de mulas
<i>Corja</i> de { bebedos ladrões tratantes vadios	<i>Quadrilha</i> de ladrões
<i>Enxame</i> de abelhas	<i>Rebanho</i> de ovelhas
	<i>Rancho</i> de soldados
	<i>Récua</i> de cavalgaduras
	<i>Roda</i> de homens
	<i>Sucia</i> de velhacos
	<i>Vara</i> de pôrcos

Na antiga linguagem portugueza muitos collectivos eram empregados indicando individuos diferentes, sem o rigorismo actual. Assim vemos: *dois fatos de vacas* (F. Lopes); *fato de ovelhas* (J. de Barros); *rebanhos de vacas* (Castro); *cardume de gente* (J. de Barros); *cáfila de gente* (Idem); *cáfila de navios* (D. de Couto); *manada de ovelhas* (Castro); *cardume de rãs* (Vieira); *cáfila de cães* (Castilho); *cardume de chamas* (D. Fr. M. de Mello); *enxame de frechas* (J. de Barros); *enxame de filhos* (Souza).

Os termos — *pinha*, *peso*, *golpe* — serviam tambem para designar collecção de pessoas.

Substantivo verbal é a parte do verbo empregada como substantivo: o RAIAR da lua; um TOMA e dois te DAREI; esta ESPERA e REESPERA desespera; o não POSSO dos negligentes e o NÃO QUERO dos contumazes.

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase inteira pôde-se tornar substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*: o PORQUE dos factos; o COMO, o ONDE, o QUANDO as cousas se fazem.

Locução substantiva é um grupo de palavras com função de substantivo: guarda-roupa, bem-te-vi, Pedro Ivo.



### III

#### Adjectivo

Adjectivo é a palavra que exprime um atributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Divide-se em *qualificativo* e *determinativo*.

**Qualificativo** é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa, causa ou acto expresso pelo substantivo: bom livro, casa grande, virtude celeste.

**Determinativo** é o que limita, distingue ou designa a pessoa, causa ou acto expresso pelo substantivo: meu livro, esta casa, a soberba.

O principal caracteristico do adjectivo determinativo é vir sempre com o substantivo claro a que modifica; quando está este occulto o adjectivo toma a denominação de *pronomé adjetivo*.

Quasi todos os gramáticos modernos, seguindo a escola alemã, admitem só uma classe de adjectivos — os *qualificativos*. Os determinativos são incluídos na classe dos pronomes, que dividem em *pessoais*, *demonstrativos*, *possessivos*, *relativos*, ou *conjuntivos* e *indefinidos*; alguns dos quais podem desempenhar as funções de substantivos (*pronomes substantivos*) ou de adjectivos (*pronomes adjetivos*). Dos numerais fazem uma classe á parte. » (Cortezão).

O adjectivo qualificativo se subdivide em *explicativo* e *restrictivo*.

**Explicativo** é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: homem *bipede*, agua *molle*.

**Restrictivo** é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, que pode pertencer ou não ao substantivo: homem *branco*, rosa *encarnada*.

Praticamente para se distinguir o adjectivo restrictivo do explicativo basta collocar-se antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjetivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distinção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjectivo. Assim é que um mesmo adjetivo pode ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: gelo *frio*, *frio* é adjetivo explicativo; tempo *frio*, *frio* é adjetivo restrictivo.

**Locução adjectiva qualificativa** é um grupo de palavras com função de adjectivo qualificativo: mesa *de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; raio *da terra*, isto é, raio *terrestre*.

Os adjectivos determinativos se dividem em:

Determinativos	<table border="0"><tr><td>Possessivos</td><td rowspan="5">{</td><td rowspan="5">Cardinaes Ordinaes</td></tr><tr><td>Demonstrativos</td></tr><tr><td>Relativos</td></tr><tr><td>Quantitativos</td></tr><tr><td>Articulares</td></tr></table>	Possessivos	{	Cardinaes Ordinaes	Demonstrativos	Relativos	Quantitativos	Articulares
Possessivos	{	Cardinaes Ordinaes						
Demonstrativos								
Relativos								
Quantitativos								
Articulares								
	<table border="0"><tr><td>Numeraes</td><td rowspan="2">{</td><td rowspan="2">Indefinidos</td></tr><tr><td>Indefinidos</td></tr></table>	Numeraes	{	Indefinidos	Indefinidos			
Numeraes	{	Indefinidos						
Indefinidos								

**Possessivo** é o que exprime idéa de posse em referencia ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticaes são:

*Eu, nós* (1.<sup>a</sup> pessoa); *tu, vós* (2.<sup>a</sup> pessoa); *elle, ella, elles, ellas*, 3.<sup>a</sup> pessoa).

Os adjectivos são:

Masculino: *meu, teu, seu*.

Feminino: *minha, tua, sua*.

referindo-se a uma só pessoa e correspondentes a: *de mim, de ti, delle, della*, etc.

Masculino: *nosso, vosso*.

Feminino: *nossa, vossa*.

referindo-se a mais de uma pessoa e correspondentes a: *de nós, de vós*.

As fórmas do plural são: *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas*.

**Demonstrativo** é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São simples e compósitos.

**Simples:**

*Este, esta, estes, estas, isto; esse, essa, esses, essas, isso; aquelle, aquella, aquelles, aquellas, aquillo; o, a, os, as.*

**Compósitos:**

*Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro.  
Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.*

*Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.*

As fórmas: *isto, isso, aquillo* e seus compósitos *ist'outro, iss'outro e aquill'outro, o, a, os, as,* são considerados sempre como *pronomes.*

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill,* se conservam invariáveis.

*Este* e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa que fala (1.<sup>a</sup> pessoa).

*Esse* e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.<sup>a</sup> pessoa).

*Aquelle* e suas variações referem-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.<sup>a</sup> pessoa).

**Relativo** é o que lembra uma pessoa ou cousa e liga orações. E', por isto, chamado *conjuntivo.*

São: *o qual, a qual, os quae, as quae; que; quem; cujo, cuja, cujos, cujas; onde.*

Estas palavras deviam antes ser incluídas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivos junto com que concordem.

**Quantitativo** é o que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral.**

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido.**

Os numeraes se dividem em *cardinaes* e *ordinaes.*

**Cardinal** é o que exprime simplesmente a idéia numerica: *cinqoo, cem.*

**Ordinal** é o que indica numero com idéia de ordem, dê collocação: *quinto, centesimo.*

Os adjectivos numeraes ordinaes são os seguintes:

Primeiro	Quadragesimo
Segundo	Quinquagesimo
Terceiro	Sexagesimo
Quarto	Septuagesimo
Quinto	Octogesimo
Sexto	Nonagesimo
Setimo	Centesimo
Oitavo	Ducentesimo
Nono	Tricentesimo
Decimo	Quadrigentesimo
Decimo primeiro ou undecimo	Quingentesimo
Decimo segundo ou duodecimo	Sexcentesimo
Decimo terceiro, etc.	Septingentesimo
Vigesimo	Octingentesimo
Trigesimo	Nonagentesimo
	Millesimo
	Millionesimo

Pôdiam ser incluidos na classe dos numeraes os *multiplicativos: simples, duplo, triplo, quadruplo, quintuplo, etc., assim como corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida composta de *cinco* ingredientes, *arroba*, palavra arabe que significa a *quarta* parte, *hecatombe*, que traz ideia de 100.

Da mesma forma as palavras *dizimo, grossa* (doze duzias), *par* (dois), *novena, vintena, quarentena*, os numeraes italianos *duo, trio, etc.*, e os nomes formados com os termos latinos *deci, centi, milli*, e com os termos gregos *deca, hecto, kilo, miria*, usadas estas duas classes ultimas em aritmética.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio, triennio, centenario, etc.*, e os formados com o termo *ávos: onz'ávos, doz'ávos., etc.*

**Indefinido** é o que indica numero incerto, quantidade não determinada.

Podemos enumerar os seguintes:

Algum, alguma, alguns, algumas, alguem; ambos, ambas; cada; cada um, cada qual; certo, a, o, os; demais; diversos, o mesmo, a, os, as; mais; menos; muito, a, os, as; nada; nem, nem, nenhuma, nenhuma, nenhumas, ninguem; outro, o, os, as, outrem; pouco, a, os, as; qual, quais, qualquer, qualquier (forma arenica), quaquequer; quanto, a, os, as; que (significando qual, quais, quando, que causa); quem; só, alé, tal, tais; tanto, a, os, as; todo, a, os, as, tudo; um, uns, uma, unhas; vários, a.s.

Entre os indefinidos podem ser incluidos: *Pulano*, por analogia — *sicrano*, *beltrano* e a expressão: *a gente*.

Adjectivo articular, ou artigo é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações *a*, *o*, *as*, *os*, antigamente — *lo*, *la*, *los*, *las*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a*, *de*, *-em* e *per* da maneira seguinte :

*ao* — a o

*á* — a a

*aos* — a os

*ás* — a as

*do* — de o

*da* — de a

*dos* — de os

*das* — de as

*no* — em o

*na* — em a

*nos* — em os

*nas* — em as

*pelo* — per lo

*pela* — per la

*pelos* — per los

*pelas* — per las

Além do artigo *o* e suas variações, a Língua portuguesa conserva o artigo *el*, arenico, usado na forma *el-rei*.

Já vimos que podem os adjetivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de *pronomes*.

Algumas grammaticos, porém, só dão a denominação de pronomes aos pessoas.

Pronome pessoal ou pronomes substantivos é o que lembra um nome em referência às pessoas.

As pessoas são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala, e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoais, ou pronomes rectos, são tres:

1.<sup>a</sup> pessoa: eu, nós.

2.<sup>a</sup> pessoa: tu, vós.

3.<sup>a</sup> pessoa: elle, ella, elles, ellas.

As variações, ou pronomes obliquos, são:

Da 1.<sup>a</sup> pessoa:

me, mim, comigo.

nos, connosco.

Da 2.<sup>a</sup> pessoa:

te, ti, contigo.

vós, convosco.

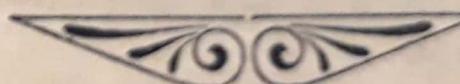
Da 3.<sup>a</sup> pessoa:

lhe, lhes.

o, a, os, as.

se, si, consigo (fórmulas reflexas).

Além destes, há as fórmulas de tratamento que representam pronomes de 3.<sup>a</sup> pessoa: *vozad*, *vozadas*, V. S. V. Excia, V. Rev., etc.



IV

**Verbo**

**Verbo** é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes — *palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realize, é necessário um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia.

Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

**Vozes** são as diversas maneiras de ser do sujeito. As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

**Activa** é aquella em que o sujeito pratica a acção: *lemo*.

**Passiva** é aquella em que o sujeito recebe a acção: *sou temido*.

Existe tambem uma outra voz chamada *media ou reflexa*, em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste*.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fórmula especial.

Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

Esta divisão é tradicional, e por isso a conservamos aqui. Hoje melhor se denominam: *verbos de predicação completa*, ou *incompleta*.

**Transitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada directa e immediatamente sobre uma pessoa ou um objecto: *amo meus pais; quero os livros*.

**Intransitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre uma pessoa ou objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *falei com José; venho do Recife; cairei*.

Há quem chame — *verbo relativo* ao que exprime uma acção empregada indirectamente sobre uma pessoa, ou um objecto; e *intransitivo*, ao que exprime uma acção completa.

Os verbos transitivos se pôdem tornar intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos: — *lemos romances* — o verbo *lér* está empregado na fórmula transitiva; mas si dissermos — *lemos sempre* — este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos: — *dormiste bem* — *dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos — *dormiste um sonno reparador* — *dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro affirma: ... quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo. »

Os verbos se dividem ainda em:

**Pronominal** é o verbo cuja acção se transmitte ao sujeito sem que ella seja seu objecto: *eu me arrependo*.

Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa.

**Perifrastico** é o verbo formado com os verbos *haver*, *ter estar*, *ir*, *vir*, *andar*, *viver*, *poder*, *dever*, *querer*, *saber* (ter aptidão), etc. *Hei de estudar*; *tenho de comer*; *estou lendo*; *ir caindo*; *vir a comer*; *andar saltando*; *viver escrevendo*; *posso cantar*; *devo trabalhar*; *quero brincar*; *sei estudar*.

O verbo perifrastico tambem pôde ser formado por meio de prefixo, ou suffixo.

Estes verbos, conforme a idéia que exprimem, ou a significação que têm, apresentam-se sob fórmula simples ou composta, e se dividem em: *promissivo*, quando indica uma promessa: *havemos de estudar*; *obrigatorio*, si mostra uma obrigação: *tens de trabalhar*; *frequentativo*, *reiterativo*, *continuativo*, *iterativo*, quando exprime um fenomeno repetido: *vir caindo*; *anda brincando*, *saltitar*, *esbofetejar*, *tornar a ler*, *revêr*, *recair*; *incoativo*, quando indica o começo do fenomeno: *alvorecer*, *começar a ler*.

**Defectivo** é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer*, *jazer*.

A Lingua portugueza poucos verbos defectivos possue e o uso muito concorre para sua completa extinção.

**Unipessoal** é o verbo que só se conjuga na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: *trovejar*, *chover*, *ocorrer*, *constar*, *acontecer*.

Como exprimem factos que não são referidos a pessoas ou cousas determinadas, os verbos *unipessoaes* tambem se denominam de *impessoaes*.

Os verbos *impessoaes* se podem tornar *pessoaes*, em sentido figurado: *CHOVIA de cima os penedos*. (Castilho).

Os verbos ainda pôdem ser *substantivo* e *attributivo* ou *adjectivo*. E' uma divisão antiga hoje muito contestada.

**Verbo substantivo** é o que exprime a afirmação de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéias.

**Ser** é o unico verbo substantivo. E' tambem denominado *verbo abstracto*.

A's vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a afirmação, exprime tambem a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões a' é aqui apontadas; sómente fórmula a voz passiva no caracter de auxiliar.

Há grande distinção entre os verbos *ser* e *estar*.

*Ser* exprime um estado permanente, habitual, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

*Estar* exprime um estado, uma situação passageira, transitoria, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente*.

**Verbo attributivo ou adjectivo** é o que exprime afirmação com idéia de modo ou qualidade: *amar*, *partir*.

Tambem pôde o verbo *adjectivo* ser denominado *concreto*, por conter em si o verbo *ser* acompanhado de um atributo: *crêr*, *ser crente*; *dever*, *ser devedor*; *estudar*, *ser estudante*.



**Quantidade:** *mui, muito, pouco, assás, tão, tanto, mais, menos, quão, quanto, quasi, só, sómente, apenas, unicamente.*

**Affirmação:** *sim, certamente, verdadeiramente.*

**Negação:** *não, nunca, jamais.*

**Duvida:** *talvez, acaso, quiçá, provavelmente.*

**Exclusão:** *só, sómente, apenas, siquer.*

**Modo:** *bem, mal, assim, e em geral os adverbios terminados em mente.*

**Locução adverbial:** é um grupo de palavras com função de adverbio: *às carreiras, donde, até ali, de fóra, em baixo, ante ontem, de repente, sem duvida, em vão, a pouco e pouco, eis aqui, etc.*

## II

**Preposição** é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

**Locução prepositiva** é um grupo de palavras com função de preposição: *em cima de; conforme a; por de sobre; em ordem a.*

As preposições mais communs são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, per ou por, para, sem, sob, sobre.* São chamadas *preposições essenciaes.*

Há, além destas, certos adjectivos derivados de verbos que têm valor de preposição, como: *durante, salvo, excepto, consoante, segundo, conforme, mediante, etc.* que se denominam *preposições accidentaes.*

## V

### Palavras invariaveis

Ha certo acordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariaveis o *adverbio*, a *preposição* e a *conjuncão*.

A estas se pôde juntar a *interjeição*, que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes têm o nome de *particulas*.

## I

**Adverbio** é a palavra que exprime uma circunstancia. O papel do adverbio é modificar o sentido do adjectivo qualificativo, do verbo e de outro adverbio.

As circunstancias expressas pelo adverbio são de:

**Tempo:** *agora, ainda, hoje, amanhã, antes, cedo, tarde, já, logo, nunca, depois, jamais, sempre, ontem, atrás, então.*

**Lugar:** *cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, aqui, aquem, além, avante, onde, atrás, longe, eis.* Leoni chama aos adverbios — *aqui, ali, acolá* — de *pronominas*, porque correspondem aos pronomes — *este, esse, aquelle*.

**Ordem:** *antes, primeiramente, depois, ultimamente.*

São commumente usadas como adverbios certas locuções latinas: *vice-versa*, *ex-professo*, *a priori*, *a posteriori*, *ipso facto*, *per fas e per nefas*, *mutatis mutandis*, *ad referendum*, *ex-corde*, etc.

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem:

A preposição *A* exprime:

Medida: *Vender a metros*.  
Direcção: *Ir a Olinda*.  
Tempo: *A 10 de Junho*.  
Modo: *Andar a cavalo*.  
Posição: *Ao longe*.  
Distancia: *A duas leguas*.  
Instrumento: *Bater-se a espada*.  
Materia: *Pintura a óleo*.  
Lugar onde: *Estar á janella*.  
Conformidade: *A meu juizo*.  
Fim: *Trabalhar a bem da pátria*.  
Meio: *Matou-o a fome*.  
Preço: *A 10800 o metro*.  
Quantidade: *Chover a cantarões*.

A preposição *Ante* exprime:

Posição fronteira: *Apresentou-se ante o tribunal*.  
Antecedencia: *Pé ante pé*.

A preposição *Até* exprime:

Termo de lugar de tempo, de quantidade ou de ação: *Até a cidade, até a tarde, até cem mil réis, até morrer*.

A preposição *Após* exprime:

Situação posterior, de lugar ou de tempo. *Após tantas ruas; após a chuva*.

A preposição *Com* exprime:

Companhia: *Vou com meu filho*.  
Conteúdo: *Um copo com água*.  
Qualidade: *Um moço com carácter*.  
Preço: *Pagou tudo com mil réis*.  
Opposição: *Lutou com elle*.  
Modo: *Com bolas maneiras, com lealdade*.  
Meio: *Com zombaria*.  
Causa: *Caiu com o tiro*.  
Instrumento: *Com ferro em brasa*.  
Proximidade, junção: *Coser-se com a terra*.

A preposição *Contra* exprime:

Opposição: *Trabalhou contra elle*.  
Situação fronteira: *Turma contra turma*.  
Posto immediato: *Contra mestre*.  
União, junção: *Aperta-o contra o peito*.

A preposição *De* exprime:

Lugar, ponto de partida: *Vir de Olinda*.  
Posse: *Livro de João*.  
Materia: *Copo de ouro*.  
Direcção: *Andar de porta em porta*.  
Tempo: *De madrugada*.  
Extensão: *Viagem de 20 leguas*.  
Idade: *Moço de 20 annos*.  
Separação: *Tirar os filhos de casa*.

**Motivo:** Morrer de vergonha.

**Meio:** Cobrir de areia.

**Origem:** Descendente de nobres.

**Medida:** Rua de 50 metros.

**Quantidade:** Força de 100 cavalos.

**Modo:** Estar de maré.

**Instrumento:** Tiro de espingarda.

A preposição *Desde* exprime:

**Ponto de partida:** Desde Pernambuco.

**Tempo:** Desde minha infancia.

A preposição *Em* exprime:

**Lugar onde, interior:** No Recife, no bolso.

**Tempo:** Em 1904.

**Mudança de estado ou de fórmula:** Cair em pobreza feito em pedaços.

**Destino, fim:** Ir em socorro; ficou em refém.

**Valor:** Estimado em 100\$000; ter-se em conta de gente.

**Divisão:** Comedia em dois actos.

**Modo:** Escrever em verso.

**Assunto:** Cuidar em trabalhar.

**Qualidade:** Ouro em pó; ferro em brasa.

A preposição *Entre* exprime:

**Posição media:** Entre Scylla e Carybides.

**Reciprocidade:** Têm relação entre si.

**Lugar interior:** Dizendo entre si.

A preposição *Para* exprime:

**Lugar para onde:** Vou para o Recife.

**Fim:** Estudo para aprender.

**Tempo:** Para a semana proxima.

**Lugar onde:** Móra lá para as bandas de Olinda.

**Porporcionalidade:** Tres está para quatro, como cinco está para seis.

A preposição *Por* exprime:

**Lugar por onde:** Por montes e valles.

**Causa:** Agiu por interesse inconfessavel.

**Duração:** Privilegio por 10 annos.

**Modo:** Falar por alto.

**A favor:** Intercedeu por mim.

**Preço:** Comprou por 20\$000.

**Troca:** Deixou o certo pelo duvidoso.

**Suposição:** Tinha a batalha por ganha.

**Fim:** Ansioso por chegar cedo.

**Falta:** Estava o livro por acabar.

**Lugar onde:** Derramado pelo chão.

**Meio:** Subiu por intrigas.

**Instrumento:** Atravessado por um golpe de espada.

**Tempo:** Chegará por esses dias.

A preposição *Sem* exprime:

**Falta:** Alcançar fama sem proveito.

A preposição *Sob* exprime:

**Posição inferior:** Sob o cristallino céu.

**Espaço de tempo:** Sob os Imperadores romanos.

**Meio:** Sob juramento.

A preposição *Sobre* exprime :

**Posição superior:** Vive sobre a terra.

**Proximidade de tempo:** Sobre a noute.

**Direcção:** Foi sobre o inimigo.

**Excesso:** Bebeu sobre posse.

**Assunto:** Deu parecer sobre o projecto.

### III

X **Conjunção** é a palavra que indica a relação entre dois juízos, entre duas idéias, ou entre duas orações.

**Locução conjuntiva** é um grupo de palavras com função de conjunção: *ainda que, isto é, por exemplo*.

As conjunções se dividem em *coordenativas* e *subordinativas*.

**Coordenativa** é a conjunção que estabelece relação entre orações independentes, da mesma natureza e que têm a mesma função na frase.

**Subordinativa** é a conjunção que estabelece relação entre orações dependentes, de natureza diversa, das quais uma completa a outra.

As coordenativas são:

**Copulativa:** *e, também, nem, outrosim.*

**Adversativa:** *mas, porém, contudo, todavia, entanto, não obstante.*

**Conclusiva:** *logo, pois, portanto, por conseguinte.*

**Disjuntiva:** *nem, ou, já, quer, ora.*

As subordinativas são:

**Condicional:** *si, sinão, contanto que, a menos que.*

**Concessiva:** *embora, posto que, ainda que, por mais que.*

**Temporal:** *quando, antes que, enquanto, apenas.*

**Causal:** *porque, por isso, que, já que, visto como.*

**Integrante:** *que, si, como.*

**Comparativa:** *como, assim como, que, quanto.*

**Final:** *para que, afim de que, de modo que.*

**Explicativa:** *como, a saber, isto é, por exemplo.*

### IV

**Interjeição** é um som articulado que exprime um sentimento subito: *ah! eh! ui!*

« As interjeições não podem caracterizar o gênio de nenhuma língua porque pertencem geralmente a todas.

« São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria, que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que tais gritos não devem ser reputados partes da oração ».

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

Gritos naturaes e espontâneos em geral, existem, entretanto, algumas interjeições convencionaes mas que de tão usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

Das interjeições naturaes, ou propriamente ditas, a mais commum, que serve para reforçar o vocativo é. 6

As interjeições indicam:

**Appello:** *olá! aqui d'el-rei!*

**Dôr:** *ai! ui! apre! guai!*

**Invocação:** *ó!*

**Admiração:** *ha! ah! oh!*

**Mando ou exortação:** *era! sus!*

**Repugnancia ou aversão:** *apage! irra! fóra!*

**Alegria:** *ah! oh! eh!*

**Silencio:** *chiton! psiu!*

As interjeições convencionaes *coragem! misericordia!* *diabo! safá! adeus!* etc., representam fórmulas abreviadas.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras: *apage!* *eia!* *sus!* *bravo!* *hip!* *hurrah!* *ca-*  
*ramba!* *oxalá.*

**Locução interjectiva** é um grupo de palavras com função de interjeição: *Ai de mim!* *Deus nos acuda!* *Ave Maria!* *Hom'essa!*

Na classe das interjeições se pôdem incluir as *onomatopéas*, que são sons imitativos: *bum-bum*, *glu-glu*, *cri-cri*, *tique-taque*.

Por meio das onomatopéas pinta-se o objecto pelo som ou pelo ruido que elle produz.

As *interjeições*, exprimindo os varios estados da alma, são internas, subjectivas; as *onomatopéas*, indicando os sons dos objectos, são externas, objectivas.

I

## Campenomia

**Campenomia** é a parte da morfologia em que se estudam as flexões das palavras.

Flexões são as variações morfológicas que os vocabulos soffrem em sua terminação.

As flexões se dividem em *nominaes* e *verbaes*.

**Flexões nominaes** são as modificações que os nomes soffrem: de *genero*, *numero* e *gráu*.

**Flexões verbaes** são as modificações que os verbos soffrem: de *modo*, *tempo*, *pessôa*, etc.

Há diversas teorias para explicar a origem destas mudanças de fórmula nas terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distinta, eram, por assim dizer, pronomes, participios, etc., que se soldaram á raiz.

Este fenomeno acha-se palpítante nas fórmulas do futuro e do condicional das linguas romanicas.

Em Portuguez- *amarei* — *amar-hei*; *amaria* — *amar* — *havia* — *amar-hia*.

O Latim forma os perfeitos por meio de composição, como *amavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fórmulas analíticas *j'ai aimé* e o futuro *aimera* por *j'ai à aimer*.

O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

A simples analise de uma palavra nos mostra que existem nella dois elementos: *radical* ou *tema* e *terminação*.

*Radical* é a parte que indica a idéia principal da palavra e é geralmente invariável.

*Terminação* é o elemento secundário, menos importante, geralmente variável.

Ao radical se podem juntar os *affixos*, que se dividem em: *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

*Prefixos* são os elementos que se collocam antes do radical: *HEMI-sferio*.

*Suffixos* são os elementos que se collocam depois do radical: *fac-ADA*.

*Infixos* são os elementos que se collocam no meio do vocabulo: *amar-TE-ei*; *animal-z-inho*.

As palavras são compostas de orgams que têm um sentido; na palavra *padeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéia principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir raiz e radical, o que convém distinguir.

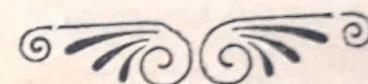
*Raiz* é o elemento mais simples, irreductivel, que encerra a idéia originaria, a idéia donde etimologicamente decorre um grupo de palavras; *radical* ou *tema* é o vocabulo sem a desinencia ou terminação. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar, viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos: *modo*, *modulo*, *medico*, *medicina*, *moderador*, *immoderado*, *commodo*, *incommodo*, *acommodar*, *medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc., e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuímos em Portuguez as palavras: *respeitar, respeito, respeitavel, bispo, respectivo, respeitosamente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, circunspecto*.

*inspector, inspecção, aspecto, prospecto, perspicacia, perspectiva, expectativa, auspicio, especular, especulador, espia, especie, especial, específico, espelho, etc.* (Deduzido de Max Muller.)

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, as formas que restam, se distinguem fundamentalmente, não se assemelham de maneira alguma.



## II

## Substantivo

## I

## FLEXÃO DE GENERO

Genero é a distinção do sexo dos animaes. Pó extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois: *masculino* e *feminino*.

Há tres processos para se determinar o genero dos substantivos: a *significação*, a *terminação* e a *acepção*.

São masculinos pela *significação*: os nomes de animaes machos: *João, cavallo*; os nomes de deuses: *Satana, Baccho*; os nomes de officios, profissões e titulos proprios de homem: *lavrador, pintor, bispo, professor, deputado*; os nomes dos pontos cardeaes e ventos: *norte, sul, Zefiro*; os nomes de rios, montes, mares: *Beberibe, Alpes, Caspio*; os nomes de mezes: *Janeiro*; as notas de musica, os nomes de numeros e os das letras: *o mi, o fá, os dez, os bés, o zé*; as fórmas dos verbos tomadas como substantivo: *o AMAR um TOMA e dois TE DAREI*.

São femininos pela *significação*: os nomes de animaes femeas: *Maria, leôa*; os nomes de deusas e divindades: *Venus, Justiça*; os nomes de profissões, officios, etc. proprios de mulher: *costureira, lavadeira, professora, du-*

*queza; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias: America, Creta, Roma; os nomes dos dias da semana, com excepção do sabado e domingo; os nomes de sciencias, artes e letras, com excepção do desenho; os substantivos abstractos: sede, embriaguez.*

São masculinos pela *terminação*:

1.º os terminados em *a*, como *cajá*; exceptua-se: *pá*; 2.º os terminados em *e*, como *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rête, série, etc.*, e os substantivos abstractos;

3.º os terminados em *é*, como: *café*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libre, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4.º os terminados em *i*, como: *jaboti*; exceptua-se: *juriti*;

5.º os terminados em *o*, como: *tinteiro*; exceptua-se: *virago*;

6.º os terminados em *ó*, como *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiró, enxó, filhó, mó, teiró*;

7.º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptua-se: *tribu*;

8.º os terminados em *ai, au, eu, eemo*: *pai, pau, chapéu*; exceptua-se: *náu*;

9.º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, cathedral, decretal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10.º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, pollen, serafim, gruin, som, colon, jejum*, exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem, vertigem, ferrugem*;

11.º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12.º os terminados em *az*, como: *ananaz*; exceptuam-se: *tenaz, paz*; os terminados em *ez*, como: *mez*; exceptuam-se:

*fez* (só usado no plural *fézes*), *rez*, *tez*, *torquez*, *vez*; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboiz*, *cerviz*, *cicatriz*, *codorniz*, *matriz*, *perdiz*, *raiz*, *sobrepeliz*, *variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se: *foz*, *noz*, *pioz*, *voz*; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*; exceptuam-se: *cruz*, *luz*;

13.º os terminados em *s*, como: *pires*, *oasis*, *onus*, *pus*; exceptuam-se: *bilis*, *cutis*;

14.º os terminados em *x*, como: *onix*, *calix*; exceptuam-se: *fenix*;

15.º os terminados em *ão*, como: *coração*, e os augmentativos: *caixão*, etc., ainda que sejam femininos os positivos: *a porta*, *o portão*.

Outros, porém, derivados do feminino latino conservam este gênero em Portuguez: *occasião*, *multidão*.

São femininos pela terminação:

1.º os acabados em *a*, como: *caneta*, *lira*; exceptuam-se: *dia* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*;

2.º os termindaos em *ã* e *ê*, como: *irmã*, *lã*, *mercê*. Exceptuam-se: *talismã* e *iman*. Os terminados em *ã* se confundem com os terminados em *an*.

3.º os terminados em *ade*, como: *saudade*; exceptuam-se: *alvaiade*, *abade*, *frade*.

Pela accepção temos:

*Capital*, fundo monetario, é masculino.

*Capital*, cidade principal, é feminino.

*Cabeça*, chefe principal, é masculino.

*Cabeça*, parte do corpo., é feminino.

*Crisma*, óleo, é masculino.

*Crisma*, acto religioso, é feminino.

*Cura*, sacerdote, é masculino.

*Cura*, curativo, é feminino.

*Lente*, professor, é masculino.

*Lente*, vidro de aumento, é feminino.

*Corneta*, homem que toca o instrumento, é masculino.

*Corneta*, instrumento, é feminino.

*Champanha*, *Madeira*, nomes geograficos, são femininos

*Champanha*, *Madeira*, vinhos aí fabricados, são masculinos.

Há incerteza do gênero de certos substantivos por parte dos escritores: *personagem*, *trama*, *fantasma*, *colera* (doença), *aneurisma*, *faringe*, *laringe*, *teirô*, *radical*, etc.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos subs'antivos:

1.º os que acabam em consoante soffrem o aumento da letra *a*: *autor*, *autora*; *portuguez*, *portugueza*;

2.º os que acabam em vogal, soffrem a troca desta letra para *â*: *filho*, *filha*, *infante*; *infanta*. Alguns terminados em *e*, não soffrem flexão de feminino e ficam, assim, uniformes: *amante*, *hereje*, *agente*, *cliente*, *protestante*, *vizjante*, etc.

3.º os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *âa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão*, *leâa*; *folgazão*, *folgazona*; *irmão*, *irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são:

*abade* — *abadessa*

*actor* — *actriz*

*alcaide* — *alcaidessa*

*autocrata* — *autocratiz*

*avô* — *avô*

*barão* — *baroneza*

*bode* — *cabra*

*boi* — *vaca*

*ão* — *cadella*

*carneiro* — *ovelha*

*cavallo* — *egua*

*cervo* — *corça*

*compadre* — *comadre*

*conde* — *condessa*

*consul* — *consuleza*

*czar* — *czarina*

*diacono* — *diaconiza*

*dom* — *dona*

duque — duqueza  
embaixador — embaixatriz  
frede — freira  
frei — soror  
gallo — gallinha  
gamo — corça  
genro — nora  
herói — heroina  
homem — mulher  
ilhéu — ilhôa  
ladrão — ladra  
macho — femea  
macho — besta  
marido — mulher  
monge — monja  
mu — mula  
padrasto — madrasta  
padre — madre  
padrinho — madrinha  
pai — mäi  
papa — papiza

Alguns substantivos, admittindo flexão de gênero indicam aumento de volume ou de capacidade: *jarro, jarro vallo, valla; tacho, tacha.*

Outros, cujo masculino indica unidade ou generalidade e o feminino, colleção: *fruto, fruta; ramo, rama; bago, baga; marujo, maruja; lenho, lenha; grito, grita.* O feminino abrange, comprehende o masculino.

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente diferente da fórmula masculina.

*barro — argila  
cachaço — pescoço  
tino — juizo, instinto*

pardal — pardoca  
perdigão — perdiz  
perú — perúa  
poeta — poetiza  
príncipe — princeza  
prior — prioreza  
profeta — profetiza  
rapaz — rapariga  
rei — rainha  
réu — ré  
sacerdote — sacerdotiza  
sandeu — sandia  
sultão — sultana  
tecelão — tecedeira  
tabaréu — tabarôa ou baréa  
varão — virago  
veado — cerva  
zangão — abelha

*barra — entrada do porto  
cachaça — aguardente  
tina — vasilha*

Ha substantivos que, debaixo de uma só fórmula, designam ambos os sexos: são os *epicenos* ou *promiscuos*. Para distingui-los, juntam-se-lhes os adjetivos *macho* e *femea*.

Assim, por exemplo, quando há necessidade de diferenciar os sexos dos substantivos epicenos *tigre, sabiá, cegonha*, diz-se: *o tigre macho, o tigre femea*, ou, então, *o macho do tigre, a femea do tigre; a sabiá macho, o macho da sabiá, etc.*

Outros substantivos têm o gênero determinado pelo adjetivo que modifica o seu sentido: *o martir*, masculino; *a martir*, feminino; *este hipocrita*, masculino; *esta hipocrata*, feminino.

Estes substantivos são conhecidos pelo nome de *communs a dois*.

Alguns grammaticos dão aos substantivos epicenos e aos communs a dois o nome de *uniformes*; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois: *masculino* e *feminino*; entretanto a Lingua latina, donde se originou a nossa, tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os romanos cedo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, gênero a que, com muita razão, chiamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Embora só tivessem passado para o Portuguez o gênero masculino e o feminino, acha João de Barros que podem ser classificados como neutros os nomes das letras do alfabeto, os substantivos verbaes: *o querer, o amar, etc., e o artigo al.*

Soares Barbosa considera neutras as terceiras terminações de alguns dos adjetivos de tres fórmulas, a primeira dos adjetivos de duas e ainda a unica dos adjetivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivadamente ou para modificarem orações inteiras.

Temos as fórmulas: *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquelle* (masc.) *aquella* (fem.) *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algum*

(masc.), *alguma* (fem.), *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello* — antigo — (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua *Grammatica*, há alguma adjectivos de uma só forma para o masculino e feminino que tambem affectam esta forma neutra.

<i>Rude</i> . . . . .	m. e f.	<i>Rudo</i> , neutro
<i>Acre</i> . . . . .	m. e f.	<i>Agro</i> , neutro
<i>Com</i> . . . . .	m. e f.	<i>Cento</i> , neutro
<i>Abundante</i> . . . . .	m. e f.	<i>Avondo</i> (antigo), neutro

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso*, etc., preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as formas substantivas: *o verdadeiro*, *o bello*, *o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuimos termos latinos que, por serem do genero neutro nesta Lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados: *memorandum*, *ultimatum*, *fas*, *nefas*, *agenda*, *mare magnum*, *Corpus Christi*.

Os nomes neutros em Latim se tornaram masculinos ou femininos em Portuguez. Em Latim mesmo se encontra a confusão dos generos a ponto de serem masculinas palavras que eram do genero neutro. Os nomes neutros no plural em — *a* — se confundem com os nomes da primeira declinação.

Estudando-se os varios periodos da Lingua portugueza, verifica-se a mudança do genero de algumas palavras.

Assim: *mar* era feminino, como ainda hoje se vê nas palavras *preia-mar* e *baixa-mar*.

*Fantasma* e *fenix* eram masculinos e femininos.

Vieira empregou, no feminino: *Revestiu-se de noute de uma FANTASMA medonha*.

*Tribu* era masculino, e assim usou Antonio Vieira: *De todos os dez TRIBUS*. OS DOZE TRIBUS de Israel. E Camões: *Ou quem o TRIBU illustre destruio de Benjamim*.

*Cometa*, *diadema*, *estratagema*, *teorema*, *mappa*, *problema*, eram femininos.

*Linhagem*, *origem*, *base*, *piramide*, eram masculinos. Camões empregou: *A PLANETA APRESSADA*. Gil Vicente disse: *SUA PLANETA é a lua*.

Vieira disse: *Si Christo tirára a DIADEMA*. Vistes o TORRENTE formado da tempestade. AQUELLE CATASTROFE admiravel. D. Francisco M. de Mello: A DIADEMA. Christovam Falcão: Ao pé de UM ARVORE estava. Heitor Pinto: NA MAPPA. João de Barros usou de A CLIMA. Castanheda escreveu: *Appareceu no céu da parte do oriente HUA COMETA*.

Bluteau quer que seja feminino o substantivo *grude* e masculinos *sege*, *tribu*, *anecdotos* (anecdotas)

*Foca*, feminino em Latim e em Portuguez moderno, era antiga-mente masculino, como em Felinto: *Mataram UM grande FOCA*; e Camões: *Que só dos FEIOS FOCAS se navega*.

*Fim* era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende: *Por seu nojo e MINHA FIM*: em João de Barros: *Dizem que a FIM do mundo ha de ser per fogo*, e em Gil Vicente: *Os mais têm FINS DESASTRADAS*; no Leal Conselheiro: *Para trazer a DEVIDA FIM qualquer boa e grande obra*; em Castanheda: *Já na FIM de Dezembro*; em B. Ribeiro: *A FIM não pôde tardar*.

Garrett diz: O povo, à maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino ora feminino, mas não indiferente-mente, nem a tôa. *Fim*, como alvo, objecto, é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

*Alma* foi empregada no masculino por Jorge Ferreira: *UM ALMA de mil perfeições*; deu o mesmo genero á *coragem*: *SEU CORAGEM*, e á *corrente*: no *cabo DOS CORRENTES*.

## II

### FLEXÃO DE NUMERO

Numero é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois: *singular* e *plural*, que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da Lingua grega; taes são: *dois*, *ambos*, *nós*, *vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

Esta letra é a terminação do acusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes neutros, cujo acusativo termina em *a*,  
possue o Portuguez, indicando idéia de plural, *alimariis*  
(os animaes), *moda* (os modos).

#### REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO PLURAL

Os substantivos que terminam em vogal, oral ou nasal, soffrem o acrescimo da letra *s*, seguindo a regra geral: *livro, livros; maçã, maçãs; orgam, orgams.* Exceptuam-se: *ademan e canon* que fazem *ademanes e canones.* *Especimen*, melhor ortografado — *espécime* — faz no plural *especimenes* em Portugal, com deslocação do acento tonico, ou segue a regra geral — *espécimens*, no Brasil.

Fazem tambem o plural regular os substantivos originados de Linguis estrangeiras: *almanach, almanachs; bond, bonds; deficit, deficits.*

Outros, porém, conservam o plural originario: *memorandum, memoranda; erratum, errata; dilettante, dilettanti; confetto, confetti.*

Os que no singular já terminam em *s*, não soffrem alteração passando para o plural: *pires.*

Exceptua-se *Deus* que, significando os do paganismo ou os falsos, faz *Deuses; simples* (drogas, ingredientes) que faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam *ourivezes* e *alferezes.*

Garcia de Rezende escreveu: *OURIVEZES e escultores. E assy como os OURIVEZES.*

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes.*

Camões usou *ALFEREZES* no verso: *Alferezes volteiam as bandeiras.* Da mesma fórmula Souza: *Então se chegaram os ALFEREZES ás bandeiras.*

A fórmula *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Drogas da India.*

Todavia Duarte Nunes Leão ainda empregou: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compóstos.*

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de tres modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos; ancião, anciãos; cidadão, cidadãos.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração, corações.* E' a fórmula de uso geral, por ser mais eufonica.

Outros mudam a terminação *ão* para *ães*: *capitão, capitães.*

Geralmente a fórmula da palavra do Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos*, em Portuguez o plural é *ãos*: *granos, grãos; germanos, irmãos.*

Si fizerem o acusativo plural em *ones*, o plural portuguez é *ões*: *leones, leões; actiones, acções.*

Si fizerem o acusativo plural em *anes*, o plural portuguez é *ães*: *panes, pães; canes, cães.*

Outros autores, como Vera e Duarte Nunes Leão, sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhano terminar em *an*, o plural é *ães*: *sacristán, sacristães; si terminar em ano, o plural é ãos: ciudadano, cidadãos; si terminar em on, o plural é ões: coração, corações.*

Os que não tiverem origem latina ou castelhana fórmam o plural em *ões.*

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões*, ou *aldeães*, ou *aldeãos*; *deão* faz *deões*, ou *deães*; *ermitão* faz *ermitões*, ou *ermitães*; *guardião* faz *guardiões*, ou *guardiães*; *villão*, faz *villões*, ou *villãos*, ou *villães*; *truão*, faz *truões* ou *truães*.

Os que terminam em *em, im, om, um*, mudam o *m* em *ns*: *homem, homens; serafim, serafins; som, sons; atum, atuns.*

Os que terminam em *al, ol, ul*, mudam o *l* em *es*: *animal, animaes; lençol, lenções; paül, paúes.* *Alcool* faz *álcooes*, ou *alcoões.*

Exceptuam-se: *cal, mal, real, curul, consul* e seus compósitos que fazem: *cales ou calces; males, réis, curules e consules.*

Rei fazia reis, e real fazia reas, como especialmente recomendava F. de Oliveira: REAL, REAIS assi quando he substanciava como adjetivo. E não digamos dous reeis, tres reeis.

No antigo Portuguez sol tinha o plural soles: « Si o sol tivesse outra mulher, faria outros filhos que seriam SOLES e dariam a quentura de si. »

Os que terminam em el mudam o l em is: papel, papeis; Mel faz meles ou meis, ou não se usa no plural.

Os que terminam em il não acentuado, mudam o em eis: réptil, répteis; projétil, projécteis.

Os que terminam em il acentuado, mudam o l em barril, barris.

Os que terminam em r ou z, acrescentam es: amores; juiz, juizes. Note-se que o substantivo carác fórmula o plural caractéres; sóror (freira confessada) faz plural soróres, havendo mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em ex ou ix mudam estas letras para ice e acrescentam s: index, indices; calix, calices. E Portuguese poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas fórmulas no singular: index, indice; calice. Alguns só usados com a terminação — x — ficam invariaveis: onix, silex, pollex, etc. Nestas palavras tem o som de ks.

OBSERVAÇÃO. — Os substantivos masculinos terminados em o, cujo penultimo o for fechado ou circunflexo, estão subordinados ás seguintes regras prosódicas que sujeitam ainda a duvidas.

1.º Si no feminino a letra o for fechada, será também fechada no plural: móço, móça, móços, móças.

2.º Si no feminino a letra o não for fechada, também o será no plural: porco, pórca, pórcos, pórcas. Exceptuam-se sogro, no feminino sógra e no plural sógros, sógras.

3.º Si o substantivo não tiver feminino, a letra o se aberta no plural: gozo, gózos; corpo, cárpos.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos grammaticos. Parece-nos, porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo sómente o defeito de serem muito extensas:

Quando o o fechado no singular é seguido das letras b, c, ç, d, f, gr, j, l, lh, m, n, p, rd, rm, ro, rr, rs, rt, rv, st, t, x, ou ch, com o som de x, e z, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: globo, globos; soco, socos; almoço, almoços; lodo, lodos; fofo, fofos; sogro, sogros; nojo, nojos; bolso, bolsos; piolho, piolhos; tomo, tomos; dono, donos; escopo, escopos; acordo, acordos; mormo, mormos; choro, choros; morro, morros; dorso, dorsos; conforto, confortos; sorvo, sorvos; encosto, encostos; gafanhoto, gafanhotos; roxo, roxos; mocho, mochos; rapozo, rapozos.

Exceptuam-se: 1.º quando o e é seguido de o mas precedido de tr, abre-se no plural: troco, trócos; 2.º quando o o é seguido de ç, mas precedido de p, ou tr, fica aberto no plural: poços, pácos; destroço, destrócos; 3.º miolo e tijolo fazem no plural — miólos e tijólos — porque não têm consoante alguma que preceda imediatamente o o. Pela mesma razão: — olho faz óhos.

4.º Exceptuam-se tambem — córo e fôro que fazem córos e fóros; socorro e forro que fazem — socorrros e fórros.

5.º Porto — faz no plural — pôrtos.

6.º Composto, imposto e preposto — fazem: compóstos, impóstos e prepóstos; — e como estes, todos os formados do verbo pôr.

Quando a vogal o fechado vem antes de g, rn, rp, so, ss, v, no plural transforma-se em ó aberto.

Antes de g: — fogo, fágos; — exceptuam-se: — desafogo e pedagogo.

Antes de rn: — adorno, adórnos.

Antes de rp: — corpo, cárpos.

Antes de so: — goso, amoroso, gósos, amorósos e todos os terminados em oso.

Antes de ss: — osso, óssos — exceptuam-se: — endosso, enossos; porque — endosso — é composto do vocabulo — dorso (o antes de rs), e — ensosso, — é composto de in e salso que, mudando a em o, l em s produz as sillabas — sossa — as quaes não vêm do substantivo — osso.

Antes de v: — ovo, óvos; povo, pôvos.

Alguns substantivos não são usados no singular: alvícaras, algemas, matinas, nupcias, trevas, cocegas, oculos, etc.

Outros não se usam no plural:

1.º os nomes proprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe, applicando-se a dois ou mais individuos da mesma familia ou indicando individuos que têm as mesmas qualidades d'aquelles com quem são comparados.

Fr. Luiz de Souza: *Logo mal escreveram os JERONYMOS, os AMBROSIOS, os AGOSTINHOS.*

Luiz de Camões:

*Dá a terra lusitana SCIPIÕES.*

*CESARES, ALEXANDROS, dá AUGUSTOS.*

Vieira: *Onde estão os PEDROS, onde estão os ANDRÉS, onde estão os JACOBOS, onde estão os FELIPPES e os BARTHOLOMEUS?*

Latino Coelho: *Portugal... não teve NEWTONS, nem PLATÕES.*

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos empregados abstractamente: *filologia pintura, caridade, embriaguez, norte.*

3.º os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro, hidrogenio.*

4.º os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite, azeite, cera, borracha.*

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Muitos desses substantivos que não soffrem flexão de plural, são usados no plural por escriptores de nota:

*Quanto se deve a homens que padecem FOMES, SEDES, FRIOS, CALMAS ardentissimas.* ( Jeronymo Osorio ).

*Assim como eram dois os calices, assim eram tambem duas as SEDES.* ( P. Antonio Vieira ).

*Tirarão os calices e vasos sagrados e applica-los-ão a suas nefandas EMBRIAGUEZES.* ( Idem ).

*Entre as POBREZAS e DESEMPAROS, entre os ASCOS e as MISERIAS* ( Idem ).

*Sendo homem de duas fés.* ( Idem ).

*E Deus que nunca soffreu ALTIVEZES.* ( Idem ).  
*Das FOMES, das perigos grandes.* ( Camões ).

Ruy de Pina empregou: *açucares, meles, manteigas; e Castanheda arrozes, azeites, vinhos.*

Ha substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação: *Bem* ( amizade ) e *bens* ( fortuna ); *honra* ( qualidade do homem puro ) e *honras* ( dignidades ); *liberdade* ( qualidade do ser livre ) e *liberdades* ( atrevimento ); *letra* ( signal alfabetico ) e *letras* ( literatura, sciencia ); *avô* ( pai do pai ou da mãe ) e *avós* ( antepassados ); *amor* ( amor serio, profundo ) e *amores* ( amoricos ).

*Alguns ministros de sua majestade não vêm cá buscar nosso BEM, vêm cá buscar nossos BENS.* ( A Vieira )

*Deixando as armas e as armaduras, a LIBERDADE e as LIBERDADES da vida, se vestiu de um habito religioso.* ( Idem ).

*Cuidei que fossem AMORES*

*Elles fizeram-se AMOR.*

Camões.

Os substantivos compósitos — separados na escrita por um traço — formam o plural de modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjectivos, ou de um substantivo e um adjectivo, ambos tomam a forma do plural: *mestre-escola, mestres-escolas; gentil-homem, gentis-homens; capitão-mór, capitães-móres; lusco-fusco, luscos-fuscos.* Exceptua-se o caso de já haver desaparecido o traço de separação, porque farão o plural como substantivos simples: *madresilva, varapáu, aguapé, vangloria*, que fazem: *madresilvas, varapáus, aguapés, vanglorias*; ou quando o segundo elemento encerra idéia de finalidade, porque

sómente o primeiro termo tomará a flexão de plural: *café-concerto, cafés-concerto* (para concerto); *escola-modelo, escolas-modelo; guarda-marinha, guardas-marinha*.

*Padre-nosso* faz *Padre-nossos* ou *Padres-nossos*; *salvo-conducto* faz *salvo-conductos* ou *salvos-conductos*.

Nos compósitos de verbo e substantivo, ou de palavra invariável e substantivo, ou adjetivo, sómente o último termo toma a forma do plural: *guarda-vestido, guarda-vestidos; sobre-mesa, sobre-mesas; mal-dito, mal-ditos; todo-poderoso, todo-poderosos*.

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão de plural como si fossem substantivos simples: *vai-vens; mal-me-quer, mal-me-queres; bem-te-vi, bem-te-vis; sangue-suga, sangue-sugas*.

Nos compósitos de dois verbos repetidos, ambos tomam a forma de plural: *ruge-ruge, ruges-ruges; corre-corre, corres-corres*.

Os compósitos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra, cabos-de-esquadra; pão-de-ló, pães-de-ló*.

Nos compósitos em que o primeiro termo é um substantivo contracto, esta fica invariável: *fisico-matematicas; grão-mestre, grão-mestres*.

### III

#### FLEXÃO DE GRÁU

Os substantivos, além da flexão de gênero e de número, podem também mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos. Dá-se a esta flexão o nome de *gradativa*.

**Gráu** é a maior ou menor intensidade que pode ter a significação das palavras.

A noção de gráu se applica a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a esta noção.

Deste modo quem negará que nos sinônimos não se observa este fenômeno?

Por acaso não terá significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer se observamos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus*, etc.

Nos pronomes, as formas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, podem ser susceptíveis de gráu.

Assim, exprimindo a frequência ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar, palpitar* e *tutucar* originados de *saltar, palpar* e *tocar*.

Este processo é usado pelos indígenas: *muré, flauta, murémuré, flauta grande; ará, arára*.

Muitas vezes encontramos as formas do gerúndio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão à frase, o que também acontece no Gallego e Espanhol: Estar *dormindinho*

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar forma diminutiva: *cedinho, devagarinho, depressinha, tantinho*.

No estilo familiar é uso repetir a palavra para aumentar a força da expressão: Estou *muito muito* satisfeito.

Os gráus são dois: *augmentativo* e *diminutivo*.

O estado normal da palavra se chama *positivo*.

**Augmentativo** é o que exprime o exagero, a maior intensidade da significação do substantivo: *caixão*.

**Diminutivo** é o que exprime a attenuação, a menor intensidade da significação do substantivo: *caixinha*.

O gráu augmentativo e o diminutivo podem ser *análíticos* e *sintéticos*.

**Analítico** é o representado por duas palavras.

Neste caso as palavras empregadas são; *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo; *casa grande*, *casa pequena*.

**Sintetico** é o formado por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na Lingua.

Para formar o augmentativo sintetico, devemos observar;

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem esta vogal e soffrem o acrecimo dos suffixos: *ão*, *aco*, *az*, *azio*, *alha*, *astro*, *orio*; *casaco*, *casacão*; *mestre*, *mestraço*; *ladrão*, *ladlavaz*; *copo*, *copazio*; *muro*, *muralha*; *poeta*, *poetastro*; *sabido*, *sabidorio*.

2.º Os que terminam em consoante, soffrem, sem mais alteração, o acrecimo do suffixo: *mulher*, *mulherão* ou *mulherça*, etc.

Muitos substantivos fórmam o augmentativo de modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão*; de *boca*, *boqueirão*; de *espada*, *espadagão*; de *cão*, *canzarrão*; de *nariz*, *narigão*; de *tolo*, *toleirão*; de *santo*, *santa-rão*; de *homem*, *homenzarrão*.

A Lingua portugueza possue certas palavras que exprimem aumento, represen'tadas por palavras no positivo: *cansaço*, *comilão*, *dizidor*, *estirão*, *fujão*.

Para formar o diminutivo sintetico devemos observar:

1.º Si o nome terminar em vogal, perde a vogal e soffre o aumento do suffixo diminutivo; ou, depois de se acrescentar a letra *z*, junta-se, sem alteração alguma, esse suffixo: *filho*, *filhinho*; *cão*, *cãozinho*.

2.º Si terminar por consoante, junta-se o suffixo, ou se acrescenta primeiro a letra *z* e junta-se depois o suffixo: *colhér*, *colhérinha*, *colhérzinha*.

3.º Si o nome estiver no plural, perde a letra — *s* — final antes de acrescentar o suffixo diminutivo; *grão*, *grâo-*  
*zito*, *grâos*, *grâozitos*; *mã*, *mãizinha*, *mãis*, *mãizinhas*; *arvore*, *arvorezinha*, *arvores*, *arvarezinhas*; *cão*, *cãozinho*, *cões*, *cãozinhos*.

Os suffixos diminutivos são:

**acho:** *rio*, *riacho*; **culo:** *animal*, *animalculo*; **ebre:** *cdsa*, *casebre*; **eco:** *livro*, *livreco*; **ejo:** *lugar*, *lugarejo*; **el:** *corda*, *cordel*; **elha:** *aza*, *azelha*; **ela:** *via*, *viela*; **ete:** *sabão*, *sabonete*; **eto:** *côro*, *côreto*; **ica:** *flôr*, *flôrica*; **ico:** *abano*, *abanico*; **eto:** *manta*, *mantilha*; **im:** *flauta*, *flautim*; **inho:** *bolo*, *bolinho*; **isco:** *chuva*, *chuvisco*; **ito:** *pé*, *pezito*; **ola:** *saco*, *sacola*; **olo:** *bolo*, *bolinholo*; **ote:** *rapaz*, *rapazote*; **UCHO:** *papel*, *papeluclo*; **ulo:** *globo*, *glóbulo*.

Os augmentativos são muitas vezes tomados em máu sentido, á má parte, são empregados por ironia, exprimindo desprezo: *sabichão*, indica homem ignorante; *valentão*, homem medroso.

Este gráu tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor: *paizinho*, *mulherzinha*.

O diminutivo tambem pôde ser formado pela repetição de uma sillaba do substantivo: *Zézé*, formado de *José*; *Lolota*, de *Carlota*; *Lulú* de *Luiz*.

Estes diminutivos são chamados **hipocaristicos**.

O suffixo augmentativo — *ão* — exprime, ás vezes, idéia de diminuição: *cordão*, augmentativo de *corda*, exprime objecto de menores dimensões; o mesmo se observa entre *limão* e *lima*; *calção* não é *calça grande*, mas *calça pequena* que vai até ao joelho; *florão* não é *flôr grande* mas certo ornato de arquitectura; *palavrão* significa uma palavra obscena; *garrafão* não é *garrafa grande* mas utensilio

proprio para receber certos líquidos. O suffixo — *inho* — forma palavra do mesmo genero que a primitiva: *casa*, *cacinha*, *bolo*; *bolinho*; o suffixo — *ão* —, entretanto, forma palavra de genero differente: *casa*, *casarão*; *mulher*, *mulherão*; *vaga*, *vagalhão*; *parede*, *paredão*.

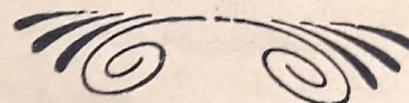
O augmentativo pôde ser empregado na forma diminutiva: *portãozinho*, *facãozinho*.

São de grande interesse as seguintes observações de João Ribeiro:

1.<sup>a</sup> Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga*; o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.<sup>a</sup> O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino: *um mulherão*, *um carão*; o mesmo pôde succeder aos diminutivos: *um espadim*, *um flautim*.

3.<sup>a</sup> Os diminutivos dos nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias fases da vida do animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vaca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes.



### III

## Adjectivo

### I

#### FLEXÕES DE GENERO E DE NUMERO

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, se applicam, aliás com poucas exceções, ou ampliações aos adjectivos.

Os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas formas.

Dentre as regras para a formação generica do adjectivo destacam-se:

Os adjectivos que terminam em *o*, mudam-no para *a*: *justo*, *justa*, *cujo*, *cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo*, *nóva*; *generoso*, *generosa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo*, significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*; significando *tolo*, *palerma*, *nescio*, faz o feminino *parvoa*. *Alguma PARVOA tenção*, escreveu Camões. *As eloquencias PARVOAS e semsabores*, disse Herculano. A *superficialidade PARVOA*, *descortez*, *cinica e petulante*, empregou Castilho.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru*, *crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda-se este ditongo em *ea*: *europeu*,

europea; plebeu, plebêa; ateu, atea. Exceptuam-se: meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhâa; tabaréu, tabarâa.

Os que terminam em *ez*, *or*, *ol* e *um* acrescentam a: portuguez, portugueza; conhecedor, conhecedora; espanhol, espanhola; *um*, *uma*; *algum*, *alguma*. Exceptuam-se: *cortez*, *montez*, *pedrez*, *soez*, *bicolor*, *incolor*, *multicor*, *semsabor*, *tricolor*, e os comparativos em *or*: *superior*, *exterior*, etc.; *reinol*, *cabrum*, *commum*, *ovelhum*, *vacum*, que são uniformes. *Commum* antigamente fazia *commua*.

E' preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm três fórmas para o feminino: *director*, *directora*; *enredador*, *enredadeira*; *gerador*, *geratriz*. Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *ã*, ou para *ona*: *cristão*, *cristã*; *valentão*, *valentona*. *Beirão* faz *beirâa*.

Afastam-se destas regras: *bom*, *bôa*; *dois*, *duas*; *máu*, *má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *a* e *e*: *janota*, *idiota*, *pobre*, *prudente*. Exceptuam-se: *este*, *esta*; *esse*, *essa*; *aquelle*, *aquella*.

2.º Os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel*, *amavel*; em *il*: *util*, *subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *emolér*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*: *ruim*, *jovem*; em *s*: *simples*.

Antigamente não tinham terminação feminina os adjetivos e substantivos terminados em *or*: *Huma FREMOSA PASTOR*. *SENHOR FREMOSA* ( Canc. de D. Diniz ). *ARTE IMITADOR da natureza*. *Princesa, filha de David*, *DIVINA CAÇADOR*. ( Arrais ) *Quanto mais que sou A DEVEDOR*. ( Jorge de Albuquerque ). *MARIA, MORADOR em Lisbôa*. ( Fernão Lopes ). *NICONTRATA, madre de Evandro*. foi *INVENTOR de 17 letras do abecedario*. *VARA de disciplina*, *DESTRUIDOR dos males*, *DEFENSOR da pureza*. *LETTRAS CONSERVADORES de todas as bôas obras*. ( João de Barros ).

Até o século XVI os adjetivos terminados em *ol* eram uniformes: *LETTRAS ESPANHOES*. ( Duarte Nunes Leão ). O mesmo acontecia com os terminados em *ez* e *iz*: *SENHORA*, pois de tão longe vos acolhemos por JUIZ. ( Francisco de Moraes ). Acabou-se o confissionario em *LINGUAGEM PORTUGUEZ*. ( Garcia de Rezende ). *MOEDAS FRANCEZES*. ( Ineditos da Historia Portugueza ). *Capitão de GENTE PORTUGUEZ*. ( Sá de Miranda ). *Livro de orações em LINGUAGEM PORTUGUEZ*. ( João de Barros ). *A nossa PORTUGUEZ casta LINGUAGEM*. ( Diniz ). *A NAÇÃO PORTUGUEZ é tão descuidada de si*. ( J. de Barros ).

Os adjetivos formam o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjetivos contraídos, por apócope, como *são*, contraído de *santo*; *grão*, ou *gran* contraído de *grande*, não têm fórmula de plural, nem de feminino.

A fórmula contraída são se emprega antes dos nomes que começam por consoante: *São José*, com exceção de *Santo Deus*, *Santo Tirso*, *Santo Christo*, *Santo Thomaz*. A fórmula completa *Santo* se usa antes dos nomes que começam por vogal: *Santo Antonio*.

Qualquer só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente: *quaesquer*.

## II

### FLEXÃO DE GRÂU

Herdamos do Latim os dois *gráus* de significação a que estão sujeitos os adjetivos qualificativos.

Os gráus são: **comparativo** e **superlativo**.

O **positivo** exprime só e simplesmente a qualidade: *Maria é BELLA*.

O **gráu comparativo** exprime a qualidade em *igual*, *maior*, ou *menor* gráu relativamente á qualidade de outro substantivo.

Os comparativos são tres:

De igualdade: O mar é TÃO BELLO como o céu.

De superioridade: O mar é MAIS BELLO que o céu.

De inferioridade: O mar é MENOS BELLO que o céu.

O gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente à qualidade de outro substantivo. E' o superlativo relativo: O MAIS RICO dos homens não é o MAIS FELIZ. O orgulhoso é o MENOS FELIZ na sociedade.

O gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. E' o superlativo absoluto: Homem MUITO ALTO, ou ALTISSIMO.

O gráu comparativo se subdivide em comparativo de igualdade, de superioridade e de inferioridade, e o superlativo se subdivide em absoluto e relativo.

Póde-se formar o comparativo de dois modos:

1.º Analiticamente, juntando-se ao positivo os adverbios tão, tanto (igualdade), mais (superioridade), menos (inferioridade).

A tão e tanto correspondem as fórmas como e quanto: A luz é TÃO PRECiosa COMO ou QUANTO a agua.

A mais e menos corresponde que ou do que: Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante.

A rosa é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a violeta.

2.º Sinteticamente, por meio do suffixo or.

Só possuimos em Portuguez os seguintes comparativos sintéticos: bom, comp. melhor; máu, comp. peor; grande,

comp. maior; pequeno, comp. menor; alto, comp. superior; baixo, comp. inferior.

Junior, senior, major, prior, exterior, posterior, anterior, embora pela sua origem possam ser incluidos nesta classe, são considerados como substantivos ou adjetivos positivos.

O Portuguez possue tambem fórmas de comparativo sintetico que exprimem idéia de superioridade ou inferioridade mas representadas por adjetivo positivo: maiusculo que corresponde, no Latin, a grandiusculus e minusculo, dos quaes formamos tambem — maiorzinho e menorzinho — e o substantivo — mindinho.

O superlativo pôde ser absoluto e relativo.

Si fôr expresso por uma só palavra é sintetico: justissimo; si fôr expresso por mais de uma, é analitico: muito justo.

O superlativo absoluto sintetico se forma da seguinte maneira:

1.º Si o adjetivo terminar em consoante, soffre o acrescimo da terminação imo ou issimo: facil, facilimo ou facilissimo.

2.º Si o adjetivo terminar em vogal, perda esta vogal antes de soffrer o acrescimo da terminação: excelente, excellentissimo; bello, bellissimo.

Alguns adjetivos soffrem modificações antes de aceitar esse acrescimo.

Os que terminam em vel, mudam esta terminação para bil, sua antiga terminação: agradavel, agradabilissimo; notavel, notabilissimo.

Os que terminam em ão ou m, mudam-na para n: chão, chanissimo; commum, communissimo.

Os que terminam em z, mudam-na para c: feroz, fericissimo.

Os que terminam em co, mudam-na para qu: rico, riquissimo; ou deixam cair a vogal: parco, parcissimo..

Os que terminam em *go*, mudam esta terminação para  
ou: *vago*, *vaguissimo*.

Possue a Língua portuguesa superlativos absolutos sintéticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

Bom,	comp.	<i>melhor</i> ,	sup.	<i>optimo</i> .
<i>Mdu</i> ,	>	<i>peor</i> ,	>	<i>pessimo</i> .
<i>Grande</i> ,	>	<i>maior</i> ,	>	<i>maximo</i> .
<i>Pequeno</i> ,	>	<i>menor</i> ,	>	<i>minimo</i> .
<i>Alto</i> ,	>	<i>superior</i> ,	>	<i>summo ou supremo</i> .
<i>Baixo</i> ,	>	<i>inferior</i> ,	>	<i>infimo</i> .

Ha, entretanto, algumas fórmas regulares, usadas pelo povo: *bonissimo*, *malissimo*, *grandessissimo*, *pequenissimo*.

Em segundo lugar:

<i>acre</i>	sup.	<i>acerrimo</i>	<i>livre</i>	sup.	<i>liberrimo</i>
<i>amigo</i>	>	<i>amicissimo</i>	<i>magnifico</i>	>	<i>magnificentissimo</i>
<i>antigo</i>	>	<i>antiquissimo</i>	<i>misero</i>	>	<i>miserrimo</i>
<i>aspero</i>	>	<i>asperrimo</i>	<i>nobre</i>	>	<i>nobilissimo</i>
<i>celebre</i>	>	<i>celeberrimo</i>	<i>pobre</i>	>	<i>pauperrimo</i>
<i>christão</i>	>	<i>christianissimo</i>	<i>sabio</i>	>	<i>sapientissimo</i>
<i>cruel</i>	>	<i>crudelissimo</i>	<i>sagrado</i>	>	<i>sacratissimo</i>
<i>doce</i>	>	<i>dulcissimo</i>	<i>salubre</i>	>	<i>saluberrimo</i>
<i>fiel</i>	>	<i>fidelissimo</i>	<i>similhante</i>	>	<i>similimo</i>
<i>frio</i>	>	<i>frigidissimo</i>			
<i>geral</i>	>	<i>generalissimo</i>			
<i>humilde</i>	>	<i>humilimo</i>			
<i>integro</i>	>	<i>integerrimo</i>			

Muitos destes superlativos têm, além desta fórmula, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *cruelissimo* e

*crudelissimo*; *friissimo* e *frigidissimo*; *integrissimo* e *integerrimo*; *asperissimo* e *asperrimo*; *bonissimo* e *optimo*; *pequenissimo* e *minimo*.

Os primeiros são superlativos populares e os segundos, eruditos.

*Miseravelissimo* foi usado por Fr. Laiz de Souza; *pobrissimo* por Herculano e M. Bernardes; *grandessissimo* por A. Herculano; *facilissimo* por Amador Arrais; *dificilissimo* por Hector Pinto; *principalissimo* por Herculano; *cruelissimo* por Garrett e Camillo.

Há também superlativos cujos positivos não se empregam: *minacissimo*, positivo *minaz*; *belacissimo*, positivo *belaz*; *uberrimo*, positivo *ubere*.

O superlativo *absoluto analítico* se forma antepondo-se ao adjetivo positivo os adverbios *mui*, *muito*, *nada*, *pouco*, ou os adverbios *em mente*, ou os adverbios *assás* e *demasiado*: *João é MUI, MUITO, ASSÁS, GRANDEMENTE, NADA, POUCO sabio*.

O superlativo *relativo sintético* se forma com os comparativos sintéticos precedidos do artigo e seguidos da preposição *de*: *O MELHOR DOS agouros é combater pela patria*.

O superlativo *relativo analítico* se forma antepondo-se as palavras *o mais*, ou *o menos* e suas variações ao positivo: *A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes. O ar é O MENOS PESADO dos elementos*.

Alguns adjetivos qualificativos não têm gráu: *jovem longinquo*, *adolescente*, *immortal*, *repentino*, *angular*, *redondo*, *principal*, *celeste*, *ferreo*, *terrestre*, *nefando*, *maritimo*, etc.

## Pronomes Pessoas

Além das flexões de gênero e de número que têm os pronomes pessoais como o adjetivo, apresentam mais a

### DECLINAÇÃO

#### Singular

	1. <sup>a</sup> pessoa	2. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa (reflexa)
Nominativo .....	eu	tu	elle, ella	.
Dativo .....	mim	ti	lhe	si
Acusativo .....	me	te	o, a	se
Ablativo .....	comigo	comtigo	.	comsigo

#### Plural

	nós	vós	elles, ellias	.
Dativo .....	nos	vos	lhes	si
Acusativo .....	nos	vos	os, as	se
Ablativo .....	comnosco	comvosco	.	comsigo

## Verbo

O verbo admite variações de pessoa, número, tempo e modo.

**Pessoa** e **número** do verbo são as formas que elle toma para indicar a pessoa e o numero do sujeito.

As pessoas são tres, representadas pelos pronomes: *eu*, *tu*, *elle* ou *ella*, para o numero singular; *nós*, *vós*, *elles*, ou *ellas*, para o numero plural.

As pessoas podem tambem ser conhecidas pelas terminações das fórmulas verbais, com exclusão dos pronomes pessoais.

**Tempo** é a forma que o verbo toma para indicar a época do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **presente**, **preterito** ou **passado**, **futuro**.

O **presente** indica que a ação é actual: *amo*.

O **preterito** indica indeterminadamente que a ação foi realizada: *amei*.

Este tempo é chamado tambem **aoristo**.

O futuro indica que a acção ainda se vai realizar:  
*amarei.*

Além destes há mais:

O preterito imperfeito que indica a acção passada contemporânea de outra passada: *ESTUDAVA quando chegaste.*

O preterito perfeito composto, ou simplesmente preterito perfeito que indica que a acção passada é repetida, ainda continua: *tenho amado.*

O preterito mais que perfeito que indica que a acção é passada relativamente a outra já passada: *amára ou tinha amado.*

O futuro anterior que indica que a acção há de realizar-se relativamente a outro tempo: *terei amado.*

Os tempos pôdem ser:

Simples, os expressos por um só verbo: *amo.*

Compósitos, os expressos por mais de um verbo: *terei amado.*

Auxiliar é o verbo que com outro formam os tempos compósitos, como: *ser, ter e haver.*

O verbo *ser* forma a voz passiva com o participio passado dos verbos: *sou amado.*

Os verbos *ter* e *haver* formam tres tempos: *preterito perfeito, futuro e condicional.*

O preterito perfeito é formado com estes verbos no tempo presente e o participio passado do verbo auxiliado: *hei amado; tenho amado.*

O preterito mais que perfeito é formado com estes verbos no imperfeito ou no mais que perfeito simples e o participio passado do verbo auxiliado: *tinha ou tivera amado.*

O futuro é formado com estes verbos no presente, conjugados com o verbo auxiliado no infinitivo impessoal, regido da preposição *de*: *tenho de amar, hei de amar;* ou com o futuro simples do auxiliar e o participio passado do verbo auxiliado: *terei amado, haverei amado, tiver amado.*

O condicional é formado com estes verbos no condicional, conjugados com o verbo auxiliado no participio passado: *teria amado.*

Modo é a fórmula que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo, imperativo e subjuntivo**, chamados *finitivos*.

O **indicativo** enuncia, indica um facto positivo: *amo.*

O **imperativo** enuncia um facto pedido ou ordenado: *ama, estudai.*

O **subjuntivo** enuncia um facto dependente de uma contingencia para que se realize: *amassee.*

O subjuntivo toma o nome de *opatativo*, quando exprime um desejo, uma permissão: *QUEIRA Deus que tal aconteça. A felicidade te ACOMPANHE. QUIZESSEM os céus me ajudar!*

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** indica apenas um tempo futuro dependente de uma condição. E', como diz Adolpho Coelho, um *imperfeito* formado por derivação impropria, ou um *futuro passado*, na expressão de Meyer-Lubke. Há quem o denomine tambem de *futuro relativo*.

O **infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo, ou adjectivo, é uma simples fórmula nominal. Indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **participio presente** tem valor de adjetivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje valor de substantivos: *levante* (*levar*); *tenente* (*ter*); *poente* (*poer*). Não pertence mais á conjugação. Há verbos que não possuem participios presentes: *vestir*, *dar*, etc.

O **participio passado** é tambem um derivado verbal que equivale a um adjetivo.

Serve para formar as linguagens compóstas e exprime a acção acabada, o acto realizado: *amado*.

Termina em *do*. Há algumas excepções: *vêr*, cujo participio passado é: *visto*; *pôr*, cujo participio passado é: *posto*, etc.

O **participio do futuro** é simples adjetivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*: *furiundo*; em *endo*: *reverendo*; em *ando*: *doutourando*, *venerando*.

Desapareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com função de nome.

O **gerundio** termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*: *amando*, *lendo*, *vestindo*, *pondo*.

#### QUADRO DOS TEMPOS

##### MODO INDICATIVO

###### *Tempos simples*

Presente — *Amo*.  
Pret. imperf. — *Amava*.  
Pret. aoristo — *Amei*.  
Pret. mais que perfeito — *Amara*.  
Futuro — *Amarei*.  
Condicional — *Amaria*.

###### *Tempos compósitos*

Preterito perfeito — *Tenho amado*.  
Pret. mais que perfeito — *Tinha amado*.  
Futuro — *Terei amado*.  
Condicional — *Teria amado*

##### MODO IMPERATIVO

Presente ou Futuro — *Ama tu*.

##### MODO SUBJUNTIVO

###### *Tempos simples*

Presente — *Ame*.  
Pret. imperfeito — *Amasse*.  
Futuro — *Amar*.

###### *Tempos compósitos*

Pret. perfeito — *Tenha amado*.  
Pret. mais que perfeito — *Tivesse amado*.  
Futuro — *Tiver amado*.

Conjugar um verbo é faze-lo passar por todas as formas que modificam a idéa contida no tema, relativamente á existencia, ao sujeito, á acção, ao tempo (*Guardia* e *Wierzeyski*).

Conjugação é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.<sup>a</sup> conjugação termina em *ar*; a 2.<sup>a</sup> em *er*; a 3.<sup>a</sup> em *ir*; a 4.<sup>a</sup> em *or*.

A 4.<sup>a</sup> conjugação é de uso pratico; é forma contracta da 2.<sup>a</sup> conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*poer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em regulares e irregulares.

Regular é o verbo que segue a norma da conjugação a que pertence: *amar*.

Irregular é o verbo que se afasta da norma da conjugação a que pertence: *pedir*.

##### INFINITIVO

###### *Tempo simples*

Pres. impessoal — *Amar*.  
Pres. pessoal — *Amar eu*.  
Gerundio — *Amando*.

###### *Tempos compostos*

Pret. impes. — *Ter amado*.  
Pret. pessoal — *Ter eu amado*.  
Gerundio — *Tendo amado*.

Bline Cello  
4.7.954

## TERMINAÇÕES DOS VERBOS

### TEMPOS SIMPLES

1.<sup>a</sup> conj.

2.<sup>a</sup> conj.

3.<sup>a</sup> conj.

#### Indicativo

Presente

<b>o</b>	<b>o</b>	<b>o</b>
as	es	es
a	e	e
amos	emos	imos
aís	eis	is
am	em	era

Imperfeito

<b>ava</b>	<b>ia</b>	<b>ia</b>
avas	ias	ias
ava	ia	ia
ávamos	iámos	iámos
aveis	ieis	iámos
avam	iam	iam

Aoristo

<b>ei</b>	<b>i</b>	<b>i</b>
aste	este	iste
ou	eu	iu
ámos	emos	imos
astes	estes	istes
aram	eram	iram

Mais que per-  
feito

Futuro (\*)

Condicional

ába  
ábas  
ára  
áramos  
áreis  
áram

éi  
ás  
á  
emos  
eis  
ão

ia  
ias  
ia  
iamos  
ieis  
iam

éra  
éras  
éra  
éramos  
éreis  
éram

el  
ás  
á  
emos  
eis  
ão

ia  
ias  
ia  
iamos  
ieis  
iam

ira  
iras  
ira  
íramos  
ireis  
íram

ei  
ás  
á  
emos  
eis  
ão

ia  
ias  
ia  
iamos  
ieis  
iam

íra  
íras  
íra  
íramos  
íreis  
íram

el  
ás  
á  
emos  
eis  
ão

ia  
ias  
ia  
iamos  
ieis  
iam

íra  
íras  
íra  
íramos  
íreis  
íram

ei  
ás  
á  
emos  
eis  
ão

ia  
ias  
ia  
iamos  
ieis  
iam

#### Imperativo

Presente ou  
Futuro

{ a  
ai

{ e  
ei

{ e  
i

#### Subjuntivo

Presente

{ e  
es  
e  
emos  
eis  
em

{ a  
as  
a  
âmos  
ais  
am

{ a  
as  
a  
âmos  
ais  
am

Preterito imper-  
feito

{ asse  
asses  
asse  
âssemos  
âsseis  
assem

{ esse  
esses  
esse  
essemos  
esseis  
essem

{ isse  
isses  
isse  
issemos  
isseis  
issem

(\*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações ao infinitivo presente impessoal.

*Futuro*

<i>ar</i>	<i>er</i>	<i>ir</i>
ares	eres	ires
ar	er	ir
armos	ermos	irmos
ardes	erdes	irdes
arem	erem	irem

**Infinitivo***Presente im-  
pessoal*

<i>ar</i>	<i>er</i>	<i>ir</i>
ares	eres	ires
ar	er	ir
armos	ermos	irmos
ardes	erdes	irdes
arem	erem	irem

*Gerundio*

<i>ando</i>	<i>endo</i>	<i>indo</i>
ado	ido	ido

**CONJUGAÇÃO REGULAR****TEMPOS SIMPLES***1.<sup>a</sup> conj.**2.<sup>a</sup> conj.**3.<sup>a</sup> conj.***Modo indicativo***Presente*

Eu amo  
Tu amas  
Elle ama  
Nós amamos  
Vós amais  
Elles amam

Como  
Comes  
Come  
Comemos  
Comeis  
Comem

Parto  
Partes  
Parte  
Partimos  
Partis  
Partem

*Preterito imperfeito*

Eu amava  
Tu amavas  
Elle amava  
Nós amavamos  
Vós amaveis  
Elles amavam

*Preterito aoristo*

Eu amei  
Tu amaste  
Elle amou  
Nós amámos  
Vós amastes  
Elles amaram

*Preterito mais que perfeito*

Eu amara  
Tu amaras  
Elle amara  
Nós amaramos  
Vós amareis  
Elles amaram

*Futuro*

Eu amarei  
Tu amarás  
Elle amará  
Nós amaremos  
Vós amareis  
Elles amarão

*Condicional*

Eu amaria  
Tu amarias  
Elle amaria  
Nós amariamos  
Vós amarieis  
Elles amariam

Partia  
Partias  
Partia  
Partiamos  
Partiamos  
Partieis  
Partiam

Parti  
Partiste  
Partiu  
Partimos  
Partistes  
Partiram

Partira  
Partiras  
Partira  
Partiramos  
Partireis  
Partiram

Partirei  
Partirás  
Partirá  
Partiremos  
Partireis  
Partirão

Partiria  
Partirias  
Partiria  
Partiriamos  
Partirieis  
Partiriam

Ama tu  
Amai vós

**Modo imperativo**

Come tu	Parte tu
Comei vós	Parti vós

**Modo subjuntivo***Presente*

Coma	Parta
Comas	Partas
Coma	Parta
Comâmos	Partâmos
Comais	Partais
Comam	Partam

*Preterito imperfeito*

Comesse	Partisse
Comesses	Partisses
Comesse	Partisse
Comessemos	Partissemos
Comesseis	Partisseis
Comessem	Partissem

*Futuro*

Comer	Partir
Comeres	Partires
Comer	Partir
Comermos	Partirmos
Comerdeis	Partirdes
Comerem	Partirem

**Infinitivo***Presente impessoal*

Amar	Comer	Partir
------	-------	--------

*Presente pessoal*

Amar eu	Comer	Partir
Amares tu	Comeres	Partires
Amar elle	Comer	Partir
Amarmos nós	Comermos	Partirmos
Amardes vós	Comerdeis	Partirdes
Amarem elles	Comerem	Partirem

Amando

Amado

**Gerúndio**

Comendo	Partindo
Participio passado	
Comido	Partido

**4.ª CONJUGAÇÃO****PÓR****Modo indicativo***Presente*

Eu ponho	O
Tu pões	
Elle põe	
Nós pomos	
Vós pondes	O
Elles põem	

*Preterito imperfeito*

Punha	Puz
Punhas	Puzeste
Punha	Pôz
Púnhamos	Puzemos
Punheis	Puzeastes
Punham	Puzeram

*Aoristo*

Eu puzera	
Tu puzeras	
Elle puzera	
Nós puzéramos	
Vós puzereis	
Elles puzeram	

*Futuro*

Porei	Poria
Porás	Porias
Porá	Poria
Poremos	Poriamos
Poreis	Porieis
Porão	Poriam

*Condisional***Modo imperativo**

Põe tu

Ponde vós

**Modo subjuntivo***Presente*

Eu ponha	
Tu ponhas	
Elle ponha	
Nós ponhâmos	
Vós ponhais	
Elles ponham	

*Preterito imperfeito*

Puzésse	Puzér
Puzésses	Puzéres
Puzésse	Puzér
Puzéssemos	Puzérmos
Puzésseis	Puzérdes
Puzéssem	Puzérem

*Futuro*

### Infinitivo

*Presente pessoal*  
 Pôr eu  
 Pôres tu  
 Pôr elle  
 Pôrmos nós  
 Pôrdes vós  
 Pôrem elles

*Presente impessoal*  
 Pôr  
 Pondo  
 Pôsto

*Gerundio*

*P. passado*

## CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

TER

HAVER

SER

### Modo indicativo

#### Presente

Eu tenho	Hei	Sou
Tu tens	Hás	E's
Elle tem	Há	E'
Nós temos	Havemos	Somos
Vós tendes	Haveis	Sois
Elles têm	Hão	São

#### Preterito imperfeito

Eu tinha	Havia	Era
Tu tinhas	Havias	Eras
Elle tinha	Havia	Era
Nós tinhamos	Havíamos	Eramos
Vós tinheis	Haveis	Ereis
Elles tinham	Haviam	Eram

#### Preterito aoristo

Eu tive	Houve	Fui
Tu tiveste	Houveste	Foste
Elle teve	Houve	Foi
Nós tivemos	Houvemos	Fomos
Vós tivestes	Houvastes	Fostes
Elles tiveram	Houveram	Foram

### Mais que perfeito

Eu tivera	Houvera	Fôra
Tu tiveras	Houveras	Fôras
Elle tivera	Houvera	Fôra
Nós tivéramos	Houvéramos	Fôramos
Vós tivereis	Houvereis	Fôreis
Elles tiveram	Houveram	Fôram

### Futuro

Eu terei	Haverei	Serei
Tu terás	Haverás	Serás
Elle terá	Haverá	Será
Nós teremos	Haveremos	Seremos
Vós tereis	Havereis	Sereis
Elles terão	Haverão	Serão

### Condicional

Eu teria	Haveria	Seria
Tu terias	Haverias	Serias
Elle teria	Haveria	Seria
Nós teríamos	Haveríamos	Seríamos
Vós terieis	Haverieis	Serieis
Elles teriam	Haveriam	Seriam

### Modo imperativo

Tem tu	Há	Sê
Tende vós	Havei	Sêde

### Modo subjuntivo

Presente		
Eu tenha	Haja	Seja
Tu tenhas	Hajas	Sejas
Elle tenha	Haja	Seja
Nós tenhâmos	Hajâmos	Sejâmos
Vós tenhais	Hajais	Sejais
Elles tenham	Hajam	Sejam

*Preterito imperfeito*

Eu tivesse	Houvesse	Fôsse
Tu tivesses	Houvesses	Fôsses
Elle tivesse	Houvesse	Fôsse
Nós tivessimoſ	Houvesſemos	Fôſſemos
Vós tiveseis	Houvesſeis	Fôſſeis
Ellos tivessem	Houvesſems	Fôſſem

*Futuro*

Eu tiver	Houver	Fôr
Tu tiveres	Houveres	Fôres
Elle tiver	Houver	Fôr
Nós tivermos	Houvermos	Fôrmos
Vós tiverdes	Houverdes	Fôrdes
Elles tiverem	Houverem	Fôrem

*Infinitivo**Presente impessoal*

Haver

Ser

*Presente pessoal*

Haver

Ser

Haveres

Seres

Haver

Ser

Havermos

Sermos

Haverdes

Serdes

Haverem

Serem

*Gerundio*

Havendo

Sendo

*Participio passado*

Havido

Sido

**CONJUGAÇÃO COMPLETA**

( AUXILIAR TER )

**ESTUDAR****Modo indicativo***Presente*

Eu estudo  
Tu estudas  
Elle estuda  
Nós estudamos  
Vós estudais  
Elles estudam

*Preterito imperfeito*

Eu estudava  
Tu estudavas  
Elle estudava  
Nós estudavamoſ  
Vós estudaveis  
Elles estudavam

*Pret. aoristo*

Eu estudei  
Tu estudaste  
Elle estudou  
Nós esudámoſ  
Vós estudastes  
Elles estudaram

Eu tenho estudado  
Tu tens estudado  
Elle tem estudado  
Nós temos estudado  
Vós tendes estudado  
Elles têm estudado

*Preterito mais que perfeito*

Eu estudára  
Tu estudáras  
Elle estudára  
Nós estudáramos  
Vós estudáreis  
Elles estudáram

Eu tinha ou tivera estudado  
Tu tinhas ou tiveras estudado  
Elle tinha ou tivera estudado  
Nós tínhamos ou tiveramoſ estudado  
Vós tinheis ou tivereis estudado  
Elles tinham ou tiveram estudado

*Futuro*

Eu estudarei  
Tu estudarás  
Elle estudará  
Nós estudaremos  
Vós estudareis  
Elles estudarão

Eu terei estudado  
Tu terás estudado  
Elle terá estudado  
Nós teremoſ estudado  
Vós tereis estudado  
Elles terão estudado

*Condicional*

Eu estudaria	Eu teria estudado
Tu estudarias	Tu terias estudado
Elle estudaria	Elle teria estudado
Nós estudariamos	Nós teríamos estudado
Vós estudarieis	Vós terieis estudado
Elles estudariam	Elles teriam estudado

*Modo imperativo*

Estuda tu  
Estudai vós

*Subjuntivo*

*Presente*

Eu estude  
Tu estudes  
Elle estude  
Nós estudemos  
Vós estudeis  
Elles estudem

*Preterito perfeito*

Eu tenha estudado  
Tu tenhas estudado  
Elle tenha estudado  
Nós tenhâmos estudado  
Vós tenhais estudado  
Elles tenham estudado

Eu estudar  
Tu estudares  
Elle estudar  
Nós estudarmos  
Vós estudardes  
Elles estudarem

*Preterito imperfeito*

Eu estudasse  
Tu estudasses  
Elle estudasse  
Nós estudassemos  
Vós estudasseis  
Elles estudassem

*Pret. mais que perfeito*

Eu tivesse estudado  
Tu tivesses estudado  
Elle tivesse estudado  
Nós tivessemos estudado  
Vós tivesseis estudado  
Elles tivessem estudado

*Futuro*

Eu tiver estudado  
Tu tiveres estudado  
Elle tiver estudado  
Nós tivermos estudado  
Vós tiverdes estudado  
Elles tiverem estudado

*Infinitivo*

*Pres. impessoal*

*Estudar*

*Pres. pessoal*

Estudar eu  
Estudares tu  
Estudar elle  
Estudarmos nós  
Estudardes vós  
Estudarem elles

*Pret. impessoal*

*Ter estudado*

*Pret. pessoal*

Ter eu estudado  
Teres tu estudado  
Ter elle estudado  
Termos nós estudado  
Terdes vós estudado  
Terem elles estudado

*Gerundio*

*Estudando*

Tendo estudado

*Participio passado*

*Estudado*

**CONJUGAÇÃO DO VERBO PERIFRÁSTICO**

**IR CORRENDO**

**TEMPOS SIMPLES**

**Modo indicativo**

*Presente*

Eu vou correndo  
Tu vais correndo  
Elle vai correndo  
Nós vamos correndo  
Vós ides correndo  
Elles vão correndo

*Imperfeito*

Eu ia corerndo  
Tu ias correndo  
Elle ia correndo  
Nós iamos correndo  
Vós ieis correndo  
Elles iam correndo

*Pret. aoristo*

Eu fui correndo  
Tu foste correndo  
Elle foi correndo  
Nós fomos correndo  
Vós fostes correndo  
Elles fôram correndo

*Mais que perfeito*

Eu fôra correndo  
Tu fôras correndo  
Elle fôra correndo  
Nós fôramos correndo  
Vós fôreis correndo  
Elles fôram correndo

*Futuro*

Eu irei correndo  
Tu irás correndo  
Elle irá correndo  
Nós iremos correndo  
Vós ireis correndo  
Elles irão correndo

*Condicional*

Eu iria correndo  
Tu irias correndo  
Elle iria correndo  
Nós iríamos correndo  
Vós irieis correndo  
Elles iriam correndo

*Modo imperativo*

Vai tu correndo  
Ide vós correndo

*Modo subjuntivo**Presente*

Eu vá correndo  
Tu vás correndo  
Elle vá correndo  
Nós vâmos correndo  
Vós vades correndo  
Elles vão correndo

*Preterito imperfeito*

Eu fosse correndo  
Tu fosses correndo  
Elle fosse correndo  
Nós fossemos correndo  
Vós fosseis correndo  
Elles fossem correndo

*Futuro*

Eu fôr correndo  
Tu fôres correndo  
Elle fôr correndo  
Nós fôrmos correndo  
Vós fôrdes correndo  
Elles fôrem correndo

*Infinitivo**Pres. impessoal*

*Ir* correndo  
*Gerundio*  
*Indo* correndo  
*P. passado*  
*Ido* correndo

*Pres. pessoal*

*Ir eu* correndo  
*Ires tu* correndo  
*Ir elle* correndo  
*Irmos nós* correndo  
*Irdes vós* correndo  
*Irem elles* correndo

**CONJUGAÇÃO (Voz passiva)****SER AMADO****Modo indicativo***Presente*

Eu sou  
Tu és  
Elle ella é  
Nós somos  
Vós sois  
Elles, ellias são

*Aoristo*

Eu fui  
Tu foste  
Elle, ella foi  
Nós fomos  
Vós fostes  
Elles, ellias fôram

*Futuro*

Eu serei  
Tu serás  
Elle, ella será  
Nós seremos  
Vós sereis  
Elles, ellias serão

*Pret. imperfeito*

Eu era  
Tu eras  
Elle, ella era  
Nós eramos  
Vós ereis  
Elles, ellas eram

*Mais que perfeito*

Eu fôra  
Tu fôras  
Elle, ella fôra  
Nós fôramos  
Vós fôreis  
Elles, ellias fôram

*Condicional*

Eu seria  
Tu serias  
Elle, ella seria  
Nós seríamos  
Vós serieis  
Elles, ellias seriam

**Modo imperativo**

Sê tu amado ou amada  
Sêde vós amados ou amadas

**Modo subjuntivo***Presente*

Eu seja  
Tu sejas  
Elle, ella seja  
Nós sejamos  
Vós sejaís  
Elles, ellias sejam

*Pret. imperfeito*

Eu fosse  
Tu fosses  
Elle, ella fosse  
Nós fossemos  
Vós fosseis  
Elles, ellias fossem

*Pres. pessoal*

Ser eu	{ amado, a
Seres tu	
Ser elle, ella	
Sermos nós	
Serdeis vós	

*Future*

Eu fôr	{ amado, a
Tu fôres	
Elle, ella fôr	
Nós fôrmos	
Vós fôrdes	

*Infinitivo**Presente impessoal*

Ser amado, a

*Gerundio*

Sendo amado, a, os as

*P. passado*Amado  
Amados  
Amada  
Amadas

**NOTA** — Os tempos compósitos são formados á similaridade do verbo *estudar*: *tenho sido amado*, *terei sido amado*, *tiver sido amado*, etc. Basta empregar o verbo *ser* em sua conjugação completa juntando-lhe o participio passado do verbo principal.

**CONJUGAÇÃO DO VERBO PRONOMINAL**

## LEMBRAR-SE

**Tempos Simples****Modo indicativo***Presente*

Eu me lembro  
Tu te lembras  
Elle se lembra  
Nós nos lembramos  
Vós vos lembrais  
Elles se lembram

*Imperfeito*

Eu me lembrava  
Tu te lembravas  
Elle se lembrava  
Nós nos lembrávamos  
Vós vos lembraveis  
Elles se lembravam

*P. aoristo*

Eu me lembrei  
Tu te lembreste  
Elle se lembrou  
Nós nos lembrámos  
Vós vos lembrestes  
Elles se lembaram

*Future*

Eu me lembrarei  
Tu te lembrarás  
Elle se lembrará  
Nós nos lembraremos  
Vós vos lembrareis  
Elles se lembrão

*Mais que perfeito*

Eu me lembrara  
Tu te lembraras  
Elle se lembrara  
Nós nos lembraramos  
Vós vos lembrairessis  
Elles se lembraram

*Condicional*

Eu me lembraria  
Tu te lembrarias  
Elle se lembraria  
Nós nos lembrariamos  
Vós vos lembrarieis  
Elles se lembrariam

**Modo imperativo**

Lembra-te tu  
Lembrai-vos vós

**Modo subjuntivo***Presente*

Eu me lembre  
Tu te lembras  
Elle se lembre  
Nós nos lembremos  
Vós vos lembreis  
Elles se lembrem

*Pret. imperfeito*

Eu me lembrasse  
Tu te lembrasses  
Elle se lembrasse  
Nós nos lembrassemos  
Vós vos lembrasseis  
Elles se lembrassem

*Futuro*

Eu me lembrar  
Tu te lembrares  
Elle se lembra  
Nós nos lembrarmos  
Vós vos lembrardes  
Elles se lembrarem

**Infinitivo**

*Presente impessoal*  
Lembrar-se

*Presente pessoal*

Lembrar-me eu  
 Lembras-te tu  
 Lembrar-se elle  
 Lembrarmo-nos nós  
 Lembrardes-vos vós  
 Lembrarem-se elles

*Gerundio*

Lembrando-se

*P. passado*

Lembrado

## CONJUGAÇÃO DO VERBO IMPESSOAL

### CHOVER

#### Modo indicativo

##### Presente

Chove

##### Mais que perfeito

Chovêra

##### Pret. imperfeito

Chovia

##### Futuro

Choverá

##### Aoristo

Choveu

##### Condicional

Choveria

#### Modo subjuntivo

##### Presente

Chova

##### Imperfeito

Chovesse

##### Futuro

Chover

#### Infinitivo

##### Gerundio

Chovendo

##### Passada

Chovido

*Presente pessoal*

Lembrar-me eu  
 Lembras-te tu  
 Lembrar-se elle  
 Lembrarmo-nos nós  
 Lembrardes-vos vós  
 Lembrarem-se elles

*Gerundio*

Lembrando-se

*P. passado*

Lembrado

## OBSERVAÇÕES

## VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em:

**car** — mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *calcar*, *calque*;  
**çar** — perdem a cedilha antes de *e*: *caçar*, *cacei*;  
**cer** — tomam a cedilha antes de *a*, *o*; *carecer*, *careça*,  
*careço*;

**ear** — mudam o *e* em *ei* no presente do indicativo e  
 do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural:  
*clarear*, *clareio*, *clareie*;

Há a intercalação de *um* — *i* — eufônico, desde que  
 se desloca a acentuação da palavra, isto é, tomam *um*  
 — *i* — nas fórmulas *rizotónicas* — quando a raiz é acentuada.

**iar** — uns mudam o *i* em *ei* eufônico no presente do  
 indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa  
 do plural: *agenciar*, *agremiar*, *ansiар*, *basofiar*, *cadenciar*,  
*commerciar*, *distanciar*, *diligenciar*, *estanciar*, *evidenciar*,  
*incendiar*, *indulgenciar*, *licenciar*, *mediar*, *negociar*, *obsequiar*,  
*odiar*, *premiar*, *presenciar*, *providenciar*, *penitenciar*, *reme-*  
*diar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *victoriar*.

Outros conservam o *i* sem alteração: *acariciar*, *adiar*,  
*afiar*, *agoniar*, *alliar*, *alumiар*, *ampliar*, *apreciar*, *assobiar*,  
*atiar*, *avaliar*, *aviar*, *balbuciar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*,  
*criar*, *deliciar*, *enfiar*, *esfriar*, *espiar*, *fiar*, *gloriar*, *injuriar*,  
*miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *radiar*, *variар*.

Nota-se que os verbos dissílabos em — *tar* — não sofrerem alteração.

**gar** — mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar*, *pague*. O verbo *resfolegar* faz *resfólego*, ou *resfólgio* e assim na 1.<sup>a</sup>, na 2.<sup>a</sup> e na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural do indicativo e do subjuntivo presentes e na 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo: *resfólegas*, *resfólegue*, etc., ou *resfólgas*, *resfólgue*, etc., isto é, nas fórmulas rizotônicas.

**ger, gir** — mudam o *g* em *j* antes de *a*, *o*: *eleger*, *eleja*, *elejo*; *corrigir*, *corrija*, *corrijo*.

**guer, guir** — mudam o *gu* em *g* antes de *a*, *o*: *erguer*, *erga*, *ergo*; *distinguir*, *distinga*, *distingo*. Exceptua-se *arguir* que faz *argúo*, *argúam*, etc., e *redarguir* que faz *redargúo*, *redargúam*, etc.

**oar** — mudam o *o* em *ô* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural dos mesmos tempos: *coroar*, *corôo*; *abençoar*, *abençôo*.

**uzir** — perdem o *e* na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente: *luzir*, *luz* (*luze*); *reduzir*, *reduz* (*reduze*); *produzir*, *produz* (*produze*).

Antigamente se não dava esta apocope.

Os verbos — *aguar*, *apropinuar*, *desaguar*, *enxaguar*, *minguar*, *obliquar*, têm a tonica recuada na 1.<sup>a</sup>, na 2.<sup>a</sup> e na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do indicativo e do subjuntivo presentes e na 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo: *água*, *apropínques*, *deságue*, *enxáguas*, *mínguem*, *obliquas*, etc. Outros, como *averiguar*, *apaziguar*, *apanigar*, *maguar* ou *magoar*, têm, nessas pessoas, a vogal — *u* — acentuada: *averíguo*, *apazigúas*, *magúe*, ou *mágões*.

O verbo — *apiedar-se* faz excepcionalmente: *apiado-me* — *apiadas-te*, *apiade-se*, etc., isto é, conserva a vogal — *a* — da forma arcaica *apiadar-se*, todas as vezes que a tonica recair sobre a vogal do tema, isto é, nas fórmulas rizotônicas.

## DERIVAÇÃO DAS FÓRMAS VERBais

Do radical da 1.<sup>a</sup> pessoa do indicativo presente se deriva todo o subjuntivo presente: *calha*, *calhas*; *trago*, *tragamos*; *tenho*, *tenhais*. Exceptua-se os verbos: *haver*, *ser*, *estar*, *saber*, *querer*. Do verbo *ir*, o indicativo — corresponde a *vá*, *vás*, etc.; do verbo — *dar* —, o indicativo — corresponde a *dê*, *demos*, etc.;

Da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular e da do plural do indicativo forma-se o imperativo, sem o — *s* — final: *dizes*, *dizeis* — *dize*, *dizei*. Exceptua-se o verbo — *ser*.

Do radical do preterito perfeito do indicativo, forma-se: o mais que perfeito do indicativo, o imperfeito e o futuro do subjuntivo: *estive*, *estivera*, *estivesse*, *estiver*.

Do infinitivo presente forma-se o futuro do indicativo e o condicional: *amar*, *amarei*, *amaria*. *Dizer*, *fazer*, *trazer*, têm as fórmulas sincopadas: *direi*, *diria*; *farei*, *faria*; *trarei*, *traria*. Formam-se ainda: o gerundio e o imperfeito do indicativo e alguns tempos compósitos: *amando*, *amava*, *hei de amar*.

Do participio passado formam-se, em geral, os tempos compósitos, precedido dos auxiliares: *tenho amado*, *havia amado*.

# VERBOS IRREGULARES

## 1.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

### Dar

- Ind.** presente: Dou, dás, dá, damos, dais, dão,  
           aoristo: Dei, déste, deu, demos, déstes, deram.  
           m. q. perf.: Déra, déras, déra, etc.  
**Subj.** pres.: Dê, dês, dê, démos, deis, dêem.  
           imperf.: Désse, désses, désse, déssemos, etc.  
           fut.: Dér, déres, dér, dérmos, etc.

O composto — *circundar* — é regular.

### Estar

- Ind.** pres.: Estou, estás, está, estamos, etc.  
           aoristo: Estive, estiveste, esteve, estivemos, etc.  
           m. q. perf.: Estivera, estiveras, estivera, etc.  
**Subj.** pres.: Esteja, estejas, esteja, estejâmos, etc.  
           imperf.: Estivesse, estivesses, estivesse, etc.  
           fut.: Estiver, estiveres, estiver, etc.

OBSERVAÇÃO — Os compósitos *constar* (impessoal), *obstar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

OBSERVAÇÃO — Não será mencionado o *imperativo* porque as pessoas que elle tem (a 2.<sup>a</sup> de cada numero) se formam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra *s* final. Exceptua-se o verbo *ser*.

As outras pessoas que o imperativo não possue — a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> — são supridas pelas do subjuntivo presente; ex.: *Ame eu, ama tu, ame elle, amemos nós, amai vós, amem elles*.

Si a conjugação fôr negativa, as pessoas do imperativo são todas substituídas pelas do subjuntivo presente; ex.: *Não ame eu, não ames tu, não ame elle, não amemos nós, não ameis vós, não amem elles*.

Assim se diz que em Portuguez não há propriamente imperativo negativo.

## 2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

### Caber

- Ind.** pres.: Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.  
           aoristo: Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.  
           m. q. perf.: Coubéra, couberas, couberá, couberamos, etc.  
**Subj.** pres.: Caiba, saiba, caiba, caibâmos, etc.  
           imperf.: Coubesse, coubesses, coubesse, etc.  
           fut.: Coubér, coubères, coubér, coubérmos, etc.

### Crêr

- Ind.** pres.: Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.  
**Subj.** pres.: Creia, creias, creia, creiâmos, etc.

Da mesma forma se conjuga o verbo *lér*.

### Dizer

- Ind.** pres.: Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.  
           aoristo: Disse, disséste, disse, dissemos, disséstes, etc.  
           m. q. perf.: Disséra, disséras disséra, disséramos, etc.  
           fut.: Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.  
           cond.: Diria, dirias, diria, diriamos, etc.  
**Subj.** pres.: Diga, digas, diga, digâmos, digais, digam.  
           imperf.: Dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, etc.  
           fut.: Dissér, disséres, dissér, dissérmos, dissérdes, etc.  
**Inf.** p. passado: Dito.

**Fazer**

- Ind.** pres.: Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.  
**aoristo:** Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizéram.  
**m. q. perf.:** Fizéra, fizéras, fizéra, fizéramos, etc.  
**fut.:** Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão,  
**cond.:** Faria, farias, faria, fariamos, etc.  
**Subj. pres.:** Faça, faças, faça, façâmos, façais, etc.  
**imperf.:** Fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, etc.  
**fut.:** Fizér, fizéres, fizér, fizérmos, etc.  
**Inf. p. passado.:** Feito.

**Perder**

- Ind. pres.:** Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.  
**Subj. pres.:** Perca, percas, perca, percâmos, percais, etc.

**Poder**

- Ind. pres.:** Posso, pôdes, pôde, podêmos, podeis, pôdem.  
**aoristo:** Pude, pudeste, pôde, pudemos, etc.  
**m. q. perf.:** pudéra, pudéras, pudéra, pudéramos, etc.  
**Subj. pres.:** Possa, possas, possa, possâmos, etc.  
**fut.:** Pudér, pudéres, pudér, pudérmos, etc.

*Não se usa no imperativo.* Vieira empregou-o: *Si quereis ser omnipotente PODEI sómente o justo e o lícito.*

**Prazer (impessoal)**

- Ind. pres.:** Praz.  
**aoristo:** Prouve.  
**m. q. perf.:** Prouvéra.  
**Subj. pret. imperf.:** Prouvésse.  
**fut.:** Prouvêr.

*OBSERVAÇÃO.* — *Comprazer* é pessoal, tem conjugação completa e só é irregular na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente indicativo. E' mais usado pronominalmente: *comprazer-se.*

**Querer**

- Ind. pres.:** Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.  
**aoristo:** Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, etc.  
**m. q. perf.:** Quizéra, quizéras, quizéra, quizéramos, etc.

- Subj. pres.:** Queira, queiras, queira, queirâmos, etc.  
**imperf.:** Quizesse, quizesse, quizesse, quizéssemos, etc.  
**fut.:** Quizér, quizéres, quizér, quizérmos, etc.

*Não se usa no imperativo.* Vieira empregou-o: *QUEREI só o que podeis.* *QUEREI-me só pelo que vos quero, não me faleis em dinheiro.* (Adagio).

Os literatos portugueses empregam — *quere* — por — *quer* —, como é de uso no Brasil.

Só usamos — *quere* — quando se seguem as variações pronominais — *o, as, os, as: quere-o.* Entretanto A. Herculano suprimiu *o — r —* e escreveu: *Os teus vassalos o querem.* *QUE-LO o teu povo?*

**Requerer**

- Ind. pres.:** Requeiro, requéres, requér, requeremos, etc.  
**Subj. pres.:** Requeira, requeiras, requeira, requeirâmos, etc.

Antigamente se dizia na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente *requere: O Gama lhe requere* (Camões). Ainda hoje quando se lhe seguem os pronomes *o, a, os, as*, assim se emprega: *requere-o. requere-a.*

**Saber**

- Ind. pres.:** Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.  
**aoristo:** Soubé, soubéste, soube, soubemos, etc.  
**m. q. perf.:** Soubera, souberas, soubera, soubéramos, etc.  
**Subj. pres.:** Saiba, saibas, saiba, saibâmos, etc.  
**imperf.:** Soubesse, soubesses, soubesse, etc.  
**fut.:** Soubér, soubéres, soubér, etc.

**Trazer**

- Ind. pres.:** Trago, trazes, traz, trazemos, etc.  
**aoristo:** Trouxe, trouxeste, trouxe, etc.  
**m. q. perfr.:** Trouxéra, trouxéras, trouxéra, etc.  
**fut.:** Trarei, trarás, trará, traremos, etc.  
**cond.:** Traria, trarias, traria, etc.  
**Subj. pres.:** Traga, tragas, traga, tragâmos, etc.  
**imperf.:** Trouxes, trouxesses, trouxesse, etc.  
**fut.:** Trouxér, trouxéres, trouxér, etc.

### Valer

**Ind. pres.:** Valho, vales, vale, ou val, valemos, etc  
**Subj. pres.:** Valha, valhas, valha, valhâmos, etc.

### Vêr

**Ind. pres.:** Vejo, vês, vê, vêmos, vêdes, vêem.  
**aoristo:** Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.  
**m. q. perf.:** Vira, viras, vira, víramos, vireis, etc.  
**Subj. pres.:** Veja, vejas, veja, vejâmos, vejais, etc.  
**imperf.:** Visse, visses, visse, vissemos, visseis, etc.  
**fut.:** Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.  
**Inf. p. passado:** Visto.

O seu derivado **Prover** afasta-se no:

**Ind. p. aoristo:** Provi, proveste, proveu, provêmos, etc.  
**m. q. perf.:** Provêra, provêras, etc.  
**Subj. p. imperf.:** Provêsse, provêsses, provêsse, etc.  
**fut.:** Provêr, provêres, provêr, etc.  
**Inf. p. passado:** Provido.

Como — *provêr* — conjuga-se o verbo — *revêr* — quando significa — *transudar*. Não se usa, porém, na 1.ª pessoa do indicativo presente, nem no subjuntivo presente.

## 3.ª CONJUGAÇÃO

### Aderir

**Ind. pres.:** Adiro, adéres, adére, aderimos, aderis, adérem.  
**Subj. pres.:** Adira, adiras, adira, adirâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *advertir, aferir, comedir, compelir, competir, conseguir, deferir, despír, discernir, digerir, divergir, divertir, enxerir, expelir, ferir, impelir, mentir, preterir, reflectir, repelir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir*, etc.

### Acudir

**Ind. pres.:** Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudis, acódem.  
**Subj. pres.:** Acuda, acudas, acuda, acudâmos, etc.

Antigamente este verbo era regular: conservava o *u* em toda a conjugação: *ACUDE e corre pai*. (Camões). O mesmo se observa relativamente a *fugir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta. Por este verbo se conjugam: *bulir construir, consumir cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir, etc.* Há quem conjugue regularmente o verbo — *construir*. Os verbos *instruir e obstruir* são regulares.

### Agredir

**Ind. pres.:** Agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.  
**Subj. pres.:** Agrida, agridas, agrida, etc.

Por este verbo se conjugam: *prevenir, transgredir, etc.*

### Cobrir

**Ind. pres.:** Cubro, cóbres, cóbre, cobrimos, cobris, cóbrem.  
**Subj. pres.:** Cubra, cubras, cubra, etc.  
**Inf. p. passado:** Coberto.

Por este verbo se conjugam: *dormir, ordinar, polir, poir*, excepto no participio passado que é regular.

### Cortir

**Ind. pres.:** Curto, curtes, curte, curtimos, curtis, curtem.  
**Subj. pres.:** Curta, curtas, curta, etc.

Por este verbo se conjuga: *sortir*.

### Frigir

**Ind. pres.:** Frijo, fréges, frége, frigimos, frigis, frégem  
**Inf. p. pass.:** Frito ou Frigido.

### Ir

**Ind. pres.:** Vou, vais, vai, vamos, ou imos, ides, vão  
**aoristo:** Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram  
**m. q. perf.:** Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, foram

**Subj.** pres.: Vá, vás, vá, vâmos, vades, vão.  
*imperf.*: Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.  
**fut.**: Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

### Medir

**Ind.** pres.: Meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

**Subj.** pres.: Meça, meças, meça, meçâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *ouvir, pedir, despedir, impedir*, etc.

**NOTA.** — Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a similaridade de forma; não têm nem a mesma origem, nem uma significação.

A esta similaridade se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjuntivo: *despido, impido, despida, impida*, etc. sem a mudança da consoante —d— para —g—.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conto.

Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maior parte dos modernos.

Heitor Pinto escreveu: *negocios que lhe IMPIDAM a doçura do espirito*. Duarte Nunes Leão empregou: *DESPIDA-me*.

Vieira: *Eia, meu principe, DESPIDA-se V. A. dos livros. Com esta ultima advertencia vos DESPIDO, ou me DESPIDO de vós. Porque lh'o não IMPIDAM*.

Camões: *Não me IMPIDAS o gosto da tornada. Desta subita vinda os não IMPIDA*.

Castilho: *IMPIDAM de seguir*.

Bernardes: *E, si não as pôde concordar, DESPIDA-se e diga com S. Gregorio . . .*

Ruy Barbosa: *O que me magoa o sentimento de equidade e até o de artista, é que este triste vocabulo seja o derradeiro com que se DESPIDA o leitor*.

### Rir

**Ind.** pres.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

**Subj.** pres.: Ria, rias, ria, riâmos, riais, riam.

### Vir

**Ind.** pres.: Venho, vens, vem, vímos, vindes, veem.

*imperf.*: Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, etc.

*aoristo*: Vim, vieste, veiu, viemos, viestes, viiram.

*m. q. perf.*: Viéra, viéras, viéra, viéramos, viéreis, etc.

**Subj.** pres.: Venha, venhas, venha, venhâmos, etc.

*imperf.*: Viesse, viesses, viesse, viéssemos, etc.

*fut.*: Viér, viéres, viér, viérmos, etc.

**Inf.** *p. pass.*: Vindo.

Por este verbo se conjugam: *avir, desavir, convir*.

### Defectivos

Há alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir, carpir, discernir, explodir, feder, ganir, inherir, latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a, o, e*: *abolir,adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, empedernir, exaurir, extorquir, falir, florir, munir, polir, renhir, retorquir*.

*Precaver, rehaver* não se usam nas três pessoas do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural do indicativo, na 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo e no subjuntivo presente.

*Soer* só se usa em *sóe, sóes, sóem, soia, soias, soia*, etc.

*Jazer* usa-se em: *jaz, jazem, jazia, jazias, jaziam*. As outras formas são obsoletas.

O uso de certas formas dos verbos defectivos pelos escritores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane, extórque, extórquam, colorem, déle, abóle, demulem, pule* ( pulir ).

### Participio passado

Muitos verbos têm duas formas no participio passado: uma forma regular e outra irregular.

A 1.<sup>a</sup> é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.<sup>a</sup>, simples adjetivo verbal, é mais usada com os verbos, *ser, estar, parecer, ficar*, etc.

Alguns participios passados regulares não são mais usados: *pagado*, *descrevido*, *dizido*, etc.

Alguns participios passados irregulares não são tambem mais empregados: *extreme*, *rejeito*, *concesso*, *coito*, *teudo*, *manteudo*, *tolheito*, *volto*.

Outros perderam sua função de participios: *excepto* é hoje preposição, *conteúdo* é substantivo; como tambem alguns são empregados como simples adjetivos: *completo*, *confuso*, *estreito*, *inquieto*, *escuro*, *denso*, etc.

### 1.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Aceitado	<i>Aceito</i> , <i>acei-</i> <i>te</i>	Entregado	<i>Entregue</i>
Affeçoado	<i>Affecto</i>	Enxugado	<i>Enxuto</i>
Agradado	<i>Grato</i>	Estreitado	<i>Estreito</i>
Annexado	<i>Annexo</i>	Exceptuado	<i>Excepto</i>
Aprongado	<i>Pronto</i>	Excusado	<i>Excuso</i>
Arrebatado	<i>Rapto</i>	Expressado	<i>Expresso</i>
Assentado	<i>Assente</i>	Expulsado	<i>Expulso</i>
Bemquistado	<i>Bemquisto</i>	Faltado	<i>Falto</i>
Captivado	<i>Captivo</i>	Fartado	<i>Farto</i>
Cegado	<i>Cégo</i>	Findado	<i>Findo</i>
Circundado	<i>Circunciso</i>	Fixado	<i>Fixo</i>
Completado	<i>Completo</i>	Gastado	<i>Gasto</i>
Concertado	<i>Concreto</i>	Ganhado	<i>Ganho</i>
Confessado	<i>Confesso</i>	Ignorado	<i>Ignoto</i>
Cultivado	<i>Culto</i>	Infeccionado	<i>Infecto</i>
Curvado	<i>Curvo</i>	Infestado	<i>Infesto</i>
Densado	<i>Denso</i>	Inquietado	<i>Inquieto</i>
Descalçado	<i>Descalço</i>	Isentado	<i>Isento</i>
Despertado	<i>Despero</i>	Juntado	<i>Junto</i>
Dispersado	<i>Disperso</i>	Lesado	<i>Leso</i>

<i>Part. Pass. Reg</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Libertado	<i>Liberto</i>	Quietado	<i>Quieto</i>
Limpado	<i>Limpo</i>	Quitado	<i>Quite</i>
Livrado	<i>Livre</i>	Revoltado	<i>Revolto</i>
Matado	<i>Morto</i>	Salvado	<i>Salvo</i>
Manifestado	<i>Manifesto</i>	Secado	<i>Sêco</i>
Misturado	<i>Misto</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Molestado	<i>Molesto</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Murchado	<i>Murcho</i>	Situado	<i>Sito</i>
Occultado	<i>Occulto</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Pagado	<i>Pago</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Pegado	<i>Pêgo</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>
Professado	<i>Professo</i>	Vagado	<i>Vago</i>
Quedado	<i>Quedo</i>		

### 2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

Absolvido	<i>Absolto</i>	Elegido	<i>Eleito</i>
Absorvido	<i>Absorto</i>	Enchido	<i>Cheio</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Envolvido	<i>Envolto</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Escondido	<i>Escuso, es-</i> <i>conso</i>
Attendido	<i>Attento</i>		
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Benzido	<i>Bento</i>	Estendido	<i>Extenso</i>
Conhecido	<i>Cognito</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Convencido	<i>Convicto</i>	Invertido	<i>Inverso</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Morrido	<i>Morto</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Nascido	<i>Nado, nato</i>
Cozido	<i>Coito</i>	Pervertido	<i>Perverso</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Prendido	<i>Preso</i>
Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>	Pretendido	<i>Pretenso</i>
Devolvido	<i>Devoluto</i>	Propendido	<i>Propenso</i>
Dissolvido	<i>Dissoluto</i>	Refrangido	<i>Refracto</i>

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Removido	<i>Remôto</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Resolvido	<i>Resoluto</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Revolvido	<i>Revolto</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Rompido	<i>Roto</i>	Tendido	<i>Tenso</i>
Solvido	<i>Soluto</i>	Torcido	<i>Torto</i>

### 3.ª CONJUGAÇÃO

Abstraido	<i>Abstracto</i>	Excluido	<i>Excluso</i>
Adquirido	<i>Acquisto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Affligido	<i>Afflito</i>	Exprimido	<i>Expresso</i>
Aspergido	<i>Asperso</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Circunduzido	<i>Circunduto</i>	Frigido	<i>Frito</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Illudido	<i>Illuso</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Immergido	<i>Immerso</i>
Concluido	<i>Concluso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Incluido	<i>Incluso</i>
Contraido	<i>Contracto</i>	Infundido	<i>Infuso</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Inserido	<i>Inserto</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Insurgido	<i>Insurto</i>
Difundido	<i>Difuso</i>	Obtundido	<i>Obtuso</i>
Digirido	<i>Digesto</i>	Omittido	<i>Omissio</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Opprimido	<i>Oppresso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Possuido	<i>Possesso</i>
Distraido	<i>Distracto</i>	Restringido	<i>Restricto</i>
Dividido	<i>Diviso</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Suprimido	<i>Suppresso</i>
Espargido	<i>Esparsو</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Exaurido	<i>Exausto</i>	Tingido	<i>Tinto</i>



# I

## Etimologia

**Etimologia** é a parte da morfologia em que se estuda a origem, ou a derivação das palavras.

Há que tenha proposto o termo — *lexiogenia* — para substituir, com razão, o vocabulo — *etimologia* — que significa propriamente — *verdadeiro discurso, verdadeiro tratado, verdadeira sciencia* — correspondendo ao Latim — *veriloquium*, que Ciceró formou. Aquelle vocabulo, infelizmente, não criou raízes.

As palavras da Lingua portugueza se derivam, em sua maior parte, da Lingua latina, considerada a *lingua-mãe*.

A evolução do Latim, dando nascimento ás Linguas *romanicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons, que se não realizaram ao mesmo tempo, mas em epochas diferentes, umas leis substituidas por outras.

Estas leis pódem ser resumidas nas dez seguintes:

1.ª PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO: *amare, amar; hominem, homem.*

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da Lingua portugueza.

E' uma lei que se observa em todas as Linguas romanicas.

Ha algumas excepções produzidas:

a) por analogia: *amávamos* modelado em *amáva*, derivado de *amabámus*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo: *círrere*, correr.

2.ª QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no principio: *episcopus*, bispo; quer no meio: *malitatem*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

Muitas vezes, quando a vogal — *e* — não acentuada não cai, nasaliza-se: *exsuctum*, enxuto.

A par com a tendência da queda da vogal, há o fenomeno opposto do aumento de um — *a* — no começo da vocabulo: *vultur*, abutre.

3.ª CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO: *famem*, fome; *catus*, gato.

Segundo diz Meyer-Lubke, as modificações das vogaes são devidas em primeiro lugar ao acento. As tonicas, por causa do esforço maior com que são articuladas alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a se enfraquecer em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vogaes:

*a* em *e*: *Tagum*, Tejo; *cerasiam*, cereja.

*a* \* *i*: *Agnes*, Ignez.

*a* \* *o*: *famem*, fome.

*a* \* *ei*: *basium*, beijo.; *primarius*, primeiro.

*a* \* *ou*: *saltum*, souto; *falcem*, fouce.

*e* \* *a*: *reginam*, rainha; *ebenum*, ebano.

*e* \* *i*: *mecum*, migo; *decima*, dízima.

*e* \* *o*: *per*, por; *serum*, soro.

*e* \* *ei*: *cremare*, queimar.

*i* \* *a*: *bilanciam*, balança; *cubitum*, covado.

*i* \* *e*: *trifolium*, trevo; *ingenium*, engenho; *cito*, cedo

*o* \* *a*: *dominam*, dama.

*o* \* *e*: *obscurum*, escuro; *frontem*, frente.

*o* \* *u*: *tolum*, todo; *complere*, cumprir.

*u* \* *e*: *umbelicum*, embigo.

*u* \* *o*: *urticam*, ortiga; *lupum*, lobo.

*u* \* *ou*: *lavaturum*, lavadouro; *venturus*, vindouro.

*y* \* *a*: *symponia*, sanfona.

*y* \* *e*: *gypsum*, gesso.

*y* em *o*: *byrsum*, bolsa.

*y* \* *u*: *cryptam*, gruta.

*ae* ( ditongo ) em *e*: *aeram*, era.

*au* \* \* \* *o*: *pauper*, pobre; pôde-se conservar: *caudam* cauda; muda-se tambem para *ou*, *oi*; *aurum*, ouro e oiro; para *a*: *augustus*, agosto; *augurium*, agouro, e para *o*: *auriculam*, orelha. *oe* ( ditongo ) em *e*: *coelum*, céu.

4.ª QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAES: *comedere*, comer; *malum*, máu; e perda ou transformação da consoante final ou tornada final pela queda da vogal subsequente: *ad*, *a*; *sic*, sim.

Exceptuam-se as consoantes — *l*, *r*, *n* ( nos monosílabos, e a consoante — *s* — que persistem: *solem*, *sole*, sol; *marem*, *mare*, mar; *in*, em; *magis*, mais.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cair com maior facilidade.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é pouco percebida, não servindo de caracter distintivo ao grupo fonico, facilmente desaparece.

5.ª PERSISTÊNCIA DA CONSOANTE INICIAL: *casam*, casa.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam maior força de resistencia.

6.ª ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE CONSOANTES QUE TEM O MESMO ÓRGÃO SONORO: *herbam*, herva; *latus*, lado.

As consoantes fortes se mudam por outras homorganicas doces.

Os principais casos de mudança de consoantes na passagem do Latim para o Portugues, são:

*b* em *f*: *bubalum*, bufalo.

*b* \* *m*: *morbo*, mormo; *cannabis*, canhamo.

*b* \* *v*: *debere*, dever; *amabilis*, amavel.

*c* \* *g*: *caveolam*, galola; *focus*, fogo.

*c* \* *ch*: *mureidus*, mureho; *capellum*, chapéu, por influencia do Frances.

*e* \* *q*: *cremare*, queimar.

*e* \* *g*: *erucem*, erus; *facere*, fazer.

- e      às vezes se vocaliza: *octo*, oito; *doctorem*, doutor;  
ou se nasaliza: *nec*, nem.
- d em g: *delphinum*, golfinho.
- d , l: *judicare*, julgar.
- d , r: *cicadulam*, cigarra (permuta unica, diz João Ribeiro).
- f , b: *africum*, abrego.
- f , h: *fetibundus*, hediondo, por influencia do Espanhol.
- f , p: *sufflare*, soprar.
- f , v: *aurifidem*, ourives; *trifolium*, trevo.
- g , z: *spargere*, esparzir.
- g , j: *gesiminum*, jasmin. A's vezes se vocaliza: *integrum*, inteiro.
- l , r: *lilium*, lirio; *pallidum*, pardo. A's vezes se vocaliza: *falcem*, foice; *dulcis*, doce.
- l , j: *lolium*, joio.
- l , n: *libellum*, nível.
- m , l: *memorare*, lembrar.
- m , n: *comitem*, conde.
- n , l: *animam*, alma.
- n , m: *finem*, fim; *bonum*, bom.
- n , r: *sanare*, sarar.
- p , b: *lupum*, lobo.
- p , f: *caput*, chefe, por influencia francesa.
- p , v: *populum*, povo.
- p , m: *calupniam*, calunia.
- q , c: *quinque*, cinco.
- q , g: *aquam*, agua; *aquilam*, aguia.
- r , l: *papyrus*, papel; *parabolam*, palavra.
- s , z: *mensem*, mez.
- t , d: *rotam*, roda; *digitum*, dedo.
- t , c, ou z: *gratiam*, graça; *avaritiam*, avareza.
- v , b: *vultur*, abutre; *vesicam*, bexiga.
- v , f: *paraveredum*, palafrem; *salvum*, safo.
- v , g: *vastare*, gastar, pela influencia do w germanico, pronunciado *gu*: *werra*, guerra; *Wilhelm*, Guilherme; *wisa*, guisa.
- x , s ou z: *sex*, seis; *axe* eixo. Houve tambem a produçao de um i. Como x tem dois elementos c, s, em alguns casos c não se vocaliza, mas assimila-se ao s: *dixi*, disse.
- x , c: *texere*, tecer.
- z , g: *zinziber*, gengibre (attracção).
- z , c: *zelum*, cio (zeloso, cioso).

7.º REFORÇO, que é uma excepção, um fenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro: *passionem*, paixão.

8.º ASSIMILAÇÃO, lei de eufonia, em virtude da qual um som se modifica por influencia de outro som, a este ficando igual, assimilando-se.

A assimilação pode ser *progressiva* e *regressiva*.  
E' *progressiva*, quando o som modificado está depois:

*amam-o*, *amam-no*; *nostrum*, nosso.  
E' *regressiva*, quando o som modificado está antes: *in-legal*, *illegal*; *trazer-lo*, *trazel-lo*, *traze-lo*. E' o caso mais commun na Lingua portugueza.

9.º DISSIMILAÇÃO, isto é, reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido: *lilium*, lirio; *fratrem*, frade. O suffixo *al* se junta a radical que contenha *r*, e o suffixo *ar* a radical que contenha *l*: *austral*, *rural* ao lado de *popular*, *secular*.

A's vezes a dissimilação faz que uma das consoantes caiá: *aratrum*, arado.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen, que dizem que há um principio pelo qual esta Lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois suffixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim: *austra-lis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mori-alis*, ao lado de *vulg-aris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um tema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o suffixo *ali* a um tema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz: Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris*: *secularis*, *regularis*, com as duas unicas excepções: 1.º que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluralis*, *lateralis*; 2.º quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis*, *glacialis*.

10.º CONVERSÃO dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, *tl*, em *ch*: *clavem*, chave; *flammam*, chamma; *plorare*, chorar; *tolutare* (*t'lutare*), choutar.

CONVERSÃO de *ct* em *ch*, ou *ut*, ou *it*: *cactum*, cacho; *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito, outo (arcaico).

CONVERSÃO de *bl*, *cl*, *dl*, *gl*, *pl*, *sl*, *tl*, em *lh*: *tribulare*, *tribl'are*, trilhar; *articulum*, *artc'lum*, artelho; *rad'lare*, ralhar; *tegulam*, *teg'lam*, telha; *scopolum*, *scop'lum*, escolho; *insulam*, *ins'lam*, ilha (único exemplo, diz Julio Ribeiro); *rotulam*, *rot'lam*, rolha.

CONVERSÃO de *scl* e *rcl* em *ch*: *masculum*, *masc'lum*, macho; *torculam*, *torc'lam*, tocha.

CONVERSÃO de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho; *cognatum*, cunhado.

Observe-se que em:

*M'r*, *m'l* intercala-se um *b*: *umerum*, *um'rum*, ombro; *cumulum*, *cum'lum*, combro.

*Bl gl*, perdem às vezes, a inicial: *blastimare*, lastimar; *glande*, lande.

*Pt*, assimila-se: *nepta* (netta), neta. Às vezes cai *o-p-*: *ptisanam*, tisana, ou vocaliza-se: *acceptum*, aceito. *Ps, rs* assimilam-se em *ss*: *ipse*, esse; *persona*, pessoa; *persicum*, pêssego (escrito vulgarmente *pêcego*); *ersam*, essa (escrito vulgarmente *eça*).

*Sc* reduz-se a — *c* — quando seguidas de — *e* — ou de — *i*; em alguns casos permanece inalterado: *cognoscere*, conhecer; *roscivum*, rocio; *muscam*, mosca; ou se muda para — *x*: *piscem*, peixe; *miscere*, mexer.

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, há dois grandes principios, que juntos à influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importnacia.

O primeiro principio é a *lei do menor esforço*, ou de *menor acção*, que Sweet e Palessy chamam *principio de economia*.

O segundo é o *principio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se daí duas leis:

1.\* A linguagem tende constantemente a se desembaraçar do que é superfluo.

2.\* A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessário.

E' da primeira que se deriva a fraca acentuação das sillabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor da uma lingua.

O inglez, de todas as línguas indo-européas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é prova de fraqueza, e sim de bom senso.

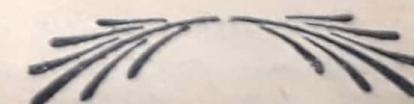
E' a lei da economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, o necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza lágica, o espirito, em fim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: suprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incomodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira, e é, por certo, uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sózinho, tornar-se-iam as Línguas, depois de certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam impróprias para servir de meio de comunicação.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaismos e dos neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida literaria de uma Lingua.



II

## Formação por meio de composição

As palavras compostas se formam de tres modos:

*Juxtaposição*, em que os elementos componentes se acham ligados, conservando a mesma grafia, sem alteração e com as mesmas sillabas tonicas: *beira-mar*, *ponta-pé*, *mal-me-quer*.

*Aglutinação*, em que os elementos componentes se undem, formando um unico todo, modificando sua grafia, e só tendo uma sillaba tonica: *fidalgo* (filho de algo); *planalto* (plano alto); *aguardente* (agua ardente).

*Prefixação*, em que o primeiro elemento é um prefixo que se junta a uma palavra simples: *infiel*, *desfazer*.

### JUXTAPOSIÇÃO

As palavras juxtapostas se compõem de:

Substantivo e substantivo: *arco-iris*, *couve-flor*.  
Substantivo e adjectivo: *redea-falsa*, *amor-perfeito*.  
Adjectivo e substantivo: *gentil-homem*, *livre-pensador*.  
Adjectivo e adjectivo: *surdo-mudo*, *lusó-brasileiro*.  
Verbo e substantivo: *guarda-vestido*, *porta-voz*.  
Particula e substantivo: *entre-casco*.

Particula e adjectivo: *mal-ferido*.

Verbo e verbo: *vai-vem*, *ruge-ruge*.

Palavras diversas: *bem-te-vi*, *mal-me-quer*.

A formação de palavras compostas dá lugar ao *hibridismo*.

**Hibridismo** é a formação de palavras com elementos de Línguas diversas.

*Alcoolmetro*: arabe e grego.

*Automovel*: grego e latim.

*Burocracia*: francez e grego.

*Cipóchumbo*: tupi e latim.

*Galvanotipia*: italiano e grego.

*Linguistica*: latim e grego.

*Monoculo*: grego e latim.

*Sociologia*: latim e grego

*Velodromo*: latim e grego.

*Zincografia*: alemão e grego.

O hibridismo é aceitável quando um dos elementos componentes não existe na Língua, ou quando o vocabulo está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Há casos em que a aglutinação é tão intensa que só uma analise rigorosa chega a conhecer a composição:

*Morcego*, *murem-coecum*, rato cégo.

*Naufragio*, *navis-fragium*, quebramento da nau.

*Marmota*, *mure-mmontis*, rato monte.

*Acabrunhar*, *caput-pronare*, vergar a cabeça.

*Kermesse*, *kerk-misse* (hollandez), igreja missa.

2.º Às vezes a junção do prefixo produz um som desagradável. Para evita-lo, suprime-se a letra final: *emigrar*, de *xemigrare*; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou, então, a consoante final assimila-se à inicial da palavra seguinte: *acclamar*, *ad-clamare*, etc.

Estas modificações na opinião de Darmsteter, já eram usuais no Latim e são communs às Línguas novo-latinas.

3.º Muitos compostos latinos, pelo desaparecimento do signal externo da composição, foram considerados palavras simples: *colher*, de *co-ligere*.

As raízes dividem-se em *attributivas*, que exprimem noção de relações e *demonstrativas*, que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monossílabicas e, n'aimpossibilidades, de se chegar até à sua forma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.ª vogal: *i* — *ir*.
- 2.ª vogal + consoante: *ad* — *comer*.
- 3.ª consoante + vogal: *da* — *dar*.
- 4.ª consoante + vogal + consoante: *cad* — *cair*.
- 5.ª vogal + grupo de consoantes: *arc* — *ajustar*.
- 6.ª grupo de duas consoantes + vogal: *plu*-*correr*.
- 7.ª grupo de duas cons. + vog. + cons.: *spec-vér*.
- 8.ª cons. + vog. + grupo de duas cons.: *vert-girar*.
- 9.ª grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *esparg*. — *espalhar*.

#### PREFIXOS

Os prefixos em Portuguez são de origem vernacula, latina e grega.

**Vernaculos** são os prefixos que se originam da nossa propria Lingua.

Os mais conhecidos são:

*a* — proximidade — *alinhar*.

*ante* — precedencia de tempo ou de lugar — *anteontem*, *antesala*.

*bem* — bondade, bom exito — *bemdizer*, *bemquisto*.

*com* — união — *compôr*. Toma, por assimilação, as fórmas: *col* — *collaborar*; *cor* — *corresponder*, ou perde o *m*: *cooperar*, *coirmão*, *coexistir*.

*contra* — oposição — *contradizer*.

*em*, *en* — lugar — *embarcar*, *engarrifar*.

*entre* — collocação em meio — *entrelaçar*, *entreabrir*.

*mal* — mau exito — *malquerer*.

*sem* — exclusão — *semsabor*.

*sob* — inferioridade — *sobpôr*. Toma as fórmas: *so-*  
*soerguer*, *sopapo*; *sota* — *sotapiloto*; *soto* — *sotopôr*.  
*sobre* — em cima, excesso — *sobrenome*, *sobresair*.

**Latinos** são os prefixos que se originam da Lingua latina.

Os mais conhecidos são:

*a*, *ab*, *abs* — separação — *aversão*, *abnegação*, *abstenção*, *ausente* (*ab-sente*).

*a*, *ad* — lugar onde, direcção, tendencia — *abordagem*, *adjunto*. Toma, por assimilação, as fórmas: *ac* — *acclamar*; *af* — *affirmar*; *ag* — *aggravar*; *al* — *allumiar*; *an* — *annunciar*; *ap* — *apparecer*; *ar* — *arrogar*; *as* — *assentar*; *at* — *attender*.

*ambi* — ambos — *ambidextro*, *ambiguidade*.

*bene* — bem — *beneficio*.

*bis*, *bi* — duas vezes — *bisneto*, *bipede*.

*circum* — ao redor — *circunferencia*, *circuito*.

*cis* — aquem — *cisalpino*, *citerior*.

*de* — principio, origem — *decorrer*, *derivar*. A's vezes indica significação contrária: *decompôr*.

*des* — negação, effeito contrário, intensidade — *desventura*, *desdizer*, *deshoras*. Na linguagem popular indica especialmente intensidade: *desinfeliz*, *desinquieto*, *desabulado*, *desalliviado*.

*dis* — negação, aumento — *discordancia*, *disforme*.

*e*, *es*, *ex* — fóra — *emergir*, *enorme*, *emigrar*, *escorrer*, *espamar*, *extracção*.

*extra* — além — *extraordinario*.

*in* — negação ( com adjetivos ); lugar onde ( com verbos ) — *infiel*, *inscrever*, *implantar*. Toma, por assimilação, as fórmas: *il* — *illegal*; *im* — *immortal*; *ir* — *irregular*.

*inter* — no meio — *interpôr*.

*intro* — para dentro — *intrometter*.

*juxta* — junto — *juxtaposição*.

*male* — mal — malefício.

*ob* — situação, fronteira, contra — objecto, obstar.  
Toma varias fórmas por assimilação: *oc* — occasião; *of* —  
*offensa*; *op* — oppôr. Às vezes perde o — b: *omittir*.

*pene* — quasi — peninsula.

*per* — através, por meio de — perdurar, percorrer,  
perverter.

*post, pos* — depois — postdata, pospôr.

*pre* — antecedencia, superioridade — prevêr, preferir.

*preter* — além — preterição.

*pro* — antes, a favor — proclamar, prologo, promoção.

*re* — repetição, para trás — relêr, reagir. Este prefixo  
tem, às vezes, por excepção, um sentido opposto ao indi-  
cado pelo radical: *reprovar, revelar, renunciar, rehabilitar*.

*recem* — de novo — recemnascido.

*retro* — para trás — retrogradar, retaguarda.

*satis* — bastante — satisfazer.

*semi* — metade, quasi — semicirculo, semivivo.

*sine* — sem — sinecura, simples.

*sub* — inferioridade — subchefe. Por assimilação toma  
varias fórmas: *suc* — sucesso; *suf* — suficiente; *sug* —  
suggerir; *sup* — suppôr; *sur* — surrir; *sus* — susceptibili-  
dade; ou perde o b: *sujeitar*.

*subter* — inferioridade — subterfugio.

*super* — superioridade — superficie, superfino, super-  
pôr.

*supra* — em cima, além de — supramencionac'o, supra-  
numerario.

*trans* — além — transmittir, transpôr. Tem as fórmas:  
*tras* — trasladação; *tres* — tresnoitar; *tresvario*; *tra* — tra-  
dução, tramontano, trajecto; *tre* — tregeito.

*tris, tri* — tres vezes — trisavô, triangulo.

*ultra* — além — ultramontano, ultramar.

*un, uni* — uma vez — unanime, unicornio.

*vice* — substituição, em lugar de — vice-rei. Tem a  
fórmula *vis: visconde, e viso: viso-rei* (antigo).

**Gregos** são os prefixos que se originam da Lingua  
grega.

Os mais conhecidos são:

*a, an* — negação, privação — ateu, acefalo, anonimo,  
analfabeto, anemico.

O prefixo *a* usa-se antes de consoante; *an* antes de  
vogal, por eufonia.

*amphi* — duplicitade, ao redor — anfibio, anfiteatro.

*ana* — reduplicação, elevação, afastamento — anabap-  
tista, analise, anacronico.

*anti* — oposição — antipatia, antarctico.

*apo* — longe — apogeu, afelio.

*archi* — supremacia — arcanjo, arquiduque, arcebispo,  
arcipreste.

*cata* — para baixo, ordem — catastrofe, catalogo.

*dia* — lugar intermedio — diametro, diorama.

*dys* — mal — dispesia.

*em, en* — tendência para dentro — embrião, encefalo.

*ex, ec* — separação — exodo, eclipse.

*epi* — sobre — epilogo, epitafio.

*eu, ev* — bem — eufonia, evangelho.

*hemi* — metade — hemisferio, hemicirculo.

*hyper* — excesso — hiperbole, hipertrofia.

*hypo* — debaixo — hipotese, hipogastro.

*meta* — mudança — metatese, metamorfose.

*mega* — grande — megaterio.

*micro* — pequeno — microscopio.

*neo* — novo — neologismo.

*pan, pantos* — tudo — panorama, panteista.

*para* — ao lado — paragrafo.

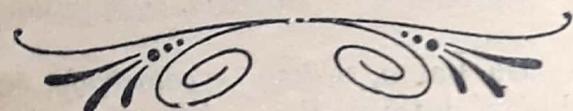
*peri* — ao redor — perimetro, perifrase.

*pro* — anteposição — protese, programma, prologo.

*syn* — juntamente — *sintaxe*, *simpatia*, *sillogismo*,  
sistema.

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos numeros gregos: *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennea*, *deca*, *endeca*, *icos*, *hecto*, *kilo*, *miria*, *deuto*, etc.

Além destes elementos, ha o prefixo arabe *al* que deu origem a muitas palavras portuguezas: *albergue*, *açucar*, *azulejo*, etc.



### III

## Formação por meio de derivação

As palavras derivadas se fórmam geralmente por meio de suffixos que se juntam á palavra primitiva, ou ao radical, modificando-lhe a significação.

Póde-se tambem fórmar a derivação sem auxilio de suffixos, como: *offerta*, de *offertar*; *castigo*, de *castigar*; *resgate*, de *resgatar*. São substantivos que alguns grammaticos chamam *postverbaes*, por serem formados do radical do verbo, com o acrescimo da terminação *a*, *o*, *e*. E' uma derivação que se chama *regressiva*.

Quando a formação da palavra é devida á junção do prefixo e do suffixo, ao mesmo tempo, diz-se que a formação é *parasintética*: *ajoelhar*, *encorporar*, *espezinhar* (radical substantivo); *aquietar*, *empobrecer*, *esclarecer* (radical adjectivo).

Geralmente os parasintéticos são verbaes, raros sendo os parasintéticos nominaes: *injustiça*, *interoceanico*, *deslealdade*.

### SUFFIXOS

Os suffixos da Lingua portugueza são, em grande parte, originados do Latim, ou formados no proprio seio da Lingua.

Os suffixos juntos a substantivos formam substantivos; outros, juntos a adjectivos, formam substantivos, etc.

*Substantivos derivados de substantivos:*

*aça, aço* — quantidade, aumento — *fumaça, vidraça, espinhaço*.

*ada* — golpe, colleção, tempo — *facada, unhada, rapaziada, papelada, noitada, alvorada*. Unido a nome de fruto, ou alimento, indica bebida ou preparado de cozinha: *cajuada, feijoada*.

*ade* — irmandade.

*ado, ato* — profissão, dignidade — *professorado, duquedo, baronato, generalato*.

*agem* — colleção, estado — *folhagem, aprendizagem*. *al* — extensão, quantidade — *areal, laranjal*.

*alha* — extensão — *muralha*. Tem sentido pejorativo: *gentalha*.

*ame* — conjunto — *cordame, correame*.

*ama* — colleção — *dinheirama*.

*ano* — origem, seita — *bahiano, republicano*.

*aria* — colleção, lugar, acto — *gritaria, livraria, cavalaria, escadaria, velhacaria*.

*ario, eiro, eira* — profissão, officio, lugar onde, patria, quantidade — *boticario, porteiro, costureira, relicario, galinheiro, brasileiro, poeira*.

Os dois ultimos suffixos fórmam nomes de arvores frutiferas: *limoeiro, mangueira*. O sufixo *eira* tambem forma nomes que indicam defeitos fisicos e actos reprovaveis: *cegueira, bandalheira, ladroeira*.

Nota-se que o sufixo — *eiro* — se junta a nome de fruto masculino: *cajueiro*, e — *eira* — a nome de fruto feminino: *laranjeira*, apenas com tres excepções: *figo, figueira, castanha, castanheiro; cajá, cajazeira*.

*astro* — poetastro, madrasta, com sentido pejorativo. *cida* — matador — regicida, insecticida.

*cola* — o que cultiva ou habita — *vinicola, agricola, selvicola*.

*edo* — porção — *passaredo, arvoredo, vinhedo*.

*ela* — acção, reuniao — *corruptela, parentela*, com sentido pejorativo.

*ense* — patria — *brasiliense, cearense*.

*esca* — reuniao — *soldadesca*.

*iça, iço* — diminuição ou depreciação — *caliça, caniço*, *ia* — emprego, lugar em que elle é exercido — *prelazia*.

*mordomia*.

*io* — conjunto — *mulherio*.

*ismo* — doutrina, seita, imitação — *cristianismo, abolicionismo, latinismo*.

*ista* — emprego, agente — *oculista, jornalista, capitalista*. E' de grande uso e forma tambem palavras significando seita: *monarquista, socialista*.

*ol* — patria — *espanhol*.

*orio* — aumento — *foguetorio, vivorio*, com sentido pejorativo.

*oto* — patria — *minhoto*.

*ugem* — acção, quantidade — *ferrugem, pennugem*.

*ulho* — reuniao — *pedregulho*.

*ume* — intensidade — *negrume*.

*voro* — comedor — *herbívoro, insectívoro*.

Além destes, há os suffixos que indicam aumento como: *ão, az, etc.*, e outros que indicam diminuição *inho, elha, ela, etc.*

*Substantivos derivados de adjectivos* (exprimem qualidade, estado, condição).

*aria* — *enfermaria, pirataria, sovinaria*.

*eima* — *toleima, guloseima*.

*ença, encia* — *convalescência, corpulencia*.

- ena — novena.  
 ez, eza — altivez, nobreza.  
 ia — alegria, cortezia.  
 iça, icia — justiça, caricia, malicia. Há a fórmula alatinada em icie — calvicie, immundicie.  
 ice — tolice, velhice, meiguice.  
 idão — escuridão, gratidão.  
 idade — fidelidade, salubridade. Si a fórmula primitiva do adjetivo termina em vel, o substantivo readquire a fórmula alatinada em bil — provavel, probabilidade; amavel, amabilidade. Há grande numero de palavras formadas com este sufixo e com a fórmula dade: maldade, igualdade. Concorre com os substantivos em ão: solidade, solidão; variedade, variação.  
 ismo — radicalismo, purismo.  
 mento — atrevimento.  
 or — verdor, amargor.  
 orio — finorio.  
 tude — amplitude, juventude, magnitude.  
 ura — brandura, alvura.

Substantivos derivados de verbos (exprimem ação, feito, resultado, lugar):

- aço — cansaço.  
 ado, ada, ido, ida — finado, chegada, vestido, partida.  
 agem — lavagem, passagem.  
 alho — espantalho.  
 ança, ença, ancia, encia — lembrança, crença, ignorância, resistencia.  
 anda, enda — propaganda, vivenda.  
 ão — rasgão, comparação, coroação.  
 doura, douro — mangedoura, matadouro, sumidouro.  
 ela — olhadela, com sentido pejorativo.  
 ia — correria.  
 ilho — andarilho.

- ~~X~~ ivo — curativo, cooperativo.  
 iz — chamariz, geratriz.  
 mento — falecimento, testamento. Concorre com os substantivos em ção: fundamento, fundação; fragmento, fracção.  
 or — caçador, professor.  
 orio — oratorio, conservatorio.  
 ura — pintura, assadura. Alguns designam objectos materiaes — fechadura, ferradura.

Adjectivos derivados de substantivos:

- aco — demoniaco.  
 aceo — liliaceo, crustaceo.  
 al, il — imperial, febril.  
 aneo — contemporaneo.  
 ano — romano, pernambucano.  
 ão — comarcão.  
 ar — familiar, ocular.  
 ario, eiro — imaginario, ordinario, interesseiro, verdadeiro.  
 atico — lunatico, asiatico.  
 ejo — sertanejo.  
 enho — ferrenho.  
 eno — nazareno, chileno.  
 engo — monstrengو, mulherengo.  
 ente — paciente.  
 ento — nojento, sedento.  
 eo — marmoreo.  
 esco, isco — fradesco, dantesco, mourisco.  
 estre — campestre.  
 este — celeste.  
 ez — camponez.  
 fero — frutifero, aurifero.  
 fico — prolifico.  
 forme — fusiforme, uniforme.

*fugo* — centrifugo, vermisfugo.  
*gero* — lanígero.  
*ico* — diabolico, bíblico.  
*ico, icio* — enfermigo, vitalício, natalício.  
*imo* — marítimo.

*inho* — marinho.  
*ino* — diamantino, leonino.  
*lento* — somnolento, corpulento.

*enso* — medonho.  
*orio* — tormentorio.

*oso* — nervoso, rendoso, vultoso. Suffixo de grande emprego. Às vezes toma a fórmula — *uoso* — montuoso, impetuoso.

*udo* — linguarudo, cabeçudo.  
*undo* — iracundo.  
*voro* — carnívoro, omnívoro.

#### Adjectivos derivados de adjetivos:

*al* — maternal, angelical.

*ardo* — felizardo.

*el* — cruel, novél.

*ento* — pardacento.

*ete* — trigueirete.

*esle* — agreste

*onho* — tristonho.

*orio* — finorio, simplorio.

*ote* — velhote.

*oso* — verdoso.

#### Adjectivos derivados de verbos:

*ado, ido* — amado, temido.

*ando, endo* — venerando, tremendo.

*ante, ente, inte* — amante, crente, pedinte.

*ão* — folgazão.

*iço* — espantadiço, alagadiço.

*io* — luzidio, fugidio.

*ivo* — fugitivo.  
*or* — abridor.  
*orio* — inflammatorio.  
*osto* — posto.  
*ouro* — duradouro, ancoradouro.  
*undo* — moribundo, vagabundo.

*vel* — amavel, corrigivel, movel, soluwel. A fórmula *avel* concorre com *ante* e *oso*: amavel, amante, amoroso. A fórmula *ivel*, concorre com *ivo*: sensivel, sensitivo. Há a fórmula *bre*: nobre. A fórmula *vel* tinha no Portuguez antigo a fórmula *bil*, que ainda hoje se emprega no superlativo absoluto: amavel, amabil, amabilissimo; invisivel, invisibil, invisibilissimo, etc.

#### Derivação de verbos:

*ar, er, ir* — ajoelhar, emmagrecer, florir.

*ear* — barbear, baratear, folhear, sorteiar.

*ecer, escer* — anoitecer, adormecer, florescer.

*ejar* — doudejar, forcejar, voajar, verdejar,

*entar* — avelhantar, amamentar, opulentar.

*ficar* — amplificar, purificar, santificar.

*icar* — fabricar, adocicar.

*ilhar* — fervilhar.

*inhar* — escrevinhar, espezinhar.

*iscar* — lambiscar.

*itar* — dormitar, saltitar.

*izar* — arborizar, fertilizar.

#### Derivação de adverbio:

*mente* — junto a adjetivo no feminino — sabiamente, justamente.

A lista dos elementos gregos que formam termos portuguezes, pôde se aumentada com os elementos — verdadeiras palavras — que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e muitas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes:

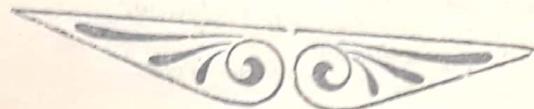
*acro*, extremidade, sumidade; *acróbata*, acróstico.  
*aer*, ar, aeronave, aeronauta.  
*agogos*, guia, demagogo.  
*algos*, dôr, odontalgia.  
*allo*, diverso, allopacia.  
*anemo*, vento, anemometro.  
*anthos*, flôr, antologia, helianto.  
*anthropos*, homem, antropofago, filantropia..  
*aristos*, melhor, aristocracia.  
*autos*, por si mesmo, autonomia, autobiografia.  
*archos*, governo, monarquia, anarquia.  
*archaios*, antigo, arcaismo.  
*arithmos*, numero, aritmetica.  
*arthro*, articulação, artralgia.  
*atmos*, ar, atmosfera.  
*barys*, peso, barometro.  
*bato*, andar, hiperbato, acróbata.  
*biblion*, livro, bibliografia, biblia.  
*bios*, vida, biografia, anfibio.  
*bola*, bolo, bole, lançar, parabola, discobolo, hiperbole.  
*brachy*, breve, curto, braquicefalo.  
*cacos*, máu, cacofonia, cacografia.  
*callos*, bello, calligrafia, caleidoscopio.  
*cele*, tumor, gastrocele.  
*cephale*, cabeça, cefalalgia, microcefalo.  
*cero*, chifre, rinoceronte.  
*choles*, bilis, melancolia.  
*choreo*, dansa, coreografia.  
*christo*, ungido, cristão, anticristo.  
*cheiros*, mão, quirografia.  
*chronos*, tempo, cronica, isocrono.  
*clasta*, despedaço, iconoclasta.  
*crisia*, juizo, hipocrisia.  
*crasia*, constituição, discrasia.  
*cromo*, côn, cromolitografia.  
*cryptho*, segredo, occultação, apocrijo.  
*crypto*, occulto, criptografia.  
*chtone*, terra, autoctone.  
*crisos*, ouro, Crisostomo, crisântemo.  
*cosmos*, mundo, cosmografia, microcosmo.  
*cratos*, poder, força, autocracia, democrata.  
*cyano*, azul, cianoptero.  
*cyclos*, circulo, cicloptero, bicicleta.

*cyno*, cão, cinocefalo.  
*dactylos*, dedo, dactilografia.  
*demos*, povo, democracia, epidemia.  
*doto*, dado, antidote.  
*dromos*, carreira, hipódromo, dromedario.  
*dynamis*, força, dinamite.  
*edra*, face, diedro.  
*electron*, electricidade, electrometro.  
*eidos*, forma, caleidoscopio.  
*endo*, dentro, endocarro, endogeno.  
*entomo*, insecto, entomologia.  
*epos*, palavra, ortoepia.  
*ethos*, usos, etica, elografia.  
*ethnos*, povo, raça, etnografia.  
*exo*, fóra, exogeno, exoterico.  
*gameo*, casamento, bigamia, poligamo.  
*gastro*, estomago, gastronomo, epigastro.  
*geneo*, especie, homogeneo.  
*genio*, gerado, hidrogenio.  
*geo*, terra, geografia, apogeu.  
*glypho*, gravar, hieroglifo.  
*gnose*, conhecimento, geognosia.  
*gono*, raça, prole, epigono.  
*gonos*, angulo, poligono.  
*gonia*, produçao, geração, teogonia, cosmogonia.  
*gramma*, letra, grammatica, monogramma.  
*grapho*, que escreve, tipografo, grafico, grafone.  
*gymno*, nú, gimnastica.  
*gyn*, gyneco, mulher, gineceu, ginecocracia.  
*hagio*, santo, sagrado, hagiografia.  
*helios*, sol, heliografia, afelio.  
*hemeros*, dia, esemeride, Decameron.  
*haima*, haimatos, sangue, hemorrhagia, hematocle.  
*heteros*, diverso, heterogeneo.  
*hieros*, sagrado, hierarquia.  
*hippos*, cavallo, hipodromo.  
*hodos*, caminho, exodo.  
*homeo*, igual, homeopatia.  
*homo*, igual, homofono, homonimo.  
*hydro*, agua, hidrobio, hidrografia.  
*hygro*, humido, higrometro.  
*idios*, proprio, idioma, idiopatia.  
*ichtyos*, peixe, ictiologia.  
*icono*, imagem, iconoclasta.

*isos*, similar, *isosceles*.  
*ite*, inflamação, *hepatite*, *gastrite*.  
*latria*, adoração, *idolatria*.  
*lexi*, palavra, *lexiologia*.  
*lithos*, pedra, *litografia*, *aerolito*.  
*logos*, palavra, tratado, *analogia*, *mitologia*, *apólogo*.  
*macros*, grande, longo, *macrocosmo*, *macrobio*.  
*mache*, combate, *tauromaquia*.  
*mancia*, adivinhação, *cartomancia*.  
*mania*, loucura, *monomania*, *maniaco*.  
*mato*, o que se move, *automato*.  
*megas*, *megalos*, grande, *megaterio*, *megalomania*.  
*mesos*, meio, *mesocarro*, *mesoclise*.  
*melos*, canto, *melodrama*.  
*metron*, medida, *metrologia*, *perímetro*.  
*meter*, māi, *metropole*.  
*micros*, pequeno, *microcosmo*, *microbio*.  
*mis*, ódio, *misanthropo*.  
*mimo*, imitador, *pantomima*, *mimologia*.  
*morphe*, forma, *morfologia*, amorfo.  
*mythos*, fabula, *mitologia*.  
*nau*, navio, *nauta*, *aeronauta*.  
*necro*, morto, *necrologia*, *necroterio*.  
*neos*, novo, *neologismo*, *neofito*.  
*nesos*, ilha, *Pólenesia*, *nesografia*.  
*neuron*, nervo, *nevralgia*, *neurastenia*.  
*nomos*, lei, *astronomia*, *agronomo*.  
*nosos*, doença, *nosografia*.  
*odos*, caminho, *periodo*, *exodo*.  
*onoma*, nome, *anonimo*, *onomatopéa*.  
*odontos*, dente, *odontologia*.  
*oide*, forma, *metaloide*, *esferoide*.  
*oligo*, pouco, *oligarquia*.  
*oros*, montanha, *orografia*.  
*onto*, ente, *ontologia*.  
*ophi*, serpente, *ofidio*, *ofiosago*.  
*ophtalmo*, olho, *oftalmia*.  
*opsis*, exame, *necropsia*.  
*orama*, vista, *diorama*, *cosmorama*.  
*ornithos*, passaro, *ornitologia*.  
*ortho*, direito, *ortografia*.  
*osteon*, osso, *osteologia*.  
*oxy*, acido, *oxigenio*.  
*paleo*, paleon, antigo, *paleografia*, *paleontologia*.

*pathos*, sentimento, (paixão), molestia, simpatia, patologia.  
*paidos*, criança, *pedologia*.  
*phago*, comer, *antropofagia*.  
*phaino*, brilhante, *diafano*.  
*philos*, amigo, *bibliofilo*, *filologia*.  
*phisis*, natureza, *fisiologia*.  
*phito*, planta, *neofito*, *zoofito*.  
*phlebos*, veia, *slebotomia*.  
*phobo*, temor, *hidrofobia*, *xenofobia*.  
*phone*, som, *fonografo*, *eufonia*.  
*phonos*, matança, *taurofôno*, *xenofônico*.  
*phos*, photo, luz, *fotografo*, *fotógrafo*.  
*phora*, phoro, que leva, *fotógrafo*, *metafora*.  
*pluto*, rico, *plutocracia*.  
*pneuma*, ar, *pneumatico*.  
*podos*, pé, *antipoda*, *polipo*.  
*poleo*, eu vendo, *monopolio*.  
*polis*, cidade, *metropole*, *Petropolis*.  
*potamo*, rio, *potamografia*, *hipopotamo*.  
*poly*, muito, *polissillabo*.  
*protos*, primeiro, *protomedico*, *prototipo*.  
*pseudos*, falso, *pseudonimo*.  
*psyche*, alma, *psicologia*, *metempsicose*.  
*ptero*, aza, *aptero*.  
*pyros*, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.  
*phren*, cerebro, *frenologia*.  
*rhino*, nariz, *rinoceronte*.  
*rhagia*, romper, *hemorragia*.  
*scopo*, vista, *microscopio*, *horóscopo*.  
*seleno*, lua, *selenografia*.  
*sophia*, sabedoria, *filosofia*.  
*stata*, levantar, *aerostato*.  
*steno*, apertado, estreito, *estenografia*.  
*stereos*, sólido, *estereometria*.  
*stico*, verso, *acrostico*.  
*stylo*, columna, *peristilo*.  
*stoma*, boca, *exostoma*.  
*strate*, exercito, *estrategia*.  
*strope*, volta, *calastrofe*.  
*sthene*, força, *neurastenia*.  
*stilo*, columna, *peristilo*.  
*tachy*, rapido, depressa, *taquigrafia*.  
*taphos*, tumulo, *epitafio*.  
*techne*, arte, *politecnica*, *tecnologia*.  
*tele*, ao longe, *telefônico*, *telescopio*.

*theos*, Deus, *teologia*, ateu.  
*these*, posição, *prótese*, *antítese*.  
*therapeia*, tratamento medico, *hidroterapia*.  
*thermos*, calor, *termometro*.  
*tomo*, corte, *anatomia*, *atomo*. Subentende-se, neste ultimo exemplo, o vocabulo — *meris* — parte.  
*tonos*, som, *monotonia*, *tonico*.  
*topos*, lugar, *topografia*.  
*trophe*, nutrição, *atrofia*.  
*typos*, modelo, *tipografia*, *protótipo*.  
*urano*, céu, *uranografia*.  
*urgon*, trabalho, *metalurgia*.  
*zoon*, animal, *zoologia*, *epizootia*.



## IV

### Declinação

Na *Sciencia da Línguagem* diz Max Muller sobre *casos*:

Na linguagem filosofica dos estoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente queda, isto é, a relação de uma idéia com outra e o acto pelo qual uma palavra cai e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões apareceram a respeito da questão de se saber si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo, e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammativos estoicos, o sujeito ou nominativo não cai nem sobre cousa alguma se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica o motivo da denominação de *caso recto*, dizendo:

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia immovel que os produz, se oculta e desapparece.

Porém, como não existe ella só para isto, mas é tambem o fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

Daf a forma que toma o sujeito de todo o verbo, este caso recto que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina sofreram si não completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria Lingua latina.

A diminuição e depois o desaparecimento nas Linguas romanas da declinação, tem causas foneticas e sintacticas. Sem remontar além do Latim classico que nos oferece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m* final.

Na 1.<sup>a</sup> declinação, ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que tambem se encontra no Latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas novo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distinção do artigo *li* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as Linguis modernas.

Em Portuguez existem alguns vestigios da declinação latina.

**Do nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos*, *Luiz*, *Marcos*, *Moysés*, *Deus*, *Jesus*, etc.; *calix*, *simples*, *demo*, *elle*, *adro* (de que prevaleceu o feminino *adra* em lugar de *ladrona*), *leopardo*, *serpe*, *vinagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior à declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a fórmula primitiva do nome.

**Do genitivo** poucos vestigios se encontram em Portuguez e isto, é facil de explicar, porque, desde o periodo classico, o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos: *aqueducto*, *jurisconsulto*, *legislação*, *petroleo*, *plebiscito*, *terremoto*, *agricola*.

Do dativo, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes: *mim*, *ti*, *si*, *lhe*; *crucifixo*, *devoto*, *fideicommisso*.

Foi o acusativo um dos poucos casos da declinação latina que, na passagem para o Portuguez, conservou toda a força sintactica.

E' occasião de, succinctamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso donde etimologicamente derivou o maior numero de palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o ablativo o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo*, em Portuguez, não pôde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl.).

Este grande argumento cai por terra desde que atendâmos a que o sufixo —*m*, resto da fórmula ariana *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes suppresso, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro*, *urbe*, por *virum*, *urbem*.

Diz Corssen: E' difficult de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo, desde os tempos mais antigos, era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desapareceram.

Desde o começo do seculo IV, a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tão natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum*, *Antonio*, ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso originario, basta se observarem as palavras imparissillabas neutras:

- tempo* — ac. *tempus*, abl. *tempore*.  
*corpo* — » *corpus*, » *corpore*.  
*peito* — » *pectus* » *pectore*.  
*lado* — » *latus* » *latere*.

Donde se vê, a se originarem do ablativo, estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre*, *corpre*, *latre*, etc., como sucede com os nomes que não são neutros.

- arvore* — ac. *arborem*, abl. *arbore*.  
*lebre* — ac. *leporem*, abl. *lepore*.

Ainda mais. Como lembra Leite de Vasconcellos, no Latim vulgar o uso dos casos era restrito, e as preposições regiam frequentemente o acusativo.

Cita o doto filologo varios exemplos de acusativos regidos de preposição, quando o caso a empregar era o ablativo: *a census*, *cum filios suos*, *ex castra nova*, etc.

Encontram-se vestigios do acusativo nos pronomes: *te*, *se*, *nos*, *vos*, nos termos *o*, *a* (*illum*, *illam*, acusativos de *ille*, *illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se signaes do acusativo: *marmota*, *morcego*, *homem*, *virgem*, *quem*, *leão*, *serpente*, *valor*.

O **vocativo**, por ser, em regra, uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez, para empregarmos este caso, prece-  
dem-lo da interjeição — ó —.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* faz crer que é talvez a elle a quem se deva o termo *ablativo*. Este nome não se encontra em escritor algum anterior.

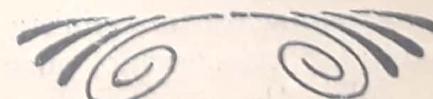
Em Portuguez possuimos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso: *amanuense*, *agora*, *cedo*, *como*, as fórmas *migo*, *tigo*, *sigo*, que passaram aglutinadas com as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* ( ablativo de *mens*, *mentis* ).

Na linguagem popular encontramos fórmas com esta origem, taes como: *cum quibus* ( dinheiro ), *qui-pro-quo* ( engano, descuido ), *busilis*, derivado, segundo o Dr. Castro Lopes, da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caractéres que distinguem as Linguas romanás do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos donde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas causas: a pronunciaçāo e o acento tonico.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano *o*, *u*, acabaram de confundir-se; que, da mesma maneira, os sons *e*, *i*, se tinham aproximado tanto que se tornou difficult distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desapparecimento da declinação em Portuguez.



## Etimologia do substantivo

Difficil é determinar com precisão o origem dos substantivos. Em quanto se pôde dizer que os determinativos são de origem latina, que os adverbios tambem o são, todas as linguas estrangeiras deram substantivos á Lingua portugueza.

Os substantivos proprios se derivam, não só do Latim, como tambem do Hebraico, Grego e Germanico, ou são formados de palavras vernaculas: *Placido, Flora, Benigno*, ou de Linguas indigenas do Brasil: *Iracema, Juracy*.

Do Latim: *Mario, Deodato, Cicero, Antonio, Bento*.

Do Hebraico: *David, Moysés, Adão, Simão, Sara*.

Do Grego: *Theocrito, Felippe, Diogenes, Jeronymo*.

Do Germanico: *Carlos, Eduardo, Isabel, Alberto*.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto, ou circunstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides*, era o melhor; *Job*, o que gome; *Archimedes*, eminent maquinista ou pensador; *Carlos*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio*, o que tem o primeiro pelo; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe*, erpinha de peixe; *Poly*, camarão.

E' opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos, isto é, antigos adjetivos. Em certos nomes proprios encontram-se, ás vezes, os elementos gotico e arabe fundidos, como em *Venegas* (*Viégas*), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz: Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A forma *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez*, *iz*, apparece no cantabrico e asturiano na forma *ies*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ires*, pronome iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Laramendi que no *El imposible vencido* julga que o sufixo dos patronimicos é originado da posposição do artigo vascuense ou biscaíno *ez*: *Perez de Pero*, *Garciez*, de *Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gotico em *is*: *Rodrigues, Roderiguiz*; Gotico *Hrothareikis*; *Fernandes, Ferdinandiz*; Gotico *Ferthananthis*.

Knapps diz: A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se, assim, do Latim: *Paes de Pelagiis*. Sendo a flexão do plural vemos o Italiano em *i*: *Galileo, Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados de substantivos latinos em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos vêm do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das Linguas modernas.

Alguns são derivados de adjetivos: *pêssego* (*persicus*), *maçã* (*mala, matiana*).

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa à formação do lexico portuguez).

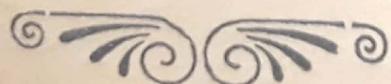
Como já vimos no Capitulo relativo á Declinação latina, variões são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o acusativo.

A's vezes os dois casos — nominativo e acusativo — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é, em geral, indicada pelo acento tonico.

<i>drago</i>	nominativo	latim	<i>drago.</i>
<i>dragão</i>	acusativo	»	<i>dragonem.</i>
<i>dó</i>	nom.	»	<i>dolor.</i>
<i>dór</i>	ac.	»	<i>dolorem.</i>
<i>erro</i>	nom.	»	<i>erro.</i>
<i>error</i>	ac.	»	<i>errorem.</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro.</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem.</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo.</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem.</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor.</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem.</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito.</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem.</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo.</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem.</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre, pasteur; sire, seigneur; chantre, chanteur.*

E' o que constitue as fórmas divergentes.



## VI

## Adjectivos

Os adjectivos são considerados, por alguns filologos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece, á primeira vista, que o que mais devia ferir os olhos do observador, eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce, nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulo primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem; devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas Linguis já constituidas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a principio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre filologo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

## I

## ARTIGO

*Artigo*, segundo affirma Max-Muller, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou a juntura dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados como articulações, ou artigos do discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do seculo VI e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos deste emprego foram apresentados pelo sabio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns pensam que o artigo se origina do grego, como Constancio e Alexandre Passos.

Esta teoria não tem base alguma scientifica.

Bem se sabe que o Grego popular nada innovou no Latim, apenas criou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da Lingua.

O uso do artigo data do sec. VI e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si embora a grande influencia que os Gregos exerceiram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nessa Lingua, o Latim não possue artigo, como poderia aquele povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica, em Portugal, onde a sua influencia foi somente sobre os usos e costumes?

Ainda mais o plural do artigo no Grego é muito diferente do nosso: *hoi*, nominativo e *toús*, acusativo.

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc*, *hac*, e no plural o acusativo *hos*, *has*, do demonstrativo *hic*, *haec*, *hoc*.

Diz este ultimo grammatico: « O erudito Plinio, o Moço, escriptor do 1.º seculo da era christã, entendia que

o pronome *hic*, *hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic*, *haec*, *hoc* para designar os generos dos nomes ».

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga forma de escrever: *ho*, *ha*.

Devemos notar, porém, em 1.º lugar que o *h* latino já tinha desapparecido do falar do povo nos fins da Republica Romana, não tendo ficado vestigios delle nas Linguas derivadas do Latim.

Mais ainda: o *c* de *hoc*, *hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente; pode abrandar-se: *caueolam*, gaiola; *amicum*, amigo; ou ás vezes e principalmente nos monosyllabos nasalizar-se: *nec*, nem; *sic*, sim; *pectinem*, pente, ou dá-se o alargamento da voz anterior: *noctem*, noite.

Para explicar a letra *h* da forma arcaica *ho*, *ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no seculo XV: *hinsidias*, *husofructo*, *he hum*, actualmente *insidias*, *uso fruto*, é, um.

A terceira opinião, a nosso ver a verdadeira, diz que o artigo se origina do acusativo *illum*, *illam* (singular), *illos*, *illas*, (plural) por aferese da primeira sillaba.

Os latinos, não possuindo artigo, empregavam o demonstrativo *ille*.

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do acusativo de *ille*, *illa*, *illud*.

O Espanhol tem *el*, *la*, *los*, *las*; o Francez *el il*, *lo*, *ti*, *le*, *la*, *les*; o Valaquio *le*, *a*, *i*; o Provençal *lo*, *la*, *il*, *li*, *las*; o Italiano *il*, *la*, *lo*, *gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as formas antigas *el*, *lo*, *ho* e as modernas *o*, *a*, *os*, *as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz não se poder negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as fórmas *lo*, *la*, *los*, *las*, e as fórmas *o*, *a*, *os*, *as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

## II

## POSSESSIVOS

Os adjectivos possessivos vieram do Latim, sendo que as fórmas do plural são da propria Lingua portugueza.

## Fórmas masculinas:

Meu — <i>meum</i>
Teu — <i>tuum</i>
Seu — <i>suum</i>

Nosso — <i>nostrum</i>
Vosso — <i>vostrum</i>
Seu — <i>suum</i>

As fórmas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da forma *meu*.

## Fórmas femininas:

Minha — <i>meam</i>
Tua — <i>tuam</i>
Sua — <i>suam</i>

Nossa — <i>nostram</i>
Vossa — <i>vostram</i>
Sua — <i>suam</i>

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*. A forma primitiva, porém, era *mia*, *miam*, até o seculo XII; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*).

Encontra-se a forma *mia* no Cancioneiro Inedito: *Mia morte; com mia mulher* (Diez).

A par de *nosso*, havia *nostro*, usado na expressão *nostro senhor*, por influencia da igreja.

## III

## DEMONSTRATIVOS

São originados do Latim:

Este, esta	lat. <i>iste, ista</i>
Esse, essa	» <i>ipse, ipsa</i>
Aquelle, aquella	» <i>ecce ille (ecc'ille), ecce illa (ecc'illa)</i>

O mesmo se dá com as fórmas compóstas:

Est'outro, est'outra	lat. <i>ist'alterum, a</i>
Ess'outro, ess'outra	» <i>ips'alterum, a</i>
Aquell'outro aquell'ou- tra	» <i>ecc'illum alterum, a</i>

O plural é de formação portugueza: acrescimo da letra — *s* —.

Os demonstrativos apresentam vestigios do genero neutro nas fórmas: *isto* (*istud*); *isso* (*ipsud*); *aquillo*, (*ecc'illud*).

A Lingua arcaica possuia mais: *aquesto*, *aquesse*, *aquistoso*, *esto*, *esso*, *aquelo*, *elo*.

## IV

## RELATIVOS

Os relativos têm sua etimologia no Latim:

Que	lat.	<i>qui</i>
Qual	»	<i>qualis</i>

<i>Quem</i>	lat	<i>quem</i>
<i>Cujo</i>	>	<i>cujus</i>
<i>Onde</i>	>	<i>unde</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui*, o Portuguez herdou o nominativo *que*, o acusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

A Lingua arcaica possuia mais o pronome — *quejendo* — (*quid genitum*) que se transformou no actual — *quejando*.

## V

## NUMERAES

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela fonetica:

Um — <i>unum</i>	Seis — <i>sex</i>
Dois — <i>duos</i>	Sete — <i>septem</i>
Tres — <i>tres</i>	Oito — <i>octo</i>
Quatro — <i>quatuor</i>	Nove — <i>novem</i>
Cinco — <i>quinque</i>	Dez — <i>decem</i>

« De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia por ser mais claro, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou ».

Onze — <i>undecim</i>	Treze — <i>tredecim</i>
Doze — <i>duodecim</i>	Quatorze — <i>quatuordecim</i>

Quinze — <i>quindecim</i>	Dezoito — <i>decem et octo</i>
Dezeseis — <i>decem et sex</i>	Dezenove — <i>decem et novem</i>
Desesete — <i>decem et septem</i>	

De 20 a 90 há sómente o atrofiamento do numeral latino:

Vinte — <i>viginti</i>	Sessenta — <i>sexaginta</i>
Trinta — <i>triginta</i>	Setenta — <i>septuaginta</i>
Quarenta — <i>quadraginta</i>	Oitenta — <i>octoginta</i>
Cincoenta — <i>quinquaginta</i>	Noventa — <i>nonaginta</i>

Cem — vem de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em *centos*.

Duzentos — *ducenti*.

Trezentos — *trecenti*, etc.

Os outros numeraes, como *mil* e seus multiplos, correspondem ás fórmas latinas, sendo que *milhão*, *bilhão* e seus compósitos são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim.

Primo ou primeiro ou primario — *primum*, *primarium*.  
Segundo — *secundum*.

Tercio ou terceiro ou terciario — *tertium*, *tertiarium*.  
Quarto — *quartum*, etc.

## VI

## INDEFINIDOS

Algum — *aliqu'unum*. A forma *alguem* se origina de *aliquem*; algo, de *aliquid*.  
Ambos — *ambos*.

Cada — *quisque*, ou, melhor, da preposição grega *cata*. O composto *cada um* tem no Latim a fórmula *quisque ad unum*. *Cada um*, *cada qual* são compósitos vernaculos.

Certo — *certum*. No Latim classico a fórmula é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brasil, para designar um individuo indeterminado e sem valor social.

Demais — E' de formação portugueza.

Diverso — *diversum*.

Mesmo — *metipsissimum*, contraido em *metipsimum*, *metips'mum*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais — *magis*.

Menos — *minus*.

Muito — *multum*.

Nada — (*res*) *nata*.

Nenhum — *nec'unum*; é, melhor, de formação portugueza. A fórmula *ninguem* vem de *nequam* ou *nec-hem-nem homem*.

Outro — *alterum*. A fórmula *outrem* é, para muitos, originada de *outro hem — outro homem*, ou por analogia com *alguem*, *ninguem*.

Pouco — *paucum*.

Qual — *qualem*. E' empregado na fórmula *qualquer*, de origem vernacula, com a fórmula arcaica *qualquier*.

Quanto — *quantum*.

Que — *qui*.

Quem — *quem*.

Só — *solum*.

Tal — *talis*.

Tanto — *tantum*.

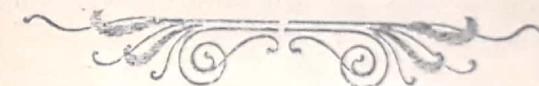
Todo — *totus*. Tem a fórmula neutra: tudo — *totum*.

Unum — *unum*.

Varios — *varios*.

O indefinido *fulano* se origina do arabe *folano*.  
Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem. A

attracção da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo por que se empregam, para fim identico, os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*.



#### ABLATIVO

migo — *mecum*; nosco — *nobiscum*.  
tigo — *tecum*; vosco — *vobiscum*.

#### VII

## Pronomes pessoaes

Os pronomes pessoaes apresentam vestígios da declinação latina:

#### NOMINATIVO

eu — *ego*, latim vulgar *eo*; nós — *nos*.  
tu — *tu*; vós — *vos*.

elle — *ille*.

ella — *illa*.

ellos, ellas, formados do singular, por analogia com os nomes que fazem o plural em *s*.

#### DATIVO

mim — *mi*, *mihi*; nos — *nobis*.  
ti — *tibi*; vos — *vobis*.  
lhe — *illi*; lhes — *illis*.

#### ACUSATIVO

me — *me*; nos — *nos*.  
te — *te*; vos — *vos*.  
o, a — *illum*, *illam*; os, as — *illos*, *illas*.

#### FÓRMA REFLEXA, 3.<sup>a</sup> PESSÔA

Dativo: si — *sibi*.

Acusativo: se — *se*.

Ablativo: sigo — *secum*.

#### OBSERVAÇÕES

*Eu*, teve no século XII as fórmulas *ei*, *iea*.

*Tu*, *te*, *me*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim.

*Elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, têm as fórmulas arcaicas *el*, *ello*, *ille*.

*Mim*, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento *commum* da nasal, como muito pronunciado *muinto*.

Em Portuguez há varias palavras duplas, nasaladas ou não: *assi*, *assim*; *si*, *sim*.

*Lhe*, *lhes*, têm as fórmulas primitivas *lhi*, *lhis*, e as intermediarias *li*, *illi*, *lli*, plural *les*, *llis*.

*O*, *a*, *os*, *as*, substituem, desde o século XVI o pronome *elle* e suas variações; têm as fórmulas antigas *lo*, *la*, *los*, *las*: *amá-lo*, *quere-las*.

*Ti* e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela queda do *b* e contracção do *i*.

*Migo*, *tigo*, *sigo*, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das fórmulas latinas compostas *mecum*, *tecum*, *secum*, em que os pronomes *me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*, tendo desaparecido a idéia de que a sillaba *go* representava a preposição latina *cum*. Dá-se em Portuguez uma repetição: *comigo*, *cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contracção, de *nobiscum* e *vobiscum*.



## VIII

## Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Temas simples

## I

E' um facto aceito por grande numero de filologos, que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um tema adjetivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficulte que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-europeás* de Bopp, o sabio guia do illustrado glotologo Portuguez Adolpho Coelho, é um manancial inexgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principaes idéias sobre a teoria da conjugação latina.

Há em Portuguez quatro conjugações:

A 1.<sup>a</sup> em *ar* que corresponde á latina em *are*.

A 2.<sup>a</sup> em *er* que corresponde ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve).

A 3.<sup>a</sup> em *ir* que corresponde a *ire*.

A 4.<sup>a</sup> em *or* que forma uma conjugação á parte: pertencia até ao seculo XV á segunda e corresponde á latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo da conjugação latina com a portugueza é muito complexo e difficultoso.

Em nossa Lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o daquelle distinto glotologo, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

Será este livro o nosso farol na presente exposição.

Analizando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas Linguis indo-europeás o verbo compõe-se da raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: tema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, *sci* o presente (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os temas temporais são simples, como em *ama*, raiz *am*, sufixo *a*; e compósitos, como *ama-vi*, tema *ama* e o tema de preterito *vi-fui*.

#### Desinencias pessoais:

A desinencia da primeira pessoa do singular é — *m* — do tema pronominal indo-europeu — *ma* — que conserva as seguintes fórmulas:

1.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *juam*: *amabam*.

2.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.<sup>a</sup> do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.<sup>a</sup> do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais fórmulas da primeira pessoa do presente, assim como nas do preterito, esta desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom*, etc.

O mesmo se observa no acusativo latino.

E' o fenomeno que se dá em Portuguez: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A fórmula *inquam* não tem correspondente em nossa Lingua e a fórmula *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (sô) do Latim vulgar *so*, pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva esta desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus* — *amamos*.

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres fórmulas:

1.<sup>a</sup> *ti* do tema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te*, etc.: no perfeito *dediti*.

2.<sup>a</sup> *s* indo-germanico, fórmula secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é fórmula assibilida de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepto no perfeito: *amavisti*, *dediti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se sómente o *ti* em *te*: *amaste*, *désté*.

3.<sup>a</sup> *to*, desinencia enfatica do imperativo, da fórmula do antigo latim *tod*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama*, *dá*.

A desinencia da segunda pessoa do plural em Latim é *tis*, que aparece em todos os tempos: *fertis*, *datis*, *dedicatis*, etc.  
No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*: *ferte*, *date*.  
Ocorre em Latim uma forma enfática *tote*.  
Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no pretérito por causa de *s* que o precede: *amaste* — *amavistis*.

Fóra deste tempo abrandou-se em d: *amatis*, antigo Portuguez — *amades* — ficando finalmente sincopado o d por estar entre vogais, como em *fidelis*, Portuguez — *fiel*.

Em alguns verbos o d conserva-se, afirma Diogo, porque se apoia sobre o n: *pondes*, *tendes*; ou sobre o r: *cantardes*, *amardes*.

Possue também a forma arcaica *sondes* — *sois*, usada no Archivio Acoriano: *Sondes menina e moça vos tornareis a casar* — *Sondes* recolhido por Theophilo Braga.)

Até ao século XV as formas verbais conservam o d, daí em diante encontram-se as duas formas e na Grammatica de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da terceira pessoa do singular é em Latim *t*, forma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só apparece em composição: *is-te*, *is-la*, *is-tu-d*.

No imperativo *tod* vem *to*, no grego *tud*, no grego *to*.

Do IV século da era cristã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na linguagem do povo e às vezes suprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros Cancioneiros portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico, só empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém — *é*.

A desinencia, portanto, da 3.ª pessoa do singular do Latim não deixou vestígios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *trementi*.

Em Latim há *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a forma do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a forma do Latim *nt*, passou por ulteriores modificações.

Em Portuguez o *t* aparece apoculado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nasal ou, melhor, se funde com a vogal que o precede em uma vogal nasalada, representada por til, *m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada, ou, então, é em que ora provém do *e*, ora do *u* latino.

## Desinencias pessoaes

	SING.	LATIM	PORtUGUEZ
1.ª pessoa		$\begin{cases} m \\ s \\ t \end{cases}$	( desapareceu )
2.ª pessoa		$\begin{cases} tis \\ te \\ iote \end{cases}$	$\begin{cases} s \\ te \\ ( não tem ) \end{cases}$
3.ª pessoa		$\begin{cases} nt \\ un \\ n \end{cases}$	$\begin{cases} ( desapareceu ) \\ um, om, am (ant.), am \\ em, ão \end{cases}$
PLURAL			
1.ª pessoa		$\begin{cases} mus \\ tis \end{cases}$	$\begin{cases} mos \\ des ( ant. ); es, is \end{cases}$
2.ª pessoa		$\begin{cases} te ( imperativo ) \\ iote ( imperativo ) \end{cases}$	$\begin{cases} de ( ant. ); e, i \\ ( não tem ) \end{cases}$
3.ª pessoa		$\begin{cases} unt \\ un, um \\ nt, n \end{cases}$	$\begin{cases} ( não tem ) \\ um, om, am (ant.), am \\ em, ão \end{cases}$

Sobre o título de suffixos modais vamos comparar, ajudado pelo filólogo A. Coelho, as alterações que a Lingua latina e a portugueza sofreram nos modos de seus verbos.

O indicativo não tem sufixo modal. Fórmase pela união do tema verbal ás desinencias pessoaes.

O imperativo só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoaes adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas Linguas indo-europeias, o optativo e o conjuntivo que no Latim se fundiram no subjuntivo.

O lugar dos suffixos modais é entre o tema verbal e a desinencia pessoal.

A fórmula primitiva do sufixo do optativo era *ja*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fórmulas primitivamente do presente optativo.

Estas fórmulas passaram pelas seguintes modificações:

$ja - ie \} i - i$   
 $já - ié \}$

As duas fórmulas primitivas só foram conservadas no ramo asiatico das Linguas indo-europeias; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

siem	sim
sies	sis
siet	sit
siemus (forma hipotética)	simus
sietis	sitis
sient	sint

Com as raízes *vel*, *ed*, *du*, (*da*); *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *daies*.

Em Portuguez, como em Latim, a final do tema optativo da primeira conjugação em *á* (única que conservou a forma optativa) é constantemente *e*:

Lat.	amem
	ames
	amet
	amemus, etc.

Port.	ame
	ames
	ame
	amemos, etc.

As formas do subjuntivo em Latim são as dos temas em *a* (3.<sup>a</sup> conjugação) e dos verbos em *é* (2.<sup>a</sup> conjugação) e *i* (4.<sup>a</sup> conjugação).

*Dicam*, *dicas*, *dicát* e posteriormente *dicat*, etc.

Nas formas subjuntivas dos verbos em *é* e *i*, o sufixo *aja* que forma o tema verbal dessas conjugações e o sufixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

$$aja+a=ajá \left\{ \begin{array}{l} ejá — eá \\ ijá — iá \end{array} \right.$$

por ex.: *moneámus* — *vestiámus*.

O subjuntivo presente dos verbos primários, em *a*, foi conservado, e os dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

### VERBO PRIMITIVO

Lat.	Dicam
	Dicas, etc.

Port.	Diga
	Digas

### VERBO DERIVADO EM E

Lat.	Debeam
	Debeas, etc.

Port.	Deva
	Devas etc.

### VERBO DERIVADO EM I

Lat.	Vestiam
	Vestias

Port.	Vista
	Vistas

### II

#### Temas temporais

Sobre os temas do presente distinguimos:

1.<sup>º</sup> Temas constituídos pela raiz sem sufixos.

Nesta classe a raiz se apresenta ou na forma simples ou na reforçada.

Raizes com vogal não reforçada, simples.

O Latim oferece poucos casos:

a) presente da raiz latina *es* (ser) como: *sum* por *esum* de *es — m* (a vogal eufônica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *esmus*.  
b) algumas formas do presente da raiz latina *vol* (querer) *volumus* por *volmus* (a ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer): *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar): *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as formas do presente da raiz latina *da* (pôr): *do*, *dis*, *dit*, *dimus*, *ditis*, *dunt*, que aparecem nos compósitos *ab-dit*, *cre-dit*, etc.

Raizes com vogal reforçada.

A esta classe pertence o tema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente aparecia com as formas: *eitur*, *eis*, *eit* onde o ditongo se contraiu em *i* longo.

Parece pertencerem a esta classe *fló*, *flás*, *flát*, etc.; *for*, *faris* etc. (ant. lat.) que ocorre em *fabula*, etc.: *dó*, *dás*, *dát* onde a vogal só é reforçada no singular e *nó*, *ná*, *nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é: *sou*, *és*, *é somos*, *sois*, *são*.

Só há a notar que a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.<sup>a</sup> do singular.

O *s* desta pessoa é signal constante da 2.<sup>a</sup> pessoa, enquanto que na 3.<sup>a</sup> não tinha significação.

Quanto aos temas *vál*, *ná*, *flá*, *fá*, perderam-se em nossa Lingua; os compósitos de *do* seguem analogicamente os temas em *a*; as formas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos: *dou*, *dás*, *dá*, etc. *estou*, *está*, *estamos*, etc.

Quanto aos temas *ed*, *fer*, pertencem ao caso:

2.<sup>º</sup> Temas constituídos pela raiz com o sufixo *A*.



Julga Schleicher que todas as fórmulas latinas do preterito provém da forma reduplicativa; numas houve simples queda da sillaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *frefigi*.

2.<sup>a</sup> Depois da raiz, um elemento i primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinências pessoais na 1.<sup>a</sup> singular e plural e 3.<sup>a</sup> singular.

Em Latim as terminações são: *i*, *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este i é um elemento do quinto aoristo activo sánscrito.

Outros, que deve ter origem no a breve formativo do perfeito sánscrito e grego.

A questão do perfeito latino é irresolvel com os dados que até hoje se têm.

3.<sup>a</sup> Um s collocado depois do elemento i na 2.<sup>a</sup> pessoa singular e plural, e na 3.<sup>a</sup> plural mudado em r.

Este s é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas fórmulas verbais das Línguas indo-europeias.

Para o Portuguez, os únicos perfeitos simples que passaram do Latim, são:

a) da raiz *da*: — *dei* — de *dedi*; *déste* — de *dedisti*; *deu* — de *dedit*, influenciado pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como — *deveu*, etc.

b) perfeito da raiz *ven*: — *vim* — de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria — *viste* — que — *vieste*.

c) da raiz *fu*: — *fui* — de *fui*; — *foste* — de *fuisti*, etc.

d) da raiz *vid*: — *vi* — de *vidi*; — *viu* — por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu*, etc.

e) da raiz *fac*: — *fiz* — de *feci*, etc.

Nas fórmulas portuguesas é bom notar: 1.<sup>o</sup> que o *e* latino na 1.<sup>a</sup> pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.<sup>a</sup> pessoa que conserva o *e*; 2.<sup>o</sup> que nas sillabas não acentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.<sup>a</sup> pessoa; 3.<sup>o</sup> mudança da acentuação na 1.<sup>a</sup> pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é acentuada na penúltima: *comemos*, *partimos*.

Sobre os temas simples do *imperfeito*, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dois: o do imperfeito da raiz *es*: *era* por *esa*, e o do imperfeito da raiz *fu*: *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *monebam*.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es*, é: — *era*, *eras*, *era*, *eramos*, *erais* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no a formativo para a raiz, no plural.

Como vimos, a raiz *fu* entra em nossa Língua, sómente em composição.

As fórmulas simples do *perfeito* parece provirem de uma época longínqua, o que torna difficilima a sua analise e bôa explicação.

Dai procurar o Latim outro processo para formação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das Línguas, o meio posto em prática foi o da composição, de que trataremos em seguida.



## IX

## Etimologia verbal: Temas compósitos. Voz passiva

## I

No domínio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos temas compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito*, também chamado *aoristo*. Em Latim são dois os temas: em *si* e em *ui*, ou *vi*.

A primeira fórmula *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de temas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois, prevalecendo sempre a sillaba reduplicativa, se formou *si* que se juntou às raízes verbais, aparecendo em regra depois de gutural, dental ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só aparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as fórmulas radicais terminam em *m*, se intermedia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sump-si*, presente *sumo*, etc.

A conjugação portuguesa só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

*dic-si*  
*dic-sisti*  
*dic-si-t*

*disse*  
*disséste*  
*disse*

O segundo tema composto do perfeito é *ui*, ou *vi*.

Quando precede consoante se usa *ui*, quando vogal, *vi*: *crep-ui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo, sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o próprio Adolpho Coelho que, à vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das inúmeras provas que elle acumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos afirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dai *potes*, *potest*, *potero*, etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não há esta grande variedade de fórmulas que tanto difficultam o Latim.

Nossa Lingua modifica foneticamente as fórmulas latinas, limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.<sup>a</sup> verbos em *a* (1.<sup>a</sup> conjugação):

amavi	amei
amavisti	amaste
amavit	amou
amavimus	amámos
amavistis	amastes
amaverunt	amararam

A sinope da *v* é facto que se observa no proprio Latin vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primaio* — metatese — de — *primaio* — deu — *primeiro* —) é natural em Portuguez, assim como na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a fórmula *vi*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular se mudou em *u* (*nauta* ao lado de — *navita*: *naufragus* — or *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sinope do *i*, ficando o *v* entre duas consoantes se mudou em *u*.

O *a* latino em *amavit* se transformou em *o* — *amou*, — o que também vemos em *aurus* — *ouro*; — *thesaurus*, — *tesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	amei
amavisti	amaisti	amaste
amavit	amauit	amou

## IX

## Etimologia verbal: Temas compósitos. Voz passiva

## I

No domínio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos temas compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito*, também chamado *aoristo*. Em Latim são dois os temas: em *si* e em *ui*, ou *vi*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de temas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois, prevalecendo sempre a sillaba reduplicativa, se formou *si* que se juntou às raízes verbaes, aparecendo em regra depois de gutural, dental ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só aparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicais terminam em *m*, se intermedia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sump-si*, presente *sumo*, etc.

A conjugação portuguesa só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

<i>dic-si</i>	<i>disse</i>
<i>dic-sist-i</i>	<i>disséste</i>
<i>dic-sit-t</i>	<i>disse</i>

O segundo tema composto do perfeito é *ui*, ou *vi*.

Quando precede consoante se usa *ui*, quando vogal, *vi*: *crep-ui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo, sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o próprio Adolpho Coelho que, à vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das inúmeras provas que elle acumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e lógica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos afirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dai *potes*, *potest*, *potero*, etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não há esta grande variedade de formas que tanto difficultam o Latim.

Nossa Lingua modifica foneticamente as formas latinas, limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.<sup>a</sup> verbos em *a* (1.<sup>a</sup> conjugação):

<i>amavi</i>	<i>amei</i>
<i>amavisti</i>	<i>amaste</i>
<i>amavit</i>	<i>amou</i>
<i>amavimus</i>	<i>amámos</i>
<i>amavistis</i>	<i>amastes</i>
<i>amaverunt</i>	<i>amararam</i>

A sinope da *v* é facto que se observa no próprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primairo* — metatese — de — *prima-rio* — deu — *primeiro* —) é natural em Portuguez, assim como na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a forma *vi*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular se mudou em *u* (*nauta* ao lado de — *navita*: *naufragus* — or *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sinope do *i*, ficando o *v* entre duas consoantes se mudou em *u*.

O *a* latino em *amavit* se transformou em *o* — *amou*, — o que também vemos em *aurus* — *ouro*; — *thesaurus*, — *tesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinência pessoal.

Assim temos no singular:

<i>amavi</i>	<i>amai</i>	<i>amei</i>
<i>amavisti</i>	<i>amaistti</i>	<i>amaste</i>
<i>amavit</i>	<i>amaut</i>	<i>amou</i> , <i>amou</i>

## 2.º Verbos em e (2.ª conjugação):

debevi	debui	devi
debevisti	debusti	deveste
debevit	debut	deveu
debevimus	debuius	devemos
debevistis	debustis	devestes
debeverunt	debuerunt	deveram

Analisemos: Na 1.ª e na 2.ª pessoa do singular e do plural sincopou-se o *v* do *vi*, contraindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular se dá o mesmo fenômeno dos verbos da 1.ª conjugação: a fórmula *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve sincope do *v* e os dois *e* se contrairam. Assim:

debevi	debei	debi	devi
debevimus	debeimus	debemus	devemus
debevit	debeut	debeu	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt

## 3.º Verbos em i (3.ª conjugação):

vestivi	vesti
vestivisti	vestiste
vestivit	vestiu
vestivimus	vestimos
vestivistis	vestistes
vestiverunt	vestiram

O *v* da fórmula *vi* cai; é este um fenômeno muito natural no próprio Latim nos verbos em *i*.

Pela queda do *v* os dois *ii* se contrairam: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestivi	vestii	vesti
vestivit, etc.	vestiut	vestiu, etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou sómente modificados foneticamente, são:

a) — perf. de *habere*:

— *houwe* — por — *haube* — lat. *habui*.

— *houveste* — por — *haubeste* — lat. *habuisti*.

b) — de *capere*:

— *coube* — por — *caube* — lat. *capuit*

c) — de *sapere*:

— *soube* — por — *saube* — lat. *sapui*.

d) — de *posse*:

— *pude* — por — *poude* — lat. *potui*.

— *poude* — ou — *póde* — lat. *potuit*.

— *pudemos* — por — *poudemos* — lat. *potuimus*.

Sómente com o fim de distinguir a 3.ª da 1.ª pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.

e) — de *placere*:

— *prouwe* — por — *proue* — lat. *placui*.

Nos antigos escritores encontram-se as fórmulas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouwe*, em Fernão Lopes, por exemplo:

f) — de *jacere*:

— *jouwe* (ant.) por — *jogue* — latim *jacui*.

Actualmente a fórmula é — *jazi*.

g) — de *ponere*:

— *pus* — por — *pous* — lat. *posui*.

— *poseste* — por — *pouseste* — lat. *posuisti*.

— *pôs* — por — *pous* — *posuit*.

h) — de *trahere*:

— *trouxé* — por — *trauxé* — lat. vulgar *tracsui*.

— *trouxeste* — por — *trauxiste* — lat. v. *tracsuisti*.

O *x* tem o som de *s* e por isso aparece mudado em *g* na fórmula antiga — *trouve* — e sincopado em — *troube*, *trouweste* — onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova — *couve* — de *caue* — do Latim *caule*.

A fórmula em *x* raramente se encontra nos escritores clássicos.

Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a fórmula em *v*.

i) — de *tenere*:

— *tive* — por — *teue* — lat. *tenui*.

— *tiveste* — por — *teuisti* — lat. *tenuisti*.

— *teve* — por — *teue* — lat. *tenuit*.

Observam-se as seguintes modificações: A sincope do *n*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.ª da 3.ª pessoa no singular e por analogia da 1.ª a mesma mudança na 2.ª do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo — *ter* — formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: — *es-tive*, *es-tiveste* — e um antigo do verbo — *ser*: *seve*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas *Chronicas de Guiné*, etc.

Analisemos o futuro do indicativo.

Desaparecendo o futuro latino em *bo*, o latim classico apresentou o emprego do verbo *habere*, soldado aos infinitivos verbais e formou as linguagens *dicere habeo*, *portere habes*.

Esta construção, conhecida do grego, é mais familiar à Língua popular.

As Línguas novo-latinas fórmam por este processo o seu futuro. O Valaquo constrói por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtém o futuro por meio de *venire*. Em Sardo o auxiliar é colocado antes do infinitivo.

O Inglez forma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto*, etc.

No Portuguez temos: *amarei* — *amar+hei*. Empregando-se a figura tmese disjunta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *Amar-te-ei*, *amar-te-hei*.

No Francez: *Aimerai* — *aimer+ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, que sempre aparecem disjuntadas por artigos ou pronomes.

No Espanhol: *Hacer-lo-he*, fóрма anterior que *lo hare* correspondendo ao Latim: *Facere id habeo* — port. — *fa-lo-ei*.

No Italiano: *Cantero* — *cantar-ho*, etc.

Julga Max-Muller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetro na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha reconhecido esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como *dizer*, *fazer*, *trazer*, e outros perdem o *z*: — *direi*, *farei*, *trarei*.

Exceptua-se deste caso o verbo — *jazer* — que faz — *jazerei* — e não — *jarei*.

O que dissemos sobre o futuro se observa no condicional com a diferença de ser este composto com o imperfeito do verbo *haver* na fóрма contraída: *amar* — *havia*, *amar-hia*, *amaria*.

O futuro do subjuntivo do Portuguez não existe no Latim e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro — *amar*, *amares* — etc., provém de *amavero*, pela sinope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituída pela acentuada. Na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular o *o* final cai precedido do *r*, provavelmente depois de se ter mudado em *e*.

Do imperfeito do indicativo já tratámos quando nos referimos aos temas simples.

Temos que falar agora dos temas compostos deste tempo.

Fórmase elle acrescentando ao tema do presente o tema *la*, imperfeito da raiz *fu*; assim do tema *da* fórmase *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações fonicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amava* — latim — *amaba*.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* se muda em *i*: *devia* — latim — *deveba*.

No imperfeito em *ieba*, o *b* é sincopado e o *ie* se contráe em *i*: *vestia* — latim — *vestieba*.

Sobre os imperfeitos — *punha*, *tinha* e *vinha* — Diez supõe que se retraiu o acento para firmar mais o *n* radical que, doutro modo, teria caído como no infinitivo; dizia-se — *pónia* — para não fazer desaparecer o *n* em — *ponia* — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjuntivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga, — encontrámos — *convenia* — por — *convinha*.

A terminação *sem* que fórmam o *imperfeito do subjuntivo*, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fórmas se originam do mais que perfeito do optativo latino:

— *amasse* — Latim — *amavissem*; — *fosse* — Latim — *fuisse*.

Houve no primeiro caso simples sincope de *vi*; as outras alterações são communs.

O *mais que perfeito* conserva-se em Portuguez sincopando-se o *ve*; por exemplo em *cantaram* — Latim — *cantaverunt*.

Soffre também deslocação do acento na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural:

— *cantáramos* — Latim — *cantaverámus*.

— *cantáreis* — Latim — *cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações fonéticas.

Falta-nos traçar as fórmas nominaes do verbo.

*Infinitivo presente*. O verbo latino se forma pela junção do elemento *re* ao tema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fórmas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re*, por *fer-se*; *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e reuniram-se numa as fórmas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fórmas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi o Portuguez a unica Língua romanica que deu flexão pessoal ao infinitivo.

*Participio presente*. Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal si por ella termina o tema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjetivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmas participiaes em *ant.*

Em Latim ocorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não fala, de *fant*, participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de — *oriente* — (de *orior*, *nascere*), *occidente* — (de *occido*, *morrer*), temos — *nascente*, *poente* —; de *legente* participio de *lēgo* formamos — *lente*; — *sargento* do antigo — *sergente* do Latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem — *tirante*, *caminhante*, *mercante*, etc.

*Gerundio.* Segundo Corssen, o suffixo *ondo*, *undo*, *endo*, *ndo*, do gerundio, do participio do futuro passivo, é composto do sufixo *on* e *do*.

A fórmula *undo* por *ondo* é arcaica; a fórmula *endo* substituiu-a na linguagem classica; a fórmula *ndo* se junta aos temas derivados em *a* e *e*: *ama-ndo*, *mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora, appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo: — *gemebundo*, *segundo*.

Das fórmulas do gerundio só permaneceu a do ablativo: — *amando*, *vivendo*, *vestindo*.

*Participio passado.* E' formado em Latim por meio do sufixo *to* junto a fórmula radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos temas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a fórmula dos participios derivados em *a* e *i* (*ato*, *ito*) abrandando-se o *t* em *d*: — *amado* — Latim — *amato*; *vestido* — Latim — *vestito*, na 1.<sup>a</sup> e na 3.<sup>a</sup> conjugação.

Na 2.<sup>a</sup> conjugação o Portuguez, á similaridade das outras Linguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo*, *arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado no seculo XVI, foi substituido pelo participio *ido*: *vencido*, *comido*, etc.

Do tipo — *udo* — encontramos: *estabeleçudo*, *perduda*, *metudo*, *entendudo*, *respondudo*, *tenudo*, etc.

Modernamente, destas fórmulas possuímos: *teúdo* e *manteúdo* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações; — *sanhudo* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo XVI, apareceram muitas fórmulas contraidas: *despezo*, *coito*, *escorreito*, *represso*, *tolheito*, *volto*, *comesto*, *colheito*, etc.

O supino latino desapareceu no Portguuez.

O participio do futuro não existe em nossa Lingua com força participial.

Possuímos algumas palavras como: *immorredouro*, *vindouro*, *casadouro*, etc., formados com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *turo*, existem: *futuro*, *ventura*, *sepultura*, *usura*, etc., considerados como substantivos em Latim.

## II

Já sabemos que há em Portuguez duas vozes: a activa e a passiva. Precisamos tratar agora da *passiva* que tem tambem o nome de *média passiva* ou *passiva reflexa*.

O Latim, ao contrario do Sánscrito e Grego, perdeu a primitiva voz média e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmulas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava oculto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-mino-ss-um*, fundindo-se depois estas duas fórmulas, usou-as o Latim promiscuamente, prevalecendo, todavia, a primeira.

O processo do Portuguez é diferente.

Em quanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o participio passado: *sou amado* — Latim — *amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renova o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra tambem no Slavo, mas que aquella Lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuímos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	> >	<i>morior</i>
<i>querer</i>	> >	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na fórmula activa e na fórmula deponente: — *adulor* e *adulo*; — *comperior* e *comperio*; — *imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o participio passado em *tus*: *amatus*, *sum*, *amatus fueram*, etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita:

1.<sup>a</sup> pessoa sing. do pres. do indicativo.

A' fórmā activa acrecenta-se um *r* que é originado de um pronomē reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*:  
— amo — amo-se — amo-re — amor.

2.<sup>a</sup> pessoa do singular.

Ligaris ou ligare. Depois de juntar-se á fórmā activa *ligas* o pronomē *se*, foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*:  
— ligas — ligas-se — ligas-ise — ligar-ise — ligar-is.

3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

Monetur. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Com a fórmā activa *amamus* se constituiu a fórmā passiva como as pessōas do singular — *amamus-u-se* — (*u* ligativo) e depois — *amamur-u-r*; — e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos fonéticos iguaes numa palavra, ficou — *amamur*.

Explicam tambem assim: — em — *amamur-u-r* — cai o *u* e desinencia, ficou — *amamur*.

2.<sup>a</sup> pessoa do plural.

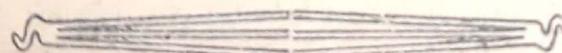
Emprega o Latim nesta pessōa o segundo processo de que falámos a principio: — *ama-mini* — em vez de, pela regra geral, fazer — *amateris*.

3.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Nada apresenta de novo.

A fórmā — *monentur*, — por exemplo, é resultado do *u* ligativo: — *monent-u-se* — em que o *s* transformado em *r* e o *e* caindo dā — *monentur*

A mesma explicação se pôde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



X

## Palavras invariaveis

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desen- volveram das categorias de nome e pronomē; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim, os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominares do ablativo latino: *bonamente* — *bôamente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, no Latim *magis*, comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (*não*) é o acusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na* — *m* — *que*, *nu* — *n* — *qua*.

*Como* representa o Latim *quo modo*, ablativo de um pronomē e de um nome.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*.

I

## ADVERBIOS

Os adverbios, como as palavras invariaveis, têm em geral, sua etimologia na Lingua latina.

Derivam-se:

1.<sup>o</sup> de adverbios ou locuções adverbiaes da Lingua latina, mais ou menos correspondentes:

*Antes* — *ante*.

*Bem* — *bene*.

*Já* — *jam*.

*Agora — hac hora.*

*Hoje — hoc die.*

*Jamais — jam magis.*

2.º de adjetivos empregados invariavelmente na forma masculina:

*Caro (comprou caro).*

*Alto (falei alto).*

3.º de adjetivos na forma feminina a que se junta o sufixo *mente*:

*Bella + mente.*

*Clara + mente.*

4.º de locuções formadas na propria Lingua:

*Outr'ora.*

*Ante-ontem.*

#### ADVERBIOS DE TEMPO

*Cedo* provem de *cito*.

*Ontem* » » *ad noctem*, ou *á noute*.

*Sempre* » » *semper*.

*Logo* » » *loco*.

*Nunca* » » *nunquem*.

*Então* » » *in tunc*.

De formação vernacula:

*D'ora em diante.*

*Depois de amanhã*, etc.

#### ADVERBIOS DE LUGAR

*Além* provem de *aliunde*.

*Ali* provém de *ad illuc*.

*Aí* provém de *ad-hic*. Corresponde ao *Francez y e* apparece com esta função no Italiano, Provençal, Espanhol e no antigo Portuguez.

Aqui provém de *ecce hic* (*ecc'hic*) ou da forma pleonastica *hic hic*.

*Acold* provém de *hac illa*.

*Eis* provém da forma *heis* — *haver* — ou do verbo *vér*.

São interessantes as razões que João Ribeiro apresenta para demonstrar a origem deste adverbio:

« *Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *vér*: *eis* (ou *heis* — *vês*) pode ter complemento *eil-o*. Ha quem veja em *eis* uma forma de *heis*, *haveis* de *haver*; creio, porém, que a forma *heis* contem a aspirada correspondente a *f* no espanhol *hacer* — *fazer*, que por vezes passou ao portuguez (*hediondo* — *feibundus*).

O castelhano antigo tinha a forma verbal *aſe* por *ahē* em que *hē* — *fē* com identico sentido e uso.

Com quanto mais facilmente ocorra derivar *eis* — de *heis* ou *haveis*, julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis* — *heis* ou *hēs* — *vēs*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es* ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos quinhentistas Lucena e outros); e tambem a forma *vēs* e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vēs* — *eis*, na sua *Orthographia*. »

*Cá* provém de *ecc'hac*.

*Dentro* » » *de intro*.

*Lá* » » *illac*.

*Longe* » » *longe*.

*Onde* » » *unde*.

#### ADVERBIOS DE QUANTIDADE

*Apenas* provém de *ad penæ*.

*Assás* » » *ad satis*, ou *ad satiem*.

*Cerca* » » *circa*.

*Mais* » » *magis*.

*Quasi* » » *quasi*.

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actualmente não tem correspondencia em Portuguez, com a forma antiga *chus* e que significa o mesmo que *magis* — *mais*.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo XIV.

Do meiado deste seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No Cancioneiro do Collegio dos Nobres, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: — Nunca chus algo fazer.

#### ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO

*Sim* provém de *sic*.

*Não* » » *non*.

O adverbio *quiçá* é de origem latina — *quid sapit*; *debalde* provém do arabe; *amen*, do hebraico.

#### ADVERBIOS DE MODO

A grande classe dos adverbios de modo se origina de adjectivos na fórmula feminina juntos ao suffixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens*, *mentis* (espirito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na fórmula masculina.

*Assim* provém de *ad sic*.

*Mal* » » *male*.

*Como* » » *quo modo*.

#### II

#### PREPOSIÇÕES

As preposições se derivam:

1.º de preposições latinas: *a* que provém de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem*, de *sine*; *obre* de *super*, etc.

2.º de duas preposições latinas reunidas: *após* que provém de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atrás* de *ad trans*; *para* de *per ad*; *até* de *ad tenus*., etc.

3.º de palavras ou grupos de palavras da propria Lingua portugueza: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de particoops), *defronte*, *em frente*, etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórmula: **EXTRA-ordinario**, **SUPRA-mencionado**; outras soffrem pequenas alterações: **POS-pôr** (*post-pôr*); **TRAN-montana** (*trans-montana*).

#### III

#### CONJUNÇÕES

As conjunções se derivam:

1.º de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provém de *quo modo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*; *mas* de *magis*; *porém* de *pro inde*; *porque* de *per quod*; *ora* de *hora*.

2.º de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que* *todavia*, *outrosim*, *comtudo*. etc,

#### VI

#### INTERJEIÇÕES

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc., pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéia: *zum-zum*, *trás-zás*, etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos, adjectivos, verbos, etc., e por isso vêm da Lingua donde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do:

Latim: *apage, eia, sus.*

Italiano: *bravo, presto.*

Inglez: *hip, hurrah.*

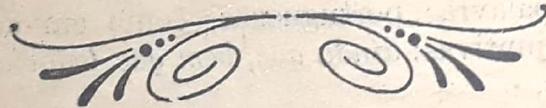
Francez: *vlan, bruhaha, chiton.*

Espanhol: *caspita, caramba.*

Arabe: *oxalá.*

A locução interjectiva — *aqui d'el rei* é de formação portugueza, representação da frase: *Aqui justiça d'El-rei*, segundo Th. Braga. Querem outros que a locução seja: *Ai ! que é d'el -rei.*

Muitos escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celta.



## SINTAXE

---

**Lexica:** estudo das relações das palavras umas com as outras na oração.

**Logica:** estudo das relações das orações umas com as outras no período.

## Sintaxe

**Sintaxe** é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração.

Divide-se em *lexica* e *logica*.

**Lexica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

E' a sintaxe *dás palavras*.

**Logica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

E' a sintaxe *das orações*.

**Oração** é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração há um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração: *Os passaros voam*, o predicado é *voam*, e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica oculto e a oração consta de um verbo sem sujeito: *chove*. Dá-se isso, por exemplo, com

os verbos que exprimem fenomenos meteorologicos, como: *chover, gear, orvalhar, alvorecer, anoitecer.*

Em outros casos quando não se quer, não se sabe, ou não se pôde declarar o sujeito, fica este occulto e o verbo é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural: *CONSTA que rebentou uma revolução. DIZEM que a revolta venceu. CUMPRE observar os factos. FAZ calor.*

Em qualquer destes dois casos, o verbo apparece sem sujeito, ou se diz que o sujeito é indeterminado.

São orações *impessoaes.*

A's vezes o verbo é acompanhado do pronome —*se*— que representa a indeterminação do sujeito: *VIVE-SE bem no Recife. ESTUDA-SE muito neste collegio.*

Há verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjectivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo* ou *predicado*. *O sol É LUMINOSO. A lua FICOU DESMAIADA.*

Os verbos que exigem esse completivo, são: *ser, estar, parecer, ficar, andar, continuar, etc.*

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo*, que pôde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração.: *Os animaes DA AUSTRALIA têm fórmas extraordinarias. Cão QUE LADRA, não morde.*

Este modificativo tambem se chama *apposto*, que deve ser da mesma natureza da palavra a que estiver modificando, isto é, o seu fundamental.

**Apposto**, é todo substantivo ou expressão equivalente que se junta a um nome para determina-lo, ou caracteriza-lo com mais precisão ou individuação: *D. Pedro 2.<sup>º</sup>, EX-IMPERADOR DO BRASIL.*

O nome modificado pelo apposto chama-se *fundamental*.

O apposto que se coloca depois de outra palavra, exprime com esta a mesma pessoa ou cousa.

A's vezes o apposto é representado por uma oração inteira e vem modificando o sentido geral de outra oração: *Pernas delgadas e nervosas, INDICIO DE GRANDE LIGEIREZA, movimentos rápidos e bruscos, SIGNAL DE FORÇA PRODIGIOSA. ( Rebello da Silva ). As velas tremulavam no mastro, SIGNAL CLARO DE NOSSA VICTORIA.*

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, há os *elementos connectivos*, que unem as orações e partes das orações, e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções*, os *relativos* e certos *adverbios*.

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocativo*.

**Vocativo** é um sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa a quem chamamos, invocamos ou exortamos, acompanhado de interjeição clara, ou *occulta*. Representa a pessoa a quem o discurso se dirige: *Agora tu, Calliope, me ensina. ( Camões ).*

**Sujeito** é o termo de que se afirma uma acção, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

1.<sup>º</sup> por um substantivo: *O GATO mia.*

2.<sup>º</sup> por um pronome: *Nós pensamos.*

3.<sup>º</sup> por qualquer palavra substantivada: *O SIM agrada, TRABALHAR é necessário.*

4.<sup>º</sup> por uma oração: *E' innegavel QUE A TERRA GIRA.*

O sujeito pôde ser modificado:

1.<sup>º</sup> por um adjectivo: *Desfaz-se a nuvem ESCURA.*

2.<sup>o</sup> por um apposto: *O Amazonas, RIO CAUDAL*  
no Perú.

3.<sup>o</sup> por um substantivo com preposição: *Propriamente*  
FIM cobrem o solo.

4.<sup>o</sup> por uma oração: *Divina guarda QUE os céus e*  
MAR E TERRA SENHOREAS.

Predicado é o termo que exprime ação, qualidade  
ou estado que se refere ao sujeito.

Pode ser representado:

1.<sup>o</sup> pelo verbo predicativo simplesmente: *Os animais*  
VIVEM.

2.<sup>o</sup> por um verbo de predicação incompleta com um  
completivo ou atributo: *Deus É ETERNO. Elle parece*  
DOENTE. *Eu ESTOU ALEGRE.*

Attributo é um adjetivo ou qualquer palavra  
ou frase que representa qualidade ou maneira de ser.

Pode ser representado:

1.<sup>o</sup> por um adjetivo ou locução adjetiva: *O Típico*  
era SERENO. *Sua voz era DO CÉU (celeste).* *Elle estd com*  
SAÚDE (sadio).

2.<sup>o</sup> por um substantivo: *O homem é ANIMAL.*

3.<sup>o</sup> por um pronome: *Si tu fôras EU.*

4.<sup>o</sup> por uma oração: *Morrer é PERDER A VIDA.*

O attributo ou predicativo, também se pode chamar  
adjunto predicativo ou completivo, e se divide em: comple-  
tivo subjectivo, quando modifica o sujeito: *João ficou RICO;*  
e completivo objectivo, quando modifica o objecto: *D. Pedro*  
tornou o Brasil NAÇÃO LIVRE. *Eu o chamei HERÓI.*  
*Julg-o PREPARADO.*

Esse attributo, completivo, ou predicativo, se junta a  
verbos intransitivos, que exprimem efeito da ação,  
ou transformação do sujeito, ou a verbos transitivos na  
voz passiva, como: *ser, continuar, andar, ir, vir, aparecer,*

estar, ficar, parecer, jazer, nascer, morrer, sair, tornar-se,  
mudar-se, sentir-se, etc.: *Elle continua BOM; elle anda*  
DOENTE; *elle vai ASSUSTADO; elle foi eleito GOVERNADOR;*  
*elle foi julgado CAPAZ; elle se tornou NOTAVEL.*

Alguns aparecem regidos de preposição: Nós o  
havemos POR PERDIDOS; *elle se appellidava de SALVADOR;*  
*elle estd COM SAÚDE.* Os homens não ficaram SEM VIN-  
GANÇA.

O predicado pode ser modificado:

1.<sup>o</sup> por um substantivo ou pronome directamente  
regido: *Os homens povoam A TERRA. O sol nos aquece.*

2.<sup>o</sup> por um substantivo ou pronome regido de prepo-  
sição: *Os corações desfalecem DE SUSTO. Venha A Nós o*  
*nossa reino.*

3.<sup>o</sup> por um adverbio: *Entra ASSIM no reino d'agua o*  
*Deus do vinho.*

4.<sup>o</sup> por uma oração: *Disse o mestre riamente: ALIJA*  
*TUDO AO MAR.*

Modificativo é o termo que especializa, completa,  
ou explica a significação de outro termo.

Também se chama complemento, ou adjunto.

O modificativo pode ser concordado, ou regido.

Concordado é o que se liga ao modificado por iden-  
tidade de forma.

Pode ser:

1.<sup>o</sup> o adjetivo: *Trombetas SONOROSAS* não tocando.

2.<sup>o</sup> o apposto: *O Amazonas, RIO CAUDAL.*

3.<sup>o</sup> o pronome pessoal: *Deu-ME na cabeça (minha*  
*cabeça).* As lembranças que n'alma LHE moravam (na  
sua alma).

Regido é o que se liga ao modificado directamente  
pelo sentido ou por intermédio da preposição.

No primeiro caso é *directo*; no segundo, *indirecto*. Pôde ser representado:

1.º pelo substantivo: *O raio de teu genio illumina o HORIZONTE da patria.*

2.º pelo pronome: *Thetis divina canta-LHE as lusas glorias no Oriente.*

3.º pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMAIS recusa.*

4.º pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAIR.*

5.º por uma oração: *Nem a gazella timida receia QUE ALGUEM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos se chamam *attributivos*, ou *adverbiaes*.

**Attributivos** são aquelles que modificam o substantivo.

**Adverbiaes** são aquelles que modificam o adjetivo, o verbo, ou o adverbio. Exprimem uma circunstancia.

O adjunto attributivo toma o nome especial de *complemento determinativo*, ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despresa o poder DOS CRISTÃOS.*

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo*, ou *objecto indirecto*.

**Objecto directo** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai imediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia o JUSTO.*

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos há, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.º Para evitar confusão no sentido, quando o objecto pudér praticar a acção: *A LAVINIA Enéas furtou. Lia Alexandre Á HOMERO.*

Costuma-se, as vezes, neste caso, não empregar a preposição, mas repetir o objecto representando-o por uma variação pronominal correspondente, para maior clareza, principalmente quando o objecto vem antes do verbo: *Em quanto o MAR cortava-o a armada. A NOTICIA não A trouxe o jornal hoje.*

2.º Em casos especiaes de construção vernacula: *Cumpre COM O TEU DEVER. Chamou POR ALGUEM. Tira DA ESPADA. Péga DA TEZOURA.*

3.º Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos, como: *acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar, etc.* *Acabei DE ESTUDAR; lessou DE ESCREVER; começaram A FALAR; ensinou A TRABALHAR, etc.*

4.º Quando é representado pelas variações pronominaes, menos *lhe, lhes, comigo, contigo, consigo, connosco, convosco*: *Eu ME visto. Elle TE apresentou á sociedade.*

**Objecto indirecto** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por meio de preposição, a acção indicada pelo verbo: *Os nobres corações DE SUSTO desfalecem.*

O objecto indirecto pôde tambem modificar o adjetivo, e ás vezes o substantivo: *Util Á PATRIA. Cheio DE CORAGEM. Direito AO RESPEITO. Amor A DEUS.*

Há quem denomine de *objecto indirecto* sómente ao modificativo do verbo, e de *complemento terminativo* ao modificativo do verbo, do adjetivo e do substantivo.

Qualquer dos termos de uma oração pôde ser *simples* ou *composto*.

**Termo simples** é o formado de um só termo, unico na especie: *Deus existe.*

**Termo composto** é o formado de dois ou mais termos da mesma especie, coordenados: CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, pelos ares vão saltando.

O termo *simples* ou *composto* pôde ser *complexo* e *incomplexo*.

**Termo complexo** é o que tem modificativo: A LUA QUE NOS ILLUMINA, é um satellite.

**Termo incomplexo** é o que não tem modificativo: Tudo morre.

Pôde ser tambem: *logico* e *grammatical*.

**Termo logico** é o termo com seus modificativos.

**Termo grammatical** é qualquer um dos termos distintos, separados de qualquer outro.

As relações que as palavras têm entre si, são:

1.<sup>a</sup> *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros	voam
O homem	é um animal
O Gama e o Catual	falando entravam na sala
Um velho	lhe dava a verde folha

2.<sup>a</sup> *relação attributiva* a que modifica o substantivo:

O	livro
Amazonas	rio caudal
Livro	encadernado
Análise	que copiei ( copiada )
Grammatica	de Julio Ribeiro

3.<sup>a</sup> *relação adverbial*, a que modifica o adjectivo e o verbo:

Elle fugiu
Gosto
Comi
Casa feita

vergonhosamente
de estudar
como um alarve
a capricho

4.<sup>a</sup> *relação objectiva*, que é um caso especial da relação adverbial, modifica tambem o verbo de acção transitiva: Quero estudar PORTUGUEZ. Comi DUAS LARANJAS.

## I

**Periodo ou oração logica** é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações grammaticaes.

As orações se dividem em *simples*, *compóstas* e *complexas*.

**Simples** é a que contém sómente um termo de cada especie.

E' por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo.

*Inda murmuram do Mondego as aguas  
Os maviosos ais de Ignez de Castro.*

### B. de Paranapiacaba.

As orações simples se subdividem em:

**Declarativa** ( affirmatica ou negativa ) é aquella que narra, conta ou assevera um facto: *Não se contenta a gente portugueza.* — Camões.

**Imperativa** é aquella que exprime um facto ordenado, ou pedido:

*Fuge, Lusitano, da cilada do rei.  
Dai-me uma furia grande e sonorosa.*

Camões.

**Interrogativa** é aquella por meio da qual se pergunta indaga, ou interroga:

*Quem te trouxe a est'outro mundo  
Tão longe de tua patria lusitana?*

Camões.

**Exclamativa** é aquella que indica um sentimento de admiração, de entusiasmo:

*No mar tanta tormenta e tanto damno,  
Tantas vezes a morte apercebida!*

Camões.

**Optativa** é aquella que exprime o desejo de que um facto se realize: *Bons ventos te conduzam ao porto de salvamento. Deus seja nesta casa.*

**Compósta** é a oração que contém mais de uma proposição com a mesma função.

Estas proposições se dividem em *assindeticas* ou *collateraes* e *sindeticas* ou *coordenadas*. Também se podem chamar *coordenadas por juxtaposição* e *coordenadas por conjunção*.

**Assindeticas** ou **collateraes** ou **coordenadas por juxtaposição**, são as proposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos; ligam-se pelo sentido: *O de luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.* (Camões).

**Sindeticas** ou **coordenadas por conjunção**, são as proposições que têm termos que as liguem, têm connectivos: *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.*

Os connectivos que ligam as proposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções de coordenação:

**Copulativas:** *O tempo vai a passo e não descansa.  
Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços pôdem morrer.*

**Adversativas:** *O cão pôde correr, MAS não sabe trepar.  
Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

**Disjuntivas:** *O vento ajunta, ou dispersa as nuvens.  
ORA cheve, ORA faz sol.*

**Conclusivas:** *Penso, LOGO existo. Estudo, PORTANTO hei de aprender.*

**Complexa:** é a oração que contém duas ou mais proposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se acham ligadas umas ás outras pelo sentido, ou pelas conjunções de coordenação.

Dividem-se em *substantivas, adjetivas e adverbiaes*.

**Substantiva** é aquella que equivale a um substantivo. Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e geralmente começa pela conjunção integrante *que*: *LOUVAR ESFORÇO ALHEIO* é causa desejada. *O capitão disse: DAT VELAS AO LARGO VENTO.* Sou bem informado DE QUE A EMBAIXADA É FINGIDA. (Camões).

**Adjectiva** é aquella que equivale a um adjetivo. Modifica um substantivo, e começa geralmente por um pronome relativo: *Ergue a virgem os olhos QUE o SOL NÃO DESLUMBRA.* ( Alencar ).

**Adverbial** é aquella que equivale a um adverbio. Expressa circunstancias e modifica um adjetivo ou um verbo.

Tempo:

*Não eram os traquetes bem tomados,  
QUANDO SE DÁ A GRANDE E SUBITA PROCELLA.*

Camões.

Fim:

*Falar ao rei gentio determina  
PORQUE COM SEU DESPACHO SE TORNASSE.*

Idem.

As orações pôdem ter outras denominações.

**Contracta** ou **abreviada** é a oração que se forma de varios termos da mesma especie, subordinados ao mesmo sentido; isto é, pôde ter o mesmo sujeito, ou o mesmo predicado, ou o mesmo objecto, etc.

*De Duarte foi breve o reinado  
E curtido de grande afflicção, isto é:*

*De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflicção.*

As orações contractas são divisiveis em duas ou mais orações. Não são, assim, contractas, orações como: *Pedro e Paulo são parentes.* A casa é branca e amarela. Elle juntou óvos e espelhos, alhos e bugalhos.

Estas orações não pôdem ser desdobradas, separadas, ou divididas.

**Elíptica** é a oração que tem um ou alguns de seus termos occultos, que com facilidade o espirito subentende:

*Honra ao cantor dos lusitanos fastos!  
Joelho em terra! A Universal Historia  
Leve aos vindouros de Camões o nome  
Como eterno padrão da lusa gloria!*

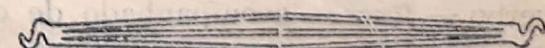
( B. de Paranapiacaba ).

**Implicita** é a oração cujos termos principaes deixaram de ser expressos.

Formam orações implicitas, por exemplo, os vocativos, as interjeições e os adverbios empregados em fórmula absoluta: *Queres estudar?* NÃO. *Queres passear?* SIM. EI-LO.

Há quem dê a denominação de oração **SEMIOTICA**, ou **LATENTE** ás orações cujos termos vêm quasi totalmente occultos. Estas orações servem de *sujeito*, ou de *objecto directo*. Eis os exemplos apresentados por Carlos de Góes: *Dá falsas testemunhas, como se usa, isto é, como se usa DAR FALSAS TESTEMUNHAS. Serás tão feliz quanto desejo, isto é, quanto desejo QUE SEJAS FELIZ.*

Chamam tambem **ORAÇÃO INTERCALAR** « aquella que intercorre no texto, com caracter explicativo, ou formando um sentido á parte: *Mas, TORNOU EL-REI, os vassallos que desobedecem...*



III

### Orações impessoaes

Há muitas orações que se constituem de verbos sem sujeito porque indicam um facto completo e delle não precisam.

Casos outros há em que o sujeito tem função indeterminada, sem se referir a um dado ser.

Os casos mais importantes desses verbos que fórmam *orações impessoaes*, são:

1.º Verbos que exprimem fenomenos naturaes, meteorologicos, como: *chover, gear, orvalhar, nevar, trovejar, anoitecer, escurecer*, etc.

2.º Certos verbos transitivos — *contar, dizer, etc.*, empregados na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural: DIZEM que nasceu Jesus. CONTARAM-ME que aparecerá o Anti-Christo.

3.º O verbo — *fazer* — acompanhado de certos substantivos como: *calor, frio, annos e similhantes*. Neste caso há quem lhe dê para sujeito o substantivo — *tempo*.

4.º O verbo — *haver* — : HÁ *traidores em toda parte*. Esta frase admite uma analise que dá para sujeito um substantivo acommodado ao sentido. No exemplo poderia ser — *o mundo ou equivalente*.

5.º Os verbos — *acontecer, succeder, constar* e outros similhantes.

6.º O verbo — *ser* — em expressões como: ERA ao surgir da manhã. ERA a hora em que todos dormiam.

7.º O verbo — *ir*: VAI em dois dias que chegámos.

8.º O verbo — *passar*: PASSAVA de dois annos quando parti.

9.º Os verbos — *dar, tocar, soar, bater* — em frases que se referem a *tempo, hora, etc.*

10.º Certos verbos em locuções communs, familiares e já feitas: PESA-me de vos haver offendido. Não se me dá de esquecer-te.

Palavras há tambem que, figurando de sujeito, se não referem a pessoa alguma determinada.

Entre estas se podem citar:

1.º A gente, equivalente ao pronome — *nós* — e de uso em Portugal e no Brasil: Si faz andar a GENTE com o coração agastado. (Herculano). A GENTE se está confortando. (Garrett). O encanto dos livros em que a GENTE põe a sua alma. (O. Martins)....

2.º O substantivo — *pessoa*: Sem PESSOA perguntar. (Gil Vicente).

3.º O substantivo — *homem*: Ou por segredos que HOMEM não conhece. (Camões). Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM de si proprio. (Castilho). Elegeis a mais eminentes das profissões a que HOMEM se pôde entregar neste mundo. (R. Barbosa).

4.º Pelo indefinido — *um*: Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio. (M. Bernardes).

5.º O pronome — *se* — que é um grande representante da indeterminação do sujeito:

A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde SE SAI da vida, outra de diamante por onde SE ENTRA para a eternidade. (Vieira). Por tudo isso SE ADMIRA a Vieira; a Bernardes ADMIRA-SE e AMA-SE. (Castilho). Quando SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou desembargador. (Latino Coelho).

*Chine Bellus*

O substantivo empregado como apposto é muitas vezes ligado ao seu fundamental pela preposição — de —, que figura de simples expletivo: *A cidade do Recife. Rua do Barão da Victoria.*

Antigamente era mais usado sem preposição: *A cidade Hierosolyma; o reino Melinde.*

Si o substantivo fizer as vezes de atributo, pôde dispensar a concordância: *As piramides do Egypcio são UM ENIGMA para os viajantes. Os barbaros foram o TERROR do universo. O mundo são HOMENS. Aquella criança é UM BOBO.*

O substantivo empregado epiteticamente em referência a um substantivo masculino toma, na linguagem popular, o gênero deste: *João é UM BANANA, é UM PAMONHA.*

O substantivo e o adjetivo qualificativo substituem-se commumente em suas funções, de maneira que substantivos ficam adjetivados, e adjetivos se tornam substantivos: *O VELHO péde esmolas, o homem VELHO péde esmolas. Há homens HOMENS e homens pedras.*

Si o substantivo for empregado como adjetivo, pôde ser modificado por um adverbio: *Elle é MUITO HOMEM.*



## IV Substantivo

A sintaxe do substantivo se refere especialmente á sua collocação e concordância na oração, e á mudança de significação que pôde ter pela mudança de gênero ou de numero.

Em geral o substantivo se coloca antes do adjetivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrella fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo altera seu significado:

*Altos céus — céus altos; certa manhã — manhã certa; novos homens — homens novos.*

*Um principe estrangeiro... bem poderá ser nosso rei; mas vai grande diferença de ser NOSSO REI ou ser REI nosso.* (Vieira). *MEU DEUS quer dizer que Deus me possue a mim; DEUS MEU quer dizer que eu o possuo a elle.* (Idem).

A mesma mudança se dá com a variação do gênero e numero:

*Madeiro — madeira; bago — baga; honra — honras; letra — letras; amor — amores.*

O substantivo usado como apposto deve, sempre que for possível, concordar em gênero e numero com o nome a que estiver apposto, isto é, com o seu fundamental: *As ninjas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

Esta construção é mais usada com as expressões: — *ser preciso, ser necessário* e outras similares.

Said Ali pensa que as expressões — *é bom, é necessário, etc.*, têm o sentido de: *é bom ter, é necessário usar, etc., e ficam invariáveis, sendo o substantivo que se lhe juntar objecto directo do verbo — ter, usar, subentendido.*

Si o adjetivo exercer a função de adverbio, fica invariável: *Que a NEVE está CONTINO pelos montes* (Camões). *Corria a GENTE RIJO para a praia* (João de Barros). *Ria LARGO de um riso sem vontade.* (M. Assis).

Há exemplos de adjetivos empregados adverbialmente tomando flexão de género e de número: *Oh! que CAROS me custaram meus deleites!* (Bernardes). *Vamos a falar SERIOS.* (Camillo). *A teu porto SEGUROS navegamos* (Camões). *Elle que viu tão CLARA esta verdade.* (Idem).

O adjetivo — *todo* —, embora empregado adverbialmente na accepção de *totalmente, completamente*, toma flexão de género e de número: *Via-se no quadro a deusa TODA ornada e enriquecida de joias.* (Vieira). *A santa mulher chega ao marido TODA envergonhada.* (Castilho).

O vocabulo *meio* pôde ser empregado como adjetivo e como adverbio.

Quando significar *quasi* é adverbio e, portanto, invariável; quando significar a *metade* é adjetivo e, portanto, variável: *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *QUASI aberta* (adv.). *Porta MEIA ABERTA*, isto é, *aberta pela METADE* (adj.). *Minha MEIO rural, MEIO urbana parochia* (Herculano). *E assim nascem as chronicas, MEIAS novellas MEIAS historias* (Herculano).

Alguns exemplos que se encontram dos adverbios *meio* e *todo* variáveis, pôdem ser explicados por eufonia ou por attracção: *Edificios MEIOS cobertos de areia.* (João de Barros). *Por notarem indecencia em elle e seus filhos irem MEIOS despidos.* (Fr. A. Brandão). *Uns cídem MEIOS mortos.* (Camões). *Está MEIA escondida que responde.* (Idem). *Aquelles ossos MEIOS descarnados.* (Vieira). *E,*

## V

## Adjectivo

## I

## COLLOCAÇÃO E CONCORDANCIA

Os adjetivos determinativos em geral se collocam antes dos substantivos.

Dos qualificativos, o restrictivo commumente se coloca depois; o explicativo pôde ser collocado antes ou depois.

Há construções usuaes em que o adjetivo vem separado do substantivo pela preposição — *de* —: *O mau do Thyoneu* (Camões); *a bôa da velha.* (Herculano).

Os adjetivos concordam em género e numero com os substantivos a que se referem: *Casa BRANCA; homens SABIOS; ESTE livro.*

A's vezes, o adjetivo na terminação masculina se refere a um substantivo feminino, pois se acha empregado no género neutro, cuja flexão, ao desapparecer, se confundiu no Portuguez, com o masculino: *E' BOM toda CAUTELLA* (Castilho). *E' NECESSARIO uma DETERMINAÇÃO* (Rebello da Silva). *Tem sido PRECISO MUITA ENERGIA* (C. C. Branco). (Apud Mario Barreto) Machado de Assis empregou: *Uma SEMANA é POUCO para pô-lo bom.*

que fez a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus? (Idem). Duas mulheres TODAS entregues a seus labores. (Castilho). Ella era TODA judaica, TODA arabe. (Garrett).

Sobre o adjectivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silva Tullio em seu *Estudinhos da Língua Patria*.

« Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em frases taes como: — casa *meio feita*, pessoa *meio morta*, porta *meio aberta* — Uma casa pôde estar *meio feita* e *meia feita*.

Na primeira hypothese affirma-se que a casa está feita até *meia*, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em *meio*.

Na primeira phrase o vocabulo — *meia* — é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda empregá-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Sermão 10, 363) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses:... *Eram linguas partidas, não só porque eram muitas linguas, senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. Meias linguas porque eram meio européas e meio indianas; meias linguas porque eram meio politicas e meio barbaras; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.* »

Devem-se observar as seguintes regras de concordancia, quando há mais de um substantivo:

1.<sup>a</sup> Quando concorrem substantivos do singular, de genero e significação diferentes, o adjectivo vai para o masculino plural: *Esforço e arte HUMANOS. Vida e repouso INTIMOS.*

Há exemplos de classicos fazendo a concordancia com o mais proximo: *De que céu e TERRA é CHEIA.* (Sá de Miranda). *O espírito e CARNE é PRONTA.* (Camões).

A concordancia com o mais proximo se dá principalmente si o adjectivo preceder os substantivos: *Que assim mereça ETERNO NOME e gloria.* (Camões). *A autoridade*

*de tantos ministros de todos os maiores tribunaes sobre CUJO CONSELHO e consciencia se costumam descarregar as dos reis* (Vieira). *Escolhentes MAU LUGAR e hora para renovar a requesta* (Herculano).

2.<sup>a</sup> Quando os substantivos são de significação similar, o adjectivo concorda com o mais proximo: *Pesar e DÔR AMARGA. Dôr e PESAR AMARGO.*

3.<sup>a</sup> Quando os substantivos são do mesmo genero, o adjectivo vai para o plural: *A boca e a face RETORCIDAS. Tres lapis e um tinteiro ESTRAGADOS.*

4.<sup>a</sup> Quando os substantivos estão no plural e de genero diferente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo: *São muito CONHECIDAS AS PESSÓAS e os animos.* (Vieira). *As paixões, os vícios e OS AFFECTOS PERSONALIZADOS.* (Herculano).

5.<sup>a</sup> Quando os substantivos são de genero e numero diferentes, o adjectivo concorda no masculino plural, ou com o mais proximo si este estiver no singular: *Um mez e duas semanas eram PASSADOS, ou: Era PASSADO um MEZ e duas semanas, ou: Era PASSADA uma SEMANA e dois mèzes, etc.*

6.<sup>a</sup> Quando o substantivo é um collectivo, no singular, ás vezes o adjectivo toma a forma plural: *A causa de el-rei mandar lançar esta GENTE por toda aquella costa VESTIDOS e bem ATAVIADOS.* (J. de Barros).

*Logo todo o RESTANTE se partiu  
Da Lusitania POSTOS em fugida.*

Camões).

7.<sup>a</sup> Quando o substantivo é nome de titulo feminino, o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos: *V. Senhoria é SERVIDO* (sendo homem). *V. Alteza está ADMIRADA* (sendo rainha). *V. Reverendissima parece DESEJOSO* (sendo padre), ou *parece DESEJOSA* (sendo freira).

Não sóa bem o emprego de um substantivo no plural fazendo concordar com elle dois ou mais adjetivos no singular: *O primeiro e segundo LIVROS; as LINGUAS portugueza e franceza.* Deve-se dizer: *O primeiro e o segundo livro; a lingua portugueza e a franceza.* Entretanto Heitor Pinto empregou: *E assi são duas NATUREZAS divina e humana.* Camões: *O quarto, o quinto AFFONSOS e o terceiro.* Bernardes: *As VIDAS intellectual e espiritual. Mui versado nas LINGUAS grega, hebraica, siriaca, caldaica.* Castilho: *Os MUNDOS velho e novo.* Ruy Barbosa: *As CLAUSULAS terceira, quarta e quinta.*

Esta construção é mais commum, quando há uma enumeração expressa por numeraes ordinaes.

Com os indefinidos *um* e *outro*, o substantivo fica no singular: *Alevanta-se... DUMA E DOUTRA banda* (Camões); *UM E OUTRO sol* (Castro); *por UM E OUTRO lado* (Herculano).

Lembra João Ribeiro um caso muito excepcional em que a concordancia se faz com cada elemento de um sujeito composto: *Deus e a sua justiça é o MESMO e A MESMA.* (Vieira).

## II

### GRÁU

Os adjetivos qualificativos têm gráus: comparativo e superlativo. Muitos, porém, apresentam a fórmula augmentativa e a diminutiva que pertencem aos substantivos: *toleirão, espadaúdo, bonitinho, esfarrapadinho, potretão, etc.*

Assim também o superlativo, que é gráu que pertence ao adjetivo, se applica, na linguagem familiar ou popular, aos substantivos: *COUSISSIMA nenhuma.*

Escritores de valor usam de fórmas enfáticas, emprego, aliás, não digno de imitação: um adverbio junto ao adjetivo no gráu superlativo para indicar maior intensidade; *tão altissima* (Gil Vicente), *tão grandissimo* (Lucena) - *mui antiquissima* (J. de Barros); *tão pessima* (F. Elycio); *muito dignissimo, muito reverendissimo, tão minimo* (Vieira); *tão perigosissimas e tão gravissimas* (Bernardes); *tão acerrima* (Castilho); *maiis sacratissima, tão pessima* (Castilho).

O reforço também pode apresentar-se quando se dá a terminação *issimo* a adjetivos que, pela sua significação, não admittem gráus: *MORTALISSIMAS feridas* (Couto); *SUPREMISSIMO gráu* (Vieira); *PRONTISSIMO* (Idem) *PRINCIPALISSIMO* (Bernardes).

Adjectivos há que no gráu superlativo absoluto tomam a fórmula de superlativo relativo: *de todas a optima, a bellissima* (Castilho); *deste nobilissimo, deste generosissimo de todos* (Garrett); *a maiis MISERRIMA existencia* (Camillo).

A Lingua Portuguesa possue também adjetivos comparativos e superlativos sintéticos que perderam o valor de gráu e são considerados simples adjetivos positivos: *junior, senior, prior, exterior, posterior, anterior, minimo, infimo, intimo, etc.*

E' por isso que estes adjetivos admittem novos comparativos ou superlativos: *maiis peor* (F. Lopes), *muito intimo* (F. Mendes); *maiis anterior* (F. Elycio); *tão minimo, maiis interior e inferior* (Vieira); *maiis superior, a maiis intima, maiis infima* (Garrett); *maiis infima* (Castilho).

Os antigos escritores usavam um modo especial de indicar o superlativo — a repetição da palavra: *mataram delles MUI MUITOS* (Azurara). *Gente de pé MUI MUITA sem conta* (F. Lopes).

*Que dos MUI MUITOS ciúmes  
Nasce o MUI MUITO amor.*

Gil Vicente.

Nos Cancioneiros ha: tão muito.

Depois dos comparativos emprega-se a conjunção *que, como, quanto, ou loeução do que*. Antigamente usava-se também a preposição — *de:... um homem que bebia vinho MAIS DO necessario* (G. Rezende).

Não são usuais as fórmulas *mais grande, mais pequeno, mais bom, mais mau*.

Casos há, entretanto, em que se não pôde empregar a forma sintética: *maior, menor, melhor, peor* e se usam daquelas, para dar maior força à expressão, ou por ter sido empregado já antecendentemente o comparativo analítico: *O moço mais garrido, mais amavel, MAIS BOM dar-se-ia por ditoso* (Castilho). V. A. há de adquirir nome de *MAIS ou de MENOS GRANDE principe* (Vieira). Mas os quarteis passam sem eu receber a *MAIS PEQUENA somma* (Garrett). ... no concerto das redes e das velas, ou no embalar e guardar o irmãozinho *MAIS PEQUENO* (Castilho).

Quando a comparação é feita, não entre dois substantivos, mas entre duas qualidades do mesmo substantivo, duas qualidades do mesmo individuo, não se emprega o comparativo sintético, porém o analítico: *MAIS BOM do que mau; MAIS MÁU do que bom e nunca: MELHOR do que mau, PEOR do que bom*. Garcia de Rezende usou: *El-rei D. João era homem de muito bom parecer--- porém MAIS GRANDE que pequeno.*

Regras especiais há sobre o emprego do superlativo relativo que convém saber, para se não imitar, sem necessidade, a construção francesa:

1.º Si o adjetivo vier posposto ao substantivo já precedido de artigo, é dispensado o artigo que acompanha a forma superlativa: *A cousa MAIS FACIL (e não a mais facil) do mundo é dar conselho a outrem* (Vieira). E' a joia *MAIS PRECIOSA (e não a mais preciosa)* que vai ter a coroa ducal (Garrett).

2.º Si o substantivo não vem determinado pelo artigo ou está empregado indeterminadamente, a forma superlativa conserva o seu artigo: *O homem, CRIATURA RACIONAL, A MAIS NOBRE, A MAIS VIVA, A MAIS SENSITIVA de todas. A MAIS ENTRANHAVEL que puder.* (Bernardes).

### III

#### POSSESSIVOS

Os possessivos concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra se colocam antes delles. Exceptua-se no verso: *Da terra TUA o clima e região*; ou quando o substantivo é precedido de outro adjetivo: *Formosa filha MINHA não temais.* (Camões); ou por elegancia e realce: *O pão NOSSO de cada dia*.

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominais correspondentes, mas, sim, as formas: *lhe, o, seu, etc.: Muito tenho que agradecer a v. M. occorer-LHE meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos.* (Alex. de Gusmão).

... que convém mais ao decoro e majestade de v. A. e SEUS gloriosos progenitores (Vieira). *Novo genero de chronica offerece a v. M. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho* (Fr. Luiz de Sousa). *Nada estranho LHE direi, de certo v. EX.<sup>a</sup> conhece. De v. EX.<sup>a</sup> sei que o anima o amor de sua patria* (Garrett). *Em testemunho de regalada leitura que v. EX.<sup>a</sup> me deu com o SEU Minho,*

LHE offereço uma das novellas de cd (Camillo). V. EX.  
tem ornado com o SEU nome o Almanaque de meu irmão.  
V. EX.<sup>a</sup> honrou-me sempre com SUA benevolencia (Castilho);  
... para não divergir de uma autoridade como a de V. EX.<sup>a</sup>,  
tão de meu respeito..... que as SUAS considerações, a  
SUA eloquencia e a SUA sinceridade me deixaram (R.  
Barbosa).

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo: *Doi-ME a cabeça* — por — *doi MINHA cabeça*. Em Camões: *Converte-se-ME a carne em terra dura* — por *converte-se MINHA carne em terra dura*. Em Camillo: *Não TE chegam em fidalgia AOS CALCANHARES* — por — *aos TEUS calcanhares*. Em Latino Coêlho: *A lampada que Deus a todos NOS accendeu na intelligencia* — por — *na NOSSA intelligencia*. Em Ruy Barbosa: *O instituto que hoje se LHE honra com o nome não é só um laboratorio de estudos* — por — *com o SEU nome*.

E' uma construção que se encontra em bons escritores de todas as épocas e que concorre para a elegancia da frase.

A Lingua Portugueza possue o que Pacheco e Lameira chamam possessivo pleonastico e possessivo perifrastico.

O 1.<sup>o</sup> consiste no emprego claro do possuidor: Os SEUS feitos DELLE. E' emprego popular e, ás vezes, util para evitar ambiguidade. Vieira escreveu: *A gloria do filho é gloria do pai e mais SUA DO PAI que do mesmo filho*. Garrett: *Não se espera a vingança da bella judia: dá-lhe dinheiro SEU DELLA que sua māi lhe deixára*. Machado de Assis: *Já meu cunhado dizia que era SEU costume DELLA quando queria alguma cousa*.

O 2.<sup>o</sup> é formado com os verbos *ter* e *haver*: Em Camões: *A fama das victorias QUE TIVERAM* — por — *a fama das SUAS victorias*.

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de indefinidos: *Elle é bom mais tem os SEUS defeitos*, isto é,

tem ALGUNS defeitos. Em M. de Assis: Si pensas que o almoço foi amargo, enganas-te. Teve SEUS minutos de aborrecimento.

Outras vezes indicam um numero aproximado: Homem de SEUS 30 annos. Tem os SEUS 20 contos.

Não se deve empregar o possessivo com referencia a partes do corpo ou do espirito. Assim se deve dizer: *Quebrei a cabeça* — e não — *MINHA cabeça*; *cortei o dedo* — e não — *cortei MEU dedo*; *perdeu o juizo* — e não — *perdeu SEU juizo*.

#### IV

#### DEMONSTRATIVOS

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem: ESTE livro.

Exceptua-se quando a frase é exclamativa: Que menino ESTE!

Os demonstrativos simples se empregam para distinguir uma pessoa ou um objecto em diversos lugares. Os demonstrativos compostos distinguem diversas pessoas ou objectos collocados no mesmo lugar.

Além dos casos mais communs do emprego dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquelle*, há alguns especiaes.

Assim, *este* indica o tempo presente: *esse* ou *aquelle* se emprega nos appóstos: *aquelle* se emprega nas definições.

Falando-se de dois substantivos, *este* se refere ao segundo e *aquelle* ao primeiro: *João e Pedro são primos: ESTE (Pedro) seguiu a carreira das armas, e AQUELLE (João) a das letras*.

*Este* se refere a uma idéa que se vai enunciar; *esse* se refere a uma idéa já enunciada, em época distante.

*Este* se refere a noções sobre que temos idéas claras, definidas; *esse* se refere a cousas vagas, indecisas.

*Este corresponde á 1.<sup>a</sup> pessoa, esse á 2.<sup>a</sup>, aquelle á 3.<sup>a</sup>. Os demonstrativos pôdem ter função de indefinidos: uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, ESTES sentados em pedras, AQUELLES encostados ao muro (M. de Assis. Apud. Souza da Silveira ).*

Para se mostrar mais precisamente uma pessoa ou uma cousa, é commun juntar-se ao demonstrativo o indefinido *mesmo*: ESTE MESMO estudante; AQUELLA MESMA casa.

Os demonstrativos, quando pronomes, são, ás vezes, substituidos pelos artigos — *o, a, os, as*: Todos escutavam o que o sublime Gama contaria.

O pronome demonstrativo — *o* — é empregado invariavel com referencia a um substantivo, a um adjetivo ou a uma oração inteira: Sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noite? Sabia-o, senhor, antes de o caso succeder (Alex. Herculano). Honrai as viúvas que o são verdadeiramente. (Castilho) Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? (Camillo). Dirás que sou ambicioso? Sou-o de véras (M. Assis).

## V

## RELATIVOS

Sobre os relativos notamos:

QUAL vem acompanhado sempre dos artigos *o, a, os, as*.

Sem artigo tem função de indefinido, principalmente quando é repetido:

QUAL do cavallo vña que não desce.

QUAL co'o cavallo em terra dando geme.

Camões.

Sem artigo é tambem correlativo de tal:

QUAES para a cova as próvidas formigas,  
TAES andavam as nymphas....

Camões.

Encontra-se — qual — correlativo na forma invariavel, equivalendo a — como —: QUAL dois leões famintos (Castro).

A's vezes a — o qual — se segue o substantivo a que elle se refere, repetido por clareza: Os altos muros de Babylonias os QUAES MUROS tinham um circuito de 60000 passos (Heitor Pinto). Outras respostas similhantes, pelas QUAES RESPOSTAS... (Vieira). A carta que escrevera, era sobrescritida á baroneza, da QUAL CARTA se dá o texto viciado (Camillo). No alto do monte foi posteriormente levantado um arco triumphal de pedraria, ao QUAL ARCO se não chegou a abrir o letreiro (Castilho).

Em vez do emprego de — o qual, seguido do substantivo antecedente, melhor seria repetir o substantivo e fazê-lo seguir do relativo — que —. Assim no exemplos acima, em lugar se — os quaeas muros — dir-se-ia — muros que etc.

Emprega-se — a qual — em lugar de cada qual: QUAL a QUAL tem caido da consorte (Camões). QUAL a QUAL mais possante a enfeitiçar-me (Castilho).

QUE se refere á palavra antecedente — pessoa ou cousa —, e é substituído por — o qual e suas variações, quando o nome a que se refere, está distante e há necessidade de clareza: A penna QUE me déste. A penna da Livraria Contemporanea a QUAL ontem se perdeu.

Tem função de indefinido quando significa — qual,

quanto, que causa: QUE faz o lavrador na terra cortando com o arado? (Vieira). QUE causa é uma águia grande senão um gigante entre as aves? (Idem). Não sei QUE tempos nem QUE desgraça é esta nossa (Idem).

Empregado como interrogativo, ou exclamativo iniciando uma oração, não admite artigo: QUE seria si se mudassem palavras? (Vieira). QUE tem com isto a moral publica? (Alex. Herculano). QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir? (Castilho).

Ruy Barbosa que sustenta a boa doutrina, apresenta inúmeros exemplos que firmam esta regra, citando escritores antigos e modernos, tais como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim, Garcia de Resende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernardes, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 páginas de sua *Replica ás defezas da Redacção do projecto da Camara dos Deputados sobre o Código Civil Brasileiro*.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a que, há sempre uma oração elíptica e o artigo concorda com um nome oculto.

O pronome que não inicia mas continua ou completa a oração.

Quando a sintaxe assim não puder ser explicada, há um solecismo que não deve ser imitado.

Si quizérmos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das preposições a, em, de, para ou por.

Como diriamos? AO QUE vens? Não: O vernaculo é A QUE vens.

Como diriamos? NO QUE pensas? Tão pouco. Não se diz senão: EM QUE pensas?

Como se dirá: DO QUE tratas? Nunca. Diríamos sempre: DE QUE tratas?

Poderíamos escrever: COM O QUE contas? Não. A construção grammatical é: COM QUE contas?

Diríamos acaso: PARA O QUE foges? Não. Diríamos, sim: PARA QUE foges?

Semelhantemente ninguém diria: PELO QUE tardas? PELO QUE roubas? PELO QUE te matas?

A construção portugueza é: POR QUE te matas? POR QUE roubas? POR QUE tardas?

Não importa, termina elle, que na vasta literatura dos classicos um ou outro deslize pareça favorecer a regencia: O QUE? Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam para autorizar uma sintaxe.

O pronome QUE é muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação que, assim, fica mais clara: As *ndus* QUE pouco havia QUE ancoravam (Camões).

Si o antecedente do relativo — que — vem indeterminado, é costume pôs-lo ao relativo e este assume apparentemente o caracter de adjectivo indefinido ou, como diz Carlos Góes, o caracter de adjectivo relativo: ... pretendoram de saber QUE FIM tinham, isto é, o FIM QUE tinham. O rei que já sabia a GENTE QUE era, isto é, QUE GENTE era.

Quando o pronome relativo — que — vem precedido do pronome demonstrativo — o —, a preposição que rege aquelle pronome fica ligada, muitas vezes, a este: DO QUE eu me quizera defender..... era da tacha de futilizar materia de tamanha relevancia (R. Barbosa). Já não sei para o QUE elles prestam (Herculano). Natividade disse AO QUE vinha (M. Assis).

Póde-se tambem usar construção, sem a deslocação: O DE QUE me acoimam é de excesso nos affectos benevolos do coração (R. Barbosa). O DE QUE eu quero que te esqueças, é do signal da cruz (Herculano).

QUEM se refere a pessoas ou a cousas personificadas.

Nos classicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas: Um TIRO de fogo, contra QUEM não valem forças (Souza). A quelles poderosissimos VASOS a QUEM os estrangeiros chamaram carrucas (Vieira). A soberba EUROPA a QUEM rodeia (Camões). Assim tambem Garrett: Era um RAMALHETE sobre QUEM.... Castilho: O DINHEIRO é QUEM vivifica a agricultura. Ruy Barbosa: Mas foi a ESQUADRA QUEM lhe abriu caminho.

QUEM, quando relativo, é sempre regido de preposição-

Era empregado antigamente com a preposição — *sem*; hoje é substituído por — *o qual* — e suas variações: *Esposa SEM QUEM não quiz amor que viver possa* (Camões). QUEM tem valor de indefinido: QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente (Camões). QUEM tudo quer, tudo perde. (Adagio).

CUJO concorda com o subsequente que vem sempre claro, e se refere ao antecedente. Um é diferente do outro.

Antigamente era usado como interrogativo, adotando-se a construção latina.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente imediatos si bem que classico é arcaico: *CUJAS são estas arvores?* Eu sei CUJO é o gado. Garrett empregou: *Que se ha de elle atrever contra o bispo CUJO é?* E a perguntar CUJO é?

O emprego de CUJO por de que ou de quem, embora não sendo de uso *communum*, é autorizado: *CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes* (S. Roméro). *Dos povos CUJAS filhas são* (J. Verissimo). *Entrou na reunião da Casa dos Bicos CUJA era o dono* (R. Ortigão). *Mandou por dois dos nossos visitar e convidar para a festa as amaveis senhoras CUJA é a lapa* (Castilho). . . . e outro no segundo filho com senhorio de *Anciães e Villa de Castanheira, CUJO representante sou* (C. C. Branco). *Cujo fôra o anel* (Idem). *Porque diz o mesmo Salomão CUJAS são estas palavras* (Vieira). *E porque tudo quadre, os monjes de S. Bento CUJA é a casa e convento, são gente que vive em notavel observancia* (Fr. Luiz de Souza). *Cuja confessada era* (Camillo). *Cujo irmão este era* (Herculano).

Admitte preposição quando o nome com que concorda tem de servir de complemento a outra palavra: *Ali está a hervazinha humilde DE CUJA propriedade necessita a vida do rei para livrar-se* (Bernardes). *Foram as reliquias de S. Catharina collocadas em illustre deposito A CUJA vista* D. Estevam da Gama armou cavalleiro D. Alvaro Castro

(J. Freire). A honra pairava realmente sobre aquella administração tão calumniada DE CUJOS frutos o valor se está mostrando agora (R. Barbosa).

E erro grosseiro, diz Epiphânia Dias, empregar — cujo — em sentido partitivo e dizer, por exemplo: *simbolos cujos principaes são os seguintes*, em vez de: *dos quaeas os principaes são*, etc., ou *os principaes dos quaeas, são*. etc.

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio ONDE.

O relativo tem antecedente a que se refere e inicia a clausula adjectiva.

O adverbio não tem antecedente e inicia a clausula adverbial.

## VI

### NUMERAES

Os adjectivos numeraes precedem os substantivos: *Cem livros*. Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos, trezentos*, etc.: *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove, tres mil e quinhentas*, etc.

Ligam-se entre si pela conjunção e: *Vinte e nove; duzentos e quarenta*.

Entre — *cem* e *duzentos* — os numeros se expressam por — *cento*: *Cento e vinte, cento e noventa e nove; precedendo imediatamente a — mil — se emprega — cem: Cem mil livros*.

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta posição, são empregados depois do nome: *Pedro segundo*.

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes: *Livro quarenta e dois*.

Quando os cardinaes substituem os ordinaes, sempre são collocados depois do substantivo, na forma invariável: *Paginas VINTE E UM. Folhas QUARENTA E DOIS*.

Quando um numero cardinal se encontra com um ordinal pôde-se indifferentemente collocar em primeiro lugar qualquer um delles: *Os dez primeiros livros, ou os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeros cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal: *Mil oitocentos e noventa e quatro. Primeiro de Maio.*

Empregando-se a palavra — *seculo* — o cardinal põe-se e o ordinal antepõe-se: *Seculo dezenove. Decimo nono seculo.*

Os classicos formavam o ordinal tambem com o suffixo — *eno* —, como Camões: *Foi Joanne segundo e rei trezeno.* Hoje estes adjectivos se transformaram em substantivos: *novena, trezena, vintena, quarentena, etc.*

Antigamente — *milhão e conto* — tinham o mesmo emprego. E' assim que Fernão Pinto usou: *Concorre a ella tanta gente que se affirma que passa de tres CONTOS de pessoas.* Hoje — *conto* — só é empregado em referencia à quantia.

Alguns numeraes cardinaes se empregam com valor de indefinido, indicando uma quantidade incerta, com a significação de muitos: *As lagrimas QUATRO E QUATRO se impelliam umas ás outras* (Bernardes). *MIL arvores estão ao céu subindo* (Camões). *Eis MIL nadantes aves pelo argento* (Idem). *As lagrimas se penduravam QUATRO A QUATRO* (Herculano). *Tem-no repetido MIL vezes a multidão, como a expressão concisa das rapidas vicissitudes da gloria e da ignominia* (L. Coelho).

Há expressões communs em que o numeral tem valor de indefinido: *dizer DUAS palavras; saber DOIS dedos de Latim; camisa de ONZE varas; com 600 demonios; trata de MIL E UM negocios, etc.*

O mesmo se dá com certos substantivos que exprimem numero: *centenas, miriades, milhares, etc.*, similhante ao que se observa no Latim que, para o mesmo fim, empregava *sexcenti, mille, millia, tricenti, etc.*

O numeral — *ambos* — que alguns grammaticos chamam *dual*, exige depois de si os artigos: *Comprei AMBOS os livros.*

Camões empregou sem artigo: *De ambos partes se move a primeira ala.*

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas: *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham escrito: *Juraram AMBOS DE DOIS* (Castanheda). *AMBOS esses DOIS filhos* (H. Pinto). *AMBOS estes DOIS instrumentos* (Vieira). *AMBOS DE DOIS começai* (Gil Vicente). *DE AMBAS AS DUAS ádem ellas vir* (B. Ribeiro). *De AMBOS DE DOIS a fronte coroada* (Camões). *AMBOS OS DOIS residiam na poisada* (Castilho). O certo é que *AMBOS OS DOIS monges caminhavam juntos*. (Herculano). No primeiro caso, é evidente que Portugal difficilmente poderá resistir à invasão de Espanha si um ou AMBOS aquelles DOIS Estados a consentirem e ajudarem (Garrett). E *AMBOS OS DOIS: E' uma mocetona* (M. Assis). Ambas fórmas são grammaticaes? São no ambas as duas. (R. Barbosa).

No Brasil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois*.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentará exemplos classicos destas construções que não têm encontrado seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Moreira nos *Estudos da Língua Portugueza* faz notar que o d que aparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de fonética sintactica. Foi a influencia do d do numeral *dois* que fez aparecer junto da conjunção — e — uma articulação igual. E' uma especie de *prolepsis fonética*, isto é, a antecipação do fonema seguinte.

## VII

### INDEFINIDOS

**ALGUM** — substitue *um*, e tem as fórmas *algo* e *alguem*.

Posposto ao substantivo, *algum* tem valor negativo e significa *nenhum*: *De MODO ALGUM falarei sobre este assunto.*

Encontram-se, porém, exemplos nos classicos de seu emprego com valor affirmativo: *Desta gente REFRESCO ALGUM tommos.* (Camões).

**ALGUEM** — pôde ser substituido pelo substantivo — *homem* — indicando uma indeterminação: *Certo é grande erro não conhecer HOMEM sem erro* (H. Pinto). *Eu perdia mór ventura que HOMEM nunca perdeu* (G. Vicente). *Por segredos que HOMEM não conhece* (Camões). *Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM de si proprio* (Castilho). *Elegeis então a mais eminentes das profissões a que HOMEM se pôde entregar neste mundo* (Ruy Barbosa). *Na verdade jamais HOMEM há visto cousa similhante a isso* (M. de Assis).

O indefinido *homem* pôdia ser empregado com referencia a um substantivo feminino: *Si com este habito se despisse HOMEM* (freira) *de si mesma*. (D. de Paiva). *Qualquer cousa que HOMEM* (donzella) *fizer por elle* (J. de Barros).

Corresponde ao pronome — *on* — dos franceses, e ao — *se* — indeterminado dos portuguezes.

**MESMO** — se usa pleonasticamente junto aos pronomes pessoaes para dar mais força á expressão: *ELLE MESMO esteve aqui.*

**NINGUEM** — no estilo familiar significa individuo sem importancia: *E' um NINGUEM*; **ALGUEM** — ao contrario, significa pessoa de valor, de consideração: *Cuida que é ALGUEM*. D. Francisco M. de Mello empregou — *os ninguens* — na significação de individuos sem valor.

**NINGUEM** — vindo antes do verbo, não admite outra negação, mas depois delle não a exclude: *NINGUEM pôde dizer desta agua não beberei. NÃO vejo NINGUEM* (Freire, Grammatica).

Há exemplos de escritores portuguezes em que as duas negativas apparecem juntas antes do verbo: *Que NINGUEM NÃO tem valia.* (G. Vicente). *Que NADA vê NÃO queria* (Castilho). *Daquelle modo NINGUEM NÃO falou jamais*, escreveu R. Barbosa.

**OUTRO** — tem as fórmas *outrem* e *al*, e se emprega pleonasticamente junto dos pronomes *nós* e *vós*: *Nós OUTROS sem a vista alevantarmos.* (Camões). *Si vós OUTROS soubcsseis a conta deste deus forte.* (F. Pinto) *A primeira vez me ri, porque vós OUTROS temeis a morte.* (M. Bernardes).

**TAL** — serve para designar uma pessoa hipotética, que se não nomeia porque não existe: *Um TAL Gonzaga.* (Diez).

Tem valor comparativo e é correlativo de — *qual-* *TAES para a cova --- QUAES andavam as nymphas.* (Camões).

Tem, ás vezes, função de adjectivo qualificativo, quando posposto ao substantivo, ou empregado em fórmula de correlação: *COUSAS TAES nunca direi. TAL pai, TAL filho.*

**A** — **TANTO** — corresponde — *quanto*, *que* e *como*: *TANTAS cabeças QUANTAS sentenças* (Adagio). *Dá-me TANTA dor QUE ando após elle pelo que me deve.* (Camões). *As lagrimas eram TANTAS QUE faziam cegar.* (Garrett). *Nuno Vaz mostrou TANTA parte de prudencia, como tinha de cavalleiro.* (J. de Barros).

Em orações exclamativas *que de substitue quanto: QUE DE reflexões profundas!* (M. Assis). *QUE DE memorias de heroicidade dessas duas gentes e religiões rivaes, não enguli este solo que pisamos!* (Castilho).

Exprime, ás vezes, o resto de uma quantidade: *Vinte e TANTOS soldados; mil e TANTAS casas.*

**TODO** — exige, quando no plural, os artigos:  *TODOS os dias, TODAS AS classes;* excepto quando se segue adjectivo possessivo: *De sorte que TODOS MEUS pensamentos. Aqui vos mostro TODAS MINHAS chagas. Repousam com TODOS SEUS affectos.* (M. Bernardes). *O evangelho com TODOS SEUS preceitos.* (Castilho).

No singular, seguido de artigo, significa a totalidade, a cousa em sua generalidade: *TODA A casa ardeu; TODO o homem era uma chaga.*

Sem artigo significa *qualquer*: TODO cidadão deve defender sua pátria.

Na actualidade há a tendência para a conservação do artigo em qualquer dos dois casos.

Tem valor de adverbio, significando *totalmente*: TODO é olhos para conhecer, TODO mãos para obrar (Bernardes).

Embora com função de adverbio, encontra-se empregado variavelmente: E que faz a mesma natureza TODA morida e governada pelo mesmo Deus? (Vieira).

UM — contém idéa de pessoa incerta e equivale a *algum*.

Há exemplos de seu emprego com o valor de — on-francez ou — se — portuguez: Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio. (Bernardes).

Era empregado pelos antigos escritores com valor pleonastico: O homem é UM animal.

Admittia antigamente artigo: ... ÁS HUMAS como as outras. (Azurara). Por duas razões: A UMA... a outra. (F. Lopes). Duas cousas: A HUMA que saqueassem a verdade e a outra que cometessem o palmar. (J. de Barros).

UM E OUTRO, quando se referem a pessoas ou cousas de gênero diferente, conservam a fórmula masculina: Assim a ALMA e o CORPO quando unidos vai UM para onde vai o OUTRO (Bernardes). Nesta vida ha MORTE, na outra INFERNO, e ainda é peor que UM e OUTRO o esquecimento de ambos. (Vieira). Repousavam bem perto UM DO OUTRO, A MATERIA E O ESPIRITO. (Herculano).

UM (Baccho) pela infamia que arreceia.

E OUTRO (Venus) pelas honras que pretende.

(Camões)

A's vezes a exigencia do sentido da frase requer a flexão de gênero ou de número, dando-se a concordância com os nomes a que se refere, como empregou Camões:

As MULHERES e os FILHOS se queixavam  
Que uns têm os pais e outras os maridos.

Usa-se de OUTREM, ALGUEM, NINGUEM, QUEM com adjetivos na fórmula masculina ou na feminina, segundo o sexo das pessoas a que elle se refere: OUTREM mais PRENDADO ou PRENDADA do que eu. Aqui não há ALGUEM tão ISENTO ou ISENTA de vaidade. Aqui não há NINGUEM que não fique SAUDOSO ou SAUDOSA do Sr. QUEM é BOM ou BÓA de Vossés?

CADA — nunca pôde ser empregado como pronome. Para ter esta função, deve ser usada a fórmula composta: cada um, cada qual. É erro grosseiro dizer-se, por exemplo: Estes lapis custam 1\$000 CADA, e sim CADA UM.

As fórmulas — algo, nada, o que — ligam-se a adjetivos, ou directamente, ou por meio da preposição — de —: algo novo, nada novo, o que novo, ou — algo de novo, nada de novo, o que de novo existe.

Devem ser incluidas na classe dos indefinidos as fórmulas: alguma cousa, um não sei que, seja quem for, fosse quem fosse, o que quer que seja e similares, que indicam pessoa ou cousa desconhecida, incerta. Pôdem ser denominadas de locuções pronominaes indefinidas.

O mesmo se pôde afirmar a respeito da expressão — a gente, com o valor do pronome nós.

A locução pronominal indefinida — alguma cousa, — exige o adjetivo no masculino: Alguma cousa MIRACULOSO, alguma cousa DIVINO, alguma cousa INFINITO deve de haver. (Ruy Barbosa).

Tem tambem valor de adverbio: Elle está ALGUMA COUSA doente.

Antigamente era commum o uso da expressão — Delle, della, etc. com valor de indefinido. Quando eu era de vossa idade... entre as outras mulheres de casa, DELLA

siando e outras devando... (B. Ribeiro). D'ELLES armados, outros sem armas. (F. Lopes).

Alguns escritores julgam que o emprego da expressão — *a gente* é especial ao Brasil, constitue o que se chama *brasileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *a gente* (indefinido) usado por notáveis escritores portugueses:

*Mas eu não o quereria para meu padre espiritual, si faz assim a GENTE com o coração agastado* (Herculano). *Que aonde a GENTE põe sua esperança* (Camões). *A GENTE se está confortando* (Garrett). *O pão da GENTE* (Castilho). *Já se a GENTE admira não mais esquece* (R. Ortigão). *A GENTE põe a sua alma* (Oliveira Martins). Vê-se que a expressão — *a gente* — é de frequente uso no sul de Portugal, onde a fazem concordar com um verbo na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na língua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo affirma J. Leite Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*.



## VI

### Artigo

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração, ou uma oração inteira: *O homem*. *O chorar das victimas*. *O «faça-se a luz»*. *O «não posso» dos negligentes*.

Tem função de pronome de 3.<sup>a</sup> pessoa: *Amei-a*; de demonstrativo: *Os do Brasil*. *Os que estão presentes*; e de pronome indefinido, equivalendo a — cada: *Fazenda a 5\$000, o metro*, isto é, *cada metro*.

Emprega-se nos seguintes casos especiais:

1.<sup>º</sup> Antes dos nomes proprios no plural: *Os Almeidas*. No singular serve para distinguir uma pessoa com mais individuação: *O Camões*; ou no estilo familiar: *O José*.

2.<sup>º</sup> Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa, antes dos nomes geográficos.

Muitas são as excepções a esta regra.

Em geral levam artigo os nomes proprios que se usam como appellativos: *O Rio de Janeiro*, *a Bahia*, *a Madeira*. O emprego do artigo é exigido, quando o substantivo vêm qualificado: *A soberba Veneza*, *o velho Portugal*. Antigamente era commum a ausencia do artigo antes dos nomes de continentes e regiões.

3.<sup>º</sup> Antes dos nomes de Sr., Sra., de titulos, epitetos e cognomes: *O Sr. Antonio, O Visconde do Rio Branco, O Leão Coroado, Isabel, a Católica.*

Exoceptua-se antes das fórmulas *dom, dona, frei, soror, são, santo.*

4.<sup>º</sup> Antes dos pronomes possessivos e, ás vezes, antes dos adjetivos possessivos quando se quer exprimir veeao substantivo: *Este é meu filho e aquelle é o teu. Sim, são meus filhos, mas não é o meu filho. Conta o vento as dôres suas.*

5.<sup>º</sup> Antes dos adjetivos numeraes ordinaes quando estão precedendo o substantivo: *O 1.<sup>º</sup> Affonso.*

6.<sup>º</sup> Antes das horas: *Ao meio dia.*

7.<sup>º</sup> Antes dos antónimos: *A luz e as trevas; a modestia e o orgulho; os grandes e os pequenos.*

8.<sup>º</sup> Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como tudo vivifica a terra!*

Não se deve usar do determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver empregado em sentido indeterminado: *Este livro. Vereis amor da patria não movido de premio vil.*

E mais nos seguintes casos especiaes:

1.<sup>º</sup> Antes dos termos principaes de um adagio, tomados em sentido geral: *Ouro é o que ouro vale. Falar é prata, silencio é ouro.*

2.<sup>º</sup> Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulo.*

3.<sup>º</sup> Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.<sup>º</sup> Antes dos substantivos que fórmam com o verbo uma idéa unica: *Ter fome. Falar verdade. Dizer adeus. Declarar guerra.*

5.<sup>º</sup> Antes de Sr., Sra., quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos titulo ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.<sup>º</sup> Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

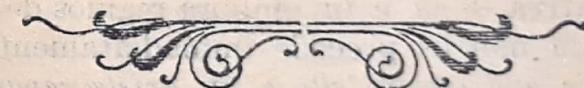
7.<sup>º</sup> Nas apostrofes, vocativos ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos. Filho, aqui está vosso pai. Oh! pai, esperai por mim.*

8.<sup>º</sup> Antes do pronome *que* nas frases interrogativas e exclamativas absolutas: *Que quereis? Que me dizes!*

9.<sup>º</sup> Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Além dos artigos — *o, a, os, as* — a Lingua Portugueza possue o artigo — *el* —, antigamente *ello, commum ao Portuguez e ao Espanhol* e usado na expressão — *el-rei.*

Há ainda uma outra forma de artigo denominado *partitivo*, muito usada no Portuguez antigo popular: *E deitar DO JUNCO nella* ( Gil Vicente ). *Deixaram os teus passados DO GADO e vinhas de renda* ( Sá de Miranda ). *E lá vão comendo DO BACALHAU* ( Arte de furtar ). . . . pedir que lhe quizessem dar DO ÓLEO que traziam ( Vieira ). *Traze-me aqui DO vinho que vendéis.* ( M. Bernardes ).



ELLE, ELLA, ELLES, ELLAS, NÓS, VÓS, pódem servir de sujeito, de attributo ou de objecto com preposição clara.

Nós e vós, embora sejam pronomes do plural, têm valor de singular, quando se referem a uma só pessoa: *Nós, principe D. Pedro. Vós, poderoso rei.*

O pronome — nós — é substituído algumas vezes pelo pronome — eu — por modestia ou por delicadeza da pessoa que fala, ou quando, quem fala, o faz em nome de uma associação, de uma collectividade: *Sem nos apartarmos da historia de José, MOSTRARÉI... ( Vieira ). Apesar da extrema benevolencia com que FOMOS acolhido, disseram-ME... ( Castilho ). NÓS é que não sei si o fazemos ( Herculano ).*

Neste caso o verbo vai para o plural, mas o adjetivo em relação attributiva com esse pronome fica no singular: *Antes SEJAMOS BREVE que PROLIXO ( João de Barros ), Apesar da extrema benevolencia com que FOMOS ACOLHIDO... ( Castilho ). CHEGADO, porém, à conclusão deste livro, PÔR-LHE-EMOS remate com uma reflexão ( Herculano ).*

Encontram-se, entretanto, exemplos com o adjetivo no plural: *Por fim deste anno FOMOS OBRIGADOS a dar conta do que nelle se passou ( Souza ). SOMOS CHEGADOS aos escrupulosos da terceira especie ( Vieira ). E' debaixo da impressão destas doutrinas e CONVENCIDOS de sua importância que VAMOS escrever ( Herculano ).*

No Brasil empregam-se os pronomes *elle, ella, elles, ellas*, servindo de objecto directo: *Eu vi ELLE.*

Ruy Barbosa, em sua memorável *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brasileiros usavam de tal construção.

Verificou depois que bastantes casos se deparam nos classicos antigos:

*Que em tal caso houvessem ELLA por sua rainha e senhora ( F. Lopes ), ... e degradou ELLE e os filhos ( Idem ), ... dizendo que culpava ELLES ( Idem ). Mas assim de longe os ordena ELLES a ventura ( B. Ribeiro ). Elles falou por mim, ELLES só ouve ( A. Vieira ).*

## VII

### Pronomes pessoaes

#### I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, attributo e objecto.

EU e TU servem exclusivamente de sujeito ou de attributo: *Si EU fôra TU. Elle é EU e EU sou elle ( Vieira ).*

Não pódem, assim, representar o papel de objecto, e são substituidos, neste caracter, pelas suas variações *mim, mim, te, ti*.

Há exemplos em que estes pronomes conservam a forma nominativa — *eu* e *tu* embora regidos de preposição desde que esta não os precede imediatamente: *Que me ufano de ouvir que ENTRE elle e EU existe separação final ( Castilho ).*

As formas *ti* e *mim* são, porém, mais communs.

Não mudam de forma quando regidos das preposições accidentaes, como: *segundo, conforme, salvo, excepto: segundo EU, conforme TU, etc.*

Ruy Barbosa pensa que se deve dizer *entre mim e elle* como *entre elle e mim*, e sustenta que os pronomes devem mudar de forma desde que sejam regidos de preposição: *Como a comparação não é mais que ENTRE meu Pai e MIM ( Vieira ). Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu the falleci ou quero fallecer no que ENTRE elle e MIM é posto ( F. Lopes ).*

Depois de uma comparação se usam dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elíptica: *Mais bella que TU* (*és bella*); *mais instruido que EU* (*sou instruido*).

*MIM, TI, SI,* exigem sempre clara a preposição que os rege: *A mim, de ti, para si.*

*ME, TE, O, A, OS, AS, NOS, VOS,* servem de sujeito ao verbo infinitivo: *Mandou-ME ENSINAR ao artista, isto é, mandou que EU ENSINASSE ao artista. Ouvi-O CANTAR, isto é, ouvi ELLE CANTAR. Faço-TE ESTUDAR, isto é, faço que TU ESTUDES.*

Neste caso essas variações têm dupla função; servem de objecto ao verbo finitivo e de sujeito ao verbo infinitivo.

*ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS,* servem de objecto sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o. Falo-lhe. Contou-nos.*

As fórmas *o, a, os, as*, substituem o pronome *elle, ella, elles, ellas*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo, isto é, quando servem de objecto directo.

Têm as fórmas *lo, la, los, las*, quando seguem certas fórmulas verbais terminadas em *r, s, z*: *amá-lo* (*amar lo*), *tem-la* (*tens la*), *tra-lo* (*traz lo*); ou depois dos pronomes *nos, vos*: *NO-LO disse, VO-LO prometteu*; ou ainda depois do adverbio *eis*: *ei-lo*, e da preposição *per*: *pelo*.

Por eufonia tambem se emprega — *no, na, nos, nas*, por — *lo, la, los, las*, com as fórmulas dos verbos terminadas em voz nasal: *TRAZIAM-NA os horrificos algozes.* (Camões). *Com estes UNIAM-NO as recordações de uma trabalhada emigração* (L. Coelho).

O mesmo se dá com o adverbio — *não* —: *Não NO são.* (Castilho). *NÃO NA estima.* (Camões). *Não NO largava uma pobre velha* (L. de Souza).

Com o adverbio — *bem*: *O porque BEM NO sabem.* (Castilho).

Com a preposição — *sem*: *SEM NA olhar ou SEM NA entender.* (Castilho).

Com o pronome — *quem*: *QUEM NA quer?*

Observa-se que se dá esta mudança quando a palavra anterior ao pronome termina em som nasal, que assim se prolonga influindo sobre a voz seguinte.

\* Os que dizem que o *l* é simplesmente eupônico, explicam a permuta de *r — l* em *amar-o — amal-o*. Mas como admittir permutas com *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonética? Houve, pois, queda da letra precedente *r, s, etc.*, e conservação do artigo *lo* (João Ribeiro — *Grammatica*).

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, ortografamos as fórmulas *ama-lo, dize-lo* e similares, e não *amal-o, dizel-o*.

A favor desta opinião damos a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalvez Viana (*Ortografia Nacional*).

Diz o primeiro:

\* Nas fórmulas verbais do infinito e da 2.<sup>a</sup> pessoa, em certas outras palavras como *todos, sober* (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim *amal-los homens* por *amar los homens*; *amal-las mulheres* por *amar las mujeres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *todos los dias*.

Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.<sup>a</sup> pessoa: *amá-lo, áma-lo*.

Diz o segundo:

\* Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.<sup>a</sup> pessoa, considerando este como tendo as fórmulas *o, os, a, as*, unicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adoptada hoje.

E' pois, urgente emendar as fórmulas erróneas *matal-o, matal-tem-n'o* etc., substituindo-lhes corretas: *matá-lo, máta-lo, tem-no* etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga fórmula do artigo — pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e pronominaes em *r, z, s*, suprimindo-se estes; *na* é o mesmo pronome-artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* à vogal ou ditongo nasal que termina certas fórmulas verbais: assim *matá-lo*, (dantes escrito *MATAL-LO*), *máta-lo, tem-lo, di-lo, já-lo*, estão por *matar-lo, matas-lo, tens-lo, fáz-lo, diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo, dizem-lo, dá-vo-lo*, por *dá-vos-lo*.

O pronome *LHE* apparece nos classicos com fórmula invariavel: *Entre a bôa doutrina que LHE davam* (aos

filhos) (Ant. Ferreira). Os padres LHE diziam a elles as cousas da fé. (Lucena). Tornaram outra vez ás nossas naus a LHE lançar dentro alguma chuva de settas (João de Barros).

E porque o caso leve se LHE faça.

Põem uns poucos diante por negaça (Camões).

SE, SI e COMSIGO, empregados como reflexivos, se referem ao sujeito da oração.

Não são dignas de imitar frases como as seguintes:

Falei comsigo; falei de si; este livro é para si, significando: falei com Vossê ou com o Sr.; falei de Vossê ou do Sr.; este livro é para Vossê ou para o Sr.

Correctamente se diz:

João falou de si, isto é, falou DE SUA PROPRIA PESSÔA.

Traga o dinheiro COMSIGO, isto é, traga o dinheiro COM VOSSÊ.

Infelizmente o emprego dos pronomes — se, si, comsigo, com referencia á pessoa com quem falamos, já se tornou de uso corrente, desaparecendo, neste caso, o seu valor de pronomes reflexivos.

Exemplos se encontram em Francisco Manuel de Mello: Quando Vossa Mercê nos dér aquella occasião de alegria que desfaga em si e em nós os pesares presentes. Em Alexandre Herculano: A carta que me dirige, tem um sabor acre, queimei-a. Não é por mim, é por si. Há dois periodos na sua carta que me affligem, não é por mim, mas por si.

O proprio Camillo Castello Branco que violenta e energicamente bradára contra o tratamento da 2.<sup>a</sup> pessoa representada pelo pronome — si —, empregou-o: Si quer ficar e esperar, meu amigo, cá fica a bôa Eufémia para cuidar de si. Que lhe falta a si? Si eu morasse perto de si, dizia-lhe que mandasse a roupa para cá. Não é digna de si.

MIGO, TIGO, SIGO, NOSCO, VOSCO são empregados sempre com a preposição com, clara: comigo, comtigo, comnosco, etc.

Diz-se, entretanto, com nós, com vós, quando estes pronomes vêm acompanhados de um indefinido: com ambos nós, com vós todos. No povo, COM NÓS OUTROS quasi mudo (Camões). Sinto que tenho aqui dentro para com vós TODOS um coração de pai (Castilho). Aristoteles responderia negativamente com vós todos (Machado de Assis).

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo, o que serve de sujeito é collocado em primeiro lugar: EU TE contarei as minha máguas.

Na sintaxe antiga, adoptada pelos classicos, o pronome sujeito era collocado depois: Como SE ELLES chamam (Sá de Miranda).

Esta sintaxe tem encontrado imitadores na actualidade: Como se ME ELLE antolhava (Camillo). Que ME ELLES deixaram (Idem). Que TE ELLE pague (Garrett). Porque LHE ELLE tinha a irmã (Idem). Quanto a que LHES NÓS levamos (Castilho). Que ME EU mato (Ruy Barbosa). A pergunta que LHE EU fazia (M. Assis).

Quando se encontram duas variações pronominaes, a que serve de objecto directo (acusativo) deve ter a forma simples, e a que serve de objecto indirecto (dativo) deve ter a forma composta: A TI ME ligo, pobre menina... (Camillo).

E' um meio de evitar a confusão, pois si ambas as formas fossem simples, ambas podiam ser objectos directos e indirectos.

Pódem-se empregar as duas formas simples quando uma dellas fôr o pronome — o, a, os, as, — que se combina com os outros pronomes: eu t'o prometto, mostrou-m'as, etc. A razão é que — o, a, os, as — só pôdem ser objecto directo e se não dá, portanto, a confusão que se procura evitar.

Muitas vezes, por enfase, se repetem as variações pronominaes em varias formas: EU ME admira. EU ME parece. EU parece-ME que não (Garrett). Que LHE

*importa a ELA a majestade do throno? (Herculano). Como o amava a ELLE (Camillo). Castiga-ME a MIM (Idem). ... de LH'os dizer a EILLES (Garrett). ... que LHE a ELLE parecia estar mui certo (J. de Barros). Não ME culpe a MIM (Camillo).*

Esta repetição se faz necessaria quando há uma coordenação: *Deu-TE a TI e a teu irmão.* Herculano usou: *Maldiz-SE a SI e á Providencia.*

Outras vezes apparece o pronome referindo-se a um termo claro na oração: *Cada SACERDOTE LHE cumpre estudar* (Gil Vicente). *Ao DOENTE não se LHE há de fazer a vontade* (Sá de Miranda). *Ao AVARENTO não LHE pego nada; ao DOUDO não LHE atalho a furia; ao POBRE não LHE devo* (Lobo). *Para que ao PORTUGUEZ se LHE tornasse* (Camões). *A um PRÍNCIPE virtuoso tudo se LHE rende; a um PRÍNCIPE vicioso parece que a terra se LHE levanta* (Vieira). *Si AOS BEMAVVENTURADOS LHES faltasse o lume da gloria* (Idem). *Os SINOS já não há quem os toque* (Hercualno). *ORAÇÕES recita-AS a voz da adulção* (L. Coelho). *A CRUZ já outros a tomaram por divisa* (Idem).

Esta construção é usual quando o objecto está colocado antes do verbo.

Nos adagios a repetição é commum: *AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE apanha a lenha. QUEM pouco tem, pouco LHE basta.*

A's vezes se empregam as variações pronominaes — *o, a, os, as* — com referencia a um substantivo que ainda se vai enunciar. Camões: *Eu o vi certamente... levantar-se no ar um VAPORZINHO.* Garrett: *Os homens não são dignos, nem de ouvi-LAS AS QUEIXAS do infeliz.*

As variações pronominaes, sem preposição clara (pronomes atónos), quando collocados depois do verbo, devem ser repetidas junto de cada verbo: *Recebe-o, guarda-o, generoso Amazonas, o legado de honra,* (Garrett).

Há em Portuguez varias expressões que Diez denominou de *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê, V. S., V. Excia. V. Alteza, Vossé, etc.*

A de uso mais commum é *Vossé*, fórmula contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmulas intermediarias *Voss'mercé* e *Voss'messé* e que é considerada verdadeiro pronome.

E' de emprego popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tão usado nos tempos antigos.

Na actualidade o pronome — *vós* — apenas se emprega em preces, no estilo oratorio, na poesia, etc., e tanto pôde referir-se a uma só pessoa, como a muitas.

Os *pronomes de reverencia*, embora representem sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa, exigem o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Vossé* (2.<sup>a</sup> pessoa) *quer?* (3.<sup>a</sup> pessoa).

Esta construção é similhante á francesa, em que o criado fala na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Monsieur, veut-il.*

No Allemão faz-se tudo, diz Pott, para não empregar o pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao metodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se commumente uma das variações pronominaes ao verbo para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere, tem interesse na acção: *Não ME pratiques esta falta. Não ME saias d'aqui.* E' uma particula expletiva ou de realce, por alguns gramaticos chamada — *dativo ético*.

As variações pronominaes se combinam com as fórmulas *se* e *o, a, os, as*. O pronome — *se* sempre se antepõe; os pronomes — *o, a, os, as*, sempre se pospõem.

*Sem que t'o merecesse nem te errasse.*  
*Tornar-SE-LHE amarello de enfiado.*

Camões.

As variações — se — e — o — nunca se combinam entre si. E' incorrecto dizer-se: Quando SE o esperava. Não se o diz.

Quando se combinam — lhe — e — o, a, os, as, — a primeira fórmula nunca tem plural: conta-lh'o — e não — conta-lhes-o.

Com os pronomes *me*, *te*, *lhe*, dá-se a figura sinalefa: *m'o*, *t'o*, *lh'o*.

Com os pronomes *nos*, *vos*, empregam-se *lo*, *la*, *los*, *las*, em vez de *o*, *a*, *os*, *as*: *no-lo*, *vo-la*.

## II

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação destas variações pronominaes ( pronomes regimes ou caços obliquos ) pôde ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *énclose*; no meio das fórmulas do verbo: *mesóclise*.

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos*, *enclíticos* e *mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o fenomeno não tem sido observado perfeitamente, ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

O grammatico de Salamanca, Nebrija, em 1492, observou em sua *Grammatica* o fenomeno da collocação dos pronomes, sendo seguido pelo grammatico de Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas da Lingua Portugueza*.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* de 1880 e Said Ali na mesma *Revista*, de 1895, e todos os que ao estudo da Lingua se têm dedicado, há bem uns vinte annos, em livros e revistas, hão explorado o assunto e fixado certas regras sobre que se não mais discute.

Notam-se ligeiras divergencias em certas opiniões, que pouco a pouco vão desaparecendo.

Diz Teixeira de Mello: Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro: Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Com o imperativo há posposição. Mas Luiz de Camões empregou: *Agora tu, Caliope, me ensina*.

Diz Paranhos da Silva: Ha quem pense que só nas orações incidentes se pôdem collocar antes dos verbos os pronomes *me*, *te*, *se*, etc., entretanto, na oração seguinte que não é incidente, o pronome vem antes: *No gesto natural se converteu* ( Camões ).

Assértá José de Castilhos: Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome; no entanto:

*Eu me arranco d'aqui com magoa e dôr* ( A. Vieira ).

*Ella lhe prometeu vendo que a amavam...* ( Camões ).

Affirma Arthur Barreiros: Depois das palavras *a*, *e*, *mas*, o pronome é enclítico; entretanto: *Té que aprouve a Deus de o levar para si e lhe succedeu*, etc.

*Em Madrid tambem se recitaram poesias e se fez a festa...* ( P. Chagas ).

Diz Teixeira de Mello: Nas fórmulas de gerundio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro: Nas frases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello: No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois; entretanto em Camões:

..... e começa os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessaria:

Attráem o pronome regime para antes do verbo:

Os pronomes indefinidos  
Os pronomes interrogativos  
Os pronomes relativos  
Os adverbios em geral ( excepto os compósitos com mente )  
As conjunções em geral  
As preposições com infinito

precedendo o verbo.

Entretanto Said Ali é de parecer que essa attracção é illusoria. E' evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou posposição do pronome.

E' preciso indagar quaes as condições, em que a mesma palavra A ou B se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quaes as condições, em que ella aparece seguida do verbo com o pronome proclítico.

E' regra absoluta que se não deve começar frases pelas variações, entretanto Castilho disse: *Me melem se eu percebo o tal conluio*, e o Padre Vieira: *Me avisam em muito secreto que a Hespanha tem resoluto romper a guerra com a França*.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza* assértá:

Uma das regras mais rigorósas da sintaxe é a que exige o nome anteposto aos verbos em todas as orações de que relativo ou conjunção.

Os classicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte QUE Christo defendeu-se do diabo com a escriptura*; e Sá de Miranda: *Ordenam-lhe o que faço antes QUE VÃO-SE*, e Castilho: *Sente-se QUE eu tire-LHE*.

João Ribeiro affirma como obrigatoria a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever: *PORQUE a decisão da maioria estribava-se nesta distinção*, e Camillo: *PORQUE o pensamento ROJA-LHE*.

Os adverbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *Ali São Pedro teve-se com Malco*. E Vieira: *AGORA dá-SE quando está immortal e glorioso*. La' come-se Deus exposto e descoberto. Aqui come-se coberto e encerrado.

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas: mas nos *Lusiadas*, Camões disse:

*Não sendo seu soldado experimentado  
NEM vendo-se num cerco duro e urgente.*

Da mesma fórmula Vieira: *Viu que NÃO conservando-SE...*

E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se pôs pôr os pronomes obliquos ao participio passado, não foi observada por Filinto Elycio:

*O veado não chorou. Que tinha a rainha  
Enganado-LHE a esposa; o filho...*

Nem por Bernardo de Brito: *Depois de ter sacrificado aos Deuses e DADO-LHE graças pela victoria*. Nem por Bernardes: ...*porque ainda não tinha encarnado na nossa natureza nem SACRAMENTADO-SE no nosso pão*.

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte: Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclítico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao participio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tonico da palavra venha a ficar antes da antepenúltima sillaba.

Resumamos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa: « A todas as regras, pois, concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapôr alguns exemplos autorizados de bons escritores.

Nenhum canon existe na sintaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordancia inevitável do verbo com o sujeito a que não contradigam, na literatura dos mestres da lingua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos frequentes, devidas umas a incorreções de officina, outras a negligencia dos proprios escritores.

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente affirma: « No que respeita á collocação dos pronomes complementos, não há, talvez, um canon, dentre os mais estrictos que resista a essa prova: a do consenso unanime e invariavel dos bons autores. »

Resumem-se nas seguintes as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos:

DEVE-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, o pronome é proclítico:

1.º NAS ORAÇÕES NEGATIVAS:

*NÃO LHE era facil, porém, diagnostica-los* ( L. Coelho ).

*NUNCA LHE ouvi nem disse palavra* ( Camillo ).

*SEM ME lembrar NEM ME importar mais nada* ( Garrett ).

*Mas NÃO LHE sucedeu como cuidava* ( Camões ).

*NADA LHE pode resistir* ( Vieira ).

2.º NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE ( pronome ou conjunção, simples ou composta: *porque*, *para que*, ou mesmo *oculta* ), *QUAL*, *QUEM*, *CUJO*, *ONDE*, *QUANDO*, *EMQUANTO*, e outras conjunções de subordinação, principalmente as integrantes:

*Os cabellos QUE os trabalhos do mundo LHE branquearam* ( Bernardes ). *Comparou ás andorinhas AS QUAES LHE pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista* ( Vieira ). *Nós fomos QUEM no berço o embalamos* ( Filinto Elycio ). *Uma dessas especies extintas CUJO desmarcado tamanho nos*

assentara (R. Barbosa). Parece que a natureza inteira lhe estava dando uma festa (Camillo). A pouca distância do volte onde se viam as ruínas (Herculano). Ordenou Deus (que) lhe chegassem noivas (Vieira). Temo (que) se não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade (Fr. A. Chagas). ... e lhe aconselhou (que) se acordassem summanente de dar occasião ao tal mancebo (M. Bernardes). Espero, para vos responder (que) me venha alguma luz daquelle papel (F. M. de Mello). ... mandou (que) lhe levantassem o desterro e (que) se tornasse o seu poeta para corte (Castilho). Vede como se conformou com ella (Camillo). ... gerações vivem QUANDO LHE applicamos a corrente electrica (Herculano). QUANDO ME recobrei do espasmo, ergui-me (Camillo). Si ME contestam, si ME affirmam que um deputado pôde... (R. Barbosa).

A's vezes quando o vocabulo — que — é conjunção, ou faz parte de uma locução conjuntiva, a variação pronominal deixa de ser proclítica e se torna enclítica si o verbo não vem logo após: PORQUE, como disse S. Agostinho, este mundo ri-SE de todos os que se riem delle. (Bernardes). O peor é QUE no meio destes campos onde Troia fôra... a minha querida e bemfazeja tranquitana abandonou-ME (Garrett). PORQUE o rio cobre-SE durante a noite com o seu manto de névoas (Herculano). POR MODO QUE afinal incomodava-o mais a perspectiva do frio (Camillo).

E' tambem em virtude do afastamento que se encontra a variação collocada depois do verbo: Os QUAES, vendo a furia do elefante furtando o corpo, deram-LHE lugar. (J. de Barros).

### 3.º NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO *em*, NO PARTICIPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL:

EM OS OUVINDO, tudo vai em uma poeira (D. Francisco Manoel de Mello). EM SE DANDO estes fenomenos baixou a inspiração (Castilho). EM SE AVISTANDO sitio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas (Vieira). EM LHE

FALTANDO essa abobada estrellada (R. Barbosa). Tenho-TE AMADO muito. Oh! Não TE CHAMAREI ingrato; sou filho teu (Garrett). Tu me falarias assim si me estimasses.

No futuro e no condicional o pronomé pôde tambem ser MESOCLITICO:

Dize-me com quem andas e DIR-TE-EI as manhas que tens (Adagio). DESCOBRI-LA-A' a primeira vossa frota (Camões). O tempo TER-LHE-IA faltado para a fazer executar (A. Herculano). ENGANAR-SE-IA ella comigo? (Camillo).

Muitos escritores fazem aparecer a letra — h — da primitiva terminação — hei, hia (havia), do futuro e condicional amar-te-hei, amar-te-hia.

Fazem-no sem razão, pois, já estando consagrada a fórmā simples — amarei, amaria, apenas se dá a separação das sillabas — amar, ei; amar, ia; sendo intercaladas as variações pronominaes.

Mais natural seria, como fazem alguns escritores modernos portuguezes, disjuntar completamente a terminação — hei, hia: amar-te hei, amar-te hia.

**4.º EM CERTAS ORAÇÕES OPTATIVAS E IMPRECATIVAS :**  
Deus ME livre. Deus TE favoreça. Deus TE pague. A terra LHE seja leve. Diabos TE levem. Bons ventos TE conduzam ao porto de salvamento. Raios TE partam.

DEVE-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, o PRONOME É ENCLITICO:

**1.º NO COMEÇO DOS PERIODOS:** Affirmaram-ME que ontem chegaste. Por isso é que se diz que não se deve começar periodo pela variação pronominal átona.

**2.º NAS FÓRMAS DO IMPERATIVO:**

VEDE-O no vosso escudo. (Camões).

**3.º NAS FÓRMAS DO INFINITIVO PRESENTE quando figuram em orações interrogativas:**

Como RESOLVE-LA? (Herculano). Como COMPREENDER-SE a sabedoria e a profundeza dos decretos do Altissimo? (Camillo).

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas de tambem ser adoptadas, pelo uso commun que dellas fazem os bons escritores, as regras seguintes:

#### HA ANTEPOSIÇÃO OU POSPOSIÇÃO:

1.º QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS:

HOJE LH' o dão, AMANHÃ LH' o tiram (F. Manoel). APENAS SE pôde recolher á fazenda (J. F. Andrade). ASSIM o entendem graves doutores... (Vieira). AQUI SE aproveitava do tempo em santos exercícios (L. Souza). MUITO ME conta, Sr. Patrão (A. Herculano). LOGO NOS recolhemos para a armada (Camões). Leva-me para ONDE TE aprouver (Herculano). Expediram-SE EMFIM ordens e instruções ao arcebispo de Funchal. (A. Herculano). Compraz-SE MUITO com a vida solta que leva (Vieira). A' benevolencia dos aduladores, dá-LHE LOGO as costas Idem).

2.º QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS ou POSPÓSTOS:

Na MESMA chaga ME feriste (M. Bernardes). OUTRAS palavras taes LHE respondia o Gama (Camões). A quem não tem bem NINGUEM LHE quer mal. (Vieira). ALGUNS A consideraram Fado. (Macedo). Embora TODOS TE reneguem eu nunca te renegarei. (Garrett). POUcos o haviam seguido naquelle vida quasi selvagem. (Herculano). CADA dia LHE aescobrimos novas virtudes. (Camillo). QUALQUER enxerga NOS serve depois de um caldo e uma pinga. (Camillo). A um principe vicioso TUDO se LHE rende. (Vieira). AMBOS os regimens SE divorciavam da liberdade. (R. Barbosa). Davam-LHE MUITA (honra) os que sem razão falavam. (Fr. Luiz de Souza). Nasce e ALEGRA-SE TODO o hemisferio. (Bernardes). CONTENTE-SE CADA UM de crescer dentro da esfera do talento que Deus lhe deu. (Vieira).

3.º QUANDO O SUJEITO, PRONOME PESSOAL, SE ACHA ANTEPÓSTO ou POSPÓSTO:

ELLES NOS ensinaram a dilatar a investigação. (L. Coelho). EU VOS fiz rei, EU VOS fiz governador, EU VOS fiz pai de meu povo. (Vieira). NÓS VOS agradecemos muito esse cuidado. (Barros). TU ME queres dar dois coices. (Camillo).

Nestes tres casos há verdadeira attracção destas palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que, si os adverbios, os indefinidos e os pronomes pessoais sujeitos se acharem antes dos verbos, os pronomes são proclíticos, si se acharem depois, os pronomes são enclíticos.

Os antigos usavam da próclise, afastando mais do verbo as variações pronominaes, isto é, collocavam uma ou algumas palavras entre o pronome e o verbo:

Pois NOS Deus aqui AJUNTOU. (Heitor Pinto). ... com a lua que ME Deus DEU vi as trevas. (Idem). ... vim aqui com sós as letras de que ME a fortuna não PÓDE roubar. (Sá de Miranda). ... tomou a bandeira da cruzada que LHE a Infante DÉRA. (Azurara). ... dois vintens que LHE hoje o caro EMPRESTOU. (Gil Vicente). ... e por LHE os tempos não TERÇAREM bem. (J. de Barros). ... como se na Cronica de El Rey dom Affonso quinto CONTEM. (Damião de Góes). Onde os elle, quando chegaram, já ESTAVA ESPERANDO. (Lucena). Once nos ninguem não VEJA. (B. Ribeiro). As novas da victoria que ME Nossa Senhor DEU contra os capitães de el-rei de Cambaya. (D. João de Castro). A quem LHE esta victoria PERMITTIU. (Camões). Sem que alguem LHE ali AJUDASSE. (Idem).

Igual construção se encontra em:

Camillo C. Branco: Que ME elles DEIXARAM; Herculano: Festas..., causa é que VOS não DIREI; Garrett: Si ella ME não AMAVA. Que LHE ella PARECEU; Castilho: Quando SE aquillo VE. O que ME hontem ABORRECEU; Ruy Barbosa: Vinte annos há que ME eu MATO; L. Coelho: As sciencias do poeta, si AS ali HOUVERA.

Esta sintaxe já está sendo usada em linguagem literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar algum som desagradavel: *Os motivos QUE ME AGORA APPARECERAM*, em lugar de *QUE AGORA ME APPARECERAM*.

Francisco de Moraes disse: *... logo aventurearia perder esse que vos AGORA mandei.* Castilho escreveu: *Por isso tambem reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso QUE ME AGORA CANSA.*

### III

#### Pronome — Se

O pronome se forma tambem na Lingua Portugueza a voz passiva que é representada pelo verbo ser junto ao particípio passado dos verbos transitivos: *Fazem-se casas*, ou *casas são feitas* ou *estão para ser feitas*.

Em Camões:

*... o mar remoto navegamos.*

*Que só dos feios focas SE NAVEGA, isto é, É NAVEGADO pelos feios focas.*

A passiva com o verbo — *ser* — dá affirmação com maior clareza, maior determinação; a passiva com o pronome — *se* — é mais usada para indicar o facto indeterminadamente, sem indicação do sujeito, que deve ser um ente animado.

Exercendo o pronome — *se* — a função apassivadora, exige o verbo no plural, quando o objecto que recebe a acção, estiver no plural.

E' erro dizer: *Vende-se casas; elege-se commissões.*

A verdadeira construção é: *Vendem-se casas; elegem-se commissões; isto é, casas são vendidas ou estão para ser vendidas; commissões são elegicas ou estão para ser elegidas.*

E' verdade que disse João de Barros:  
SE NOTA pelos mareantes OS PERIGOS do mar

Existe ai, na opinião geral, erro tipografico: se nota por se notam.

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos, Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Camões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que não convem, se não pôde, ou se não quer determinar o sujeito que pratica a acção, emprega-se o pronome — *se* — indicando uma indeterminação: *Por tudo isto SE admira a Vieira; a Bernardes admira-SE e ama-SE.* ( A. F. Castilho ). A morte tem duas portas: *uma porta de vidro por onde SE SAI da vida e outra porta de diamante por onde SE ENTRA a eternidade.* ( Vieira ). No baluarte de S. João SE RESISTIA á violencia do ferro sem temer a do fogo. ( Jacintho Freire ). A graciosa estancia e retrato de uma camara subterranea, a que SE DESCE por alquins degráus. ( Fr. Luiz de Souza ). Quando SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou desembargador. ( Latino Coelho ). BATE-SE á porta da cella. ( Castilho ). LUTAVA-SE com honra então, CAÍA-SE com gloria, VENCIA-SE muitas vezes morrendo. ( Garrett ). MORRE-SE muito bem ás 6 ou ás 7 horas da tarde. ( M. de Assis ).

O verbo adquire o caracter de impessoal.

Em outros casos essa indeterminação se acha incluida no verbo que é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural: PARECE que nasceu Jesus. DIZEM que houve um grande incendio.

Bem affirmava Adolpho Coelho:

« A lingua tem perdido muito a consciencia do caracter de passividade dessas construções; d'ahi vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural: *sabe-se noticias, conta-se casos, etc.*, por *sabem-se noticias, contam-se casos*, tão frequente no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas.

Nestas frases incorrectas se adquire quasi o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francez *on*.

E' assim, continua elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades ( o nome convem á cousa ) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos »

Além desta função, o pronome — se — tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se foi embora* ( isto é, por vontade propria e espontanea ). *Obrigou-o a que se fosse morar na cidade.* ( Fr. Luiz de Souza ) *E porque elle se parte segunda feira.* ( Vieira ). *Alegremente se partia.* ( Camões ). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito.* ( Castilho ).

Esta função desempenham tambem os pronomes *me, te, nos, vos.* *Subo-ME aos montes.* ( Camões ). *Alma minha gentil que TE partiste.* ( Idem ). É um pronome expletivo.

O uso de *se* exprimindo a colaboração e espontaneidade do agente serve para designar fenomenos naturaes: *A agua evapora-se* —, que differe de — *a agua é evaporada* ( podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente ).

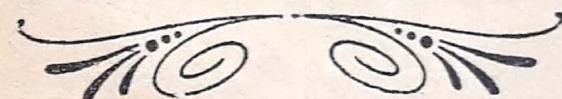
Em resumo o pronome — se — 1.º representa a indeterminação do sujeito: *Vive-se e morre-se;* 2.º representa o sujeito do verbo infinitivo: *Elle deixou-se estar tranquillo;* 3.º indica a acção reflexa: *Elle se vestiu;* 4.º indica a acção reciproca: *Elles se feriram;* 5.º indica espontaneidade na acção — é um pronome expletivo: *Elle se partiu. Elle se morria de amores;* 6.º forma a voz passiva: *A casa queimou-se.*

Serve, assim, para representar o sujeito, objecto directo, objecto indirecto, é particula expletiva ou de realce, forma a voz passiva e faz parte do verbo pronominal.

---

Muda-se a voz activa para a passiva do seguinte modo:  
O objecto directo da activa passa para sujeito da passiva;  
o sujeito da activa passa para agente na passiva repre-

sentando um objecto indirecto regido de preposição; o verbo na activa é substituido pelo verbo — *ser* — no mesmo tempo e modo do verbo da activa, acompanhado do participio passado deste: *Deus criou o mundo* — na passiva fica: *O mundo foi criado por Deus.* *Eu te amo* — na passiva: *Eu sou amado por ti.*



SÓ VEIO ao mundo em nossos dias. (Herculano). A DESGRAÇA E A OPULENCIA é de todas as gerações e de todos os tempos (Camillo). O SEGREDO E O PODER RESIDIA no confisionario (L. Coelho). O ESTILO E A LINGUAGEM É do seculo XV. (João Ribeiro).

Si o verbo fôr enunciado primeiro, pôde ficar no singular, ainda que os sujeitos sejam substantivos proprios: Até aos brutos animaes CHEGA A DOÇURA E O CONHECIMENTO da musica. (João de Barros). Não ESPANTA menos A FIRMEZA, NUMERO E GRANDEZA de outras viâncias que dão luz á igreja e cruzeiro (Fr. Luiz de Souza). FALTA-me o TEMPO E O ALENTO para escrever (Vieira). PINTAVA-SE o DESCONTENTAMENTO E A INCERTEZA (Herculano). Eis aqui como se DESTERRA O TEMOR E O PEJO (Bernardes). A historia que eu vou referir só a SABE em Portugal MINHA MULHER E EU. (Camillo). TENTOU PERITHOO E THESEU, de ignorantes o reino de Plutão (Camões). O que era necessário e util para a vida e conservação dos homens NOTOU SENECA, DEMOCRITO e ainda o mesmo EPICURO (Vieira). Esse é o verdadeiro entendimento das palavras de S. Pedro e assim as EXPLICA SANTO THOMAZ E OS THEOLOGOS. (Idem). Onde ESTA' mettido o Sr. VISCONDE E A PIEDADE? (Camillo)

Mesmo que um dos sujeitos esteja no plural, o verbo pôde concordar com o sujeito mais proximo, no singular: AS PRAIAS E A NAVEGAÇÃO de toda a costa ESTA' livre e melhorada com o seu commercio (Vieira). Por este signal SABERA' MINHA MULHER e FILHOS o estado a que vim a parar (Bernardes). E' tua MULHER e teus FILHOS (Camillo). Dahi a pedaços DESABOU O TECTO e AS PAREDES da capella e lá ficaram enterrados todos (Idem). . . . CUJAS FUNÇÕES E CUJA EVOLUÇÃO não PÔDE ser comprehendida (Latino Coelho).

Si o verbo estiver intercalado, fica no singular: Tamanho o ODIO FOI e A má VONTADE (Camões). Que o IBERO VIU e o TEJO amedrontados (Idem).

## VIII

### Verbo : concordancia ; emprego dos modos; correspondencia dos tempos e dos modos

#### I

O verbo concorda com o sujeito da oração em numero e pessoa.

Devemos notar:

1.º Concorrendo sujeitos de 3.<sup>a</sup> pessoa, o verbo vai para a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural: A DESORDEM dos gestos, o CALOR da palavra TINHAM a eloquencia da sinceridade. (M. de Assis).

Muitas vezes, por enfase, fica no singular, ou porque se quer representar os sujeitos formando um todo, ou porque se quer fazer sobressair só um dos sujeitos: E já sómente o CEU E O MAR SE VIA. (Sá de Menezes). A DEVASSIDÃO E A CONTUMACIA em as culpas CEGOU os judeus e OS ENDURECEU tanto em seus erros. (A. Arrais). O VENTO E O CEU te FAVORECE (Camões). Onde o MEU NINHO E O SOL no mar se BANHA (Idem). O SILENCIO, MODESTIA, HUMILDADE, PENITENCIA E PRESENÇA de Deus é sómente para os religiosos ou monges. (Bernardes). O MODO E A RAZÃO É manifesta (Vieira). A LUZ E A SCIENCIA

2.º Muitos sujeitos estando compreendidos ou individualizados por uma palavra collectiva ou no singular, como: *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguem, isto, etc., o sino, o preguiçoso, sem pancadas NENHUM FAZ o seu officio.* ( Bernardes ). *O ouro, os diamantes, as perolas, TUDO É terra e da terra* ( Vieira ). *Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem SABIA CADA UM de si que não era traidor.* ( Idem ).

3.º Si os sujeitos fôrem substantivos sinônimos, ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica no singular: *O RISO, O PRAZER, A ALEGRIA, FAZIA-A mais formosa.*

4.º Si os sujeitos forem representados por orações, o verbo fica no singular: *Serem os homens uma causa e parecerem outra é fácil.* ( Vieira ).

Exceptua-se o caso em que haja oposição ou contradição entre as idéas representadas pelos sujeitos: *O não posso das negligentes e o não quero dos coníumares VALEM quasi o mesmo.* ( Bernardes ).

5.º Si concorrerem sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural, a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª: *Eu E A SOLIDÃO ERAMOS quem estava ahi.* ( Herculano ). *Elles E TU.....voossos nomes LARGAI.* ( Casalho ).

Pôde, por exceção, o verbo concordar com o mais próximo, no singular e, às vezes, no plural: *O que me resta da felicidade passada ÉS TU E ELLES* ( Camillo ). *Accusavos disto EU E TODO O POVO e Santarém ( Garrett ). ...que SERAS TU E OS TEUS que metteis a pique as almas no inferno!* ( Bernardes ). *Que só TU, neste misero desterro e o SE-PULCRO me RESTAM.* ( Garrett ).

Ruy Barbosa fez a concordância atendendo à predominância, à prioridade: *TU E A VERDADE SOFFRESTES.*

Muitas vezes a influencia é exercida no plural pelo pronome mais próximo: *Não ha sobre a terra um lugar onde CAIBAM ELLE, EU e o meu odio.* ( Herculano ).

Si um dos sujeitos, não fôr um pronome pessoal e estiver no plural, o verbo soffrerá a influencia deste e com elle concordará: *E assim tu agora sacrificas, para que nós e os DEUSES te HONREM.* ( Bernardes ). *TU e OUTROS VELHACOS da tua laia ESTORREARAM na cara lixo e terra* ( Herculano ).

6.º Quando o sujet<sup>o</sup> é collec'ivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o collectivo é geral, vai para o plural si o collectivo é partitivo: *O REBANHO DE OVELHAS ERA irigido por um lobo.* ( Fr. Luiz de Souza ). *A MAIOR PARTE DAQUELLAS ARVORES REMOÇARAM.* ( Castilho ). *A MAIOR PARTE DESTES QUARTOS não TINHAM tecto.* ( Camillo ). *UM GRANDE NUMERO DE VELAS BRANQUEJAVAM sobre as aguas do Estreito.* ( Herculano ). *A maioria dos infieis PREFEIRARAM a emigração.* ( Idem ).

Devemos, porém, notar que, quando quisermos attender mais á quantidade que significa o collectivo partitivo do que á qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o collectivo — *Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador dequelle lugar* ( Rodrigues Lobo ).

Tambem com o collectivo geral, si attendermos mais á qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que á quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo: — *A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado* ( João de Barros ). ( Apud. Silva Tullio ).

A's vezes o collectivo no singular, sem estar acompanhado de preposição e nome no plural, admite o verbo no plural, não se fazendo a concordancia logica: *Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o EXERCITO... e, chegando aos muros, COMEÇARAM em torno da fortaleza a arvorar escadas ( J. Freire ). Simão Magno appelliou um dia todo o POVO romano para o VEREM*

*subir ao céu* ( Vieira ). Si esta GENTE.... não queres que PADEÇAM viluperio ( Camões ). Porque saindo a GENTE... CAHIRÃO na cilada ( Idem ). TOMARAM refeição leve a nobre COMPANHIA. ( Garrett ). Aconselhando a TURBA a retirar-se... e a não PERTURBAREM a pacificação dos animos. ( Camillo ).

7.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com*, equivalendo a conjunção — e —, isto é, quando todos praticam a acção conjuntamente, vai o verbo para o plural:

*Que EU, co'o GRÃO MACEDONÍO E co'o ROMANO DEMOS lugar ao nome lusitano.*

( Camões ).

Em caso contrario vai o verbo para o singular: MANUEL DE SOUZA DE SEPULVEDA COM OS da sua companhia FOI SEGUINDO o caminho do rio Manhença ( Diogo do Couto ). E propondo-lhe a causa.....COM TODAS SE PÁRTIA. ( Camões ).

8.º Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou*, *nem*; pelas conjunções comparativas *tanto... como*, *não só... mas também e similares*, ou si forem as expressões *um e outro*, *nem um nem outro*, o verbo irá para o plural si acção se referir á totalidade dos sujeitos. Em caso contrario, ficará no singular: O TEMOR OU o PEJO destas palavras FEZ então aquietar a todos ( J. Freire ). A RUA OU A PRAÇA SÃO campo estreito para as suas carreiras ( Castilho ). Em quanto UM OU OUTRO se não CORROMPIAM ( Bernardes ). Mas nem a sua ARTE NEM a sua FORTUNA o LISONJEOU de maneira que não antepuzesse o conselho a ambas ( Vieira ). Todavia NEM A NECESSIDADE de attender... NEM A DOR que o atormentava, PUDERAM afastá-lo do intentado propósito ( Herculano ). TANTO UMA COMO OUTRA EXPLICAÇÃO se PÓDE admittir. ( Herculano ). TANTO O PAI COMO O FILHO SÃO intelligentes. ( C. de Figueiredo ).

NÃO SÓ OS HEBREUS hespanhóes, MAS TAMBEM AQUELLA PARTE da população portugueza... ou FUGIRA ás occultas ou PADECERA perdas irreparaveis. ( Herculano ). NÃO SÓ A NAÇÃO MAS TAMBEM O PRINCIPE ESTARIAM pobres ( Herculano ). UM E OUTRO BANQUETE É para todos. ( Vieira ). UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE maiores cui'dados ( Castilho ). UM E OUTRO LUGAR ERAM OS mais altos ( Vieira ). NEM UM NEM OUTRO te AGRADECE o zelo. ( Casilho ). NEM UM NEM OUTRO SOUBERAM dizer mais ( Vieira ).

E' bom notar que, si os sujeitos forem de varias pessoas ou numeros, o verbo vai para o plural concordando com a pessoa que tem prioridade: OU EU OU TU SEREMOS presidente.

9.º Quando o sujeito fôr a expressão *um de*, *um dos*, *uma de*, *uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou para o plural, conforme a acção se referir a um só sujeito ou a todos: Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE mais IMPULSIONOU a queda do imperio inaico ( Camillo ). O Vouga é UM DOS RIOS de Portugal QUE ENTRAM no mar ( Leão ). Esta cidade foi UMA DAS QUE mais se CORROMPEU da heresia. ( Fr. Luiz de Souza ). UMA DAS QUE mais se CELEBRAVAM então pela christandade ( Idem ). Era este Catual UM DOS QUE ESTAVAM corruptos. ( Camões ). Elle foi UM DOS QUE mais CONTRADISSE a el-rei. ( Fernão Lopes ). UMA DAS COUSAS QUE DAVA o principal... ( João de Barros ). UMA DAS causas que DERRUBOU a Galba do imperio, FOI tardar algum tanto em applicar com donativos os cabos do exercito. ( M. Bernardes ).

A forma no plural é considerada mais pura.

10.º Si o sujeito fôr a expressão *mais de um* o verbo irá para o singular: MAIS DE UM REU OBTEVE a liberdade a troco de peitas ( Herculano ). Exceptua-se o caso em que haja reciprocidade: MAIS DE UM SOLDADO SE FERIRAM.

11.º Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que este pronome se refere: Eu

sou um estrangeiro que lhe fala uma linguagem sem significação. ( Camillo ).

Si o sujeito fôr o pronome quem, o verbo é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: Eu, o Silencio e a Solidão eramos QUEM ESTAVA ahi ( Herculano ). Não sendo só vós QUEM PADECE ( Bernardes ).

A's vezes os pronomes que e quem soffrem a attracção do vocabulo anterior, principalmente quando é um pronome pessoal e com elle vai concordar: Fui EU o primeiro QUE CHAMEI. ( Herculano ) Vós sois os QUE ESMOLAIS, EU sou o QUE MENDIGO ( Castilho ). Não foram ELLES só QUEM vos MATARAM ( Diogo Bernardes ). E's tu QUEM GANHAS para sustentar a casa ( Coelho ). EU SOU o QUE PAGO a sua prisão ( Fr. co M. de Mello ). Sou, disse elle, um homem pobre QUE VIVO nestes campos. ( M. Bernardes ). Nós somos os QUE lhe FAZEMOS maior guerra. ( Camillo ). EU sou o QUE DOMEI os leões. ( Vieira ).

12.<sup>o</sup> O verbo — ser — como fórmā com o attributo o predicado grammatical, soffre a attracção do attributo e com este concorda e não com o sujeito, principalmente quando o sujeito é: tudo, isto, isso, aquillo ou um termo que indica idéia de collecção: Tudo SÃO INSTRUMENTOS necessarios ao meu officio ( Lobo ). El-rei estava lançado em um catre que SÃO LEITOS como de campo. ( D. de Góes ). Tudo o mais SÃO perpetuas OCCUPAÇÕES e CUIDADOS ( Fr. Luiz de Souza ). Tudo nelle SÃO MUDANÇAS ( Camões ). ERAM tudo MEMORIAS de alegria ( Idem ). Cuja gente ERAM CHRISTÃOS ( Idem ). O mundo SÃO OS HOMENS ( Bernardes ) Tudo SÃO BOSQUES cerrados ( Vieira ). O que adquiristes FORAM as INVEJAS dos amigos. ( Idem ). Uma nação NÃO SÃO QUATRO LINHAS onduladas traçadas num mappa geographic para a separar de outras nações. ( L. Coelho ).

Encontram-se, entretanto, exemplos em contrario, sendo a concordancia feita com o sujeito, segundo a regra geral, principalmente quando este é nome de pessoa: O maior trabalho que tenho É OS PASTORES com quem trato.

( Lobo ). A maior parte de sua guerra É FRECHADAS, ESPADAS, ADARGAS... ( J. de Barros ). Cada um É as suas OBRAS. ( Vieira ). O homem já É CINZAS. ( Bernardes ). A chuva É CATARATAS. ( Castilho ). ...o que nós falta É EXEMPLOS de bons costumes. ( Camillo ). Para mim tenho que o corpo É AMBAS AS COUSAS. ( Idem ). Cinco mil libras É pouco. ( Herculano ).

13.<sup>o</sup> Si o sujeito fôr um verbo no infinitivo acompanhado de objecto no plural, o verbo concorda com este infinitivo, e não com o objecto que o precede: Os dias que foi forçoso GASTAR ( gastar os dias — sujeito ) que ( objecto directo com referencia a dias. ) Os conselhos que seria bom ACEITAR ( aceitar que ( os conselhos ) seria bom ).

14.<sup>o</sup> O verbo parecer, seguido de infinitivo presente, umas vezes é empregado pessoalmente e tem por sujeito uma palavra clara, outras vezes é empregado impessoalmente, sem sujeito. No primeiro caso o verbo — parecer concorda em numero e pessoa com o sujeito; no segundo o verbo seguinte, no infinitivo, faz essa concordancia: E os corceis rapidos e robustos.... PARECIAM ADIVINHAR que estava proximo um dia de combate. ( Herculano ). Os mares PARECIAM RECORDAR-SE ainda do rugido harmonioso do estio. ( Idem ). O mar... e com tal braveza vinha quebrar-se em terra que PARECIA QUEREREM o mar e o vento soverte-la. ( Souza ). PARECIA VIREM elles mais a folgar que a outra cousa. ( João de Barros ). Os mouros PARECIA ESPERAREM firmes o encontro. ( Rebello da Silva ). Com ella PARECIA RENASCEREM os mais formosos dias da sua gloria e poderio. ( L. Coelho ). ...de cuja manto as vagas PARECE ROÇAREM ainda com respeito a fimbria em torno do Adamastor. ( R. Barbosa ).

## II

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo, e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que attendâmos á oração principal, isto é, áquelle que representa a idéa primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma cousa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa pensar, crer, cuidar, saber, parecer, afirmar, dizer, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa receio, admiração, dúvida, surpreza, vontade, desejo, ordem, alegria, tristeza, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, como as expressões: ser possível, ser necessário, ser raro, ser justo, ser crivel, ser difícil, etc., o verbo da oração subordinada irá para o subjuntivo.

Nas frases optativas e imprecativas usa-se o verbo no modo subjuntivo: QUEIRA Deus que isto aconteça. Diabos te LEVEM. Deus ESTEJA nesta casa.

As conjunções ou locuções conjuntivas embora, quer..., quer, como si e em geral as compóstas da conjunção — que — exigem o subjuntivo. Algumas compóstas de — que — admittem o indicativo: AINDA QUE a nobreza e o entendimento lhe FAZIAM força. ( Fr. Luiz de Souza ). POSTO QUE não é esta a maior utilidade. ( Vieira ). Vinha do occidente um grande marulho SI BEM QUE o vento SOPRAVA de estio. ( Camillo ).

### III

A noção de tempo não é bem firmada em nossa Lingua.

Em primeiro lugar pôde-se dizer que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se

este momento com o imediatamente posterior, reduz-se aquelle a passado.

Além disto possuímos muitos modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos: Napoleão Bonaparte diz a seus soldados. E' o chamado presente histórico.

Do 2.º caso: Vou amanhã.

O presente do indicativo substitue o futuro do subjuntivo: Si me ATRAIÇOAS, mato-te. Si os olhos VÊEM com amor, o corvo é branco. ( Vieira ).

O futuro é empregado pelo imperativo: HONRARÁS pai e mãe.

O presente do subjuntivo é usado em lugar do imperativo nas frases negativas: NÃO FAÇAS a outrem o que não queres que te façam. ( Adagio ). Formosa filha minha, NÃO TEMAIS. ( Camões ). O' voadores... NÃO QUEIRAES voar, pois sois peixe. ( Vieira ).

O futuro substitue o presente do subjuntivo: Não me parece que HAVERÁ nenhum homem tão enganado. ( Vieira ) ou o imperfeito do subjuntivo: Si animo nobre, si valentia, amor de fama e d' honras BASTARÁ a fazer reis... ( Garrett ).

O infinitivo é empregado pelo imperativo: DEIXAR falar modernos e modernices. ( Garrett ). Companheiros, DESPEDIR esta noute da montanha e APPARELHAR para amanhã me seguirdes. ( Castilho ).

E' muito commum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: Castilho, por exemplo, escreveu: Eu, si fosse a Sr.ª, ATIRAVA paixões para trás das costas. Bernardes empregou: Si Damão não tornasse, PERDIA Pithias a vida.

O mais que perfeito substitue também o condicional: ...nesta só palavra digo a V. A. mais do que PODERA em largos discursos. ( Vieira ). Que MOVERAM de um tigre o peito duro. ( Camões ).

O presente do indicativo é empregado pelo imperfeito do subjuntivo: *Si eu ADIVINHO...*

O imperfeito do subjuntivo substitue o condicional: *Que para um cavalleiro HOUVESSE cento.* (Camões).

O condicional é empregado pelo futuro: *Si armas queres ver ... cumprido esse desejo te SERIA.* (Camões).

O preterito imperfeito pelo presente: *Deste Deus-Homem ... os livros que tu pedes não TRAZIA.* (Camões).

O futuro pelo presente acompanhado de idéia de possibilidade: *Porque do caminho trabalhoso TRARÁS a gente debil e cansada.* (Camões).

Os tempos se correspondem entre si.

Ao presente do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao imperfeito do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito do indicativo; o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao aorista correspondem: todo o indicativo; o imperfeito, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao mais que perfeito do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao futuro do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao condicional correspondem: todo o indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao imperativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos tempos do subjuntivo correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles proprios.

— X —

Dois ou mais verbos não devem ter um complemento commun de natureza differente: *Ia e voltava da rua, mas — ia para a rua e voltava della.*

Desse modo escreveu Vieira: ... A DEIXARAM e se SAIRAM DELLA os deuses; Bernardes: ... excepto o ponto de ENTRAR o homem NA COVA e SAIR DELLA; Herculano: ... doutrina que DERIVEM DAQUELLAS disposições ou NELLAS se ESTRIBEM.

Em construções contrarias a esta regra nota-se que a preposição compete ao verbo mais proximo:

*NUM rio que ali sai ao mar aberto  
Bateis á vela ENTRAVAM e SAHIAM.*

(Camões).

*Antes se viu naquella uniforme conversão uma singular maravilha ao ENTRAR e ao SAIR DO mesmo theatro.* (Vieira). *Ouçámos o Evangelho e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que LEVOU e TROUXE DE tão longe.* (Idem).

Mario Barreto em seus *Novos Estudos da Lingua Portugueza* apresenta varios exemplos em que a preposição convém sempre ao mais proximo: ... *te hospedarei na minha cabana, NA QUAL PÓDES ENTRAR sem temor, dormir rem perigo e SAIR sem saudade* (Lobo). ... *todas as vezes que ENTRAMOS e SAIMOS DO nosso aposento* (Bernardes). *Quem viu hoje ENTRAR ou SAIR alguem DA porta aqui de frente?* (Garrett). *CONHECI e TRATEI COM um Parocho* (Castilho). *Tenho-o visto ENTRAR e SAIR DO collegio de S. Paulo* (Herculano). *Resta-me acrescentar que ainda me não DECIDO CONTRA nem a FAVOR DOS JESUITAS.* (Camillo).

este facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe. Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinitivo pessoal.

D'entre elles uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte:

« Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio. »

Julio Ribeiro em sua Grammatica protesta contra esta regra e entre duas indicações diz:

« Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indiferente que elle tenha ou não sujeito proprio. »

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errára quando nos Lusiadas escreveu: E folgarás de VERES a polícia.

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano: As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação dos amores. SORRIAM ao OUVIREM estas palavras.

Tambem o Padre Vieira: E' necessário para se CONSERVarem nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM, que se APAREM de suas proprias raízes.

E Camillo Castello Branco: ...bufarinheiros PREGOAM no intuito de FAZEREM sua cumplice á nobilissima neta de Platão.

Fr. Luiz de Souza: ...que ao pé de Santa Engracia se QUEIMAVAM os visinhos de VEREM sahir á meia noite.

E Ad. Coelho: ...trabalhos taes... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor científico.

Julio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas listas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito diferente: E' tempo de PARTIRDES. Vi NASCEREM duas fontes.

O mesmo sujeito: Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida tão torpemente. Todos ESTÃO alegres por TEREM paz.

E' preferivel empregar o infinitivo pessoal:

Quando o infinitivo tiver sujeito proprio, isto é, differente do sujeito do verbo infinitivo:

VIMOS as Ursas, apesar de Juno,  
BANHAREM-se nas aguas de Neptuno.

Camões.

## IX

### Fórmas nominaes do verbo

As fórmas nominaes do verbo são: o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fórmas: uma *pessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitue um *idiotismo*: o Portuguez é a unica Lingua que o admitté.

No dialecto gallego se encontram fórmas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada*: Para sairen e entraren (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O infinitivo pessoal que tanta clareza traz ao sentido da frase, é de data antiquissima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros*, e em um foral de Lisboa de 1179.

Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores aparecem alguma erros destes, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na lingua portugueza. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.

Adolpho Coelho julga da mesma forma que: « as construções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realizado da função verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente

Embora os sujeitos do finitivo e do infinitivo sejam identicos, emprega-se geralmente a forma pessoal, por necessidade de clareza, quando é preciso determinar o sujeito: *Assombram-se as Nereidas de AVISTAREM o bosque.* (Castilho). *Não te espantes de Baccho no teu reino RECEBERES.* (Camões). *E's nascido para nos ALEGRARES.* (Bernardes).

E' tambem a clareza que exige o infinitivo pessoal ou flexionado nos casos seguintes:

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo:

...DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico. (Adolpho Coelho). *Foram dois amigos a casa de outro afim de PASSAREM as horas de sésta.* (Bernardes). Elles VINHAM deitar-se mansamente uns ao pé dos outros para DORMIREM longo sonno sacudido sobre suas palpebras. (Herculano).

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qualquer outra forma finitiva:

Para se CONSOLAREM, os infelizes DORMIAM tranquillos em seus leitos macios. (Herculano). E para mais VERIFICARMOS isto FAREMOS uma parabola imitando Aquelle que, para todos, se fez unico exemplar. (J. de Barros). Virtude sem TRABALHARES e PADECERES não a VERÁS tu jamais com teus olhos. (Bernardes).

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o infinitivo houver alguma palavra que possa ser sujeito deste: TEMOS PODER para nos CONSERVARMOS inteiro. TEMOS AUTORIDADE para nos MANTERMOS em nossos póstos. (Carneiro Ribeiro).

4.º Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo finitivo: E' triste DEFINHARES com tão pequeno pesar. (João Ribeiro). E' consolador PENSARMOS que não podemos ser indiferentes às pias almas. (Camillo). E não é justo DEIXARMOS em silencio. (L. de Souza). Será necessário ESPERAREM. (M. Bernardes).

O infinito impessoal é exigido:

1.º Quando fôr empregado como substantivo, ou usado de modo inteiramente geral, sem referencia a nenhum sujeito determinado: VIVER é lutar. AMAR é proprio da humanidade. ESTUDAR é útil.

2.º Nas linguagens compostas com os verbos fazer, mandar, poder, tornar, estar, costumar, começar, deixar, continuar, vir, cessar, etc. (na enumeração de Said Ali), a não ser que venha o infinitivo distante do verbo auxiliar:

DEVIAM-NO TRAZER todos vocês nas palmas das mãos. (Castilho). COMEÇARAM tambem a ESPALHAR-se vozes em desabono do arcebispo. (Fr. Luiz de Souza). Muitos... VINHAM a elle e á morte OFFERECER-se (Camões).

Entretanto:

DEVIAM-no... DAR mil graças aos céus e ACABAREM de crér. (Castilho). Mas a selva já COMEÇA a RAREAR e os ginetes a RESFOLEGAREM com mais violencia. (Herculano). Os exercitos allemães PRECISAVAM de PASSAR-lhe por sobre o corpo, afim de CHEGAREM a Paris nas duas semanas aprazadas. (Ruy Barbosa).

3.º Quando servir de objecto a um outro verbo, a não ser quando o realce ou a enfase exigir a forma pessoal: SENTIAM RANGER e ESTALAR as vigas de um simples. (Herculano). VERÃO os cafres asperos e avaros TIRAR á linda dama seus vestidos. (Camões). Não nos DEIXEIS CAIR em tentação. (Oração dominical). VI BRILHAR duas lanternas. (Garrett). Rudas imprecações que rudas sóam, de novo os remos a VOGAR INCITAM. (Idem). DEIXEM LUZIR ao sol as veneras e as gran-cruzes, as purpuras e os louros. (Latino Coelho).

Entretanto: VIRAM os castelhanos SAQUEAREM (Herculano). VIAMOS AGITAREM-se entre as arvores as luzes das lanternas e MIRAREM-SE as sombras dos bosquezinhos. (Garrett). Então SENTIAM ESCORREGAREM-lhes as lagrimas pelas faces tostadas. (Herculano). E VERÃO mais os olhos... os dois amantes miseros FICAREM... (Camões).

VIA-OS SABOREAREM-se em sossego dos bens mal adquiridos. (Camillo).

4.º Quando empregado com valor de imperativo: Cavalleiros, DESPEDIR esta noute da montanha e das tristezas e APPARELHAR para amanhã me seguirdes. (Castillo).

O participio presente, simples adjetivo, ou substantivo, não tem flexão de genero, e sim de numero e de gráu: Amante, amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participial: Cegou ENTRANTE á lida. Os quaes TEMENTES Nossa Senhor. Chama a nós a Santa Escriptura de Deus DIZENTE (Apud. Ad. Coelho). Camões empregou: IMITANTES á cõr da Aurora. João de Barros: Rei e Senhor natural, não RECONHECENTE superior em o temporal. Certos mouros ESTANTES em Cananor. Arraes: Cousas TOCANTES á piedade natural.

O participio passado, considerado como adjetivo, concorda com o sujeito da oração, quando o verbo é ser, estar, parecer e outros similhantes; e fica invariavel, quando o verbo é haver ou ter: As artes são ESTIMADAS. Os vicios estão DESCOBERTOS. As ondas pareciam AGITADAS. Temos ESTUDADO bastante. Havemos VENCIDO as dificuldades.

Antigamente esta regra era vacillante: Balarte, como era desejoso de vêr a costa que os nossos tinham DESCOBERTA. (J. de Barros). Quebrar as tregoadas que tinha FEITAS. (B. D. Nunes). Outras muitas que tinha OUVIDAS. (Camões). Ribeiro). Que tanto mar e terras tem PASSADAS. (Lucena). Entre muitas mercês que Deus me tem FEITAS (Lucena). Tendo os soldados de Julio Cesar SITIADA a cidaõe de Dyrachio. (Vieira).

Alguns participios passados passivos têm significação activa: arriscado (que se arrisca), calado (que se cala).

Outras vezes indicam acção, ora activa ora passiva: acreditado (que tem credito ou recebe credito de alguém).

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas suas *Noções de Semantica*: « no portuguez antigo, o participio concordava com o sujeito do verbo em genero e numero quando vinha construido com os verbos ter e ser. Tanto se dizia estamos convencidos e convencido, como somos errados, leal nos serviços que lhe tinha feitos (Fernão Lopes); votos que tinha feitos; quantas culpas tinham cometidas (Fern. Mendes). »

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para a invariabilidade do participio passado: maravilhas que deixou feito (Caminha); deixou-lhe quemado a cortina (P. Per.); deixando descoberto 350 leguas (Barros). »

O participio do futuro desapareceu da conjugação portugueza e só é usado como adjetivo ou substantivo: vindouro, casadeira, matadouro, iracundo, reverendo, immorredouro, doutorando, venerando, duradouro.

O gerundio forma as linguagens dos verbos perifrasticos, é invariavel: ESTAVA o sol nas armas RUTILANDO. ROMPENDO os ramos VÃO da matta escura. E por mandado seu BUSCANDO ANDAMOS a terra oriental. (Camões).

Emprega-se com a preposição — em — e indica que uma nova acção se vai seguir, ou é um facto que costuma succeder: EM nascendo já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado. (Souza). EM se RECOLHENDO foi recebido de todo o povo. (Idem).

O gerundio regido desta preposição é de uso latino e hoje pouco empregado.

Antigamente usava-se tambem com outras preposições: SEM HAVENDO esperança de poder fugir. (Ineditos da Hist. Port.). Com toda a deleitação da vontade, SEM RESGUARDANDO ser bem feito. (D. Duarte). E estas dansas eram ao som dumas longas que então usavam SEM CURANDO d'outro instrumento. (Fernão Lopes). ENTRE

LENDO se verão; SEM SENDO resistidos; DE ACCRESCENDO o desejo ao pedido. ( Idem ). Si vos parecerem mal, desculpai-me COM CALANDO. ( Sá de Miranda ).

O gerundio, como affirma Said Ali, exerce varias funções e é empregado para mostrar:

1.º que há uma acção simultanea e equivale ao verbo precedido de — *ao mesmo tempo que*: Os Pereiras tambem arrenegados, morrem, ARRENEGANDO o céu e os fados. ( Camões );

2.º que se vai realizar immediatamente um facto, e equivale a uma oração iniciada por — *depois que*: Isto DIZENDO o mouro se tornou a seus bateis... ( Camões );

3.º que houve um facto que se acabou de realizar; pôde ser substituido pelo verbo com a conjunção — *e* —, constituindo, assim, uma oração coordenada: Mas o leal vassallo... se vai ao Castelhano, PROMETTENDO... ( Camões );

4.º a causa, e equivale ao verbo com a conjunção — *porque, visto que*: O padre Baccho ali não consentia no que Jupiter disse, CONHECENDO... ( Camões );

5.º o modo: A disciplina militar prestante... não se aprende... SONHANDO, IMAGINANDO OU ESTUDANDO. ( Camões );

6.º condição, igual ao verbo com a conjunção — *si* —: Mansamente as amarras lhe cortavam, por serem, DANDO a costa, destruidos. ( Camões );

7.º concessão, em que o gerundio pôde ser substituido pelo verbo precedido da locução conjuntiva — *posto que*: Chamam-te illustre... SENDO digna de infames vituperios. ( Camões ).

Divergem as opiniões sobre si o gerundio pôde adquirir a função de adjectivo, constituindo assim, uma clausula adjectiva. Há quem julgue mesmo viciosa essa construção que é considerada gallicismo, isto é, imitação francesa, sem necessidade. É uma construção que se

encontra, no entanto, em escritores de todas as épocas: Um sacerdote vê BRANDINDO a espada. ( Camões ). De repente um tinir de espada ROCANDO pelas armaduras... ( Herculano ). Fazemos o milagre de Amphião ARRASTANDO as pedras. ( Camillo ).



PROCEDER, PORTAR-SE: HOUVE-SE em tudo a natureza como māi. ( Vieira ). E parece que se HOUVE nessa ocupação miudamente. ( M. Assis ).

Em alguns escritores se encontra o pronome — elle — representando o sujeito indeterminado do verbo — haver: Não que ELLE tambem HÁ muita desavergonhada por esse mundo de Christo. ( Camillo ). Pois si ELLE HÁ dôres como laminas de ferro. ( Idem ). ELLE HÁ um modo de nunca saltarem livros aos que gostam de lêr. ( Castilho ). Que ELLE HA nesse lugar um hiato, isso não direi que não. ( R. Barbosa ) Que ELLE tambem HÁ eleições no Amazonas. ( M. de Assis ). E ELLE ainda HÁ mouras lindas. ( Idem ).

O verbo impessoal — haver — confunde-se actualmente com o verbo — existir, na sua significação.

A's vezes, em certas expressões, o verbo — haver — no presente do indicativo apparece regido da preposição — de — A architectura DE HA cem annos. ( Camillo ). Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso DE HÁ dez annos. ( Hereulano ). Sermões DE HÁ sessenta annos. ( Idem ).

Além da preposição — de — pôdem-se empregar com a mesma função as preposições — até e desde.

A construção do verbo — haver — impessoal, sempre no singular, se applica a qualquer outro verbo que na qualidade de auxiliar venha a constituir linguagem composta com elle. A linguagem composta com o verbo haver no infinitivo só pôde, assim, ser empregada na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

Deve-se dizer sempre: HÁ DE HAVER festas; VAI HAVENDO progressos; TERÁ DE HAVER eleições; COSTUMA HAVER exercícios, etc. Antonio Vieira: Desenganem-se os idólatras do tempo passado que tambem no presente PODE HAVER homens tão grandes. F. R. Lobo: Não DEIXA DE HAVER muitas ( cartas ) tão bem escritas. M. Bernardes: HAVER muitas escrituras profanas tambem COSTUMA HAVER Nas outras escrituras profanas tambem COSTUMA HAVER

## X

## Sintaxe do verbo « haver »

O verbo haver pôde ser considerado como verbo activo e auxiliar; é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessoas: Os inimigos, como o sucesso da mina lhes HAVIA ABERTO para a victoria uma tão larga porta. ( J. Freire ). Vendo os milagres... HÃO medo de perder a autoridade. ( Camões ).

Como impessoal, com o sentido de ter, possuir, é verbo defectivo, unipessoal, só conjugado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: Não HAVERÁ missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam. ( Vieira ).

Tem varios significados como verbo activo: SENTIR, EXPERIMENTAR: HEI grande medo que o meu fraco batel se alague ceao ( Camões ); ADQUIRIR, CONSEGUIR: ...victoria que Fernando e Isabel do Mouro HOUVERAM. ( Porto-Alegre ). D'onde HOUVESTE este rugido teu? ( Gonçalves Dias ); TRATAR: HAVIA-O como homem serio; JULGAR, SUPPÔR: Não HAJAS que te agravo. ( F. Alvares ). Um dos fundamentos, por que os Bramenes têm tanto respeito ás vaccas, é por HAVEREM que no corpo desta alimaria fica uma alma nella agasalhada. ( J. de Lucena ); SER POSSIVEL: Assim foram caminhando para a igreja, mas não HAVIA poder romper pelo grande numero de povo. ( Fr. Luiz de Souza );

acentuações erradas. Ruy Barbosa: *Leis há e não PODERÁ DEIXAR DE HAVER.*

Há exemplos, não dignos de imitação, em que o verbo — *haver* — embora impessoal, foi usado na 3.ª pessoa do plural: *HAJAM festas de praser.* (Camões); *HOUVERAM prolixos ociosos editores.* (F. Elísio); *HAJAM outras razões.* (Vieira). *Naquelle espirito não HAVIAM melhores doutrinas que as do regicidio.* (Camillo).

—X—

Varios têm sido os modos de interpretar a sintaxe do verbo *haver* impessoal.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necesita de sujeito claro: sua sintaxe é similar à dos verbos *chover, trovejar, etc.*

Dizem outros que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir*; usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construção na classe dos *idiotismos*.

Sustentam outros que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical occulto: *classe, genero, numero, especie, porção, quantidade, grupo, espaço, etc.,* e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de*, também occulto.

Assim nos versos de Camões:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes*

a sintaxe regular é:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes NUMERO DE  
TRAIDORES HOUVE algumas vezes.*

Finalmente, dizem outros que o verbo *haver* significa *ter, possuir*, e tem como sujeito uma palavra occulta que será indicada pelo sentido.

Assim na frase: *Haverá lances*, o sujeito será *a vida ou o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase: *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade, ou o mundo e — homens —* o objecto directo.

—X—

Diversas são as provas a favor da interpretação que dá ao verbo *haver* o significado de *ter, possuir*.

A etimologia do verbo *haver* indica a forma latina *habere* que significa *ter*.

A analise da frase francesa: *Il y a des hommes* — em Portuguez — *Ha homens* — considera *hommes* como objecto e *il* (*indeterminado*) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter* ... *Elle HAVIA nome Antão.* (Apud. João Ribeiro).

Em Gil Vicente: *Como HAS nome cavalleiro, eu HEI nome todo o mundo.* Em João de Barros: *HOUVE a fortaleza nome Sant-Iago.* O povo conserva puras as primitivas formas das palavras. Vemos que são populares as frases:

*Hoje TEM missa* — por — *Hoje HA missa.*

*O substantivo verbal haveres é sinônimo de teres, possuidos (poses).*

O adverbio *eis* é para o geral dos grammaticos uma forma do verbo *haveis, heis, eis*: *EIS aqui mil e quinhentos marcos de prata* (Bernardes) equivale a *Aqui TENDES mil e quinhentos marcos de prata.*

Como ultima prova a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua Grammatica:

« Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de Maricá não substitui na segunda proposição o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como deveria si fosse sujeito, mas sim pelo pronome — *os* — que neste caso tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo *a que se refere*, complemento objectivo do verbo *ha*. »

*Ha-os* nesta colecção de todas as espécies.  
Neste exemplo — os — não pôde ser sujeito, é, sim, objecto,  
estando o verbo *haver* na significação de *ter, possuir*.

Sintaxe analoga á do verbo *haver* no singular com o  
objecto directo claro, no plural, é a do verbo *fazer* em  
certas construções: FAZ 10 dias que te não vejo.

O sujeito nestas orações pôde ser o tempo, como  
pensam alguns, mas deve, de preferencia, ser considerado  
o verbo como impessoal, sem sujeito.

Não faltam exemplos nos bons escritores:

Oito dias FAZ hoje que Christo o ressuscitou ( Vieira ).  
Quatrocentos e vinte e sete annos FAZ hoje que S. Antonio  
foi tomar posse do eminentissimo lugar que tem na côrte  
do céu. ( Idem ). Tres annos FAZ agora que eu recebi uma  
carta sua e ainda não a abri. ( Bernardes ). FAZ agora  
tres annos e um dia ( Herculano ). FAZ agora seis mezes.  
( Castilho ). FAZ agora quatro annos que teu nome era  
como um ferro. ( Garrett ). FAZ hoje quatro annos que  
Vieira de Castro abriu uma sepultura. ( Camillo ).



## XI

### Palavras invariaveis

#### I

##### ADVERBIO

O adverbio pôde ser representado por um adjetivo:  
*Comprou BARATO. Casa MEIO feita.*

Pôde tambem exercer a função de adjetivo qualifi-  
cativo: *A vida AQUI é insupportavel. Annos ANTES viveu  
nesta cidade. Teu procedimento ASSIM não pôde continuar.*

Os adverbios terminados em — mente — são formados  
pela junção deste suffixo á fórmia feminina do adjetivo:  
*sabia-mente, humana-mente.* Exceptuam-se *portuguez* e  
*francez* e outros terminados em — ez —, dantes invariaveis,  
que conservam a fórmia masculina: *portuguezmente, francez-  
mente; Carta escrita em portuguez e PORTUGUEZMENTE.*  
( Castilho ). *Quem come FRANCEZMENTE, cria alma; corpo  
é que não.* ( Camillo ).

Até ao seculo XVII, a fórmia — mente — não tinha  
adquirido a função de suffixo e era escrita separada do  
adjectivo. Tinha o valor de substantivo feminino: *De  
bôa mente; á bôa mente.*

O emprego dos adverbios em mente não é arbitrario.

Quando concorrem dois ou mais adverbios desta  
especie, só o ultimo, em geral, toma esse suffixo: *Santa,  
justa e correctamente.*

Usavam os classicos estes adverbios, completos, com o suffixo *—mente*, quando queriam dar mais enfase á frase ou mais força á significação do adverbio: *Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIAMENTE e JUSTAMENTE* ( Vieira) *V. Exc.ª ... te-lo-ia feito DIRECTAMENTE, FRANCAMENTE, LEALMENTE* ( Herculano ). ... *se pretende SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE* ( Castilho ). *Lutava SILENCIOSAMENTE, FRIAMENTE, PACIENTEMENTE* ( Garrett )

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos, entre os quaes se pôde citar Machado de Assis: *Depois ainda falou GRAVEMENTE e LONGAMENTE sobre a promessa que fizéra.*

Convem notar, com Darmesteter, que o velho francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*, como é construção actual.

Os adverbios terminados em *—mente* — soffrem a flexão de gráu como os adjectivos de que são formados: *Escreve MAIS CORRECTAMENTE ou MENOS CORRECTAMENTE que Ruy. Escreve CORRECTISSIMAMENTE; o MAIS CORRECTAMENTE que todos.*

*Mui, tão e quão*, fórmas contractas de *muito, tanto e quanto*, só se pôdem empregar como adverbios modificando adjectivo ou adverbio. As fórmas completas *muito, tanto e quanto*, pôdem-se empregar como adverbios e adjectivos: *Elle é MUI ou MUITO sabio. Desejo MUITAS honras.* Vieira: ... *e com TANTAS e TÃO vantajosas victorias defenderam gloriosamente a patria.* Castilho: *QuÃO bôa vontade, QUANTO zelo, QUANTA prudencia.*

A negação em Portuguez pôde ser simples ou reforçada. Negação simples: *não quero; nunca vi.*

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia.*

Neste genero a Lingua é rica de palavras que são empregadas como refogo negativo: *boia, nada, pitada, patavina, nem nada, migalha, ceitil, ponto, vintem, gola, dez réis, passo, pataco, etc.: Triste pranto até Belem, nem*

*PASSO não se esquecia ( Gil Vicente ). A quem não deve dar nem MIGALHA ( Leal Conselheiro ). Aquelle só será ditoso, quem sem ti não espera nem crê NADA ( Dr. A. Ferreira ). Que VINTEM não me ficasse ( Gil Vicente ). A antiguidade não sabia PATAVINA ( Castilho ). Não se enxerga PATACA, isto é, não se vê nada ( Diccionario de Fr. Domingos ). Mandou a Luiz da Silveira que, sem dar mais PONTO no requerimento, se recolhesse para o reino ( Fr. Luiz de Souza ). Não valer uma PITADA de tabaco ( Dic. Aulete ). Finalmente morreu Christo sem ter uma GOTADAGUA para matar a sede ( Bernardes ).*

Muitas vezes a negativa — *não* — é empregada sem força de negação; tem valor affirmativo, enfatico: *Si tantos deleites há na terra, que NÃO será no céu? Que linda voz que NÃO tinha ( Castilho ). Que exquisitos e atrozes tormentos NÃO sofreram os martyres! ( Bernardes ). Que poeta que NÃO era de D. Ignez o cantor! ( Palmeirim ).*

A dupla negativa era usual entre os classicos antigos e não raro se encontra entre os modernos: *Não descancaram até NÃO darem comigo em casa ( D. Franc.º M. de Mello ). ... NEM partir-se donde ella estava até que seu pai o NÃO foi buscar ( Camões ). Caractéres que NÃO pôdem NÃO ser da mais remota antiguidade ( Castilho ).*

Este adverbio com valor expletivo acompanhava verbos que exprimiam idéa de proibição, como: *impedir, estorvar, obstar, deixar:*

*Para ESTORVAR que a armada NÃO chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.*

Camões.

Construção que herdámos do Latim, é muito usada pelo povo: *Não deixe de NÃO vir. Não pôde deixar de NÃO vir.*

O emprego da negativa obriga o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: *NÃO FAÇAS* a

outrem o que não queres que te façam ( Adagio ). Oh ! meu amado Senhor, não me FALEIS já pelas vossas criaturas... falai-me por vós mesmo. ( Bernardes ). O' voadores, contentai-vos com o mar e o nadar e não QUEIRAIAS voar. ( Vieira ). Formosa filha minha, não TEMAIS ( Camões ). Não VACILEIS, não TREMAIS, não RECUAIS, não CEDAIS ( Ruy Barbosa )

A negação também pode ser expressa:

Pela preposição *sem*:

SEM ACHAR resistencia nem defesa ( Camões ).

Por — *algum* — depois do substantivo:

*Em nenhuma flor pôdem os maiores sabios emendar cousa ALGUMA.* ( M. Bernardes ).

Por — *nunca jamais*:

NUNCA JAMAIS naquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado. ( Fr. Luiz de Souza ). NUNCA JAMAIS a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada. ( Castilho ). . . . a desmoralização tem chegado ao maior auge a que NUNCA JAMAIS chegou. ( Camillo ). NUNCA JAMAIS uma só vez, recebi ou solicitei uma nota, um nickel, um cobre ( R. Barbosa ). Eu, porém, NUNCA JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ). Como JAMAIS não tive um momento de temor. ( Idem ).

Pela locução adverbial — *no mais* — por — *nom mais*:

*Esta ave tem seus amores, dois mezes, NO MAIS, no anno.* ( Gil Vicente ). *No MAIS que só sessenta de cavallo.* ( Camões ). *No MAIS, Musa, NO MAIS...* ( Idem ).

Ha quem pense haver ai uma oração elíptica.

Pela expressão — *não...* que, a similaridade da construção italiana e francesa: *A formosura NÃO é outra cousa que a flor da bondade.* ( Bernardes ). *As nossas cousas NÃO têm outro mal que screm verdadeiras.* ( Garcia d'Orta ). *Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa que bons christãos.* ( Vieira ).

NÃO se ama a causa, QUE pelo que é ( F. R. Lobo ). NÃO faltou QUE uma só pedra. ( Castilho ). E NÃO sentirá QUE um desejo. ( R. Ortigão ).

Não se deve empregar a negativa não depois de outra palavra de força negativa. São raras construções como as seguintes: NINGUEM NÃO me ama; NUNCA NÃO viu. O adverbio não deve, nestes casos, preceder sempre a outra negativa: Não me ama ninguem; não vi nunca, ou então desaparecer: Ninguem me ama; nunca vi.

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* ( mais bem ) e *peor* ( mais mal ), que se não devem confundir com os adjetivos *melhor* ( mais bom ) e *peor* ( mais mau ).

Os adverbios se podem usar sinteticamente ou analiticamente: *Estudou MELHOR ou PEOR que o irmão a lição de Portuguez.* *Ella está MAIS BEM empregada ou MAIS MAL empregada que o irmão.*

Os adjetivos são mais usados sinteticamente — *melhor* e *peor* — e só em casos muito especiaes na forma analítica: *mais bom, mais mau.*

As formas analíticas — *mais bem* e *mais mal* — são empregadas especialmente antes dos participios passados: *Pôde haver resolução MAIS MAL ENTENDIDA que lançar a pique o navio em que sou embarcado, só para que meu inimigo se afogue?* ( Vieira ). *Nesta singular abundancia, Lisboa não só a MAIS BEM PROVIDA mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.* ( Idem ). Enretanto Vieira escreveu: *Tambem levou seu premio MELHOR LOGRADO;* Castilho: *Mal mantido e PEOR ALBERGADO;* Feo. de Moraes: ... que por ser menos dextro andava PEOR TRATADO.

Não se devem confundir os adverbios *onde* e *aonde*. Onde se emprega com os verbos que exprimem questão: *Onde estás? Onde moras?*

Aonde se emprega com os verbos que exprimem movimento: *Mas AONDE caminha este meu discurso?* E *AONDE o leva a verdade desta altissima providencia?* ( Vieira ).

A distinção fica bem clara no seguinte trecho de Alexandre Herculano: *Lá no céu AONDE ella SUBIU e ONDE nosso pai ACOLHEU no seio a sua infeliz filha.*  
Entretanto Vieira empregou:

Entretanto Vieira empregou: *Deus meu, ONDE me  
MANDAIS.* Camões: *AONDE as náus ESTAVAM temerosas.*  
Garrett: *ONDE LEVAS tuas águas, Tejo aurifero?* Castilho:  
*ONDE te VAIAS D. Rodrigo?* Rebello da Silva: *Voltou á  
casa AONDE FICARAM esperando.* AONDE ESTÁ o inferno?  
Latino Coelho: ...em Portugal AONDE então DOMINAVA  
um governo proconsular, cioso da minima expansão de  
liberdade.

II

## PREPOSIÇÃO

As preposições são, em geral, de origem latina, mas, conforme as relações indicadas, correspondem a esta ou aquella preposição latina, como: *a* — que, originando-se da preposição *ad*, corresponde, pelas relações expressas, a — *ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens: *pro* e *per*.

A pouco e pouco, a fórmā *pro* substituiu completamente a fórmā *per*, e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, venceram no seculo XVII a *pola*, *pola*, *polos*, *polas*: *Não POLO eu merecer, mas faço todavia POLO não desmerecer.* (Sá de Miranda).

A forma *per* se usa em composição: *pelo*, *percorrer*, *perlucido* etc., nas frases de *per si*, de *per meio*.

Per empregava-se para indicar lugar por onde, duração, meio, instrumento, espaço: *PER dedos* é seu contar. (G. de Rezende). *Pereceram PER espada e PER fome.* (João de Barros). *PER noites de inverno se ouriam gemidos.* (F. Mendes). *Os professores da verdade PER uma bocca condemnam.* (A. Arraes).

*Por, indicava troca, preço, parcialidade, opinião, causa, motivo.*

As preposições derivam-se também de participios: *salvo, excepto, tocante, durante, passante, tirante, segundo, conforme, visto, obstante, salvante, consoante*, que se tornam invariáveis.

Algumas, entretanto, se apresentam como adjetivos, variaveis, de que se acham exemplos em autores de nota: *... todos os livros que andam em nome das Sybillas, EXCEPTAS algumas autoridades.* ( Manoel Bernardes ). Tudo chegou a salvamento, EXCEPTAS as partes liquidas. ( Vieira ). Não OBSTANTES os epigrammas e commentarios. ( Castilho ). Pôde a miseria ser tanta que não OBSTANTES todas as diligencias ainda resvalamos. ( Bernardes ). EXCEPTOS os diccionarios de Aulete e Adolpho Coelho. ( Ruy Barbosa )

As expressões VISTAS as razões, SALVOS os motivos são de uso commum.

*Conforme, consoante e segundo* não se combinam com os pronomes ou variações de 1.<sup>a</sup> e de 2.<sup>a</sup> pessoa. Em lugar de — *conforme eu, consoante tu, ou ti, etc.*, se diz: *conforme minha opinião, consoante teu modo de pensar, etc.*

*Conforme, consoante, segundo, são conjunções quando antecedem uma oração: Conforme te avisaram, etc.*

As preposições compósitas da preposição *de* exigem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento: *Ante Deus* — *diante de Deus*. *Após a chuva* — *depois da chuva*. Vieira escreveu: *A morte corre APÓS de nós*; e Camillo: ... *apes-  
sasse a corrida APÓS DE uma esperança*.

A preposição *de* é, muitas vezes, simples partícula de realce, expletiva, empregada por enfase: *E' muito do meu agrado. Pobre do menino. Desgraçado de mim.*

Tem valor de partitivo, como nas expressões: *Dê-me DAQUELLE bolo; venda-me DESSA carne.* Camões: *Assás DE mal lhe quero.* Gil Vicente: *Cortai-me DESSA rama.* Sá de Miranda: *Comem trigo e nós d'AVEIA.* Rodrigo Lobo: *Comerás do leite, ouvirás dos contos e partirás quando quizéres.* D. Franc.º M. de Mello: *Dando-lhe DE punha-*

Jadas. Vieira: *Dar de bofetadas.* Camillo: *O feriu de duas cutiladas na cabeça.*

A preposição até pôde vir ou não acompanhada da preposição a: *Vão os annos descendo e já do estio há pouco que passar ATÉ o outono.* (Camões). . . . se formou uma numerosa procissão ATÉ o sepulcro dos outros quatro martires. (Bernardes). . . . que lhes assistem ATÉ AO fim. (Vieira). *A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem desde os 13 ATÉ AOS 14 annos de sua idade.* (Castilho).

O emprego de — até a — apareceu do seculo XVII em diante.

Até — é adverbio quando significa — mesmo — e exprime que, o que se quer afirmar, abrange pessoa ou facto determinado: *Até a noute o favoreceu no crime.*

As preposições a e para se distinguem quando empregadas com os verbos que exprimem movimento.

A — indica lugar onde, direcção, tendo a pessoa intenção de pouca demora.

Para — indica lugar onde, direcção mais remota e definitiva, tendo a pessoa intenção de não voltar em breve.

Assim, quando digo: *Vou ao Recife*, indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas, quando digo: *Vou para o Recife*, tenho a idéa de aí fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

A preposição — a — em certas expressões indica o que se vai fazer: *Vou à aula.*

A preposição — para — indica termo de movimento: *Vou PARA a aula.*

A preposição — entre — que, em geral, indica relação intermedia e exige dois ou mais termos, emprega-se tambem para exprimir uma acção que se passa com a propria pessoa, no seu intimo, sem exteriorização: *Ler uma carta ENTRE SI*, isto é, lê-la para si só; *amar ENTRE SI*, isto é, amar

secretamente, sem declarar a quem ama. (Apud. Dic. Vieira). Camillo costumava empregar: *Dizia ENTRE MIM*, isto é, para mim, falando comigo mesmo; *disse ENTRE SI*, isto é, com elle mesmo.

E' de uso repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéas diferentes: *Pelo rei, pela lei, pela patria.* Vieira: *Com lagrimas, com suspiros e com colloquios amorósos.*

A clareza, a enfase, a eufonia melhor determinam a repetição, sendo mais commum repeti-las antes dos pronomes pessoaes monossillabicos.

Com as locuções prepositivas só se repete o segundo elemento: *DEPOIS DE mim e DE ti.*

Certas preposições se combinam e se contráem com outras palavras, principalmente com os artigos.

Observa-se:

1.º — Até o seculo XVII havia a fórmia — ó — por a+o, similarmente a — á — por a+a: *Pergunto ó mar, ós plantas, ós penedos, como, quando, por quem foram criados.* (Fr. Agostinho da Cruz). . . . *se foi offerecer como réu com uma corda ó pescoço.* (Fr. Antonio Brandão). *Aqui, grumetes, aqui, vá ó mar esta arca, vá.* (Gil Vicente).

2.º — Não se dá a erase — á — quando o vocabulo seguinte é masculino ou quando, sendo feminino, não está precedido de artigo, ou está empregado em sentido geral: *Destinado Á aluguel; gota Á gota; tornar Á terra.* A's vezes se emprega a crase, concordando o artigo com um substantivo feminino occulto: *Sapatos À Luiz XV* (subentendida — moda). Há quem use da crase para evitar a confusão no sentido: *Matar Á fome, para se distinguir de matar A fome* (fome, objecto directo.)

3.º — Não se usa a contracção no, na, nos, nas, por eufonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal: *EM A NOUTE seguinte,* é fórmia eufonica, preferivel a — <sup>na</sup>

*ladas.* Vieira: *Dar de bofetadas.* Camillo: *O feriu de duas cutiladas na cabeça.*

A preposição até pôde vir ou não acompanhada da preposição a: *Vão os annos descendo e já do estio há pouco que passar ATÉ o outono.* (Camões). . . . se formou uma numerosa procissão ATÉ o sepulcro dos outros quatro martires. (Bernardes). . . . que lhes assistem ATÉ ao fim. (Vieira). *A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem desde os 13 ATÉ AOS 14 annos de sua idade.* (Castilho).

O emprego de — até a — apareceu do seculo XVII em diante.

Até — é adverbio quando significa — mesmo — e exprime que, o que se quer afirmar, abrange pessoa ou facto determinado: *ATÉ a noute o favoreceu no crime.*

As preposições a e para se distinguem quando empregadas com os verbos que exprimem movimento.

A — indica lugar onde, direcção, tendo a pessoa intenção de pouca demora.

Para — indica lugar onde, direcção mais remota e definitiva, tendo a pessoa intenção de não voltar em breve.

Assim, quando digo: *Vou ao Recife*, indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas, quando digo: *Vou para o Recife*, tenho a idéa de aí fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

A preposição — a — em certas expressões indica o que se vai fazer: *Vou à aula.*

A preposição — para — indica termo de movimento: *Vou PARA a aula.*

A preposição — entre — que, em geral, indica relação intermedia e exige dois ou mais termos, emprega-se tambem para exprimir uma acção que se passa com a propria pessoa, no seu intimo, sem exteriorização: *Ler uma carta ENTRE SI, isto é, lê-la para si só; amar ENTRE SI, isto é, amar*

*secretamente, sem declarar a quem ama.* (Apud. Dic. Vieira). Camillo costumava empregar: Dizia ENTRE MIM, isto é, para mim, falando comigo mesmo; disse ENTRE SI, isto é, com elle mesmo.

E' de uso repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéas diferentes: *Pelo rei, pela lei, pela patria.* Vieira: *Com lagrimas, com suspiros e com colloquios amorbos.*

A clareza, a enfaše, a eufonia melhor determinam a repetição, sendo mais commum repeti-las antes dos pronomes pessoaes monossyllabicos.

Com as locuções prepositivas só se repete o segundo elemento: *DEPOIS DE mim e DE ti.*

Certas preposições se combinam e se contráem com outras palavras, principalmente com os artigos.

Observa-se:

1.º — Até o seculo XVII havia a fórmia — ó — por a+o, similarmente a — á — por a+a: *Pergunto ó mar, das plantas, ós penedos, como, quando, por quem foram criados.* (Fr. Agostinho da Cruz). . . . se foi offerecer como réu com uma corda ó pescoço. (Fr. Antonio Brandão). Aqui, grumetes, aqui, vá ó mar esta arca, vd. (Gil Vicente).

2.º — Não se dá a erase — á — quando o vocabulo seguinte é masculino ou quando, sendo feminino, não está precedido de artigo, ou está empregado em sentido geral: *Destinado à aluguel; gata à gata; tornar à terra.* Às vezes se emprega a erase, concordando o artigo com um substantivo feminino occulto: *Sapatos à Luiz XV* (subentendida — moda). Há quem use da erase para evitar a confusão no sentido: *Matar à fome, para se distinguir de matar a fome* (fome, objecto directo.)

3.º — Não se usa a contracção no, na, nos, nas, por eufonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal: *EM A NOUTE seguinte,* é fórmia eufonica, preferivel a — NA

NOUTE seguinte. A preposição — *em* — não soffre tambem a contracção si os vocabulos *o*, *a*, *os*, *as* figurarem de variações pronominaes: *Em o avistando* e não — *NO avisando*.

4.º — Não se usa tambem a contracção quando a preposição não reger o vocabulo seguinte: *E' tempo DE OS patriotas erguerem-se.* ( Vieira ). *Muita vez chegam A OS açoitar.* ( Bernardes ). *Invoca o tempo DE OS pagar com as sombras.* ( Castilho ). *Mal houvera ella bastado A O trazer tão longe.* ( Idem ). *Você foi a causa DE ELLES se retirarem.* ( Camillo ). *Quando os inglezes se rirem DE ELLES terem muito dinheiro.* ( Herculano ). *Desaire real seria DE A deixar sem premio.* ( Garrett ).

Exceptua-se desta regra a preposição — *per ou por* — que se contrai, embora não reja o vocabulo seguinte: *Forcejam PELO explicar.* ( Castilho ). *Um momento depois PELO não ter ouvido.* ( Garrett ). *Mas ninguem tem forcejado mais do que eu PELA realizar.* ( a republica ) ( Ruy Barbosa ). *Levam as crianças ao rio mais POLAS cortir que pera as lavar.* ( Lucena ). . . . *Davam infinitas graças a Deus PELOS ter escolhidos dentre os seus condiscípulos.* ( Vieira ). . . . *e diz que lhe faz esta POLO haver bem servido.* ( Fr. Antonio Brandão ). *Tanto PELOS vêrem como pela victoria que houveram.* ( J. de Barros ).

Entretanto A. Arraes escreveu: *E nestes uma verdade dita acaso ou POR o não entenderem, encobre mil grandes mentiras;* e J. de Barros: *Por o navio ser seu.*

Duas preposições de natureza differente não devem reger o mesmo nome. Convém evitar construções como: *Com e sem razão.* A construção mais natural é: *Com razão e sem ella ou repetir o substantivo.* Manuel Bernardes: *Jonathas COM RESGATE e SEM RESGATE sempre havia de perecer.* Castilho: *COM FUNDAMENTO e SEM ELLEachei essa filiação.* Herculano: *Si, COM PERMISSÃO ou SEM PERMISSÃO do dono, o rendeiro consolida ahi algum trabalho.*

São pouco usadas expressões como: *Antes, durante e depois do facto; contra ou a favor dos franceses.* Melhor será dizer: *Antes do facto, durante o facto e depois d'elle; contra os franceses ou a favor d'elles.*

### III

#### CONJUNÇÃO

A conjunção — *e* — em serie de vocabulos se emprega antes do ultimo:

*Mas o de Luso arnez, couraça E malha  
Rompe, corta, desfaz, abola E talha.*

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso: dá-lhe movimento e graça, e produz bello effeito: *E eu que existo E penso E falo E vivo.* ( Herculano ).

Vieira empregou a repetição: *E andava E comia E bebia E batalhava E vencia E triumphava.*

No estilo biblico e poetico é frequente o emprego da conjunção — *e* — no principio do periodo, sem relação immediata com a oração antecedente.

Pôde ser completamente suprimida para tornar a frase mais animada:

*Picam de esporas, largam redeas logo,  
Abaixam lanças, fere a terra fogo.*

Camões,

Tem valor de — *inclusive* — , por imitação do Latim:

*Pois pelos doze Pares dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.*

Camões.

Substitue a preposição — *com* — e neste caso há uma só oração cujos termos são por ella ligados: *João e Maria são primos. Dois e dois são quatro.*

Conserva a fórmula arcaica — *a* — *em* — *dez-a-seis*. Alguns grammaticos explicam este — *a* — dizendo ser equivalente de *junto a*.

A conjunção — *que* — é muitas vezes repetida como para indicar maior subordinação:

*Sabia bem QUE si com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se move  
QUE obedecerá logo á voz amada.*

Camões.

*Eu sou bem informado QUE a embaixada  
Que de teu rei me déste QUE é fingida.*

Idem.

Outras vezes desaparece por elegância: *No fim da carta me manda V. M. (que) diga o meu parecer.* (Vieira). *Temo (que) se não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade.* (Fr. A. das Chagas).

Tem, outrosim, função da conjunção copulativa — *e*: *Uma hora cai a casa QUE não ceda dia. Dize-me com quem andas QUE eu te direi as manhas que tens.* (Proverbios). *Qual do cavallo vôlea QUE não desce.* (Camões).

Diz João Ribeiro que a fórmula *ende* (ainda, inde) permanece na Lingua com a fórmula *em* nas seguintes expressões: *Em que pese a F. — ende que pese a F. — ainda que pese a F.*

« A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só... mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse ortographal-a. »

« Não sendo de todo adversativa, é facil que a deparemos conjuntamente com *porém*, nos escritores da idade classica.:

*Mas porém quando as gentes mauritanas.* Camões. »

« *E Castilho e quasi todos d'entre os antigos.* » (João Ribeiro — Gram. Portugueza).

A conjunção — *mas* — exprime também compensação: *Breve MAS agradável; triete MAS ligeiro.*

E' commum encontrar-se a reunião de duas conjunções quando o sentido da frase exigia apenas uma. Essa repetição, que só se dá entre conjunções coordenativas, se encontra em escritores de todas as épocas: *O miolo ficará do tamanho de um grande marmelo e POREM de parecer differente.* (J. de Barros). *Desta letra — q — ... parece Quintiliano duvidar ... a quem segue Diomedes, MAS POREM Marciano diz outra cousa.* (F. de Oliveira). *MAS COMTUDO foi-se contra sua vontade.* (Bernardim Ribeiro). *MAS POREM sempre deixa uma duvida lá na crença.* (Idem). *Senhor, grande, MAS POREM si a tal é virtuosa.* (Camões). *MAS COMTUDO não nego que Sampaio...* (Idem). E *COMTUDO os mosquitos já fizeram fugir a cavallaria.* (Bernardes). *E, si, TODAVIA ainda contra isto há que dizer,* não está longe o remedio. (Fr. L. de Souza). *MAS ENTRE-TANTO não se descuidava da cura.* (Idem). E *TODAVIA o objecto da conversação era assás importante.* (A. Herculano) *E ENTRETANTO vê e tolera-se.* (Castilho). E *MAS é o italiano.* (Idem).

A não ser a locução — *mas porém* — que actualmente é repeliida, embora de uso popular, as demais são communs e se deparam em bons escritores modernos.

Há algumas conjunções que se pôdem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou algumas palavras da oração, taes são: *porém, no entanto, pois, comtudo, portanto, entretanto, todavia, e c.*

Assim, *POIS*, acontece aos soberbos que... andam a buscar o aplauso do mundo. ( Bernardes ). *Sei, COMTUDO, que deseja muito esse retrato seu natural.* ( Vieira ). *Foram inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseu e outros heróes... sendo, PORÉM, o principal premio não o dinheiro* sinão a honra e a fama. ( Idem ). *Fizeram, TODAVIA, os nossos em tal sossobro mui preclaras acções.* ( F. Elisio. )

São chamadas conjunções pospositivas.



## XII

### Ordem grammatical. Figuras

#### I

**Ordem grammatical** é a maneira por que se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração.

A ordem grammatical pôde ser *directa* ou *inversa*.

**Directa** é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige geralmente em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos junto ás palavras a que modifícam, isto é, o sujeito com seus adjuntos o predicado com seus adjuntos.

Si algum adjunto do predicado fôr representado por um pronomé relativo, deve vir no começo da oração, pois que tem valor de connectivo oracional.

O objecto directo deve vir antes do indirecto, excepto si este fôr representado por uma variação pronominal, sem preposição clara, caso em que deverá precedê-lo: *Deu UM LIVRO A ANTONIO; deu UM LIVRO A TI e OUTRO A MIM. Deu-ME UM LIVRO, deu-TE UM LIVRO.*

Em ultimo lugar vão os adjuntos adverbiaes do predicado. Si, porém, modifícarem algum termo do sujeito, ou do objecto, ou qualquer outro, devem vir junto a elle, quanto possa.

Quanto às orações: as sindéticas e as assindéticas vão uma após outras na ordem do pensamento; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

**Inversa** é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa:

*Eram estes antigos mercadores  
Ricos em Calecut e conhecidos.*

Camões.

Ordem directa:

*Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em  
Calecut.*

Em regra geral o sujeito coloca-se antes do verbo.  
Deve, contudo, ser collocado depois:

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas:

*Pôde vossa falar-me? Que tinha ELLE?*

*Que prazer sentiu A CRIANÇA!*

*Alija, PILOTO, tudo ao mar.*

*Pôdera EU torna-la feliz e alegre!*

O sujeito vai antes nas frases interrogativas ou exclamativas, quando é representado pelos pronomes quem, que, qual: *QUEM bate? QUE ie aconteceu! QUAL se apresentará mais bem armado?*

2.º Quando se referem palavras de outrem ou há citação de um trecho, nas orações intercaladas:

*Brados EL-REI D. HENRIQUE: Olá gente de minha guarda! O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARRATT.*

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circunstancia:

*Melhor mereceis vós outros todos a morte do que  
este pobre homem. (Garcia de Rezende). Quando fazem  
os MINISTROS o que fazem. (A. Vieira)*

4.º Em certas orações de sentido existencial: EXISTEM varias RACAS ou em que se determina peso, distancia, numero: *FALTAM tres MESAS nessa sala. SÃO TRES KILOMETROS até ao Recife.*

5.º Quando o sujeito é representado por uma clausula, notadamente quando a oração principal é a expressão: é necessario e similhantes: *E' necessario QUE CUMPRAS TEUS DEVERES.*

6.º Nas orações em que o verbo está no infinitivo: *CRESCENDO co'os sucessos bons primeiros.*

*No peito as OUSADIAS....*

Camões.

7.º Quando o verbo está na voz passiva com o pronome — se —, ou este pronome representa a indeterminação do sujeito:

*Floresaça, jale, cante, OUÇA-SE e viva  
A portugueza lingua...*

(Antonio Ferreira).

*Entre os parciaes de D. Leonor... VIAM-SE muitos  
fidalgos e letrados. (Herculano).*

*VIVE-SE, MORRE-SE, mas LUTA-SE pela vida.*

8.º Quando se quer intencionalmente destacar o sujeito: *Si ninguem fôr, IREI EU.*

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjetivos, etc., já foram expendidas nos respectivos lugares.

A Lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a Lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa; casos há em que ella se torna necessaria, como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc., devendo-se notar mesmo que das Linguas novo-latinas é a que tem mais liberdade nas inversões.

## II

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras em demasia; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se pôde dar quando a necessidade o exige, para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

Dai decorre a divisão da sintaxe em: *natural* e *figurada*.

**Figuras** são as alterações que as frases soffrem.

São modos de dizer apariados das fórmas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de concordancia são: *Zeugma* e *sillepse*.

**Zeugma** é a concordancia de uma palavra não com todas a que modifica, mas com uma só:

*Em vós esperam ver-se RENOVADA  
Sua memoria e obras valerosas.*

Camões.

Tem-se, pois, de subentender uma palavra occulta, que, entretanto, já foi expressa, com genero, numero ou pessoa differentes.

**Sillepse** é a concordancia de uma palavra não com uma ou algumas palavras a que modifica, mas com o nome generico que as comprehende. A concordancia não se faz com o termo claro, porém, com um imaginado.

A sillepse pôde ser de:

**Genero:** *VOSSA REVERENDISSIMA é ILLUSTRADO*.

**Numero:** *A GENTE da cidade concorria SAUDOSOS na vista e DESCONTENTES.* ( Camões ).

**Pessoa:** *TODOS os filhos de Adão PADECEMOS.* ( Bernades ).

As figuras de construção são: *Ellipse*, *pleonasmo*, *hiperbato*, *enalage* e *anacoluto*.

**Ellipse** é a suppressão completa de palavras que o sentido entende facilmente:

( Vós ) *Vistes que com grandissima ousadia*

( Elles ) *Foram já commetter o céu supremo.*

Camões.

**Pleonasco** é a repetição de palavras, ou o emprego de palavras diferentes com o mesmo sentido.

1.º caso:

*ABRI, ABRI estas entranhas, VEDE, VEDE este coração.*  
( Vieira ).

*Para o céu crystallino alevantando  
Com lagrimas os OLHOS piedosos  
Os OLHOS, etc.*

Camões

2.º caso:

*VI com estes OLHOS que a terra ha de comer.* ( Popular ).

**Hiperbato** é a transposição dos termos da proposição.

O hiperbato toma o nome especial de *anástrofe* quando a transposição é ordenada: *Para do mundo a Deus dar parte grande.* ( Camões ).

Toma o nome de *sinquese* quando a transposição é desordenada:

*Estas obras de Baccho são por certo,  
Disse.*

Camões.

**Enalage** é o emprego de palavras com significação de outras:

*Tal está morta a pallida donzella,  
SECCAS do rosto as ROSAS e perdida  
A branca e viva cõr co'a doce vida.*

Camões.

*Por mais que CONFEITEIS, um NÃO sempre AMARGA.*  
( Vieira ).

**Anacoluto** é a interrupção da oração por outra de nexo diferente. Chamam também frase quebrada.

*ESTE POVO que é meu, por quem derramo  
As lagrimas que em vão cahidas rejo  
POR ELLE a ti rogando choro e bramo.*

Camões.

*Oh ! TU.....  
nós outros te AVISAMOS.*

Idem.

*Eu que cair não pude neste engano,  
ENCHERAM-ME com grandes abundâncias.  
O peito de desejos e esperanças.*

Idem.

*Vereis ESTE.....  
tremor DELLE Neptuno.*

Idem.

**OS TRES REIS ORIENTAES** que vieram adorar o filho de Deus recemnascido em Belém é tradição da igreja que um era preto. ( Vieira ). Busca, filho, outros reinos que ESTE de Macedonia, não CABES nelle. ( Bernardes ). E o DESGRAÇADO TREMIAM-LHE as pernas, suffocando-o a tosse. ( Garrett ).

Entre as varias figuras — conhecidas pelo nome de *figuras de estilo* — proprias para ornar o pensamento e deleitar o assunto, se podem destacar:

**Anáfora**, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas: *TUDO passa, TUDO esquece, TUDO morre.*

**Anadiplóse**, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior: *Com os olhos lhe acendi no peito o FOGO, o FOGO que sempre ardeu e ainda arde agora.* ( A. Ferreira ).

**Asindeto**, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações: *A chuva, a neve, o vento, a tempestade* ( Durão ).

**Climax ou gradação**, é a repetição de termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para a primeira da terceira e assim por diante: *Da perda nasce o CONHECIMENTO; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO; da ESTIMAÇÃO a dôr* ( Vieira ). *Das intemperanças do comer nascem as CRUEZAS; das CRUEZAS a confusão e a discordia dos HUMORES; dos HUMORES discordantes e descompostos a DOENÇA; das DOENÇAS a morte* ( Idem ).

**Diácope ou separação**, é a repetição de uma palavra, ficando outra ou outras de permeio: *DAI velas, disse, DAI ao largo vento* ( Camões ).

**Epizeuxa ou reduplicação**, é a repetição de uma palavra seguidamente: *Mercurio disse: FUGE, FUGE, Lusitano.*

**Epistrofe**, é a repetição de uma palavra ou algumas no fim de varias orações: *Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE* ( Vieira ). *Os ministros superiores entram POR SANGUE; os familiares POR SANGUE; os inferiores POR SANGUE e os reis POR SANGUE* ( Idem ).

**Epanalepse**, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase: *TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.*

**Epânodo**, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas: *A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO; DA RAZÃO pelo discurso, DO TEMPO pela experienzia* ( Vieira ).

*Polipóto*, é a repetição de palavras com fórmula grammatical diferente: A' LANÇA A LANÇA *oppōem*, O PEITO AO PEITO.

*Polisindeto*, é a repetição de conjunções: *Suspira e chora e cansa e gome e sua* (A. Ferreira.)

*Prosopopéia ou personificação*, é a introdução na oração de pessoas mortas ou ausentes, animaes mudos, seres inanimados. Pôde ser — *prosopopéia* propriamente dita, quando a invocação é feita aos seres inanimados ou animaes mudos; e *idolopéia*, quando é feita a deuses ou mortos.

*Simploce*, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas: QUE FAZ o lavrador? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegante? BUSCA PÃO (Vieira).



## XIII

### Alterações grammaticaes e lexiologicas

#### I

As alterações que as Linguas soffrem são de duas especies: grammaticaes e lexiologicas.

As grammaticaes subdividem-se em *foneticas* ou *prosodicas, morfologicas e sintacticas*.

As alterações *foneticas* consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo — erros de pronuncia — como tambem na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latim, ou de outra qualquer Lingua, para o Portuguez.

Do 1.<sup>o</sup> caso podemos indicar:

estauta — estatua  
blazão — brazão  
coresma — quaresma  
barguilha — bragUILha

tocalha — tocaia  
diecese — diocese  
quarar — corar  
zanolho — zarolho

A acentuação errada de certos vocabulos: *miope, regime, oceāno*.

Do 2.<sup>o</sup> caso temos a mudança do *e* em *i*: *tecum, tigo, au* em *ou, oi; causa, cousa, coisa; suppressão da vogal inicial: Olisipona, Lisbôa, etc.*

As alterações morfológicas muitas vezes dependem das alterações fonéticas. Assim, si pronunciarmos: *reptil*, *projectil*, *textil*, como palavras agudas, o plural será: *reptis*, *projectis*, *textis*; mas si forem graves, o plural será *répteis*, *projecteis*, *téxteis*.

As alterações morfológicas são produzidas por analogia — tendência que têm as Línguas para reduzir a tipos únicos o maior número possível de palavras: *jouve*, antigo preterito de — *jazer*, analogo a — *houve*, *soube*, etc.; *despeço*, *despeça*, *impeço*, *impeça* — em lugar de *despido*, *despida*, *impido*, *impida* — por analogia com — *peço*, *peça*.

Por analogia as crianças pronunciam *dizi* — por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*. similares a *comi*, *abei*.

Como os substantivos augmentativos em — *ão* — são masculinos, conserva este gênero, por analogia, o substantivo positivo mesmo feminino: *a faca*, *o facão*; *a marquezá*, *o marquezão*. Entretanto os diminutivos são todos femininos: *faquinha*, *marquezinha*.

As alterações sintáticas dependem das alterações morfológicas.

Chamam-se alterações sintáticas as mudanças que sofre a Língua nos vários períodos de sua existência. Altera-se a forma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

A perda dos casos do Latim, modificou a forma da sintaxe correspondente em Português, trazendo o emprego das preposições.

Nota-se: O emprego do verbo — *começar* — seguido da preposição *a*, da preposição *de*, e mesmo sem preposição: *COMEÇOU A fazer grão pranto*. (F. Lopes). *COMEÇOU DE lhe perguntar*. (J. de Barros). *COMEÇOU GANHAR terras*. (Idem). *COMEÇOU elle ENTENDER nas cousas de sua obrigação e officio*. (Idem).

Hoje é mais comum a preposição *a*.

O emprego da preposição *em* antes do gerúndio, substituída actualmente por — *logo que*, *apenas*: *Em se*

*RECOLHENDO* foi recebido de todo o povo. (Fr. L. de Souza); o emprego da preposição — *sem* — antes do gerúndio que hoje não mais se encontra: *SEM CURANDO* doutro instrumento (Fernão Lopes); *lhe por lhes*: *Entre a bôa doutrina que LHE (aos filhos) davam*. (A. Ferreira); o uso da partitiva: *semeia DO junco, emprestai-me DO azeite*. (Gil Vicente); o verbo — *haver* seguido de infinitivo sem preposição: *hei trabalhar, hei morrer de dôr*; as expressões *fazer noute*, *fazer resposta*, *fazer esmolas*, hoje substituídas por — *anotecer, responder, esmolar*; a forma — *udo* — dos participios passados: *perduto, recebudo*.

Nas construções com o verbo — *haver* acompanhado de infinitivo, o pronome que o deve seguir ficava intercalado: *Há SE de avaliar o voto pelos merecimentos; hão SE de abrir e manifestar*. (Vieira).

Os escritores antigos empregavam depois de uma comparação o pronome no caso objectivo: *Porque mataste aquelle mouro que era melhor QUE TI?* (Livro de Linhagens). *Si não fosse como TI*. (Azurara). *Porque sois maior QUE MIM*. (Camões).

Actual e conjuntamente existem, por exemplo, as formas: *O rebanho de ovelhas foi ou foram; mandou lér e mandou que lêsse; mais que e mais do que; saber tudo e saber de tudo; estou certo que e estou certo de que; cumprir com o dever e cumprir o dever; fazer que elle venha e fazer com que elle venha; as povoações parecem ter sido habitadas e parecem ter sido habitadas; pegar a faca, na faca e da faca; presidir a assembléa e á assembléa*.

E' o que se chama *tipos sintáticos divergentes*.

## II

As alterações lexiológicas consistem no arealismo e no neologismo.

« A luta do arcaismo e do neologismo, a oscillação no uso ou desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a estudar na vida litteraria duma lingua e que nos faz comprehender como esta não pode considerar-se nunca fixada. » ( Ad. Coelho ).

As Linguis se alteram no espaço e no tempo tendo de passar de uma fase para outra, sujeitando-se ás variedades dialectaes.

**Arcaismo** é a palavra ou construção que deixou de ser usada na Lingua.

Pôde, assim, ser *lexico* e *sintacticivo*.

As causas do desapparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desapparecimento da palavra pelo desapparecimento da pessôa ou do objecto que ella significava: *adail*, *almotacel*, *alcaide*, *pôle*.

Podemos considerar mais como causa dos *arcaismos lexicos* o sentido obsceno ou torpe que, em virtude da corrupção do sentido, adquire uma palavra: *chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonimia tambem concorre para o arcaismo.:

*Substantivos e adjetivos*: *hereu*, herdeiro; *lidimo*, legitimo; *cuidança*, cuidado; *segre*, seculo; *soffrença*, sofrimento; *avença* ( vivo em *desavença* ), concordia; *arteirice*, astucia; *incrêu*, incredulo; *abisso*, abismo; *coita* ( vivo em *coitado* ), magua, tristeza.

*Verbos*: *endurentar*, endurecer; *attender*, esperar; *emprir*, encher; *jeilar*, ( vivo em *rejeitar*, sujeitar ), lançar; *aprisoar*, prender; *caridar*, acautelar; *conquerer*, conquistar.

*Particulas*: *adur*, apenas; *a juso*, abajo; *entonces*, então; *aramá*, em má hora; *samicas*, por ventura; *car*, porque; *chus*, mais; *cras*, amanhã; *pero que*, ainda que; *ende*, daí; *azinha*, depressa; *acá*, cá; *ontre*, entre; *oxamala*, ai de mim !

Entre os *arcaismos de construção* ou *sintacticos* se pôdem citar: *começou dizer*, uma peça de tempo, fazer uma demanda ( pergunta ); a ênclise dos pronomes no futuro e no condicional; a repetição da negação antes do verbo:

*jamais não viu*; o pronome — *elle* — como objecto directo; *vi elle*, etc.

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira:

« Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra, a idéia que ella significa sendo representada por outra palavra, a geração seguinte conhece-la-á menos ainda e um momento virá em que não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levarão para o tumulo.

E' desta maneira que desapparecem as Linguis: assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescera em Cornualha, desappareceu coim a ultima mulher que o falava no anno de 1821. » ( Darmesteter ).

**Neologismo** é a palavra nova que começa a ser usada na Lingua, ou a palavra já usada na Lingua mas com sentidos novos.

« Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não pode suprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir. » ( Castilho ).

Há, pois, duas especies de neologismos: *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*; isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da lingua, pôde ser formado de linguis estrangeiras pelas combinações dessas linguis e pôde ser, finalmente, introduzido de outras linguis modernas. ( Ad. Coelho ).

São *neologismos de palavras*:

Do 1.º caso: *carambolar*, *bilontra*, *praieiro*, *setembrista*, *telefonar*, *revolverar*, *abrilada*, *sabinada*, *velivolo*, *solipsismo*.

Do 2.º caso: *barometro*, *telegrafo*, *termometro*, ( grego ), *quermesse* ( hollandez ), *caroba*, ( tupi ).

A formação destas palvras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hbridismo*.

Do 3.<sup>o</sup> caso: Neologismos franceses, — *bouquet*, *soirée*, *matinée*, *adresse*, *atelier*, *carnagem*, *debutar*.

Neologismos ingleses: — *club*, *whist*, *juri*, *rail*, *goal*, *rosbife*.

Italianos: — *soneto*, *allegro*, etc.

O emprego destes neologismos, que ainda não estão consagrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a origem, tem o nome de *gallicismo*, *hellenismo*, *anglicismo*, etc., de que particularmente trataremos.

Ao Dr. Castro Lopes, devemos muitos neologismos: *convescote* em lugar de *pic-nic*; *preconnicio* em lugar de *reclame*; *concião* em lugar de *meeting*; *nasoculos* em lugar de *pince-nez*, etc.

São neologismos de significação, os *tropos*, dos quais são mais importantes: *metáfora*, *sinédoque* e *metonimia*.

**METÁFORA** é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar outra figurada.

Aproxima dois objectos materiaes — *serra* (montanha), *serra* (instrumento), *folha* (de papel), e *folha* (de arvore); aproxima um facto moral ou intellectual de um facto material a que dá nome: *ceder a alguém* e *uma porta cedeu à pressão*.

Exprime idéas abstractas por nomes de objectos concretos: *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar); *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

São casos communs da metáfora, as frases: *este general é um leão*; *esta velha é uma jararaca*; *o fogo do amor*; *raio de esperança*, etc.

Quando a metafora é empregada por necessidade, pois que a idéa não pôde ser expressa por um termo proprio, toma o nome de *catacrese*: *Pé de mesa*; *andar a cavalo num burro*; *embarcar no trem*; *chumbar um dente a ouro*, etc..

**SINÉDOQUE** é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela especie e vice-versa — confissão no sentido de *confissão religiosa*, homem no sentido de *humanidade*; o plural pelo singular e vice-versa — as santas escrituras — por — *um livro das santas escrituras*; proteger o orfam — por — *os orfãos*; o todo pela parte e vice-versa — *um quadro* — pelo — *assunto que o quadro representa*; *uma vela* — por — *um navio*; o nome appellativo pelo proprio e vice-versa — o imperador — por — D. Pedro 2.<sup>o</sup>; *um Judas* — por — *um traidor*. Há quem dê a este ultimo caso o nome de *antonomásia*.

**METONIMIA** é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que com ella tem relação de conexão, ou successão.

Emprega a causa pelo effeito e vice-versa — o trabalho — por — *a acção de trabalhar*; ganhar a vida — por — *ganhar os meios de vida*; não ter sombra — por — *não ter arvore*; o continente pelo conteúdo e vice-versa: beber uma chicara de chá — por — *beber o chá que está contido na chicara*; a escola — por — *o edificio em que a escola funciona*; o lugar pelo producto — *beber Champanhe* — por — *beber o vinho feito em Champanhe*; o signal pela cousa significada — *o trono e o altar* — por — *a realeza e a religião*; o nome abstracto pelo concreto — *fazer caridade* — por — *fazer actos de caridade*; o inventor pelo invento e o autor pelas obras — *um Victor Meirelles* — por — *um quadro de Victor Meirelles*; *lêr Camões* — por — *lêr as obras de Camões*.

O neologismo, diz Arsène Darmesteter, é uma planta que para viver deve firmar suas raizes no maior numero possivel de espíritos. Uma vez adoptados pelo uso geral, os neologismos têm direito de cidadade, as metaforas se consagram e ninguem pôde muda-las.

E' preciso que a palavra seja necessaria na circunstancia dada e que seja a expressão mais nitida e forte da idéa a representar. Nessas condições merece durar e durará; é por audacias similhantes que os nossos grandes escritores enriqueceram a Lingua.

— *vi-o*; *proposital* — por — *propositado*; *aluga-se casas* — por — *alugam-se casas*; *tocalha* — por — *tocaia*; *preferir an-*  
*co de vela* — por — *coto de vela*; *fazem dois dias* — por —  
*faz dois dias*; *eu lhe amo* — por — *eu o amo*.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia atheniense na Sicilia, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão: — *falar como um habitante de Soles* — era o mesmo que commetter um erro de grammatica. (Barata).

**Barbarismo** é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras Linguis.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *lati-*  
*nismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos*, etc., con-  
 forme têm origem no francez, latim, alemão, grego,  
 inglez, etc.

Destes os mais empregados em Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos pôdem ser *lexicos* e *sintacticos*.

**Lexicos**, são os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francezas: *bouquet* (ramalhete); *comité* (sociedade, junta, commissão); *chefe d'obra* (obra prima); *toilette* (toucador); *complacente* (obrequisoso, attento); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, cantoneira); *constatar* (comprovar, documentar); *aclimatar* (aclimar); *debutar* (estreiar); *adresse* (endereço); *croquis* (esboço); *supercheria* (velhacaria); *coquetismo* (garridice); *nuanças* (cambiantes); *evoluir* (evolver).

Para substituir alguns gallicismos, o dr. Castro Lopes apresentou palavras formadas regularmente na propria Lingua ou com o fundo latino:

*Avalanche* — runimol.  
*Menu* — chardapio.

*Cachenez* — focale.  
*Enveloppe* — sobrecarta.

**Vicios de linguagem** são certos modos de dizer contrarios ás leis da grammatica e que alteram a clareza, a harmonia e a exactidão das construções.

Estes vicios se dão relativamente á construção da frase, e tambem relativamente á bôa harmonia.

São causas destes vicios a ignorancia do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vicios de construção: o *solecismo*, o *barbarismo* e a *anfibologia*.

O *solecismo* é erro, o *barbarismo* e a *anfibologia* são simples vicios que se pôdem tolerar mas que se devem evitar, quanto possivel.

**Solecismo** é o vicio resultante da construção errada e má da frase: *HOUVERAM mortes* — por — *HOUVE mortes*; *tu SOIS* — por — *tu és*; *PERCA* — por — *PERDA*; *HADES* — por — *HAS DE*; *não partas sem EU* — por — *sem MIM*; *ninguem NÃO fala* — por — *ninguem fala*; *muito pessimo*, *tão santissimo*; *eu me lembra de ter visto* — por — *eu me lembro de ter visto*; *púdico* — por — *pudico*; *não faze* — por — *não faças*; *sastifeito* — por — *satisfeto*; *vi elle* — por

*Abat-jour* — lucivelo.  
*Charivari* — peniludio.  
*Carnet* — choribel.

*Robe de chambre* — roelô.  
*Calembourg* — anciverbio.  
*Matinée* — festimana.

**Sintacticos**, são os que se referem ao emprego desnecessario de construções fracezas.

Os mais conhecidos são os seguintes:

O abuso dos pronomes pessoaes antes dos verbos:

*Si EU conseguir o que EU desejo EU ficarei contente.*

O emprego de frases como: *abordar uma questão* — por — *abeirar-se d'ella, toca-la de lere; não se o diz* — em vez de — *não o dizemos; a moça a mais bonita da cidade* — por — *a mais bonita moça da cidade; é por isso que os moços erram* — em vez de — *por isso é que os moços erram; respeito pela opinião alheia* — em vez de — *respeito á opinião alheia; me dizia eu* — em lugar de — *dizia eu comigo mesmo, dizia eu para mim, dizia eu entre mim;* o emprego de — *que* — em certas frases em lugar de — *quando* — *que deve ser repetido: Quando os mèdos se aquietavam e QUE elle se decidia a transpor o limiar; a frase erigiu-se em critico* — por — *constituiuo-se; guardar o leito* — por — *e. lar de cama; o livro em questão* — por — *o livro de que se trata, etc.*

Outros há referidos no *Glossario* de D. Francisco de S. Luiz:

O uso da preposição *a* — por — *de: desprezo ás formalidades legaes* — por — *desprezo das formalidades legaes; ameaçado a perder a vida* — por — *ameaçado de perder a vida.*

O uso da preposição *de: vêr-se obrigado até de implorar a desgraça* — por — *vêr-se obrigado até a implorar; rogou de a deixar* — por — *que a deixasse.*

O uso da preposição *por: juramento de fidelidade pelo principe* — por — *juramento de fidelidade ao principe; inclinação pelas letras* — por — *inclinação ás letras.*

O uso da preposição *em: falar em filosofo* — por — *falar como filosofo; disse em mim mesmo* — por — *disse comigo mesmo; movel em castanho, imagem em barro, vestido em sêda* — por — *movel de castanho, imagem de barro, vestido de sêda.*

O uso da preposição *sobre: tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto* — por — segundo a forma, conforme o modelo; *ganhar terreno sobre o inimigo* — por — *ganhar terreno ao inimigo.*

**Latinismo** é o emprego desnecessario de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos* e *sintacticos*.

Entre os latinismos *lexicos* podemos contar:

*Gleba* — por — *torrão; temulento* — por — *embriagado; mesmeidade* — por — *identidade; incapilado* — por — *calvo; jugular* — por — *degolar.*

Os latinismos *sintacticos* consistem nas inversões pouco comprehensiveis das palavras na oração como nos muito conhecidos versos de Mousinho:

*Entre todos com o dedo eras notado.*

*Lincos moços de Arzila em galhardia.*

Era commun essa inversão no seculo XVI.

**Anfibologia** é o vicio resultante do emprego de construções com sentido duplo, que se tornam por isso obscuras.

*Ama o poro o bom rei e é delle amado. (Ferreira).*

... que em terreno

*Não cabe o altivo peito tão pequeno.*

*Camões.*

*Leonardo...*

*A quem amor não déra um só desgosto  
Mas sempre fôra c'elle maltratado.*

**Idem.**

**II**

Os vicios referentes á bôa harmonia das palavras na frase são:

**Cacofato ou cacofonia** é o vicio resultante do concurso de sillabas que fórmam um termo rude ou obsceno: *Quem ME JÁ déra.* (Castilho). *COMO ELLA TINHA.* (Camillo).

**Hiato** consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas: *Mandou o AIO Á AULA.*

**Eco** consiste no concurso de sons identicos: *De longe VENHO porque TENHO EMPENHO de te vêr.*

**Collisão** consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como: *rr, ss, zz: De modo que dali si só se achára.* (Camões). *Zunindo as azas azues. Rebrama o trovão tetrico.* (Castilho).

*Raivoso o rato roia  
O rabo do rodovalho  
E Rita Rosa Ramalho  
Do rato roer se ria.*

( Popular ).

A collisão deixa de ser vicio e antes se torna belleza, quando propositadamente se reunem certas palavras, para imitar a propria cousa ou o acto por ellas significado. E' o que se chama *onomatopéia*.

**XV**

## **Idiotismos**

**I**

**Idiotismos** são factos peculiares a uma Lingua.

Muitas vezes os idiotismos não são susceptiveis de analise pelos preceitos grammaticae.

São anomalias sintacticas, construções especiaes, quasi sempre contrarias ás regras da grammatica, mas que embellezam, adornam a Lingua.

Há fenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. ( Seewt ).

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes:

O uso do infinitivo pessoal; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos; a locução *eu parece-me* em lugar de *quanto a mim parese*, empregada por Garrett: *A's apalpadelas quanto aos periodos EU PARECE-ME.*

E' tambem idiotaismo o emprego do plural de certos nomes com significação differente do singular: *liberdade, liberdades; graça, graças;* a mudança do sentido pela mudança de genero: *o cura, a cura; o lente, a lente,* etc.

Além destes casos há certos modos de falar usados commumente na Lingua que se pôdem classificar de idiotismos. Em outros casos aparecem palavras que são verdadeiros expletivos.

Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçação de mim. Eu é que disse. A's escondidas, ás cégas. Ditosa della. Feliz de quem morre. Vós é que fostes. O bom do amigo. Quasi que morria. Era a mim que os soldados procuravam. Desde ontem que vos procuro. Eu é que não estou para isso. Eu cá me arranjo. Do que me admiro é disto (o de que me admiro...)

## II

**Provincialismos** são certos vicios especiaes a uma província, a uma circunscrição territorial.

No Pará onde a pronuncia é muito acastelhanada, há o vicio da troca do ô por u: *Canua*, *pupa*, etc., por *canôa*, *pôpa*.

Os Maranhenses tambem dizem: *murrer*, *curro*, *churar*.

No Ceará as sillabas — al, el il, ol, ul — são pronunciadas valendo — u — o — l — final: *sáu* (sal); *papéu* (papel); *aniu* (anil); *lençóu* (lençol); *azúu* (azul).

Em Pernambuco — l — é trocado por — r: *cargada* (calçada).

Na Bahia: *muler*, *coler* — por — *mulher*, *colher*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de se dizer: *inclinô* por *inquilino*; *imp'rador*, *exc'llencia*, *imp'rial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente; o lh não sôa na pronuncia: *teiado*, *miio* por *telhado*, *milho*; g — vale — djê: *djente* (gente).

No Rio Grande do Sul dizem: *dê noite*, *dêpressa*, *dê longe*.

Muitas dessas pronuncias se observam mais nas classes baixas, atrasadas.

Relativamente a Portugal notamos:

Em Lisboa o s final tem o som de x: *Achaxtex* e *tumaxtex extex cuxtumex la* por *ond'andaxtex*; e pronunciam:

*fichar*, *ristante*, *isame*, *tod'ó dia*, *menza*. Fazem ditongo em *rio*, *frio*, *Rocio*.

No Porto pronunciam: *cravão*, *baim*, *laite*, *baijo*.

Na Beira dão ao ch o som de tch: *A tchave de tchumbo caiu no tchâo*.

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um i ao o fechado: *coive*, *oivir*, em lugar de *couve*, *ouvir*, e mudam o b pelo v e vice-versa, como os Minhotos..

No Algarve pronunciam ei como ê: *lîte*, *azête*; trocam o e pelo i: *pidir*, *pidaco*.

Em Coimbra há a intercalação de um -- i — para evitar o hiato: *a-i alma* (a alma); *a-i agua* (a agua).

Nas provincias do Norte de Portugal o som nasal nas sillabas tonicas é aberto: *óntem*, *solénne*, *témé*, *fómé*.

Nas ilhas dos Açores e da Madeira mudam o — o — tonico em — u —: *bum*, *flur*, *amur*, ( bom, flôr, amor ); o ditongo — eu — é pronunciado — ei: *mei pai*.

Para maior elucidação deste ponto, consulte-se o *Idioma do Hodierno Portugal com o do Brasil, por um brasileiro* (Paranhos da Silva) e o recente trabalho *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de J. Leite de Vasconcellos que nos forneceram muitos destes exemplos.

## III

**Brasileirismos** são modos de falar peculiares aos brasileiros. Pôdem-se dar não só nas palavras como nas frases.

Os 1.<sup>os</sup>, chamados *lexicos*, se referem aos termos de origem tupi-guarani, africana e proprios do Brasil.

Podemos citar:

## VOCABULOS BRASILEIROS

*Aipim* — mandioea

*Amolador* — massante

*Jacá* — cesto

*Muxoxo* — estalo com os labios

*Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçação de mim. Eu é que disse. A's escondidas, ás cegas. Ditosa della. Feliz de quem morre. Vós é que fostes. O bom do amigo. Quasi que morria. Era a mim que os soldados procuravam. Desde ontem que vos procuro. Eu é que não estou para isso. Eu cá me arranjo. Do que me admirô é disto ( o de que me admirô... )*

## II

**Provincialismos** são certos vicios especiaes a uma província, a uma circunscrição territorial.

No Pará onde a pronuncia é muito acastelhanada, há o vicio da troca do ô por u: *Canua, pupa*, etc., por *canôa, pôpa*.

Os Maranhenses tambem dizem: *murrer, curro, churar*.

No Ceará as sillabas — al, el il, ol, ul — são pronunciadas valendo — u — o — l — final: *sáu* ( sal ); *papéu* ( papel ); *aniu* ( anil ); *lençóu* ( lençol ); *azúu* ( azul ).

Em Pernambuco — l — é trocado por — r: *carçada* ( calçada ).

Na Bahia: *muler, coler* — por — *mulher, colher*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de se dizer: *inclinô* por *inquilino*; *imp'rador*, *exc'llencia*, *imp'rrial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente; o lh não sôa na pronuncia: *teiado, mijo* por *telhado, milho*; g — vale — djê: *djente* ( genê ).

No Rio Grande do Sul dizem: *dê noite, dépressa, dê longe*.

Muitas dessas pronuncias se observam mais nas classes baixas, atrasadas.

Relativamente a Portugal notamos:

Em Lisboa o s final tem o som de x: *Achaxtex e tu-maxtex extex cuxtumex la* por *ond'andaxtex*; e pronunciam:

*fichar, ristante, isame, tod'ô dia, menza. Fazem ditongo em rio, frio, Rocio.*

No Porto pronunciam: *cravão, baim, laite, baijo*.

Na Beira dão ao ch o som de tch: *A tchare de tchumbo caiu no tchâo*.

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um i ao o fechado: *coive, oivir*, em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o b pelo v e vice-versa, como os Minhotos..

No Algarve pronunciam ei como ê: *lête, azête*; trocam o e pelo i: *pidir, pidaço*.

Em Coimbra há a intercalação de um -- i — para evitar o hiato: *a-i alma* ( a alma ); *a-i agua* ( a agua ).

Nas provincias do Norte de Portugal o som nasal nas sillabas tonicas é aberto: *óntem, solénne, téme, fóme*.

Nas ilhas dos Açores e da Madeira mudam o — o — tonico em — u —: *bum, flur, amur*, ( bom, flôr, amor ); o ditongo — eu — é pronunciado — ei: *mei pai*.

Para maior elucidação deste ponto, consulte-se o *Idioma do Hodierno Portugal com o do Brasil, por um brasileiro* ( Paranhos da Silva ) e o recente trabalho *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de J. Leite de Vasconcellos que nos forneceram muitos destes exemplos.

## III

**Brasileirismos** são modos de falar peculiares aos brasileiros. Pôdem-se dar não só nas palavras como nas frases.

Os 1.<sup>os</sup>, chamados *lexicos*, se referem aos termos de origem tupi-guarani, africana e proprios do Brasil.

Podemos citar:

## VOCABULOS BRASILEIROS

*Aipim* — mandioca

*Amolador* — massante

*Jacá* — cesto

*Muxoxo* — estalo com os labios

*Arrelia* — birra  
*Cogote* — cachaço  
*Calombo* — caroço  
*Cuia* — vasilha

*Pereba* — feridinha  
*Pinho* — viola  
*Quicé* — faca pequena  
*Temero* — temerario

## VOCABULOS TUPIS-GUARANIS

*Capim* — herva  
*Caipora* — ser fantastico  
*Goiaba* — fruta

*Jacaré* — réptil  
*Pucuman* — fuligem  
*Taba* — aldeia

## VOCABULOS AFRICANOS

*Batuque* — dansa  
*Carimbo* — marca, signal  
*Malungo* — companheiro

*Mucambo* — casa  
*Quijila* — antipatia  
*Senzala* — choupana para escravos

Os 2.<sup>os</sup>, chamados *sintacticos*, se referem ás frases, ás construções especiaes empregadas pelos brasileiros.

Entre os mais notaveis, podemos citar os modos de dizer do povo:

*Beber um trago de aguardente.*

*Levar taboca ou de tábua* ( não conseguir o que deseja ).

*Tomar chá com alguem* ( zombar ).

*Bater a bota ou esticar a canella* ( morrer ).

*Com pouco* ( pouco tempo depois ).

*Crescer para* ( aggredir ).

*Cigarrar* ( fumar — em Minas ).

*Cascar um boi* ( esfolar — no Ceará ).

*Melar* ( derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço — na Bahia ).

*Havia um despotismo de gente* ( quantidade ).

*Um par de laranjas* — ( quantidade — em S. Paulo ).

*Já estava lá velho; elles estão fala falando; um pão cabeça* ( poupar, acarinhar ). ( Norte ).  
*Estar coisando no almoço*, ( cuidando, em Sergipe e na Bahia ).

*Abombar*, ( estafar o animal ); *abugrado*, ( com parença de bugre, indio ); *afivelar o negocio*, ( firmar, ajustar, no R. G. do Sul ).

O uso da preposição — *em* — quando os Portuguezes empregam — *a*: *Andar no sol* — *Andar ao sol*.

O gerundio pelo infinitivo, empregado em Portugal:  
*Saiu a correr* — *Saiu correndo*.

*Emprestar de alguém* — em lugar de — *tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção: *O homem que estive com elle* — por — *com que*, etc. Gonçalvez Viana cita Camões: *Que como a flor que a terra lhe nega seu nascimento* — em lugar de — *a que a terra*. E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte: *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle*. ( Revista Lusitana ). Assim, aquella construção não deve ser mais considerada brasileirismo, como dizem algumas grammaticas.

O emprego de — *mais* — por já: *O doente não fala mais* — por — *o doente já não fala*.

O emprego do pronome — *lhe* — como objecto directo: *Amo-lhe* — por — *amo-o* ( Norte ).

A collocação indevida dos pronomes complementos: *Me parece; que disseram-me; quando viu-se perdido; não conheço-os*.

A regencia para mim, para ti: *Para mim ver* — por — *para eu ver* ( Sul ).

A preferencia das construções: *Estou com fome, estou com sede*, ás fórmulas: *Tenho fome, tenho sede*.

O emprego da preposição *em* — por — a: *Chegou na janella* — por — *chegou á janella*. *Vou na loja* — por — *vou á loja*.

São estas as variantes que cada vez mais profundamente vão cavando o sulco que separa a Lingua portugueza da falada no Brasil, fazendo crêr constituir esta um dialecto.



## XVI

### Pontuação

**Pontuação** é o conjunto de signaes ou simbolos que auxiliam a comprehensão do sentido do texto quando reduzido a escrito.

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cicero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde a pontuação estar sujeita a regras rigorosas; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

« E' a pontuação parte mui capital da ortographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma-o Castilho.

« Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente. »

Os signaes de pontuação, tambem chamados *notações sintacticas*, são: *virgula*, *ponto e virgula*, *dois pontos*, *ponto e alinea* que determinam as divisões das partes do discurso; *pontos de reticencias*, *ponto de interrogação* e *ponto de admiração* que exprimem movimentos d'alma; *hifen*, *aspas*, *parentese* que se destinam á clareza dos manuseritos.

*Nota.* As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMATICA PORTUGUESA de João Ribeiro que, por sua vez, declara ter seguido para seu desenvolvimento a GRAMMATICA de Delboeuf e Roersck.

**A virgula** emprega-se:

1.º Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto — e —: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.º Para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é exienso: *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta.

Por motivo identico pódem ser separados os adjuntos não essenciaes: *O notavel tragicó nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

3.º Nas inversões: *Dos homens de má fé, não quero ocupar-me.*

4.º Quando a proposição é elíptica: *A verdade é clara; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas:

1.º A apostrofe, a invocação: *Tu, ó CATILINA, conjuraste. Vinde, SENHOR, soccorrer os pobres.*

2.º As palavras intercaladas, as conjunções pospositivas e as clausulas adjectivas quando são explicativas: *Napoleão, o PRIMEIRO, venceu a Europa. Deixemos, PORÉM, as narrações para depois. O sol, QUE TUDO ALUMIA, tambem alumia as choupanas.*

Quando forem restrictivas levam apenas uma virgula: *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

**O ponto e virgula** emprega-se:

1.º Para marcar series de series e opozições de idéas:

*Amor, indifferença; odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.*

*A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.*

2.º Para separar as proposições coordenadas extensas: *O jornal é um producto de civilização moderna; dá as notícias, de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.*

**Os dois pontos** empregam-se:

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento: *As virtudes teologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.*

**O ponto** emprega-se:

No fim do periodo para indicar o sentido concluido.

**A alinea** emprega-se:

Para distinguir os diversos grupos de idéas do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distintos:

*Trataremos de tres estudos:*

1.º *Da psicologia.*

2.º *Da logica.*

3.º *Da moral.*

**As reticencias** empregam-se:

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase:

*Mas morra, enfim, nas mãos das brutas gentes  
Que pois eu fui... E nisto de mimosa  
O rosto banha em lagrimas ardentes.*

Camões.

**O ponto de interrogação** emprega-se:

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indireto:

*Queres ir?*

*Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.*

**O ponto de admiração** emprega-se:

No fim de uma exclamação:

*O' gloria de mandar, ó vã cubixa  
Desta vaidade a que chamamos fama!*

Camões.

Alguns escritores costumam empregar invertidos, no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração:

*Que cousa é a gloria? / Como és bella!*

O hifen emprega-se:

1.º Para separar sillabas; vocabulos juxtapostos e quaequer grupos de palavras:

*A-mi-za-de.*

*Contra-mestre.*

*Dir-te-ei.*

*A velhice — periodo de desengano — tem a sabedoria da experincia.*

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor:

*— Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

O parentese emprega-se:

Para separar uma proposição intercalada que não mantem relações sintacticas com a frase:

*Eu só com meus vassallos e com esta  
(E dizendo isto arranca meia espada).*

Camões.

As aspas empregam-se:

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor:

*Os Lusiadas* começam por este verso:

*« As armas e os barões assignalados. »*



## Classificação das Linguas

### ORIGEM, HISTORIA E FORMAÇÃO DA LINGUA PORTUGUEZA

### Periodos da Lingua Portugueza

### SEMANTICA

### NOÇÕES DE ESTILO

## Classificação das Linguas

Varias são as classificações a que os sabios têm submettido as Linguas.

As mais communs são: a classificação *geografica*, a *etnologica*, a *literaria*, a *psicologica* e a *morfologica*.

Pela classificação *geografica* imagina-se que cada raça dominasse em certo e determinado territorio e tivesse uma só Lingua primitiva: attende á sua distribuição geografica: *Linguas da Europa, da America, etc.* E' uma classificação defeituosa porque o dominio de uma Lingua não se limita a um territorio e se pode estender a varios continentes, como acontece com o *portuguez*, o *árabe*, o *grego*, etc.

A classificação *etnologica* aproxima a Lingua da raça ou, pelo menos, do povo que a fala. Para se vêr a deficiencia desta classificação basta attender a que as Linguas não coincidem com as raças.

A classificação em *linguas literarias e populares*, *linguas cultas e incultas* não abrange a Lingua em sua estructura intima, mas se funda num facto inteiramente exterior, na existencia ou não de uma literatura.

A classificação *psicologica* em *Linguas formaes e sem formas* firma-se na maneira por que as Linguas exprimem as operaçoes psiquicas.

A classificação hoje mais commum e geralmente aceita é a classificação *morfologica*, proposta por Frederico Schlegel, e que tomou por base a estructura das Linguas.

Assim temos:

*Linguas monossyllabicas*, em que a frase se compõe de raizes simples, monossyllabicas. A posição da palavra na frase indica as suas variadas funções. As palavras são monossyllabos que se juntapõem. O tipo dessas Linguas é o *chinez*.

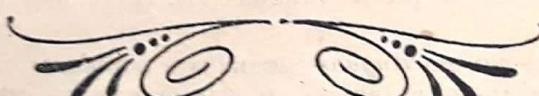
*Linguas aglutinantes*, em que as raizes perdem a sua independencia, modificam-se e se unem a outra raiz mais importante que fica inalteravel, intacta e que exprime a idéia fundamental. Os tipos destas Linguas são: o *basco*, o *turco*, as dos *indigenas da America*.

Línguas de flexão, em que as raízes indicam varias relações e juntas, ambas se modificam e soffrem alteração, como: as *Línguas indo-europeias, as indo-asiáticas.*

As Línguas *indo-asiáticas* abrangem: o *hebreu*, o *arameu*, o *caldeu*, o *siriaco*, o *assírio* e o *arabe*.

As Línguas *indo-europeias* abrangem: o *sánscrito*, o *zendo*, o *persa*, o *celtico*, o *lituanio*, o *germanico*, o *slavo*, o *grego*, o *latin*.

Ao *latin* se ligam as Línguas denominadas: *novo-latinas* ou *românicas*: *portuguez* e *espanhol* faladões na península ibérica; *provencal* e *frances* falados em França; *ladino*, ou *rhetico*, ou *grisão*, falado na Suíça oriental (cantão dos Grisões) e Tirol occidental; *italiano*, falado na Itália; *rumeno*, ou *valaquio*, usado pelos povos que habitam a bacia inferior do Danubio.



## Origem da Lingua portugueza: o Latim

A Lingua portugueza pertence á classe das Línguas indo-europeias e ao ramo itálico.

A's Línguas deste ramo dá-se o nome de novo-latino ou românicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de acordo que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais pôdem ser comparadas á raça germanica, a slava, etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião geral, os iberos, de origem misteriosa, que se achavam situados numa região á margem do Iberus, hoje Ebro.

Os segundos não se pôdem bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os persas.

Após, como diz Estrabão, vieram os fenicios, 2000 annos antes de J. C.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos Pirineus, constituindo não centros que pudessem ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os hábitos da vida barbara.

Os celtas juntaram-se aos iberos e formaram o povo chamado — celtibero.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo ocuparam os gregos grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a península.

Dai vem o alfabeto fenicio comunicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo, a familia cartaginéza dos Barcas, oriunda dos fenicios, dominou na Espanha aquem do rio Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal levou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio Scipião que, após alguns incidentes de guerra, estabeleceram definitivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Como diz Leite de Vasconcellos, « os romanos vieram para a Península no seculo III A. C.; os mais antigos testemunhos históricos das lutas delles com os Lusitanos datam do anno de 193 A. C. »

Dois séculos de guerra forma necessários, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição dos romanos.

Exemplos de valente resistência nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem romanizado aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e conseguintemente sua Lingua, o que logo começou a verificar-se, como informa Estrabão quando diz que « os Turdetanos, mórmente os ribeirinhos do Betis, adoptaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembravam da propria lingua. »

A Lingua latina popular, vulgar, com facilidade se espalhou como já o fizera em outras terras conquistadas.

Em tempos afastados o Latim era uma Lingua sem importância, antes um dialecto falado no Lacio, pequeno distrito á margem do Tibre, na peninsula da Italia. Crescendo de valor, tornou-se a Lingua dominante em toda a Italia e foi levada pelos romanos aos paizes por elles conquistados.

Quando os godos entraram na Espanha, nenhuma diferença havia entre iberos e romanos; antes, adoptados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Espanha visigotica. ( Leoni ).

O grande segredo da política romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma província era conquistada, empregavam dois meios para conserva-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á fronteira; uma vez isolado o paiz conquistado de toda influencia exterior, instituiam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistencias locaes, impunham aos vencidos a lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituidos por colonos ou libertos vindos de Roma. ( Aug. Brachet ).

Roma, sacudindo da peninsula iberica o domínio cartaginez, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indígenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e acresce que celtas, celtiberos e turdetanos se identificaram com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças se juxtapuzeram gradualmente, coabitaram e se fundiram, o que era tanto mais fácil quanto havia certa unidade étnica entre celtas e os povos da Italia Central.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adoptaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indígenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adoptaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro, o Portuguez. ( Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. Apud Sayce ).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquitado aos seus próprios actos, contribuiu de modo inevitável para a latinização da peninsula. E, segundo diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros donde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticae.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol:

A Espanha foi a segunda patria da literatura latina.

Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Latro e Quintiliano eram todos espanhóes.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigara a civilização romana na peninsula e em nenhuma outra parte, depois da Italia, os seus efeitos foram tão intensos.

Ou fosse porque a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela docura de sua facil pronunciaçao, é certo que a portuguesa possue da Lingua romana grande numero de termos. ( Barata ).

No tempo de D. João I grande era o sabor a Latim que ella mostrava.

Damos um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

*Hoec est notitia de particon e de divison que fazemos entre nos, dos erdamentos que foram de nosso padre. ( Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI ).*

E mais o seguinte epitafio que vem em João Franco Barreto:

*Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos missio, Occidit omnes que quiso. ( Orthographia da Lingua Portugueza ).*

Eis um excerpto dos *Discursos varios politicos de Severim de Faria*:

*O' quam glorioas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingoa lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflamas, quam altas victorias procuras, quam*

*celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroceis insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.*

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusáveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na península, attestara-nos seu predominio pacifico e de muitos séculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aquedutos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. ( Leoni ).

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua Lingua, nem mesmo faziam oposição a que elles empregassem a propria Lingua.

\* Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos. \*

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de impostos, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a Lingua necessaria.

O que prova ser mais a Lingua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem imediatamente do Latim.

As particulares são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a Lingua.

Terminamos com Leoni ainda:

\* A nossa primitiva organização social é toda romana, o caracter distintivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tão lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á mesa, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; muitas supersticoes, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, as figas penduradas pelas mãis ao pescoço das creanças para livral-as do quebranto, tudo nos veio dos Romanos. \*

A Lingua latina tinha em Roma duas fórmas: a *classica* em que foram escritas as obras literarias dos poetas e dos prosadores romanos, a antiga Lingua do Lacio, e a *vulgar*, falada pelo povo, alterada pela pronuncia e de um vocabulario mais restricto.

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania — *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris* —

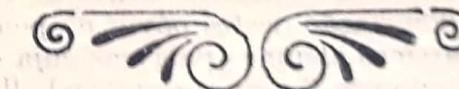
a Lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor: a pronunciaçao da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi somente no reinado de D. Diniz que a Lingua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antonio Ennes; antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, écos longinquos da lira provençal.

*Uma lingua tão dura como as armas*, na frase de Filinto Elísio, é, diz Antonio Vieira, rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.

E' uma lingua de que bem o affirma o immortal Camões:

« Com pouca corrupção crê que é latina. »



## Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

Lexico ou, vulgarmente, dicionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma Lingua.

A Lingua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da Lingua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Póde-se dizer com maior verdade que o Portuguez é a transformação do Latim popular.

Salvo pequenas excepcões, relativamente ás fórmas e talvez aos tipos sintacticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o domínio de nossa Lingua, depois de ella constituída, no seculo XIII, palavras francesas, italianas, allemãs, gregas, inglezas, etc., sendo que, antes de sua constituição, adquirimos muitos termos do arabe, e do germanico por causa da dominação destes povos na peninsula espanica.

Succintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas Linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glottologia*, de Adolpho Coelho.

Temos palavras originadas de Linguas faladas na peninsula antes do Latim e que se pôdem considerar hispanicas: *brisa* ( brisa ), *cervesia* ( cerveja ), *gurdus* ( gordo ), *canthus* ( canto ), *cuniculus* ( coelho ), e o suffixo — *arro* — que apparece em *canzarrão*.

Do elemento fenicio parece só nos ter ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos afirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou posteriormente, durante o domínio romano: *anco* ( canto, angulo ), *bolsa* ( pelle preparada ), *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* ( saco ), *calma*, *chata*, *caravella*, ( especie de navio ).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras Linguas romanicas: *colla*, *golfo*, *pagem*; outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscarra enumeramos: *aba*, *charco*, *esquierdo*, *mandrião*.

Das Linguas celtas, cuja analise é muito obscura, há: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*, *tona*.

Depois do domínio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico. Destacam-se, como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras de introdução moderna. Dentre elles citaremos: *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estribo*, *fita*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *jardim*, *loja*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*; termos nauticos e de posições geograficas, como: *bote*, *bordo*, *canôa*, *sul*, *norte*, *leste*, *oeste*. Póde-se acrescentar o suffixo — *ardo*: *bastardo*, e o suffixo — *engo*: *realengo*, *solarengo*.

De introdução moderna temos: *bismuto*, *cáparoza*, *quartz*, *valsa*, *zinco*.

A Lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórmemente em termos referentes á vida fisica, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado dessa Lingua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se: *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almoocreve*, *alvigaras*, *armazem*, *ataude*, *azeviche*, *borzeguim*, *fatia*, *fulano*, *jarra*, *oxalá*, *tarraja*, *xadrez*, *zagal*, etc.

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, dentre as quaes destacamos as de origem espanhóla.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar: *bolero*, *espadilha*, *eldourado*, *fandango*, *seguidilha*, *zarzuela*.

Do elemento cigano: *calão*, *pirar* ( andar ).

Por intermedio da Lingua francesa que forma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celtas e germanicas.

O elemento frances actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuimos muitos neologismos ingleses, gregos e até italianos.

Assim, encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos franceses, como: *chapéu*, *chaminé*, *chefe*, *espirito* ( graçs, chiste ), *etiqueta*, *fichú*, *sangue-frio*.

Os termos mais recentes conservam a ortografia da Lingua: *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise-en-scene*, *soirée*.

Dos elementos italianos possuimos os que se referem á arte, á literatura: *adagio*, *bagatella*, *bandido*, *bussola*, *caratina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *violão*.

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos de ferro, marinha, cozinha, como: *cheque, clube, crupe, dandi, joquei, juri, panfleto, revolver, tunnel, rosbife, esporte, pudim, lanche.*

Das Linguas escandinavas: *fiorde, saga, niquel.*

Do russo: *czar, esteppe, rublo, cossaco.*

Do hungaro: *hussardo, sabre.*

Do polaco: *polca, mazurca, caleça.*

Do turco: *horda, odalisca, turbante, quiosque.*

Das Linguas americanas muitos são os termos de historia natural: *ananaç ( tupi ), caipira ( tupi-guarani ), carioca ( idem ), condor ( quichua ), cotia ( tupi ), furacão ( caraiba ), pirão ( tupi ), tapioca ( tupi ).*

Das Linguas africanas encontramos: *banza, batuque, capeta, macaco, mandinga, marimba, moleque, senzala.*

Das Linguas asiaticas: Do persa: *caravana, chacal, divan, pagode, paraíso, magica.*

Do indiano: *tufão, nababo, pária, cachemira.*

Do malaio: *bambú, beliche, orangotango, sagú, manga ( fruto ).*

Do sánscrito: *carmesim.*

Do hebraico: *alleluia, amen, hosana, pascoa, rabino, sábado, serafim.*

Do japonez: *bombo, bonzo, catana, chavena.*

Além destas palavras, tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como: *arminho ( da Armenia ); baioneta ( de Bayonna ); boemio ( da Bohemia ); parati ( aguardente feita em Paraty ); cajurubeba, ( de cajú e jurubeba ); cambraia ( de Cambrey ); catilinaria, guilhotina, maquiavelismo, verrina, e os formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.*

Possue tambem outros termos de ficção literaria: *Quixote, tartufo, polichinello, harpia, utopia; de mitologia e crença: argos, homérico, vulcânico, marcial, amoniaco, hermético, bacanal, automedonte, adonis, labirinto, mausoléu.*

De tudo quanto acabamos de dizer, se conclue que a maior parte do nosso lexico é composta de grande numero dos elementos referidos, acrescendo a estes os termos propriamente brasileiros, sobreponjando a todos o Latim.

Bem diz o illustre filologo Ad. Coelho: Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, temas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas diferenças apesar de suas origens estarem todas no ultimo.

E' a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura: As Linguas italiana, franceza, espanhola e portugueza, são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tão grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.

## Lexico portuguez; o Latim

O lexico ou dionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula se constituiu, formando uma nação independente.

Assim, em nosso lexico encontramos elementos provenientes das Linguas faladas na peninsula anteriormente ao Latim: hispanicas, fenicias, gregas, celtas, euscaras; elementos das Linguas dos conquistadores depois da dominação romana: elementos germanicos, árabes; e elementos de origens diversas: espanhóes, ciganos, franceses, ingleses, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiáticas. (Vide A. Coelho — Obra citada).

Mas, embora a maioria das palavras sejam de origem latina, grande é a diferença ( separados os termos de outra origem ) entre o lexico desta Lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na literatura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta Lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido no Latim: o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores: *pinheiro, mangueira, etc.*

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na bôa latinidade, e que, entretanto, aparecem no Portuguez: *absconsus ( esconso ); dejectare ( deitar ); jejunare ( jejuar ); vacivus ( vasio ).*

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinonimos na propria Lingua:

<i>oedes e domus</i>
<i>janua</i>
<i>osculum</i>
<i>fur</i>
<i>uxor</i>

<i>casa</i>
<i>porta</i>
<i>basium</i>
<i>latronem</i>
<i>sponsa</i>

Em quarto lugar houve a diferenciação de uma palavra em duas ou mais fórmas, diferenciação a que os grammaticos dão o nome de fórmas *divergentes* e alguns, impropriamente, de *duplas*. O nome scientifico é *alótropos*.

Há que distinguir tres casos:

a) Fórmia popular ao lado da fórmia erudita:

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
resar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

b) Duas ou mais fórmias populares com significação diversa

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulum</i>
corôa e corona	<i>coronam</i>
frei, freire e frade	<i>fratrem</i>
ilha e insua	<i>insulam</i>
malha, mancha e magua	<i>maculam</i>
todo e tudo	<i>totus, totum</i>

Neste caso as fórmias provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fórmia popular. Há, porém, casos em que uma das fórmias populares provem de outra ainda existente:

Popular	Latina
cem — de — centum	<i>centum</i>
dom — de — dono	<i>dominus</i>
grão — de — grande	<i>grandis</i>
são — de — santo	<i>sanctus</i>

c) Fórmias latinas alteradas em outras Linguis romanicas ao lado de fórmias propriamente portuguezas:

chefe	fr.	chefe	ao lado de	cabo	lat.	caput
hotel	»	hotel	»	hospital	»	<i>hospital</i>
lhano	esp.	lhano	»	chão	»	<i>planus</i>
opera	ital.	opera	»	obra	»	<i>opera</i>
piano	»	piano	»	chão	»	<i>pianus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou de palavras desapparecidas. A primeira das fórmas é morta.

spes	spér-antia	esperança
genu	geno-culum	geolho, joelho
pollex	pollicare	pollegar
civis	civitatanus	cidadão
fornax	fornalia	fornalha

Muitos temas que serviam para designar plantas, receberam o suffixo *ario, aria*, ficando o tema original para designar partes ou productos destas plantas.

castanea	castanha	castanearia	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
rosa	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim, romanico.

Em Latim, ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu producto: *citrus*, limão e limoeiro; *laurus*, louro e loureiro; ou então a distinção era feita por meio da diferença do genero: geralmente o nome da planta era do genero feminino em *us*, e o producto em *um*, genero neutro: *cerasus*, ( cereja ), *cerasum*, ( cerejeira ); *morus*, ( amora ), *morum*, ( amoreira ).

Tambem se fazia a distinção por meio de um suffixo secundario, ( caso muito raro ): *cæpa* e *cæpula*; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas: *ulmus* e *samera*; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos: *cebola*, *jacinto*, *trigo*, etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distinção por meio do suffixo *ario*, com algumas excepções: *oliva* derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit*; *lans* cuja fórmia actual é *lande*, substituida commumente por *bolôta*, tambem de origem arabica.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros temas ou raizes, isto é, as cousas que significavam, tiveram nova denominação sob outro aspecto. Por exemplo, foram substituidas:

*Cervus*, por — veado, de *venatus*, a caça.

*Vulpes*, pelo termo — raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

*Porculus* ( *porcus lacteus* ), por — leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

*Acetum*, por — vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desappareceram para evitar homonimia: *cabo* do Latim *caput*, e *cabo* do Latim *capulum*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus*, e *cento* do Latim *centum*; *preia* do Latim *plena* ( *preia-mar* ), e *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus*, e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homônimos costuma desaparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desaparecimento de muitas palavras latinas: *æquus*, diante de *equus* que devia dar *eguo*, deu sómente o feminino *egua*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jacere*, lançar, diante de *jacére*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *querere*, querer.

Finalmente, em oitavo lugar, devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação:

*Admorsus*, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de *almoço* ( esp. *almuerso* ).

*Affligere*, perdeu o sentido de *bater contra*, *quebrar*, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

*Apotheca*, que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

*Ingenium*, que significava natureza, modo de ser característico de uma causa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de *intelligencia* e *astucia*, e adquiriu o sentido de *maquina*, *maquinismo*.

*Rapum*, rabo, em Latim, *cenoura*, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

*Talentum*, em Latim *barra*, peso de 120 libras e em Grego *balança*, *peso*, tomou os sentidos de *inclinacao*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*. *A seu talante*, significava no antigo Portuguez á sua *vontade*. Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parabola dos Talentos. Na linguagem popular no Brasil tem a significação de força muscular.

*Insultar* não significa mais *pular sobre*, saltar, mas *affrontar*, *ultrajar*.

*Angustia* era *espaço apertado, estreito*.

*Vianda* era *provisões, mantimentos*.

*Pecunia* era *riqueza em gado* ( *pecus* ).

*Considerar* era *observar os astros* ( *sidus* ).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos: *volume*, embora não seja um *rolo*, como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* ( vintem de Veneza ); *candidato*, embora não se vista mais de branco: *lunatico*, embora não attribuâmos

mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro*; *luneta* ( lua pequena ) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.; *salario* que não é mais o pagamento feito aos soldados para comprar *sal*.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alquimistas deram este mesmo nome ao mais movel dos metaes. Assim collocamos o mercurio num tubo, e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma causa; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas; uma *occurrenceia* é uma causa que corre adiante de nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, mau agouro. ( Whitney ).



## Dialectos. Dialecto Brasileiro. Dialectos Portuguezes

### I

Dá-se o nome de dialecto ao modo de falar especial a uma província, cidade ou estado, alterado na pronuncia, acentuação, desinências, lexico e sintaxe, relativamente ao idioma donde proveio.

Assim as diferentes formas de linguagem consideradas isoladamente têm o nome de Lingua; si, porém, forem consideradas relativamente á Lingua donde se derivaram, têm o nome de dialectos.

O Francez, o Portuguez, o Italiano, etc., são dialectos da Lingua commun latinia. Considerados de per si são verdadeiras Linguis.

Segundo Whitney, cada individuo recebe a Lingua e a modifica de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, qualquer familia, qualquer classe social, todos e cada um possue um dialecto.

E' com muita razão que Leite de Vasconcellos diz que a certas particularidades que distinguem um individuo do outro, no andar, nos olhos, no cabello, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem diferenças na linguagem, na voz, na rapidez com que fala, na predilecção por certos vocabulos.

Temos, assim, dialectos (com subdialectos e variedades) e individualismos.

A multiplicidade das Linguis e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que ella é muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados esses principios, chegamos á conclusão de que uma Lingua dura mil annos, quando as raças existem por millenios.

Influem para a alteração das Linguis o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e literarios, etc.

Ferrière relata um caso interessantissimo comprobatorio da selecção que exerce o progresso da sciencia: « O poeta Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: Sua oração commovia o estomago duma rocha. » A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metafora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: o coração de uma rocha. »

O mesmo facto notamos nas frases francesas: Soulanger le coeur, que significa causar nausaes, embrulhar o estomago; mal au coeur, embrulhamento no estomago.

Camões disse:

*Assi dizia, e todos juntamente  
Uns com outros em pratica falando  
Louvavam muito o estomago da gente  
Que tantos ceus e mares vai passando.*

*Tal do Rei novo o estomago accendido  
Por Deus e pelo povo juntamente.*

A frase portugueza *de cór*, que se traduz em francez por *par coeur*, não significa mais do que *de memoria* e tem origem na palavra latina *cor*, o coração.

Vêem-se por aí as alterações que a Lingua vai soffrendo, os ramos que dela se vão desprendendo.

Além disto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala diversos dialectos segundo as circunstancias, e até mesmo uma infinidade de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (Passy).

Plinio affirma que na Colchida havia mais de 300 dialectos differentes e que os romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com esses povos.

Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto.

Para haver dialecto é preciso que haja certa unidade na Lingua, unidade que não é destruida por diferenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dé, apparece então uma Lingua estranha.

A formação dos dialectos é um fenomeno que obedece ás leis da mesologia glotica. A diferença dialectal mostra um poder,

uma vitalidade no organismo da Língua, não é um fenômeno involuntário.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura literaria e as relações sociaes; é, por isso, que o Frances, dialecto do Latim, se acha mais afastado deste do que as outras Linguas novo-latinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, embora as grandes modificações por que passou a Lingua Portugueza no Brasil, ainda não podemos chamar á Lingua falada neste paiz um dialecto.

## II

Diz José de Alencar, partidario do dialecto brasileiro: « Quando pôvos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si fórmula a sua individualidade. Mas si os pôvos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na Lingua que é a expressão destes factos moraes e sociaes. »

E o que diz tambem Webster:

« Logo depois que duas raças de homens de estirpe commun se separam e se collocam em regiões distantes; a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos. »

E preciso, porém, attender a que as Linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a Lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das Linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e literarias.

O luso-brasileiro não constitue ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O criterium para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da comunicação do pensamento.

A noção do dialecto pôde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de diferenciações parciaes e geograficas da Lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fôros de Lingua literaria e culta nem elle pôde por enquanto rebelar-se contra a Lingua portugueza.

A Lingua falada no Brasil se distingue da de Portugal por diferenças na prosodia, na sintaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brasil que, pelo seu desenvolvimento material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, pôde libertar-se de quem o amesquinava, ha de futuramente ter uma Lingua diferente da portugueza.

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu amplamente os seus pôrtoes aos pôvos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalização e a liberdade de culto, tudo concorrendo para a trans-fusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brasil tão novo, que espectaculo admiravel nos apresenta em sua Lingua!

Uma Lingua não pôde ficar estacionaria e desde o momento em que o Brasil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A diferença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a Lingua falada actualmente no Brasil e em Portugal. (Vide Paranhos da Silva, *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*.

E é este um fenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente diferentes nas duas Linguas: *Canasta* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brasil tem a significação de caixa não abandonada; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brasil é um pombo nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possue em Portugal a significação de *carruagem*, no Brasil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinonimo de *querido*; *chacara* significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brasil é qualquer veiculo puxado por animaes; *boquilha* é para os brasileiros *piteira*; *barba de baleia* é *barbatana*; *paragem de electricos* é *parada de bondes*; *batota* é *patola*, etc.

Accresce mais que há em Portugal termos desconhecidos no Brasil, e outros que, embora conhecidos, não são empregados: *confeituria* (*confeitaria*) derivado de *confeitos*; *cambra* (*camara*); *condega* (*cesta*); *lumes proprios* (*fosforos*); *fontinha* (*fonte pequena*); *canapé* (*canapé*); *caneço* (*barril*); *abandonado* (*homem devasso*); *domestico* (*criado*); *tratamento* (*salario*).

Si attendermos á sintaxe, verificamos bastantes divergencias entre as duas Linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão.

Usam pouco dos possessivos, e dizem por exemplo: a *mamã*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam, dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brasil.

Têm os Portuguezes tambem grande simpatia pelo emprego da preposição *a*: dizem á *noite*, á *tarde*.

Quando o Brasileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Quando este diz: *já não choce*, aquelle diz: *não chove mais*. Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime tambem posse: *estou com o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então a diferença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa: *véstoria*, *métade*, ou então *v'storia*, *m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vájo*, *jualho* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de *e* fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho*, *tu féchas*, *elle fécha*, *nós fichamos*, *vós fichaes*, *elles fécham*.

No Brasil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or*: *amare*, *vivere*, *subire*. O povo baixo portuguez substitue por *i*: *andari*.

Quando a palavra termina por *r*, o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal acrescenta um *i*: *doutô*; *doitori*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os Portuguezes de modo especial *pel*, *mól*, e nós *pellí*, *molli*.

Si elles dizem *jurnale*, nós, *jornal*.

Bem se vê o profundo sulco diferencial que largo se abre entre o falar dos Portuguezes e o dos Brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos uma Lingua propria, como já possuimos uma vida social e economica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais.

A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores fisicos e moraes.

As invasões dos franceses no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Espanha em 1581, os ingleses em 1597, os franceses no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o negro e o cigano, quantos factores af de envolta com a raça portugueza para alterarem a Lingua falada no Brasil?

Quantas modificações em cada uma daquellas provincias onde mais preponderou este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emigração alemã ao sul da Republica, principalmente no Parana, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde há municipios cuja populaçao é na sua maioria dessa raça, a proximidade dos espanhóes nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados, não alterarão profundamente para o futuro a Lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pode ser duvidosa.

Portanto concluimos que, si o caracteristico do dialecto é certa cultura e literatura proprias, si a possibilidade da communicação do pensamento ainda é facilima entre Portugal e Brasil, por mais profundas que sejam estas alterações na fonetica e sintaxe da Lingua falada nestes dois paizes, ellas ainda não determinaram a denominação de dialecto á Lingua do Brasil.

### III

Os dialectos portuguezes se podem classificar em quatro grupos:

I — *Dialectos continentais*;

II — *Dialectos insulares*;

III — *Dialectos ultramarinos*;

IV — *Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero: *Esquisse d'une dialectologie portugaise. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres)* por J. Leite de Vasconcellos.)

I — os caractéres dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em:

1.º *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.º *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.º *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira-Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.º *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego: Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II — Os dialectos do segundo grupo comprehendem o falar dos Açores e da Madeira.

III — Os dialectos do terceiro grupo comprehendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo inclue Leite de Vasconcellos o portuguez falado no:

1.º Brasil.

2.º Indo-portuguez, comprendendo: Diu; Damão; Norte da India; Gôa; Mangalor; Cananor; Mahé; Cochim; Coromandel.

3.º Ceylão.

4.º Macau.

5.º Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).

6.º Timor.

7.º Cabo-Verde.

8.º Guiné.

9.º Ilha de S. Thomé, Príncipe, Anno Bom.

10.º Costas d'Africa, (Angola e Moçambique).

IV — Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Além destes quatro grupos pôdem se indicar os codialectos, afi compreendidos: o *galliciano*, falado na Galiza, província espanhola, o *riodonorez*, falado em Riondonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira; o *quadramilez*, falado em Guadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez*, falado em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galliciano.

Esta Lingua e a portugueza se achavam até o seculo XII perfeitamente unidas. A 1.ª ficou estacionaria e o Portuguez se tornou culto e literario, devendo-se notar mais que o *galliciano* desaparecerá por fim, repellido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodonorez*, o *quadramilez*, ocupando todos muito pequenos territorios, serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os dialectos continentaes e os insulares, differindo pouco da Lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

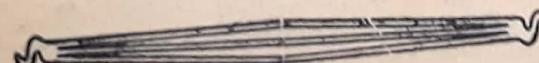
Os *falares creoles*, idiomas provisórios e passageiros, serão substituidos pelas Linguis dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São estas as previsões bens fundadas de Leite de Vasconcellos.

A Lingua falada no Brasil tende a se emancipar.

E' constituida pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (tupis-guaranis, abae-nenga, kiriri, etc.) e africanos.

Innumeros são os termos que no vocabulario brasileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (Lingua Ambundo, principalmente).



## Periodos da Lingua Portugueza — O Brasil

A nacionalidade portugueza se constituiu nos primordios do seculo XII, com a fundação da monarquia de Leão, Castella, Navarra e Aragão, em 1139.

Organizado o Condado Portucalense, compreendido entre o rio Minho e o Douro, tornou-se Estado independente do reino de Leão e revoltado mais tarde contra a gerencia de D. Tereza, o Condado é reconhecido monarquia em 1143, sob o governo de D. Affonso Henriques.

A Lingua Portugueza, originada do *Latim popular*, falado, bem distinto do *Baixo Latim*, Lingua escrita, pôde-se dividir literariamente em quatro epochas:

1.ª EPOCA. — *Latim barbaro*. Desde a fundação da monarquia até D. Diniz. Nessa Lingua foi redigida a primeira Constituição das Cortes de Lamego em 1143 e della usavam as classes mais elevadas da sociedade. O povo usava, porém, do *Gallego*. Os monumentos literarios mais conhecidos dessa epoca, são: a *Canção de Gonçalo Herminguez*, o *Traga-Mouros*, lamentando a morte de sua mulher, a moura Oriana; duas *Cartas* de Egas Moniz Coelho á sua dama *Violante*; a *Canção do Figueiral*.

2.ª EPOCA — A Lingua Portugueza entra em luta com a Gallega e se vai tornando independente, sob o influxo de D. Diniz, o fundador da Universidade de Lisbôa, em 1390.

O Latim foi banido de vez.

E' a epoca dos trovadores, dos *Cancioneiros*, de que são mais conhecidos, o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* e o de D. Diniz; é a influencia da poesia provençal. D. Duarte escreve o *Leal Conselheiro*; aparecem os cronistas e historiadores Fernão Lopes, Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, autor do celebre *Cancioneiro Geral*.

Portugal tem em 1470 o seu primeiro estabelecimento tipografico, em Leiria, que faz com que as letras se desenvolvam e a Lingua se cultive e cresça seu vocabulario.

3.ª EPOCA — *Idade de ouro*. E' a epoca dos *quinhentistas*, influenciados pelo renascimento do Grêgo e do Latim. Apparecem os grammaticos Fernão de Oliveira, João de Barros, Pedro de Maga-

Ilhães Gondavo. Jeronymo Cardoso publica um *Diccionario latino-lusitano e lusitano-latino*, em 1570. Surgem os cronistas e historiadores: Damião de Góes, Fernão Lopes, Fr. Amador Arraes, Heitor Pinto, Francisco de Moraes, Duarte Nunes Leão, João de Lucena.

A Lingua adquire grande polidez e a maior pureza.

Atravessam os séculos a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; as *Comedias*, de Gil Vivente e de Sá Miranda; o *Cioso e Bristo* do Dr. Antonio Ferreira e fulgindo brilhantemente, acima de todos, *Os Lusiadas*, de Luiz de Camões.

Há um período de enfraquecimento na literatura portuguesa correndo paralelas com a sua decadência política. A derrota de D. Sebastião, na África, o domínio da Espanha o, estabelecimento da Inquisição em Portugal que proibia a publicação de certas obras, ou a demorava, tudo isso trouxe quasi a completa decadência das letras em Portugal. Salvam-no tres nomes: Fr. Luiz de Souza, Padre Antonio Vieira e Padre Manuel Bernardes.

O estudo da Lingua mereceu, entretanto, algum carinho: Amaro Reboreda publica o *Methodo Grammatical*; Alvaro Ferreira de Vera, os *Breves louvores da Lingua Portugueza* e a *Orthographia ou modo de escrever certo na lingua portugueza*; o Padre Bento Pereira, em 1647, o *Thezouro da Lingua Portugueza*; e João Franco Barreto, em 1671, a *Orthographia da Lingua Portugueza*.

4.<sup>a</sup> EPOCA — E' a época das *Academias literarias* e vai até nossos dias. A *Arcadia Lusitana*, a *Academia dos Generosos*, a *Academia Real de Historia Portugueza*, a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, a *Nova Arcadia*, com as idéas de aperfeiçoar a Lingua, organizar um dicionário, modificar a direcção da poesia, estando à frente dessa falange de Academicos, Corrêa Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Francisco José Freire, Bocage, José Agostinho de Macedo; o grande grupo dos que não quizeram entrar para as Academias, o grupo dos conhecidos *Dissidentes*, como Filinto Elycio, Nicolau Tolentino de Almeida, tudo indicava o valor das letras portuguezas.

Surge o romantismo em Portugal e delle são maximos representantes Almeida Garrett, Herculano e Castilho e vêm os ultra-romanticos, à frente, Camillo Castello Branco.

Há a dissolução do ultra-romantismo e aparecem Julio Cesar Machado, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, João de Deus, Anthero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e tantos outros.

O Brasil, passado o período de formação, inicia a sua literatura, concorrendo para a riqueza da Lingua e desenvolvimento da literatura portuguesa.

Já, em 1601, o pernambucano Bento Teixeira Pinto publicará a *Prosopopeia*, que, sít na verdade não tem grande mérito poético, deve ser lembrado como primeiro poema brasileiro.

Logo após este, figura o verdadeiro fundador da literatura brasileira o baiano Gregorio de Mattos, de genio satírico, zombando dos homens e da sociedade de seu tempo; Antonio José, o reformador do teatro português; os poetas da Escola Mineira, os epicos José Basilio da Gama, autor do *Uruguay*, Santa Rita Durão, autor do *Caramurú*, e os líricos Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, o poeta da *Marilia de Dirceu*, Alvarenga Peixoto.

Como orador o franciscano Fr. Francisco de Mont'Alverne é inimitável; como historiador J. Francisco Lisboa, autor da *Vida do Padre Antonio Vieira*; Sotero dos Reis escreve uma *Grammatica Portugueza* e um *Curso de Litteratura*; Odorico Mendes traduz varias obras gregas, latinas e francesas; Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Victoriano Palhares, Tobias Barreto encantam pelos seus versos sendo que este ultimo era tambem jurista, filosofo e critico; José de Alencar, Macedo, Machado de Assis são os romancistas mais notaveis, ao lado de Julio Ribeiro, Aluizio de Azevedo, Coelho Netto e outros, salientando-se entre os mais notaveis, em quasi todos os departamentos das letras, o assombroso Ruy Barbosa.

Cada vez mais o movimento literario se vai acentuando e tomando aspectos proprios e originaes.

E a Lingua se aperfeiçoa, se opulenta e é a representante de uma literatura nova eminentemente brasileira.



## Ligeiras noções de Semantica

O vocabulo — *semantica* —, de criação de M. Bréal, filologo francez, quer dizer o estudo do sentido das palavras e de suas varias mudanças no decorrer dos tempos.

E' sciencia nova, em vias de se constituir completamente e já merecera em 1839 a designação de *semasiologia* que não logrou vida longa.

Não sendo possivel haver tantas palavras quantas são as nossas idéas, de maneira que a cada idéa correspondesse uma palavra, nem podendo mesmo haver intelligencia humana que conservasse tão grande numero de palavras, acontece que cada vocabulo corresponde a mais de uma idéa ou tem mais de um sentido.

Coube á semantica reunir em principios geraes essa multiplicidade de sentidos, essa variedade de significados que os vocabulos adquirem.

Esses principios pódem-se resumir nos seguintes:

*Analogia*. A idéa de *vista penetrante da aguia* se estendeu á *vista intellectual*, á *penetraçao aguda* do espirito do homem.

Os verbos — *medir*, *despedir* e *impedir* — fazem — *meço*, *despeço* e *impeço*, diferentes da forma primitiva, unicas verdadeiras — *mido*, *despido* e *impido*, por causa da analogia com o verbo — *pedir*, que não tem nem o mesmo etimo, nem significado identico.

Como os substantivos terminados em — *ão* — são masculinos, substantivos há que, embora seu positivo seja feminino, o augmentativo é masculino: *marqueza*, *marquezão*; *faca*, *facão*.

Entretanto o diminutivo conserva o genero feminino: *marquezinha*, *faquinha*.

*Multiplicidade de sentido*. *Raiz* — termo de agricultura se applica á matematica e á linguistica; *ascensão*, festa religiosa, é a elevação de uma aeronave; *faculdade* é edificio, talento e capacidade; *nó*, laço, é applicado a certa parte dos vegetaes e ao ponto difficult de um negocio.

Há como que uma irradiação de sentidos. Assim, pela apparença de forma, o crescente da lua deu origem ao estandarte dos

muçulmanos e a diversos instrumentos de arte; a cabeça, por ser a parte superior, criou a *cabeça da ponte*, a *cabeça do alfinete*, a *cabeça do dedo*. E' o que se chama *polisemias*.

*Restrição ou extensão do sentido*. *Esquartejar*, dividir em quatro partes, hoje é dividir em pedaços.

*Criança* com o sentido de *criação*, cria de qualquer animal: *criança de vacca*, etc., só se refere á pessoa humana.

*Caixeiro* não se encarrega da caixa, mas é o que vende, como *pedreiro* não trabalha com *pedra*.

*Appetite* perdeu o sentido geral e se applica restritamente ao desejo de comer.

*Rival* que tinha relação com os habitantes que se serviam do mesmo rio, se alargou, tomando o sentido dos que desejam a mesma cousa, e afinal o competidor.

*Mariola* não é mais o homem de recados; *tratante* não é o negociante; *libertino* não é o escravo liberto.

Quem dirá que *candidato* é o pretendente vestido de branco, o candido; que *rosto* é o bico da ave; que *esquisito* é apurado, excellente?

*Chaleira*, vasilha propria para chá, cedeu seu lugar ao *bule*, e tomou o sentido de vasilha em que se serve agua.

Que multiplicidade de sentidos tem o verbo — *dar*? *Dar esmola aos pobres*; *dar de comer*; *dar em séco*; *dar ás de Villa-Diogo*; *dar em pantanas*; *dar pancada*.

*Caderno*, etimologicamente um grupo de quatro cousas, alargou seu sentido, e a idéa de numero desappareceu.

*Ressurreição de palavras*. Ao lado de palavras novas inteiramente, ou formadas por derivação ou composição, há palavras com que se dá um fenomeno interessante. São palavras que não morreram de todo, e que voltam á vida activa, muitas vezes com significação alterada; são palavras que ressuscitaram, deixaram de ser arcaicas, como se poderá ler na lista dos 128 tão conhecidos vocabulos, citados por Duarte Nunes Leão e votados á morte.

Quem acreditará que tivessem morrido — *falha*, *estugar*, *lidar*, *passamento*, *queixume*?

*Aliviar*, *assomo*, *despeito*, *embair*, *sandeu*, *andrajo* eram arcaicas, tinham desapparecido no seculo XVIII, segundo affirmativa de Francisco José Freire.

Com a morte de uma palavra apresenta-se muitas vezes um facto digno de registo: morre a palavra mas fica vivo o seu derivado. Por exemplo: *quistido*, participio do verbo — *querer* — só usado em — *bemquistido*, e *malquistido*; *conteúdo*, cuja forma *teúdo* desappareceu; *jeitar* vive em *enjeitar*, *rejeitar*, *sujeitar*; *nato*, hoje desusado, apparecendo em *innato*.

*Abreviação da locução.* Uma quarta é a quarta parte de uma libra; decima é o imposto proporcional á decima parte da renda; capital é a cidade capital de um paiz.

*Sentido pejorativo ou melhorativo.* Cínico, por exemplo, deixou de ser o adepto de certa seita filosofica para significar homem sem pudor.

*Famigerado* adquiriu o sentido de celebre por actos delictuosos.

*Fortuna* dispensa o qualificativo de bêa e significa bom destino, riqueza.

*Méco*, que tinha o significado de devasso, hoje melhorou de sentido e vai adquirindo a accepção de sagaz, esperto.

E' facto commum a alteração dos elementos fonicos de uma palavra, não o deverá ser menos a modificação do sentido do vocabulo, quer provenha ella da accão literaria dos grandes escritores oriunda do seu estilo puro e aperfeiçoado, quer provenha da accão do elemento popular que é grande força tambem na vida da Lingua.



## Noções de estilo

Estilo é o modo particular pelo qual o escritor exprime seus pensamentos.

D'aí concluir-se que cada individuo tem estilo proprio, e, por isso, o mesmo facto que a cada um se apresenta, pôde ser expresso de maneira diversa e variada, segundo o seu modo de sentir, pensar e receber a impressão.

O estilo traz o cunho individual do escritor, denota a sua personalidade.

Todos bem conhecem a frase, hoje vulgar: *o estilo é o homem*, como querendo dizer que o estilo mostra o seu caracter, traz a marca do seu autor.

Qualquer que seja a composição literaria deve ter estilo, mas toda ella tem um estilo particular que determina o seu genero, quer se attenda ao vocabulario empregado quando escrita, quer á intonação da voz, fisionomia, gesticulação quando declamada.

Todo estilo deve ter correção, propriedade, clareza, precisão, naturalidade, nobreza, harmonia.

A correção e a propriedade estão bem ligadas á grammatica: é o emprego justo dos termos de acôrdo com as regras que ella dita, segundo as normas adoptadas pelos bons escritores, fugindo dos termos menos proprios, evitando os solecismos e barbarismos, variando de palavras para não demonstrar pobreza de linguagem, afastando-se dos estrangeirismos escusados, e não criando neologismos desnecessarios.

A clareza consiste na expressão do pensamento de modo que evite os longos rodeios de palavras, procurando somente reflectir as idéas na sua mais pura nitidez.

Assim devemos collocar os termos juntos dos que com elles têm relação, ou coordenação, distribui-los de maneira que o sentido seja percebido á primeira leitura, evitando o emprego exagerado das elipses, dos hiperbatos, da requintada transposição de termos, que conduz á ambiguidade, não empregando palavras antiquadas.

ou obsoletas que perturbam a intelligencia do texto, nem usando, sem grande necessidade, das palavras tecnicas da arte ou da sciencia.

A precisão exige que empreguemos só as palavras necessarias para o enunciado das idéas, desprezando, assim, as superfluas, ajustando as palavras ás idéas, sem redundancia ou prolixidade.

O estilo preciso é chamado *attico*, em oposição ao desenvolvido, o *rhodio*.

A *naturalidade* quer o abandono de tudo que signifique affectação, pedantismo. Exige do escritor a representação exacta dos seus sentimentos, sem rebuscamientos de termos, ou enfeites em demasia, de modo que commovam a alma e façam vibrar o coração.

Sem a naturalidade, ou simplicidade, o frasear perde a belleza, a graça, o encanto.

Para a *nobreza* do estilo, o escritor não se serve dos termos trivias, plebeus, das imagens grosseiras que maculam o pensamento.

Para a *harmonia* — o encanto musical — escolhe elle os termos necessarios que, combinados, produzam uma especie de melodia no collocar das palavras e no tecer das frases, dispondo-as de sorte que venham a encantar e deliciar o leitor, fugindo dos hiatos, dos cacofatos, de tudo que fira, ou incomode o ouvido.

— X —

Há tres especies de estilo: *simples*, *temperado* ou *medio*, e *sublime* ou *nobre*, representantes das tres qualidades do assunto.

O primeiro, espontaneo, singelo, subtil, tenue, convém ás narrativas, vulgares, desataviadas, ás cartas, ás obras didacticas, á argumentação em que deve haver a maior naturalidade, singeleza, certo tom familiar. Não convém empregar figuras, ou são ellas usadas com parcimonia. Desaparece qualquer affectação: é a tradução fiel, fotografada do pensamento.

O segundo deve possuir riqueza e elegancia. É mais proprio das descrições, do genero lirico.

O terceiro mais convém para exprimir as grandes commoções, as paixões violentas. Usa-se nelle de expressões cheias de pompa, como nos poemas épicos que narram os mais altos factos sociaes, os heroismos que impressionam. Há necessidade de veemencia na linguagem, sublimidade, energia, de a imaginação dar largos vôos.

É grandioso, nobre, arrebatador, enfatico, proprio tambem do genero oratorio, em que se procura convencer ou encantar o auditorio com os mais variados tropos, como a metáfora, a metonimia, a sinédoque.

— X —

Attendendo-se á materia o estilo depende do genero de composição literaria: prosa ou verso.

Na prosa temos o genero *didactico*, *narrativo*, *oratorio* e *epistolar*, conforme se refira aos assuntos que tem por fim a instrução, e se relacionam com o ensino; aos trabalhos de investigação e exposição historica; ás composições que interessam o auditório por meio da palavra ou da gesticulação; ás cartas familiares ou doutrinarias.

No verso temos o genero *epico*, *lirico* e *dramatico*.

O *epico* se refere á exposição de um facto de interesse geral, social, heroico, guerreiro, religioso. É um genero objectivo.

O *lirico* se relaciona com um facto individual, subjectivo; é a expressão da alma do poeta na analise e exposição de seus próprios sentimentos.

O *dramatico* expõe uma situação da vida imaginada como se passasse na actualidade. É, ao mesmo tempo, objectivo e subjectivo.

— X —

Relativamente á historia, o estilo pôde ser *arcaico* ou *ante-classico*, *classico* e *romantico*.

O *arcaico* ou *ante-classico* é o estilo que se nota nas obras dos escritores do sec. XII a XV, desde a fundação da monarquia portuguesa até o apparecimento dos quinhentistas. Durante esse tempo há o predominio da Escola Provençal e Espanhola.

O *classico* foi iniciado pelos escritores do sec. XVI; é a época dos quinhentistas, é o renascimento das letras pela imitação dos escritores gregos e latinos. É a escola quinhentista ou da renascença; gongorica ou seiscentista, introduzida por Gongora na Italia, por Marini na Espanha, estilo empolado, cheio de hiperboles e trocadilhos; francez ou arcadico, reacção operada pelas Academias que abriram caminho ao romantismo.

O *romantico* que surgiu no sec. XIX, corresponde á transformação social da Europa, em consequencia da revolução francesa.

Romperam-se as regras e os modelos antigos dos gregos e dos romanos. A literatura se tornou nacional. Essa modificação do estilo, partiu da Alemanha, com Goethe e Schiller; na Inglaterra surgiu com Scott e Byron; na França com Mme. de Staél e V. Hugo; na Italia com Manzoni e Leopardi; na Espanha com Espronceda e Quintana; em Portugal com Garrett, Herculano e Castilho; no Brasil com Gonçalves de Magalhães e Maciel Monteiro.

Seguiu-se a esse novo estilo, o ultra-romantico, o realista, o parnasiano, o nefelibata, e uma ultima forma literaria que se conveio chamar de futurista, de linhas indecisas que mereceria estudo, si alguns de seus adeptos não se tivessem desviado para os despropósitos da forma, construção anti-grammatical e idéas ridiculas e extravagantes.

# **EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO**

## Cartas

I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remette o livro ( Grammatica, Geografia, Historia ) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguem esperar e não pôde fazer uma surpresa com sua visita. Convida-o para apparecer á noite.

III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseria que lhe fizéra na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

IV

Francisco escreve a seu collega para não sair á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficult de Aritmetica.

V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia ( indicar o dia ) uma reunião ( dar o motivo da reunião ) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente ( no collegio, fóra da cidade, etc. ) e felicita-o pelo anno novo, promettendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua mãe dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi aprovado no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria pelo bom resultado, etc.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediencia.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannavial, animaes, ar puro, gente do campo, etc.

Convida-o para acompanhá-lo afim de passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve noticia da nomeação de Carlos (indicar a nomeação). Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promette no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de miseria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as bôas qualidades do amigo.

XIII

João escreve a José dando-lhe pesames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não pôde trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Faculdade. Agradece o trabalho que lhe déra no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder dirigir-se bem num negocio que vai empreender.

XVII

Um amigo escreve a outro pedindo que lhe compre uns livros que não encontrou na cidade, onde móra. Indicar os livros, dizendo não remetter a importancia por não saber o valor delles, mas pede que a importancia não exceda de certa quantia.

XVIII

José escreve a seu irmão mal comportado, dando-lhe conselhos. Soube que elle gazeava as aulas, procedia incorrectamente. Não querendo dar desgosto a seus pais, occultava delles o que sabia do irmão.

NOTA. — A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite, etc.

Compete ao professor desenvolver-las, conforme o adiantamento do estudante.



## Enumerações

I

**Material da escola.** Dizer os objectos que se acham na sala da escola, para que servem e de que são feitos. Falar dos livros, cadernos, canetas, bolsas, etc.

II

**O homem.** Mencionar a divisão do corpo humano: cabeça, tronco, membros; onde se acham situados, qual a função dos órgãos.

III

**O vestuário.** Classificar as peças mais conhecidas do vestuário: calças, palitot, camisa, collete, gravata, meias, etc. Dizer de que são feitas e para que servem; a qualidade da fazenda e que partes do corpo cobrem.

IV

**A nossa bebida.** Que é bebida; a água, diversas qualidades de água. Indicar as outras bebidas: leite, vinho, cerveja; donde provêm, como se produzem e como se usam. Vantagens e desvantagens de cada uma delas.

V

**O quarto de dormir.** Dizer que é quarto de dormir; indicar os móveis que nello se acham. Onde está a cama, de que é feita, si tem ou não cortinado. Como é alumiado.

VI

**Uma mesa de jantar.** Indicar os objectos mais comuns de uma mesa de jantar. A toalha muito branca nos convida à refeição. Flóres, jarros, talheres limpos; no centro um bello jarrão com palmeira. Tudo em ordem denota o cuidado da dona da casa.

VII

**Uma estante.** Dizer o que é uma estante. Enumerar os livros que possue. Escolher um delles e dizer o numero de folhas e assunto, suas divisões principaes, sua utilidade, etc.



## TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam. Os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direcção ao porto. Há tristeza e medo em tudo. Prejuizos causados pela tempestade.

## Descrições

### UMA PAIZAGEM CAMPESTRE

Da janella de minha casa descortino uma bella vista: uma immensa planicie como si fosse um largo e verde mar. O sol se põe. Divulgo ao longe bois que voltam do trabalho, guiados por dois vaqueiros, etc. A pouco e pouco se vai a paizagem escurecendo e mal distingo as arvores que se confundem na escuridão da noute.

### INCENDIO

Ouvem-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher na janella de um andar pede socorro, e é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

### NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a maquina; o navio está quasi perdido. Procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

### NATAL

Alegria em toda a parte; a festa no campo; o que commemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

### NASCER DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horizonte vermelho; aumenta a claridade; apparece a pouco e pouco o sol. Os pássaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador dirige-se ao campo; tudo se agita e trabalha.

## O BOM MENINO

Procedimento de um menino bem educado. Deveres para com seus pais e seus mestres: amor, carinho, dedicação, principalmente quando estão doentes.

## O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas semelhantes a montanhas líquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam á flôr d'agua e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

## UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peripecias de um jogo, como: a cabra-cega, os quatro cantos, o foot-ball ou qualquer outro conhecido. Em que consiste, quantas pessoas brincam, o resultado do jogo, etc.

## UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa, com uma só porta e uma pequena torre ao lado e um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilha no alto do altar-mór; em outro altar a imagem de N. Senhora enfeitada de flores artificiales. Uma mulher, ajoelhada, resa. E' mais bella a capellinha singela que as maiores catedraes.

## A VIDA NO CAMPO

Frutas em abundancia; ar puro; o horizonte largo a se perder de vista. A vida é calma, o sonmo é tranquillo. Acordar cedo e cedo se deitar. O gado, os camponezes no trabalho. O perfume das flores e das ervas embriaga. A natureza se expande em toda a pujança de vida.

### UMA CASA

Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mais artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluída, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

### O CÉU

A noite é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda aparecido, mas as estrelas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrela é um mundo novo que o homem não pode compreender.

### UMA INUNDAÇÃO

Cairam grandes chuvas durante o dia e à noite. O rio ficou cheio e transbordou. Os campos mais próximos ficaram submersos. O rio corre com grande violência e invade a aldeia. Os animais fogem amedrontados e as pequenas árvores caem. Objectos flutuam, arrastados pela corrente que afoga os velhos e as crianças que não podem fugir. São as vítimas do desastre.



### UMA CASA

Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mais artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluída, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

### O CÉU

A noite é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda aparecido, mas as estrelas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrela é um mundo novo que o homem não pode compreender.

### UMA INUNDAÇÃO

Cairam grandes chuvas durante o dia e à noite. O rio ficou cheio e transbordou. Os campos mais próximos ficaram submersos. O rio corre com grande violência e invade a aldeia. Os animais fogem amedrontados e as pequenas árvores caem. Objectos flutuam, arrastados pela corrente que afoga os velhos e as crianças que não podem fugir. São as vítimas do desastre.

### UMA CASA

Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mais artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluída, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

### O CÉU

A noite é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda aparecido, mas as estrelas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrela é um mundo novo que o homem não pode compreender.

### UMA INUNDAÇÃO

Cairam grandes chuvas durante o dia e à noite. O rio ficou cheio e transbordou. Os campos mais próximos ficaram submersos. O rio corre com grande violência e invade a aldeia. Os animais fogem amedrontados e as pequenas árvores caem. Objectos flutuam, arrastados pela corrente que afoga os velhos e as crianças que não podem fugir. São as vítimas do desastre.

## Narrações

### A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha; no inverno fica sem comida; pede uma esmola à formiga que lhe nega. (Analise o procedimento de uma e de outra).

### A NOZ

Dois amigos brigavam por causa de uma noz, que tinham encontrado. Um outro passando resolveu a dúvida; partiu a noz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo. (Explique a inconveniência da falta de harmonia e mostre os prejuízos da desunião).

### UM BURRO

Um burro, carregado, caiu no rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas, deixou-se cair de propósito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuízos que pode trazer a ignorância).

### MENINO DESOBEDIENTE

Trepou um menino numa árvore contra a vontade do pai; distraiu-se; quebrou-se um galho; elle caiu e fracturou uma perna. (Resultado da audácia e da desobediência).

### O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que partissem um grosso feixe de varas; nenhum pôde; o velho, então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os preceito: A união faz a força.

### UM MENINO DISTRAIDO

O menino não presta atenção ás recommendações de sua mãe e se distrae das obrigações. Uma vez ficou olhando, distraido, para uma loja de brinquedos, foi atropelado por um homem que passava apressado, caiu, feriu-se na testa e perdeu uns remedios que trazia para seu irmãozinho doente.

### UM MENINO GULOSO

Nada satisfaz o menino. Tinha jantado bem e mais não tinha comido porque seu pai não deixára. Acontece que passa um homem com um taboleiro de bolos e o menino compra grande quantidade. Come tudo, e tem uma formidavel indigestão que o põe de cama uma semana.

### UM BOM CORAÇÃO

O rapaz encontra na rua um cão faminto e magro; leva-o para casa e trata-o bem. Infelizmente annos depois céga e o cão que lhe era muito affeijoado, vem a lhe servir de guia.

### O MENTIROSO

O menino gosta de pregar mentiras e todas as vezes que ia tomar banho no rio, gritava, fingindo que se afogava. Um dia em que estava morrendo afogado, ninguem foi em seu soccorro, julgando ser mentira, e o menino morreu abandonado.

### ACÇÃO HEROICA

Na guerra a bandeira nacional tinha ficado em mãos do inimigo. Um soldado se offerece para ir retoma-la. Contar as peripecias da viagem para chegar até junto do batalhão inimigo. Apodera-se da bandeira, mas é alvejado pelas balas e morre, mal podendo entregar-la a seus companheiros.

### FIDELIDADE DE UM CÃO

Tratado e mesmo animado pelo dono, segue-o por toda a parte, deita-se aos seus pés, junto da cama em que elle dorme. Seu dono morreu e o cão vai-se deitar sobre sua catacumba e nada há que o possa fazer afastar dali, onde morre de fome e sede.

### UM NINHO

O rapaz gostava de caçar passarinhos. Um dia fazia pontaria para um passaro, quando descobre um ninho e vê dentro delle duas avezitas que de bico aberto esperavam a comida. O menino fica contemplando aquella scena. O passaro vôa para o ninho e começa a alimentar os filhos. O menino commove-se e promette não mais caçar.

Narrar, por escrito, após a explicação do professor, historias como:

O OVO DE COLOMBO

O PEQUENO POLLEGAR

CARAMURÚ

O BARBA-AZUL

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como:

Palavra é prata, silencio é ouro.

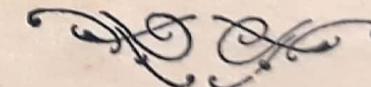
Em boca fechada não entra mosca.

Mais vale um passaro na mão que dois voando.

A justiça deve começar por casa.

De grão em grão a gallinha enche o papo.

Roma não se fez num dia, etc., etc., etc.



# INDICE

---

	PAG.
Noções geraes . . . . .	5
Letras vocaes e consoantes; acentos . . . . .	11
Grupos vogaes e grupos consonantae . . . . .	20
Algumas regras ortograficas . . . . .	23
Sistemas ortograficos . . . . .	26
Syllabas — Acentuação . . . . .	31
Alteração de sons; figuras de dição . . . . .	34
Morfologia — Taxinomia . . . . .	39
Substantivo . . . . .	43
Adjectivo . . . . .	47
Verbo . . . . .	54
Palavras invariaveis . . . . .	58
Campenomia . . . . .	67
Substantivo — Flexão de genero . . . . .	70
Substantivo — Flexão de numero . . . . .	77
Substantivo — Flexão de gráu . . . . .	84
Adjectivo — Flexões de genero e numero . . . . .	89
Adjectivo — Flexão de gráu . . . . .	96
Declinação dos pronomes pessoaes . . . . .	97
Verbo . . . . .	102
Terminações dos verbos . . . . .	104
Conjugação regular . . . . .	108
Verbos auxiliares . . . . .	111
Conjugação completa . . . . .	113
Conjugação perifrastica . . . . .	115
Conjugação — Voz passiva . . . . .	116
Conjugação — Verbo pronominal . . . . .	118
Conjugação — Verbo impessoal . . . . .	119
<i>Observações — Verbos regulares.</i>	

Derivação das fórmas verbaes . . . . .	121
Verbos irregulares . . . . .	122
Verbos defectivos . . . . .	129
Participio passado . . . . .	129
Etimologia . . . . .	133
Formação por meio de composição — Juxtaposição . . . . .	140
Formação por meio de composição — Prefixos . . . . .	142
Formação por meio de derivação — Suffixos . . . . .	146
Declinação . . . . .	159
Etimologia do substantivo . . . . .	164
Etimologia dos adjectivos . . . . .	167
Etimologia dos pronomes pessoaes . . . . .	176
Etimologia verbal — Pessoas, Modos. — Temas simples . . . . .	178
Etimologia verbal — Temas compóstos — Voz passiva . . . . .	188
Etimologia das palavras invariaveis . . . . .	197
Sintaxe . . . . .	203
Orações impessoaes . . . . .	218
Substantivo . . . . .	220
Adjectivo — Concordancia e collocação . . . . .	222
Gráu . . . . .	226
Possessivos . . . . .	229
Demonstrativos . . . . .	231
Relativos . . . . .	232
Numeraes . . . . .	237
Indefinidos . . . . .	239
Artigo . . . . .	244
Pronomes pessoaes . . . . .	248
Sinclese pronominal . . . . .	256
Pronome — <i>Se</i> . . . . .	264
Verbo — Concordancia — Correspondencia dos tempos e modos . . . . .	269
Fórmas nominaes do verbo . . . . .	280
Sintaxe do verbo « haver » . . . . .	288
Palavras invariaveis — Adverbio . . . . .	293
Preposição . . . . .	298
Conjunção . . . . .	303
Ordem grammatical — Figuras . . . . .	307
Alterações grammaticaes e lexiologicas . . . . .	315
Vicios de linguagem . . . . .	322
Idiotismos . . . . .	327
Pontuação . . . . .	333
Classificação das Linguas . . . . .	339
Origem da Lingua portugueza: o Latim . . . . .	341
Ligeira noticia da formação do lexico portuguez . . . . .	346
Lexico portuguez: o Latim . . . . .	349

Dialectos. — Dialecto Brasileiro.	Dialectos Portuguezes.	
Periodos da Lingua Portugueza.	O Brasil . . . . .	354
Ligeiras noções de semantica . . . . .		361
Noções de estilo . . . . .		364
Exercicios de redacção — Cartas . . . . .		367
Enumerações . . . . .		372
Descrições . . . . .		375
Narrações. . . . .		377
		380



20

# Grammatica Portugueza

2.º ANNO

PARA USO DO

Curso médio e do Curso superior.  
POR

JULIO PIRES FERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes.

Lente de Portuguez e de Literatura (por concurso)  
da Escola Normal de Pernambuco.

*Obra premiada pelo Governo do Estado e adoptada  
em todos os cursos officiaes ou equiparados, e nos  
estabelecimentos de ensino deste e de  
varios Estados.*

7.ª EDIÇÃO

COMPLETAMENTE REFORMADA



Á VENDA NA  
LIVRARIA CONTEMPORÂNEA

COMPLETA SECÇÃO DE NOVIDADES

99

Papelaria em geral  
Artigos de escriptorio  
Carimbos de Borracha  
Bolsas para viagem  
Objectos de couro  
Objectos escolares  
Pianos e Orgãos  
Methodos de musica  
Instrumentos de musica  
Bolas, panno, taco e giz  
para bilhar  
Livros para escripturação  
Canetas automaticas

Livros escolares, de  
Direito e Medicina  
Imagens de carão romano  
Mappas Geographicos  
Museu escolar

Secções de  
Typographia,  
Encadernação,  
Fazação e  
Estereotypia  
movidias á electricidade

